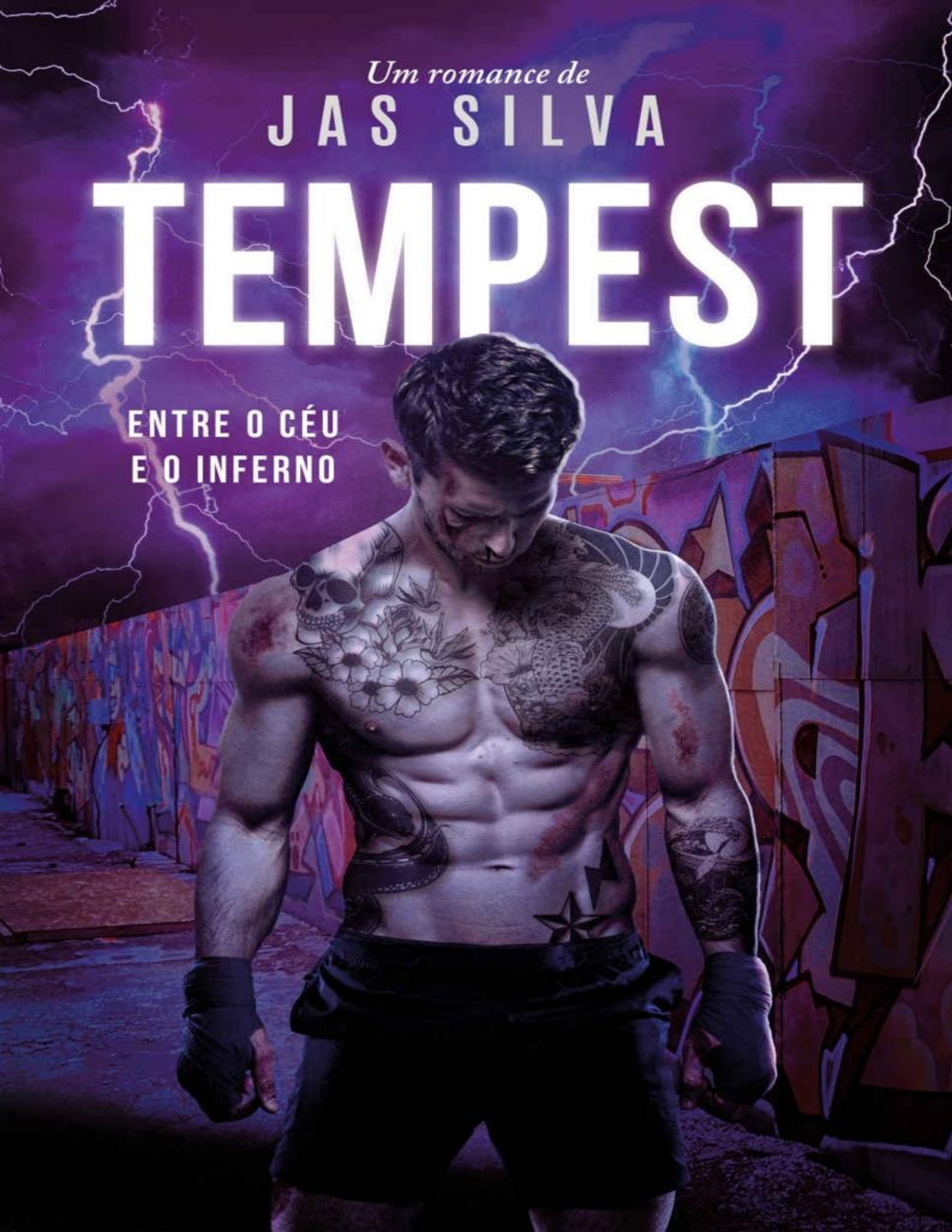
Um romance de

JAS SILVA

TEMPEST

ENTRE O CÉU
E O INFERNO



Um romance de

JAS SILVA

TEMPEST

ENTRE O CÉU E O INFERNO

JAS SILVA

DO ERÓTICO AO DRAMA

TEMPEST I ENTRE O CÉU E O INFERNO

1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

COPYRIGHT © 2023 JAS SILVA



Tempest surgiu para mim em novembro de 2022. Teimoso, confiante. E me exigiu que mudasse todos os planos feitos (amo quando acontece). Na época, não estava segura sobre quem era Damon Irish, menos ainda sobre a história que ele me pediu para contar. Afinal, como traduzir em palavras um amor tão intenso e ao mesmo tempo… distorcido? Damon ama com a alma, violência. Sem controle algum. Yume o ama com o coração.

Coube a mim, amá-los incondicionalmente.

Não importa quais fossem os seus defeitos, medos ou fantasmas. Como autora, serei sempre a primeira pessoa a me apaixonar pelos personagens a que dou vida.

Como uma apreciadora de anti-heróis e personagens controversos, meu coração sempre terá espaço para personagens que me desafiem a moral, a sanidade e a paz.

Então, caro leitor, espero que vocês tenham e se deem a oportunidade de sentirem a mesma emoção que me tomou por meses. E que, no final, o coração de vocês estejam não apenas batendo acelerado, como também… ciente de que existem amores e amores.

O de Damon e Yume, não poderia ter sido diferente ou menos tóxico. Eles não estão aqui para ensinar uma lição ou o beabá do amor. Estão aqui com o único intuito de fazer com que vocês SINTAM e que, por algumas horas, se permitam afastar da realidade.

Aos leitores que decidirem mergulhar na tempestade sombria e imprevisível dessa história, bem-vindos a Nova Detroit!

Estejam cientes de que no momento em que virarem a página, vocês estarão por conta própria. Ou melhor, nas mãos grandes e ásperas de Damon “fodido” Irish!



GATILHOS: Violência verbal e física. Uso de substâncias ilícitas, abandono parental. Menção a tráfico humano (sem cenas de estupro). Personagens controversos e anti-heróis.

Para toda garota que já se apaixonou por um cara mau (ou vários...).

… HÁ UMA PONTE
QUE SEPARA O CÉU DO
INFERNO EM TEMPEST.

DE UM LADO, O PODER CORROMPE
NO OUTRO, TUDO QUEIMA.




PRÓLOGO

YUME

Ao me esgueirar através da penumbra do beco escuro, olhei uma última vez para trás a fim de me certificar de que não era seguida. Meu coração permaneceu acelerado, tão descontrolado dentro do peito, que sentia como se, a qualquer momento, ele fosse saltar pela boca, sufocando-me no caminho. Com a respiração por um fio, ignorei o tremor dos meus lábios secos e o arrepio gelado a me envolver a pele.

A camisa suja vestida às pressas duas noites atrás, não fez nada para esconder a ausência de roupas íntimas ou contribuir para que eu me sentisse menos exposta. As marcas que carregava nos pulsos e tornozelos, ainda podiam ser vistas. Assim como o pânico que se alastrava pelos meus ossos.

Não se esqueça da fome.

Eu não comia nada há dias e minha barriga doía tanto que, por diversas vezes, contestei a estúpida decisão de fugir. Principalmente, porque sabia que estavam à minha procura.

A possibilidade de que, mais cedo ou mais tarde, *Baba Yaga*[1] fosse me encontrar, foi o que me manteve aterrorizada desde o instante em que escapei. Apavorada com cada ruído mínimo que escutava, eu procurei me manter invisível. Escondendo-me em cada beco ou possível esconderijo que encontrava durante a noite, e evitando fazer todo e qualquer tipo de contato visual com outras pessoas.

Eu não podia confiar em ninguém.

Não quando se tratava do diabo.

Com o estômago vazio e o rosto marcado por um rastro seco de lágrimas, eu praticamente gemi de dor ao inalar o aroma que vinha do fundo de um restaurante qualquer. Um pouco a frente, duas lixeiras enormes foram colocadas próximo à entrada de serviço, de onde se podia escutar o som de panelas e talheres sendo manuseados além das vozes alteradas, como se tudo lá dentro

estivesse dando errado.

Desesperada, fitei a porta semiaberta e, em seguida, uma das lixeiras enquanto lutava contra a fome. Eu poderia ficar, esperar que algum dos funcionários me desse algo para comer. Qualquer coisa. Até mesmo um pedaço de pão velho, mas passei anos demais convivendo com homens ruins, para saber que nessa vida tudo tinha um preço.

Descalça e cambaleante, aproximei-me de uma das lixeiras. Se tivesse sorte, ninguém me pegaria revirando uma das latas e, talvez, encontrasse algo que fosse, pelo menos, diminuir a dor esmagadora a me atormentar.

Não demorou até compreender que eu não era exatamente uma garota de sorte. Porque no momento em que me curvei, a fim de procurar por comida, a porta dos fundos do restaurante se abriu e eu fui bruscamente arrancada de perto da lixeira.

Sem forças ou tamanho para lutar contra o homem acima do peso e calvo, possivelmente o cozinheiro, fui jogada no chão e tive o ombro esmagado pela botina branca do maldito, que, não satisfeito em me machucar, também me agarrou pelo cabelo fazendo-me gritar assustada e repelir o seu toque.

Estive anos por minha própria conta, antes de terminar sob o controle de *Baba Yaga*. Foi fácil para ele, eu era apenas um número entre tantos casos de crianças que fugiam das garras do serviço social e terminavam nas ruas. Apenas outra triste estatística da violenta e corrupta Detroit.

— Sua criança imunda! — esbravejou, ao tentar me erguer. — Sabe o que fazemos com ladras como você?

— Eu... n-não quero roubar nada. A-apenas comer.

Lutei contra a sua tentativa de me segurar, mas eu era a única em desvantagem naquele momento. Pequena e magra, poderia facilmente ser confundida com uma criança, mesmo aos quinze anos de idade. O que me tornou incapaz de impedir o tapa que me atingiu o rosto.

Com medo, tentei arrancar a mão engordurada que agarrou o meu cabelo, mas fui largada de repente. De forma abrupta e descuidada. Meu corpo caiu

asperamente contra o chão sujo e, enquanto fechava as minhas pernas com vergonha e recuava, notei que os olhos do infeliz fedendo a suor não se encontravam mais no meu rosto e, sim, fixados, apavoradamente, na entrada do beco.

O que fosse que o tivesse assustado, levou o homem a tropeçar em suas próprias pernas e recuar. Desorientada por causa do tapa, fui dominada pelo pânico ao olhar para a mesma direção e identificar o que o tinha deixado naquele estado.

Pisquei.

Uma e outra vez.

Aterrorizada com a visão dos três caras aproximando-se, como se fossem os reis dessa maldita cidade. Sequer fui capaz de respirar. E até mesmo Detroit ficou em silêncio, forçando-me a ouvir o som do meu próprio batimento cardíaco, que acelerou conforme eles se aproximavam.

Todos eram altos e assustadores. Cada um à sua maneira.

Encapuzados, não foi possível ver os seus rostos. Não na distância em que se encontravam, mas eu sabia: nenhum deles veio à procura de paz.

Merda.

Meu olhar vagou de um para o outro, ignorando o fato de que o cozinheiro balbuciava algo que, ao menos para mim, não fez nenhum maldito sentido. Se fosse levar em conta a agitação dele, faltava pouco para que o infeliz nojento mijasse em sua calça.

— Tony... — A voz do que estava à frente dos três ecoou áspera e profunda, causando-me arrepios. Eu não era uma garota medrosa, sabia correr quando era preciso. E fiz coisas das quais me envergonhava, pequenos furtos aqui e ali, mas que me impediram de morrer de fome e frio. Foi por conhecer tão bem as ruas, que soube que o cara agindo como o líder do grupo, era alguém que eu deveria temer. Se a frieza da sua voz não fosse suficiente para deixar isso claro, o bastão que segurava, sim. — Achei que tivéssemos um acordo, seu infeliz de merda!

Fitei-o mais de perto, apesar da penumbra, e notei o maxilar cerrado e os olhos azuis árticos e extremamente duros. Sua atenção permaneceu no cozinheiro, como se ele fosse um inseto prestes a ser eliminado. O insano é que não me importei com o que aconteceria ao idiota que me machucou, sequer senti o impulso de correr.

O fascínio imprudente que senti pelo intruso, ainda a segurar o bastão, tornou-me incapaz de ignorar a existência de todos aqueles músculos por baixo do moletom escuro, que confirmaram a minha suspeita: eu não estava diante de um moleque crescido. E sim de um cara, já em seus vinte e poucos anos.

Além do bastão e dos ombros largos, que mediam facilmente duas de mim, notei as tatuagens em seus dedos. Manchas de tinta, que lhe marcavam a pele como cicatrizes de guerra.

O intruso não era a única ameaça, haviam dois outros, mas a presença deles no beco não tornou esse cara menos assustador ou intimidante. Meu subconsciente esteve certo em ter medo, porque a tatuagem na mão dele era a mesma espalhada em pichações pelas ruas.

A *Nova Detroit*, como a chamávamos, era conhecida pelas gangues violentas e grupos territorialistas, que comandavam a cidade como se fossem a própria máfia.

Foi difícil antes, quando eu era apenas uma criança, tentando passar despercebida. Mas era ainda mais complicado agora.

Por isso, eu fugi.

Antes que *Baba Yaga* perdesse a paciência e fizesse o que vinha ameaçando por meses.

Nervosa, obriguei-me a não pensar no inferno que deixei para trás e continuei a olhar, exasperada, para a parede sombria de músculos e pecados à minha frente, inebriada pelo cheiro de proibido e com a frieza se alastrando pelos olhos mais azuis que vi em toda a minha vida.

— Nosso acordo não abrange ser roubado por essas pestes invadindo as minhas ruas! Mas eu... iria telefonar.

— Suas ruas? — O intruso sorriu exibindo uma fileira de dentes brancos, cujos caninos mostravam-se naturalmente afiados.

Como se morder lhe fosse um hábito.

O que em outra pessoa teria sido ridículo, nele pareceu perigoso.

Um fator a mais para alguém manter distância.

Deixe-me ver seus olhos. Deixe-me vê-los, antes que eu tenha que correr, supliquei anestesiada diante da possibilidade que estivessem aqui a mando do *Baba Yaga* para me levar de volta.

Mal podendo respirar, comecei a pensar em uma saída. Correr descalça, depois de ter me machucado, não seria fácil. Mas eu tentaria. Qualquer maldito destino, seria melhor do que voltar.

Pense, Yume. Pense.

— Caleb. — O intruso não se virou, mas soube que se referia ao cara atrás dele. — Lembre ao nosso amigo, Tony, a quem essas ruas pertencem. O faça da forma mais dolorosa possível. — O bastão que segurava foi entregue ao amigo, suas últimas palavras soaram propositalmente baixas.

Até que o intruso finalmente se virou na minha direção.

Os olhos árticos não carregavam apenas uma imensidão azul dentro deles, eram também instáveis e profundos.

Fáceis de levarem qualquer pessoa a se afogar dentro deles.

Com o pânico a me deixar dormente, eu me arrastei para trás procurando coragem para fugir, enquanto o som do cozinheiro sendo espancado a poucos metros de onde eu me encontrava, fazia-me estremecer dos pés à cabeça. Ao mesmo tempo que um novo rastro de lágrimas silenciosas marcava o meu rosto.

Ambos os caras o golpeavam sem remorso ou traço de humanidade. E ao vê-los, a sensação que tive era a de que a violência os excitasse.

A cena teria me feito vomitar, se houvesse algo em meu estômago para ser colocado para fora. Ou se eu não estivesse com tanto medo do que o cara, aquele que aparentemente dava as ordens, faria comigo.

Até porque era em mim que os seus olhos se encontravam.

Fixados de maneira tão poderosa, que a minha garganta secou.

— N-não... me... toque — implorei, em um murmúrio vendo-o se aproximar e deslizar o olhar pelos meus pés descalços, pernas nuas e a camisa comprida a me cobrir. Até se voltarem para o meu rosto, mais precisamente para a minha bochecha e lábios, que ardiam do tapa que levei.

— O desgraçado te machucou? — O intruso se abaixou e me tocou com os dedos tatuados, mesmo que eu tenha suplicado para que não o fizesse.

Seu polegar me limpou a pele e a boca, em um arrastar que me fez respirar profundamente. Havia sangue entre os meus lábios, o gosto alcalino, forte, que eu chupei e esfreguei com as mãos, para que ele não voltasse a me tocar.

O pânico de antes não era nada se comparado com a forma como eu me sentia agora. Alvo do olhar de um homem que parecia um anjo... caído do céu.

O maxilar quadrado, coberto por uma barba aparada, enrijeceu ao se dar conta do meu medo. O encolher do meu corpo à sua aproximação, o fez afastar uma das mãos como se me desse espaço. Para respirar, mas também para me acostumar a sua presença.

Com ele tão perto, eu estudei o seu rosto. Desde o cabelo negro, jogado despretensiosamente para trás e com alguns fios caindo sobre sua testa, até a rosa invertida e escura, tatuada um pouco baixo dos seus olhos. Seu corpo era alto, enérgico. E ele possuía ombros tão largos, que teriam ocupado facilmente toda uma porta.

E, pelo que pareceu uma vida inteira, seus olhos fitaram os meus. Estudando-me de volta. Em um avaliar que me deixou nervosa, mas também confusa.

Porque, se *Baba Yaga* o tivesse enviado atrás de mim, ele não estaria preocupado se fui ou não machucada.

— D? — Apesar de claramente ter escutado, *D*, como foi chamado, não se virou. Em vez disso, me segurou pelo braço e me encarou como se fosse me roubar a alma.

Temendo que descobrisse que eu estava fugindo, e de quem, eu puxei o meu braço e escondi a marca vermelha gravada no meu pulso. Esperei pelo tapa ou algum tipo de resposta violenta, e tudo o que o *anjo caído* fez, no entanto, foi se levantar de forma áspera e me dar as costas.

Como se decidisse, naquele exato momento, que eu não era assim tão importante.

Ou o que ele procurava.

— Vamos — ordenou aos dois que o acompanhavam.

O mais forte deles encarou D como se ele tivesse perdido a cabeça. Já o que tinha o cabelo platinado, de tão branco, manteve a atenção voltada na minha direção. Além de levar um olhar quase divertido em seu rosto magro e cheio de *piercings*.

Não me permiti sentir alívio, ao ser deixada para trás. Porque eu sabia que, assim que se afastassem, eu estaria sozinha de novo. E homens como o caído no chão, inconsciente, existiam em cada esquina.

Com a resistência óbvia dos dois caras ao seu lado, D se deteve.

E o seu punho se fechou ao trocar olhares com um deles, antes de se virar uma segunda vez. Como se, de repente, tivesse mudado de ideia a meu respeito.

— Caralho! — Suas palavras afundaram o meu estômago, enquanto eu recuava tanto quanto foi possível. E a palma das minhas mãos se feriram ao impulsionarem o meu corpo para trás.

Infelizmente, não rápido o bastante para o impedir de me agarrar pelo braço e me levantar, puxando-me por todo o caminho como se eu não pesasse nada.

— Não! — gritei, rouca. — Por favor... — O modo brusco com que rapidamente parou e deteve os meus protestos fez com que o meu corpo se chocasse contra o dele, forçando-me a erguer o rosto devagar enquanto assimilava o mais de um metro e noventa de músculos e cheiro masculino. Que foi o suficiente para me calar e fazer com que as palavras me sufocassem e se perdessem dentro da minha cabeça.

Na ponta dos pés, eu o encarei. Alvo de um olhar tão implacável e inconstante, que não soube se deveria correr ou gritar.

Talvez os dois ao mesmo tempo?

— Você pode vir comigo por bem ou permanecer nas ruas, sob a mira de infelizes como este que arranquei de cima de você — grunhiu, seco. — A escolha é sua. — Deixou claro ao me soltar. — Pense bem antes de tomar uma decisão, japonesa, porque, se vier comigo... nós iremos te proteger. Mas se nos trair, você será traída. Se nos prejudicar, você será expulsa e estará por conta própria em uma cidade que só se move... porque eu permito.

Não estive errada em o considerar uma ameaça, pensei ao encará-lo e, em seguida, aos outros dois. Eles eram mesmo uma gangue, e, diferente do que imaginei, era proteção que o *anjo caído* estava me oferecendo.

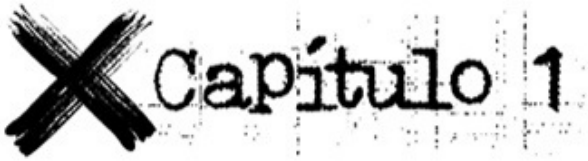
Ninguém nunca me deu isso, pensei por um fio.

Em uma tentativa de me convencer de que, se qualquer um deles, tivesse consciência de quem eu era, jamais me dariam escolha.

Pelo contrário, eu estaria sendo arrastada agora mesmo até o *Baba Yaga* e sendo entregue de volta ao demônio.

Cansada de me sentir vulnerável, eu me levantei ignorando a dor nas minhas pernas arranhadas, enquanto limpava as mãos sujas na camiseta comprida, e que me alcançava quase até os joelhos magros.

Só então, voltei a encarar o par de olhos azuis-claros, prestes a tomar a decisão da minha vida.



Três anos depois

YUME

O som de vozes graves e risadas, incentivadas pelo álcool e entorpecentes, preencheu o terraço a céu aberto aonde a Clave[2], uma das gangues mais perigosas desse lado da cidade, costumava se reunir ao final de cada noite. Acima do ginásio de luta, o lugar tornou-se o ponto de encontro de todos que serviam e trabalhavam para a gangue que aterrorizava as ruas da *Nova Detroit* com sua violência extrema e imposições.

Este era também o lugar em que quase sempre era possível encontrar Damon fodido Irish.

D, para os mais próximos.

Tempest para aqueles que o enfrentavam dentro da gaiola.

E *anjo caído* para mim.

Após subir as escadas laterais de emergência, o meio de acesso mais rápido, eu contornei os sofás desgastados, espalhados por entre pneus empilhados e sacos de pancada no qual os mais *estressados* descontavam sua raiva ou gastavam seu tempo em jogos ásperos.

Como, por exemplo, quem terminava a noite com mais sangue derramado.

A verdade é que todos, sem exceção, eram violentos. E quando não estavam queimando energia no ginásio ou se atracando em alguma luta clandestina no *Porão*, estavam nas ruas espalhando-se feito a fumaça que escapava dos prédios e intimidando pessoas enquanto as roubavam.

Para esses caras, Damon, o fundador da Clave, era uma espécie de Robin Hood.

Uma versão infinitamente mais demoníaca e explosiva.

Para não dizer, danificada.

Eu não estaria nesse maldito terraço, depois de horas andando pelas ruas da cidade, se considerasse a forma como ele deixou o apartamento razoável. As

palavras não ditas seguiam engasgadas na minha garganta. Mas discutir com ele, nem sempre era uma tarefa fácil.

Damon não cedia ou raciocinava quando estava irritado. E o seu domínio sobre mim cresceu como uma teia incendiária a cada dia, desde que ele me resgatou das ruas e me salvou.

Por quase três anos, permaneci escondida. Vivendo à margem da sociedade, como uma fugitiva sob a proteção daquele que controlava o submundo.

Não era segredo para ninguém, Damon me protegeu de tudo, menos dele.

Alheia às conversas que explodiam pelo terraço, eu ignorei os olhares discretos que recebi de alguns caras. Ser a única garota constante entre tantos homens, tornou-me alvo de todo tipo de atenção e olhar. Um olhar que se tornou mais explícito com o passar do tempo. Ainda que nenhum deles tenha tido coragem suficiente para enfrentar Damon ou fazer algo a respeito.

Com um de seus moletons enormes, cobrindo-me o corpo e me aquecendo, eu afundei as mãos nos bolsos fundos e olhei ao redor, cedendo à curiosidade mórbida de procurar por ele. Um hábito não tão recente, mas que passou a adquirir um novo sentido quando seus olhares, frios como o oceano ártico, começaram a me encarar de volta de um jeito diferente, que me causava arrepios.

E era atrás desse olhar, ainda que por uma fração de segundos, que continuei a procurar ao atravessar o terraço.

Ao redor das lareiras improvisadas e acesas, os integrantes da Clave se reuniam. O cheiro de álcool e cigarro me atingiu como uma nuvem densa... deixando-me até mesmo um pouco enjoada. Avistei Mercúrio em uma dessas turmas, e o vi acenar em uma direção específica e me seguir com o olhar. Como se soubesse exatamente o que ou quem eu procurava.

Ele era um dos melhores amigos de Damon, aquele cujo cabelo estava cinza em um dia; e no outro, completamente azul. Mesmo que não houvesse nada de suave ou fofo em Mercúrio. Ele era tão imprevisível quanto Caleb e

Damon.

Era também o único entre eles, que eu sabia ser bissexual e com quem me sentia confortável para falar sobre coisas íntimas. Ok, talvez não tão confortável assim. Porque muitas das emoções e conflitos que me inquietavam nos últimos tempos continuavam a ser um segredo.

Apesar de estar com os olhos ardendo por conta de toda a fumaça, aproximei-me de um dos latões que continham fogo, o único na direção apontada por Mercúrio e olhei através das chamas.

Minha atenção fixou-se obsessivamente no homem que Damon se tornou.

Um número muito maior de tatuagens cobria o seu corpo, tomado por uma infinidade de músculos que adquiriu através do treinamento incessante no ginásio. Por vezes, o *anjo caído* agia como se cada hora passada naquele lugar fosse a responsável por fazê-lo ter o mínimo de autocontrole.

Eu já não tinha tanta certeza...

Não quando era uma das poucas a presenciar o estado sombrio em que Damon ficava após as lutas.

Como se algum tipo de besta ou monstro saltasse à superfície junto da violência.

Sei que Damon odiava quando eu o via em seus momentos de descontrole absoluto, fora que, era impossível não notar a mudança. A forma como ele evitava me tocar quando estava fora de si, ou o modo como os seus olhos me encaravam sem nenhum filtro.

Outra garota, com um pouco mais de juízo, sentiria medo desse Damon. Mas eu não, porque tudo o que conseguia pensar era que a parte mais quebrada desse homem estava sendo mantida afastada.

Escondida por alguma razão.

Com a respiração instável, e um frio inexplicável na barriga, percorri com o olhar as laterais curtas de seu cabelo escuro. A tatuagem sobre a maçã do seu rosto era uma das minhas favoritas. E todas as outras o envolviam como um

arame espinhento. *Santo Inferno!* Eu sabia que estava agindo feito uma idiota deslumbrada, mas teria de ser cega para ignorar o quanto a camisa preta se agarrava bem em seu tórax e braços. Ou nos músculos e a força que cada uma de suas coxas possuíam.

Cega e tonta, para não ver que Damon Irish[3] era o único sentado como se fosse o maldito rei deste lugar.

E ele era mesmo.

Presa à imagem poderosa, acompanhei o movimento áspero de suas mãos ao tocar a garota sentada em seu colo. Seus dedos cheios de anéis subiam e desciam pela pele bronzeada, até se perderem por dentro da regata apertada que a ruiva usava.

Kim era o nome dessa, uma das poucas que Damon *repetia*. Mas, na semana passada, teve a Lily, antes a Beth...

A maioria delas eram legais, exceto quando me tratavam como se eu fosse a irmãzinha mais nova de Damon. Ou quando começavam a se dar conta de que eu era a prioridade do cara que as fodiam. De todas, Kim era a única que tentou se aproximar, como se pudéssemos ser amigas ou algo próximo a isso.

Mas sendo honesta, era confuso pra cacete me imaginar amiga de uma das garotas do Damon, pensei, com um nó preso a garganta. Um nó que não deveria existir e que não desapareceu nem mesmo depois que escutei a aproximação de alguém por trás.

— Achei que estava de castigo, você sabe, por conspirar comigo. — Eu não o encarei e nem precisava. Caleb era o terceiro elo da Clave. O amigo mais próximo de Damon, ou assim costumava ser.

Antes dessa tensão volátil se infiltrar entre os dois, e Dam começar a implicar com o tempo que Caleb e eu passávamos juntos.

— Qual é o problema com vocês dois ultimamente? — perguntei baixinho.

E, dessa vez, eu o estudei. Seu cabelo estava praticamente raspado, e

assim como D, Caleb também era fã de tatuagens em seu rosto. A principal diferença entre eles, no entanto, era que um era explosivo e falava o que vinha à mente. Já o outro, era reservado como se carregasse o mistério da caixa de Pandora dentro de si.

Caleb era o típico *só abro a boca se for necessário.*

— Essa é uma pergunta que você deveria fazer ao Damon. — Acenou para o amigo. — É claro, em um momento que ele não esteja prestes a enfiar o pau em uma boceta...

— Não seja nojento, Caleb! — Seus olhos escuros me fitaram, com uma dose cínica de diversão.

— Eu sou um santo perto de alguns filhos da puta, pequena Yume. A essa altura, pensei que soubesse.

Sei que estava se referindo ao Damon e ao fato de morarmos juntos. O que Caleb escolheu ignorar de propósito era que D nunca levava as suas garotas para casa.

Aquele era o nosso esconderijo.

Dam era um mulherengo assumido e voraz, e foder talvez fosse o seu esporte favorito. Perdendo apenas para a luta. O que não significava ser exposta aos seus encontros sexuais, quase sempre de uma só noite...

— Nenhum de vocês chega perto de ser considerado santo — rebati, questionando-me o que havia mudado para que as brincadeiras de Caleb estivessem cada vez mais afiadas e o seu toque recorrente.

Não era como se Damon não tivesse deixado claro que eu estava fora dos limites, para qualquer um deles.

— Caleb, Caleb! — A voz de Mercúrio se fez ser ouvida, enquanto ele impunha espaço entre nós dois ao nos abraçar. O cabelo azul caía por sua testa antes que ele sacudisse a cabeça e o afastasse. — Às vezes, eu acho que você está atrás da sua morte, meu amigo. — As palavras podem ter sido ditas em um tom amigável, mas a expressão no rosto de Mercúrio estava longe de ser despreocupada.

No fundo, acho que ele temia que D perdesse a paciência e partisse para cima de Caleb, apenas pelo prazer de arrancar o sorriso de seu rosto.

Posso nunca o ter visto em ação, fora do ginásio, mas conhecia o cara cuja cama eu invadia noite após noite. No começo, para que sonhos ruins me deixassem; mas depois, com o tempo, era mais como se eu tivesse desaprendido a dormir longe dele. Mesmo que nada em Damon fosse estável ou confiável.

Seu temperamento era ruim.

O gênio irascível.

A boca suja esbravejava os piores palavrões.

A agressividade era encontrada em cada gesto e movimento.

Porém, nenhum de seus defeitos seria capaz de me afastar da sua cama ou proteção.

A certeza me fez procurá-lo por detrás das chamas. Apenas para encontrar um par de olhos azuis cravados em mim, ainda que suas mãos e dedos continuassem a tocar a garota excitada em seu colo. Seus olhos se estreitaram e escureceram, e a transformação me apunhalou a ponto de o meu estômago retorcer, por alguma razão, fazendo-me perceber que eu não era a única essa noite com o humor azedo.

Damon estava com raiva.

E ele irritado era sempre má notícia.

— Acho que... preciso beber alguma coisa. — Afastei-me dos dois e dei as costas ao *anjo caído.*

Não que fosse deixar de me preocupar com a forma intempestiva, com que, horas atrás, Damon me deixou falando praticamente sozinha após outra discussão envolvendo meus treinos com Caleb e a recente proximidade de Nero, um dos novos caras trabalhando e lutando para eles. Neguei que tivessem segundas intenções, claro, chamei-o até mesmo de maluco por estar vendo coisas onde não existiam.

Mas Damon foi irredutível, não apenas ao me acusar de estar gostando de receber atenção masculina, como ao me pedir para dar um fim aos treinos que

vinha tendo com o seu melhor amigo.

Sem entender o que vinha acontecendo, soube que mais cedo ou mais tarde voltaríamos a mesma discussão. Esperava que pudesse ser essa noite, por isso o procurei. Apenas para encontrá-lo com as mãos em Kim.

— Venha comigo. — Mercúrio me puxou, voltando a me abraçar enquanto me afastava das garras de Caleb e do olhar severo de Damon. — Deixe-me cuidar de você, sim? — Mercúrio estendeu uma garrafa de vodca, que ele sabia que eu não costumava beber, e sorriu ao me ver tomar um gole inteiro e fazer uma pequena careta no final. — Você irá se sentir melhor, acredite em mim.

Eu não queria me sentir melhor, queria apenas descobrir o que havia de errado comigo.

Ou com Dam.

— A menos que queira algo um pouco mais forte — brincou, ao pegar a garrafa de volta ao mesmo tempo que se sentava ao meu lado. O *piercing* em seu lábio foi movido pela língua também perfurada.

Não era segredo que Mercúrio consumia todo tipo de droga, e que gostava de se autodenominar um apreciador exigente. Damon não era como ele, mas não estava limpo. Eu sabia que, vez ou outra, fumava um baseado, porque o cheiro ficava em sua pele. Assim como sabia que ele seria capaz de matar Mercúrio por simplesmente me oferecer qualquer uma dessas porcarias. Mesmo que de brincadeira.

A verdade é que, desde o começo, os três assumiram a responsabilidade de cuidar de mim. Damon, no entanto, levava a função um pouco a sério demais.

Diria até que ao extremo.

— Talvez eu só não devesse ter vindo? — rebati, usando-o como encosto.

O *All Star* gasto e de tamanho 35, consequência dos meus um metro e meio de altura, desapareceu ao lado do coturno negro de Mercúrio, também apoiado sobre o pneu à frente do sofá.

— Deixe-me adivinhar, Damon está irritado porque você e Caleb têm passado algum tempo juntos? Ou toda essa raiva tem a ver com o cara novo? — Seu olhar foi perspicaz e sem julgamento.

Diferente do melhor amigo, Mercúrio acreditava que eu poderia me cuidar sozinha. Ele também não parecia disposto a me enclausurar em uma gaiola ou me sufocar dentro de suas asas... como um certo anjo desejava fazer.

— Primeiro, Caleb está apenas me dando aulas, Mercúrio. E quanto ao Nero...

Não era minha culpa que *o cara novo* estivesse sendo legal ou gentil. E nem que me fizesse rir, algumas vezes.

Desde que suas mãos se mantivessem distantes, eu não via problema em passar algum tempo com Nero.

— Não se faça de inocente, Yume. Santo Cristo! Qualquer pessoa com dois olhos sabe que Nero tem segundas intenções com você. — Eu o encarei, confusa, porque Nero não havia ultrapassado qualquer limite ou fez com que eu me sentisse desconfortável na sua presença.

E nunca insinuou estar interessado.

Ninguém até hoje o tinha feito, e talvez por esse motivo eu continuasse virgem.

De tudo.

— Esse é o motivo pelo qual Damon tem agido como um idiota ultimamente?

Mercúrio gargalhou e deu de ombros.

— É possível. — Observei distraída os grupos indo e vindo. Alguns garotos jovens demais, ainda mais novos do que eu. Outros, na faixa de idade de Damon. Vinte e quatro, vinte e cinco anos. — Mas um passarinho me disse que o *nosso menino* não está cem por cento focado nas lutas do circuito. Isso tem gerado atrito entre ele e Caleb.

Engoli em seco e atrevi-me a olhar uma última vez na direção em que Damon se encontrava, incapaz de esquecer o estado miserável e sangrento com

que voltava dessas lutas. Não foi o medo de vê-lo se machucar que me arrancou o fôlego dessa vez. E sim a visão da sua boca dominando a de Kim enquanto ele praticamente a fodia sobre todas as roupas.

Virei o rosto, com a respiração presa, e me levantei.

Incapaz de compreender o que era esse sentimento incomodando-me no peito. Uma sensação que começava na boca do estômago e se prendia a minha garganta, sufocando-me e arrancando todo o ar.

— Yume?! — Sacudi a cabeça em resposta ao chamado de Mercúrio e caminhei para longe enquanto me recriminava por ter tido a brilhante ideia de aparecer.

Damon era o primeiro a dizer e deixar claro que não me queria aqui. Ou perto do *Porão*, onde aconteciam as lutas. Exposta a todos esses caras, e, principalmente, a esse outro lado dele. Ao qual nunca tive acesso.

Ao me afastar, enveredei-me na direção oposta. Querendo, mais do que nunca, ficar sozinha. Por se tratar de um armazém antigo, transformado há muito tempo em um ginásio de luta, a estrutura do prédio não era das mais confiáveis. Arames farpados e fios podiam ser vistos, assim como destroços iluminados unicamente pelos galões de onde o fogo crepitava, para lá e para cá, de acordo com a intensidade do vento.

O som das rajadas de ar foi ouvido, como um assobio sinistro entrando e escapando através das janelas quebradas do segundo pavimento.

Com a respiração irregular, eu subi no parapeito baixo e olhei para imensidão à minha frente. Na calçada, havia poucos carros estacionados e a movimentação nesta área, e especificamente nesse horário, era basicamente causada por uma ou outra viatura que passava apagada pelos arredores, ou a entrada e saída daqueles que trabalhavam para a Clave nas ruas.

Saqueando e espalhando violência.

Não era o local mais seguro a se estar, mas não havia registros de que alguém tenha entrado sem a permissão de Damon ou de algum dos outros dois elos.

Zonza pela altura em que me encontrava, eu fechei os olhos.

Concentrada demais em cada batida estúpida do meu coração, para me dar conta do risco que corria, eu continuei a escutar e sentir na pele a ventania se chocar contra o prédio, com uma violência que já não me assustava. Pelo contrário, só fez calar e desaparecer as imagens que eu não desejava ter dentro da mente.

Será que D era carinhoso com elas?

Será que afundava o rosto e se esfregava contra o cabelo delas, como fazia comigo?

Será que o cheiro dele ficava em suas peles como ficava na minha?

Havia uma razão pela qual eu estava sempre vestida com alguma de suas camisetas largas ou moletons imensos. E demorei a entender que não tinha absolutamente nada a ver com o fato de que eu era a única garota a pertencer a Clave. E tudo com o cheiro característico de Damon.

Canela, vodca e suor masculino.

O mesmo cheiro que me impregnava a pele e os lençóis todas as manhãs.

Sem fôlego, por todas as razões erradas, estremeci inteira ao perder o equilíbrio. O susto me fez abrir os olhos rapidamente, sem ideia de que a pequena imprudência me faria tropeçar e escorregar...

Ou quase.

Porque no último instante, prestes a cair do maldito terraço, tive a cintura agarrada por um só braço e o corpo puxado para trás.

— Peguei você, amor. — A voz profunda soou como uma prece rouca e definitiva em meus ouvidos, ao mesmo tempo que Damon Tempest Irish afundava o rosto no meu pescoço e cheirava-me a pele como se eu fosse o seu maior vício. — E sempre irei pegar.


Capítulo 2

DAMON

Puta que pariu!

Como um maldito perseguidor, eu a segui no instante em que se afastou. Sem me importar em ter que empurrar o rabo quente sentado do meu colo ou ter que admitir que, apesar de toda a esfregação e palavras sujas de Kim, sussurradas ao pé do meu ouvido, eu não havia ficado duro. Não completamente. Meu pau pode ter reagido a ruiva excitada, cuja boceta eu conhecia até o gosto, mas minha mente permaneceu focada por toda a maldita noite na garota de olhos repuxados prestes a escapar do meu radar.

A uma distância segura, eu a observei contornar o terraço. O cabelo preto e pesado, que descia até a bunda, encontrava-se solto. Quando normalmente Yume apenas o escondia por dentro de algum de meus moletons, que, nela, quase ultrapassavam a barreira de seus joelhos.

A garota era uma versão miniatura de mulher. Seios grandes, cintura e quadris finos. Um peso leve que eu conseguia carregar por aí facilmente com um só braço. Em meu caminho, e sem arrancar os olhos dela por um segundo que fosse, eu abandonei a garrafa de vodca praticamente vazia e acelerei o passo, sem dar a mínima se teria a presença notada.

Ou pior, se com a constante vigilância que mantinha sobre a japonesa, nunca a perdendo de vista ou do alcance das minhas mãos, eu estivesse reforçando a todos nesse terraço o papel de Yume na minha vida. Assim como a certeza de que ela vinha antes de qualquer boceta.

Não que fosse novidade. Se teve algo que fiz ao longo dos últimos três fodidos anos, foi protegê-la da única maneira que um filho da puta como eu poderia: mantendo-a longe da violência de um mundo que eu fazia parte desde que nasci.

O que incluía Caleb e a sua fodida teimosia.

O desgraçado que conhecia cada um de meus segredos e erros. Até mesmo aqueles que eu ainda pretendia cometer. Antes de nos tornarmos a Clave

foi ele quem me apresentou às ruas e à luta clandestina. Aos doze, treze anos, fizemos atrocidades por toda a cidade, até que eu a tornei nossa.

Mercúrio se juntou à gangue em seguida. O garoto, na época esquelético, cresceu sob a nossa proteção. E era hoje não somente um dos organizadores mais espertos de apostas do *Porão*, como a melhor carta na manga que possuíamos. Sistemas de segurança não eram nada para esse filho da puta. Estava para ser construída alguma casa ou propriedade que Mercúrio não conseguisse invadir. Ou sistema eletrônico, que não seria capaz de controlar.

Enquanto fazíamos dinheiro fácil no *Porão*, frequentado pela nata corrupta e selvagem da *Nova Detroit*, à procura de um passeio na ilegalidade, além de criminosos e apostadores profissionais. Mercúrio era o cara que planejava a nossa próxima jogada de mestre.

Tomar dos ricos, desde seus brinquedos automotivos, joias de brilhantes e suas mulheres, que vinham sempre de boa vontade, foi a forma que encontramos de sobreviver e obter respeito nas ruas.

Vivíamos no epicentro de uma guerra conduzida pelos irlandeses e a máfia americana. E enquanto eles disputavam quem comandaria os políticos e o poder, eu travava o meu próprio caminho através do submundo.

Eu não era a porra de um herói.

Era um dos vilões.

Talvez o mais desequilibrado de todos eles.

E para que toda essa merda fodida não alcançasse Yume, ela precisava parar de fazer perguntas ou de tentar a todo custo descobrir o que eu escondia de sua cabecinha intrometida, claramente em busca de problemas. A desconfiança do que havia por trás das constantes recusas em deixá-la assistir a qualquer uma de minhas lutas a estava corroendo por dentro.

O que essa garota não fazia ideia é que eu não estava mantendo-a segura apenas porque ela era a coisa mais doce e inocente em que já pus os meus olhos. Mas porque um lado meu, provavelmente o mais insano, não pretendia correr o risco de ser afastado.

Que era exatamente o que aconteceria se Yume se visse diante da besta sob a superfície, mantida debaixo de cada músculo e osso do meu corpo sedento por violência, e que jurou, mais de dez anos atrás, que o responsável por destruir a minha vida se arrependeria do que fez.

Era essa certeza que me mantinha irredutível, exceto quando se tratava desse projeto de problema.

A nipo-americana[4] de olhos repuxados e imensos de tão perspicazes que, a cada maldita vez que sorria para outro cara, me fazia enxergar sangue.

Nero era o filho da puta que eu queria assassinar. Era também a razão pela qual eu estava furioso com essa garota.

Porque ela não percebia os olhares. Ou fazia ideia da beleza que possuía.

Olhar para Yume era como assistir a um anime em tempo real. Seus trejeitos exagerados, caretas fofas e engraçadas, além do biquinho que fazia com os lábios carnudos. Eu estaria mentindo se dissesse que não era viciado em apenas olhar para essa garota. Um hábito assustador que começou desde o primeiro instante em que eu a vi.

— Não a quero aqui — grunhi contra os fios grossos do cabelo escorrido, que cheirava a algum tipo de bala doce.

Yume inteira tinha esse cheiro, sendo honesto.

— Não começa, Dam — rebateu, em um tom de voz baixo ainda que estivesse brava. Yume não era uma pessoa notoriamente falante. E se lá atrás, seus sussurros e a mania de dizer tudo ao pé do meu ouvido, como quem contava um segredo, pareceu-me esquisito, hoje era algo que estava acostumado.

Um comportamento que se mostrou até mesmo justificável levando em conta o estado apavorado que eu a encontrei naquele beco, tantos anos atrás. Apenas outro assunto, que pairava feito um fantasma entre nós dois. Porque, ainda que confiasse em mim, Yume nunca se abriu sobre o passado. Quem ela era, de onde vinha.

Ou de quem fugia.

Com um movimento cuidadoso, eu a afastei da borda do prédio, até tê-la em uma posição segura, e a soltei. Furioso por ter que lidar com a vontade de mantê-la presa em meus braços, como se tempo nenhum fosse ser suficiente para me deixar saciado. *Caralho, eu conhecia os sinais.* Desde a euforia por estar perto, a agitação quando não estava. Até a abstinência, que deixava-me dormente e irritado. Cada um desses sintomas, confirmavam o meu vício fazendo-me lutar contra um desejo tão perigoso, que, pelo bem dessa garota, seria melhor que eu sequer sentisse.

Forçando-me a impor distância, busquei apoio contra uma das estruturas de ferro, de uma cobertura nunca concluída e observei Yume puxar o moletom que a cobria até um pouco abaixo da sua bunda. A meia arrastão que usava por baixo do short curto era algo novo. Diferente das habituais calças confortáveis que tanto gostava.

Quando se tratava dessa garota, eu notaria até mesmo as mudanças mais sutis.

Mas, no momento, não era o excesso de pele à mostra a manter minha atenção, ou foder o meu cérebro, e sim a careta que enrugava todo o seu nariz bonito. Coberto por pequenos sinais castanhos, quase indetectáveis.

— Falo sério, eu a quero fora desse terraço. De preferência, nos próximos cinco minutos. — O projeto de problema se aproximou ignorando a expressão séria no meu rosto.

Yume não tinha medo. *O Damon* que mostrei a ela não era o real.

Eu era uma farsa quando se tratava dessa garota, e a máscara que usava para não a assustar, uma das minhas maiores mentiras. Porque não havia nada de bonito ou minimamente saudável a respeito dos meus sentimentos por ela.

— Se eu quiser ficar... eu fico — atreveu-se a me desafiar.

Enquanto havia dezenas de caras nesse terraço que não teriam a mesma coragem.

— Não é seguro — fui direto, usando de toda paciência que ainda me restava. O que a fez se aproximar e erguer o queixo. Se meus olhos tinham uma

visão inteira dessa garota de um ângulo privilegiado, os dela sequer batiam no meu tórax.

Sua boca então...

Teimosa, Yume respirou profundamente antes de apoiar as pequenas mãos em meu tórax e insistir.

— Mercúrio poderia cuidar de mim, além disso, tem o Caleb...

— Nós vamos mesmo voltar ao assunto Caleb? — grunhi, áspero.

A vibração da minha voz foi sentida debaixo de seus dedos enquanto eu rapidamente me descontrolava.

O que a fez recuar no instante em que toquei sua bochecha, puxando-a de volta antes que pudesse se afastar por completo.

Seus olhos se expandiram em choque pelo gesto inesperado, como se tempo algum fosse tornar o meu toque um hábito para ela. E por vezes, a impressão era a de que minhas mãos eram as únicas que Yume suportava sentir sobre sua pele.

Mercúrio e o Caleb podiam ser próximos da minha japonesa, mas o único com acesso irrestrito a ela era eu.

— Não — sussurrou, sem se dar conta que fazia bico com os lábios carnudos e naturalmente vermelhos. Assim como as suas bochechas, que pareciam exibir sempre um rubor saudável. — Mas eu também não mudei de ideia, Dam, e o meu silêncio não significa que irei deixar de treinar com Caleb ou parar de conversar com o Nero...

Aí estava.

— O que Nero quer é você na cama dele, Yume! Não é possível que seja tão cega e não enxergue o óbvio...

Pela forma como franziu a testa e recuou, Yume não acreditava nessa possibilidade. E mesmo que o tempo tenha tornado fácil para mim decifrar cada um de seus olhares, a confusão revestida de mágoa não foi algo que esperei enxergar naquele momento.

— Isso é mentira... eu mal o conheço e ele não... — *A levaria para a*

cama? Foderia com ela na primeira oportunidade?

— Ele é um homem, porra! E a forma como te enxerga, não é assim tão inocente.

A minha já não era há bastante tempo.

Yume cresceu nos últimos anos, não em altura. Mas em corpo. Os traços, antes infantis, já não existiam. A japonesa não era mais a garota magricela e assustada que resgatei das ruas. Seus olhos pareciam guardar novos segredos. E o apelo da boca que ela insistia em chupar e apertar entre os dentes, tornou-se um incômodo.

Não para Yume, que parecia alheia ao próprio hábito, mas para qualquer pessoa que se visse forçada a assisti-la quase se automutilar.

E principalmente para mim, cuja resistência se dissolvia um pouco mais a cada dia.

— Vamos lá, amor. Você é mais esperta do que isso.

Yume sufocou a própria respiração, e seus olhos desceram por um segundo pela minha boca e pescoço tatuado. Então, como se estivesse prestes a explodir, ela despejou palavras sussurradas, que, de tão rápidas a lhe escaparem da boca, atropelaram-se uma atrás da outra:

— E se eu... Dam... e se eu quiser o mesmo que ele? O que acontece? — Levei um minuto inteiro para me recuperar do choque, enquanto Yume me encarava como se não tivesse ideia do que essas poucas palavras fariam comigo.

Ou do que causariam a ela.

A mão que a segurava pela bochecha se espalhou até o couro cabeludo. E dessa vez, quando eu a puxei, deixando-a na ponta dos malditos pés, não foi com tanto cuidado assim. Essa não era a primeira vez que Yume mostrava as garras ou me desafiava, mas foi a primeira que me fez querer ser violento com ela. De maneiras que eu só era em cima de uma cama.

Cacete.

— Chegue perto da cama de outro cara e juro por Deus que a sua boceta será a última que o infeliz terá. — A japonesa se engasgou, atordoada, batendo

os cílios grossos como se fossem duas assustadas borboletas, enquanto eu me inclinava e a beijava em sua testa. De forma lenta, até mesmo um pouco possessiva. — Agora seja a boa garota que eu sei que é, e dê o fora desse terraço, ok?

Afastar Yume era uma das últimas coisas que gostaria de fazer naquele momento. E a julgar a expressão magoada em seu rosto, tive a certeza de que, enquanto ela tornava a minha vida um pouco mais fácil, eu estava apenas dificultando a dela; arrastando-a para a escuridão do meu mundo, sem que ela se desse conta.

— Deixe-me ficar aqui com você, por favor — insistiu, apesar da mágoa. — Prometo que não irei causar problemas.

Não era com ela causando problemas que eu estava preocupado, e sim comigo perdendo a cabeça com esse bando de filhos da puta que poria os olhos em suas pernas, boca... e a cabeleira longa, que ninguém além de mim tocava.

— Só vá para casa, Yume — voltei a sussurrar contra a sua testa, vendo-a entreabrir os lábios e inspirar profundamente.

— Você é um idiota às vezes, Dam. Um. Idiota!

Brava, o projeto de problema se afastou e levou com ela qualquer resquício de autocontrole que pudesse ter para esta noite. Com a adrenalina a mil e o sangue fervendo, eu voltei para onde os caras se encontravam, passando reto por Mercúrio, enquanto avisava a todos que esperavam pela oportunidade de que haveria uma luta. Não no *Porão*, mas no terraço.

Sem regras ou juiz para impedir que nos matássemos.

— Quem será o filho da puta que vai tentar me derrubar hoje à noite?

As palavras flutuaram através da noite sombria, ao mesmo tempo que eu encarava Nero a distância. Em um desafio que tinha certeza de que ele não iria aceitar, ainda.

Ao avançar sobre o primeiro adversário, corajoso o suficiente para me enfrentar, procurei me lembrar do maior propósito que eu tinha nessa vida, e de tudo o que estava disposto a fazer pelo sacrifício dos meus pais. Lembrei

também do juramento que me fiz ao arrancar Yume das ruas.

Eu a protegeria de tudo, principalmente *do Damon* que ela não conhecia.

Mesmo que fosse a coisa mais difícil que eu tivesse que fazer na vida.

Capítulo 3

DAMON

Mercúrio sorriu, sentado em um dos sofás. As pernas esticadas e o corpo relaxado mostravam o quanto o desgraçado havia se divertido com a tentativa dos idiotas em me acertarem. O que um ou outro conseguiu, não vou negar. O sangue seco no meu rosto, em pontos estratégicos, só não era maior do que o que eu tinha nas mãos.

Foda-se! Lutar era o que me impedia de enlouquecer.

O momento em que o ódio acumulado por mais de uma década ganhava força e dava espaço para que o monstro sempre à espreita desse o ar da graça. Na maioria das vezes, eu apenas o sentia sob a pele, cravando suas garras em cada órgão e artéria do meu corpo, enquanto tentava controlar a mente.

Um monstro que eu temia ser igual ou pior do que o maldito que assassinou Tatiane e Ivan Irish.

E como consequência, também enterrou o filho deles.

Era desse Damon descontrolado e violento que Yume precisava manter distância, porque, no instante em que a japonesa arrancasse a fodida lente rosa que usava para me enxergar, a primeira coisa que ela faria, seria correr para longe.

O que eu jamais permitiria.

Mesmo agitado, joguei-me em uma das poltronas, afastei as pernas e acendi um baseado. Por um curto espaço de tempo, o olhar se fixou no céu escuro e a fumaça nublou boa parte de meus pensamentos. Desde os agressivos até os sinuosos de tão desvairados. A dor superficial, sentida em cada osso do corpo após a luta, serviu como uma distração rasa. Algo onde poderia despejar toneladas de raiva e energia acumulada.

Kim, que esteve ao redor por toda a noite e que se recusou a partir mesmo com o passar das horas, sentou-se no braço da poltrona gasta. Convencida de que em algum maldito momento o meu pau estaria dentro dela...

Eu estava sedento por uma boa trepada, mas não era a sua boceta que

desejava comer ou chupar... E sabia disso há semanas, a ponto do sexo ficar monótono. Até porque eu conhecia a verdade, todas essas transas eram apenas distração.

Uma tentativa de enganar o meu corpo.

Com o baseado entre os dedos, eu o levei à boca, sentindo-o queimar a fumaça que, em algum momento, teria de me deixar chapado a ponto de não me importar de quem era a boceta ou a boca da mulher ajoelhada à minha frente. Foi em busca desse maldito alívio, que escorreguei o olhar pelas costas nuas de Kim, ciente de que se fosse outra garota aqui, uma que eu esperava que estivesse na segurança do meu apartamento, eu teria facilmente arrancado a camisa que usava e a coberta.

Como estive a um passo de fazer mais cedo, ao ver as pernas magrelas de Yume expostas pela meia que mais revelou do que cobriu.

Frustrado, levei uma das mãos até a testa como se sentisse dor. Quando a verdade é que odiava estar no controle tanto quanto odiava não estar.

E no que se referia a Yume, tinha noites, como essa, que eu desejava não estar no comando das minhas próprias ações. Deixar o monstro assumir, tomar o que desejava. E arrancar na pele a virgindade daquela garota. Não haveria camisinha ou qualquer barreira entre nós dois. Seria apenas ela, nua e com seu cheiro doce, o cabelo que me deixava ensandecido, emaranhado com força no meu punho, e a boca gostosa. Molhada da minha saliva.

Caralho, eu precisava transar.

Kim estava aqui porque desejava o mesmo, certo?

Então que se foda o tesão que sentia por Yume. Eu preferia cortar o maldito pau antes de machucar a minha japonesa ou trazê-la para o meu caos.

Como se soubesse que eu estava prestes a arrastar Kim para alguma das salas vazias e mal iluminadas, do andar inferior, Caleb retornou ao terraço e, para a minha surpresa, entregou-me um pedaço de papel assinado pela víbora que servia ao homem que todos conheciam como Vladimir Noirín.

E que eu conhecia como o desgraçado do meu tio.

Porra, o que essa mulher queria agora?, questionei-me, furioso com a ousadia da prostituta favorita de Vladimir em me procurar.

Ou mandar recado.

Nosso acordo não era este. Astrid não deveria me procurar nunca, sequer colocar os pés nessa parte da cidade.

A distância, encarei Caleb dizendo muito, sem sequer abrir a boca. Nós dois sabíamos que a tentativa dessa mulher de sondar a vida que eu mantinha oculta de Vladimir, era má notícia. Ou então, sua recente curiosidade era consequência de todos os segredos que eu vinha omitindo e as mentiras que precisava contar para ser capaz de proteger a vida dupla que levava.

Sem paciência, levantei-me da poltrona e desci as escadas.

Caminhei por uma quadra inteira, até reconhecer os faróis do *SUV* de Astrid. A boceta dessa vadia não era barata, não para o meu tio. Infelizmente para ele, sua prostituta tinha o péssimo hábito de me foder de graça e falar demais.

E para a infeliz ter se arriscado a vir até este lado da cidade, das duas uma: ou procurava por sexo ou tinha em mãos alguma informação relevante. Estive tão obcecado pelo dia em que pegaria Vladimir com a guarda baixa, sem a cavalaria armada que o seguia por todos os lados, que, assim como ele possuía olhos por todo o lugar, eu espalhei meus próprios por becos e pontos falhos da Nova Detroit.

Apenas para que, quando o filho da puta desse o ar da graça, eu fosse o primeiro a saber.

Vladimir Noirín era o peixe grande por trás de boa parte dos nossos negócios. Uma mão que teoricamente deveria puxar todas as cordas. E isso era o que eu precisava que o irlandês acreditasse. Que eu nada mais era do que uma marionete que saltaria no seu primeiro comando. Quando a verdade é que, se tudo saísse exatamente como o planejado, Vladimir não ordenaria nada, ele seria empurrado.

Era por esse confronto que eu ainda respirava. O meu tudo ou nada.

E, enquanto o dia não chegava e agíamos feito marginais, sem nomes ou rostos, tomando o que podíamos daqueles que possuíam poder e dinheiro e horrorizando as ruas de Nova Detroit, eu tentava não me culpar pela oportunidade perdida, três anos atrás, quando estive perto de perfurar o crânio de Vladimir e pôr um fim ao desgraçado que disparou a sangue frio contra os meus pais e praticamente me enterrou vivo.

E o teria matado, sem remorso algum, se Yume não tivesse cruzado o meu caminho naquela noite, forçando-me a tomar a pior de todas as decisões: roubá-la para mim.

***

Astrid brincou com o zíper do vestido extremamente apertado, que abraçava suas pernas até quase o joelho. A temperatura no interior do carro seguia quente, assim como os bancos de luxo confortáveis e climatizados. Graças a provocação, não tive dúvidas de que o intuito da infeliz era um só: seduzir. Me forçar a puxá-la para o meu colo, deixando-a nua pelo caminho. E não seria uma tarefa difícil. A mulher tagarelava tão facilmente quanto abria as pernas. E para mim, suas pernas se abriam com bastante frequência.

Ou costumavam.

Até porque o motivo pelo qual ela era mantida ao redor estava longe de ser a sua boceta, e tudo a ver com o fato de Astrid ser uma das melhores informantes que possuía.

A única com acesso à cama e à rotina pessoal de Vladimir.

— O que pensa que está fazendo, porra? — grunhi, nervoso com sua interferência. Assim como não queria meu tio por perto, eu não desejava ter Astrid no meu encalço. Metendo a porra do nariz onde não era chamada. — Aparecer aqui, sem qualquer aviso?

— Estou com saudade.

Impossível. Astrid não era esse tipo de mulher.

O mais provável é que estivesse entediada.

— A menos que tenha algo para contar, eu estou fora, Astrid. — A loira de cabelos curtos lambeu os próprios lábios e se moveu propositalmente sobre o banco do motorista.

Estávamos estacionados próximo a Ponte do Abismo, erguida para separar a parte sombria da Nova Detroit da parte dominada por homens como o meu tio. Homens que faziam o mal ao mesmo tempo que circulavam entre os bons. E me aproximar de Astrid não foi algo que planejei, mas lá estava ela, solícita e sorridente durante as minhas visitas ao desgraçado.

A vida era uma vadia, afinal.

— Vlad tem andado ocupado, Damon. Assim como os homens dele.

Com o quê? Era a pergunta que me fazia há algum tempo.

Não era segredo que o dinheiro sujo dos irlandeses enchia os cofres desse país, mas essa era apenas a ponta do iceberg quando se tratava dos crimes envolvendo o clã dos Noirín. E o silêncio de Vladimir, que perdurava meses, era algo que me preocupava.

Meu tio não costumava ser tão silencioso.

Nenhum de nós costumava.

— Com a máfia? — sondei e ao vê-la dar de ombros, levei outro dos meus baseados à boca. Um que vínhamos dividindo nos últimos minutos.

Astrid era o tipo *mulher fatal*, além de ambiciosa. Aos 32 anos, teve o azar de cair na graça de um desgraçado como Vladimir. Se não fosse erro o bastante, pular na minha cama não a ajudou. Só aumentou a chance de ela terminar com um tiro na cabeça no final dessa história.

— Sabe o que não entendo, Damon? De onde vem toda essa fixação e raiva em relação ao Vladimir. Quero dizer, ele pode ser um idiota às vezes...

Idiota? Vladimir era o demônio.

— Noirín matou os meus pais — revelei, sem me importar, à espera do choque em seu rosto.

Não era segredo para ninguém, e Vladimir se orgulhava do que fez. A

ponto de se gabar por aí que o irmão mais novo recebeu o que merecia.

A sua verdade, sempre dita com cinismo, foi a forma que ele encontrou de alimentar meu lado mais violento.

Seu pai se apaixonou por uma vadia, acredita? E teria deixado tudo o que construímos por causa dela!

Era o que Vladimir tinha prazer em me lembrar. Como se fosse fácil esquecer de que antes que Ivan tivesse a chance de deixar Vladimir e os negócios para trás, ele e minha mãe acabaram sendo mortos. Na minha frente.

— Você está brincando, certo? — Astrid quis saber, com a palidez sobressaindo-se à maquiagem.

Com quem essa mulher achava que dormia, caralho? Um santo?

Apertei o baseado entre os dedos, e exalei a fumaça para fora do carro. O olhar, preso à longarina da ponte, que, por alguma razão, era um dos lugares favoritos de Yume.

— Talvez — respondi, ignorando o horror em seus olhos. — Mas esqueça todas as perguntas e me conte algo que eu ainda não saiba. — Voltei ao assunto que realmente importava. — Vocês se falaram por telefone?

Astrid bufou, frustrada.

— N-não.

— Então ele não sabe que você está por aí? — insisti, cauteloso. — Longe da cama dele.

Ela se aproximou e o perfume forte em sua pele surtiu o efeito contrário ao que pretendia. Seu cheiro não era doce como gostaria que fosse, nada em Astrid era.

Mas depois de dias sem foder, sentia como se estivesse em meu limite. Muito perto de cometer uma loucura.

— Pare de pensar tanto e esqueça o seu tio. — Os lábios tingidos de vermelho escuro, tocaram os meus quando se inclinou para a frente, mas,

diferente dos outros dias, eu não a beijei de volta. Apenas a puxei para o meu colo. E enfiei minhas mãos por dentro da saia apertada, em busca de sua calcinha.

Não foi surpresa alguma, não encontrar qualquer barreira. E Astrid gemeu ao toque bruto dos meus dedos. Com a outra mão, agora em volta de sua nuca, eu a puxei para trás em uma clara advertência enquanto ela abria minha calça e puxava o meu pau para fora. Cobrindo-o com a camisinha, que eu a entreguei. O encaixe foi áspero, duro. E golpeei sua boceta com o mesmo ímpeto com que mordi sua pele. — A menos, é claro, que a sua cabeça esteja em outro lugar — sussurrou no meu ouvido, em meio a gemidos altos, feito o veneno de uma cobra.

Como se soubesse que apenas o meu corpo estava dentro desse carro.

Todo o resto, não.

Minha mente, por exemplo, estava longe, mais precisamente com a garota que não fazia ideia de quem era o homem com quem dividia a cama.

Noite após noite.

Capítulo 4

DAMON

Era madrugada quando alcancei o prédio de dez andares, localizado no quarteirão onde diversas propriedades foram fechadas décadas atrás a mando de uma construtora, hoje falida. Uma empresa de fachada, cujo dono costumava assinar como Ivan Noirín, meu pai. O quarteirão ficava a algumas quadras do ginásio e abrigava uma fileira de edifícios abandonados, além de quase nenhuma movimentação.

Com as mãos afundadas nos bolsos da jaqueta, verifiquei os dois lados desertos da rua antes de entrar e digitar o código do sistema de segurança instalado por Mercúrio. Mesmo que o único modo de acessar os andares fossem através do elevador, cujas portas de ferro possuíam imensas grades abertas e barulhentas.

Placas de madeiras e avisos de *interditado* impediam a entrada de curiosos, e com a Clave espalhada por cada buraco de Detroit, todo e qualquer passo em falso, me era notificado.

Ou assim deveria ser.

No instante em que o elevador parou abruptamente, as grades se abriram no último andar. O que em algum momento deve ter sido as instalações de uma fábrica, tornou-se um apartamento revestido por blocos de tijolos cinzas e tubulação no teto alto, que se interligava por toda a estrutura com ar industrial. O andar era quase que inteiramente aberto, com exceção do estúdio de pintura de Yume, e contava com poucas vigas e divisões enquanto me via cercado por imensas janelas. Por onde o sol se infiltrava todas as manhãs através da cozinha, a sala, e o mezanino que abrigava apenas a cama propositalmente baixa. Onde Yume buscava abrigo sempre que seus pesadelos apareciam para assombrá-la.

No interior dessas paredes, eu não era *Tempest* ou um *Noirín*, era apenas o filho da puta que descobriu odiar dormir longe dessa garota.

Os pesadelos a trouxeram para a minha cama.

Mas o meu egoísmo, foi o que a manteve nela.

Sem acender nenhuma lâmpada, dirigi-me até o final do apartamento e, ao me dar conta de que os lençóis permaneciam intocados, eu retirei a jaqueta que usava e caminhei até o banheiro rapidamente, onde me livrei do gosto e do cheiro de Astrid, antes de voltar até o sofá que foi onde sabia que encontraria a japonesa, como eu carinhosamente a chamava.

Nenhum de nós dois estava certo sobre a sua ascendência ou origem, mas os traços orientais estavam por todo o seu rosto. Yume não se lembrava dos seus pais, e pequenos detalhes sobre a sua vida durante o período que passou com assistentes sociais, foi tudo o que compartilhou comigo a seu respeito. Além, do fato de que o seu nome representava um kanji[5] japonês, que significava *sonho*[6].

Se não tivesse tanto medo de perdê-la, eu poderia ter insistido e buscado pelas respostas que nem mesmo ela tinha.

Mas seria como caçar uma agulha em um palheiro propenso a queimar.

Ir atrás do seu passado, significaria voltar àquele beco e a tudo do que essa garota fugia.

Através das janelas, a iluminação entrou escassa, quase inexistente. E nem mesmo a ausência de luz impediu-me de aproximar e me sentar sobre a mesa de centro baixa. Como se não tivesse fodido até mesmo a alma de Astrid dentro daquele carro, eu fechei os olhos por alguns instantes e massageei a testa, com a esperança de que o simples gesto pudesse apagar pensamentos e vontades que sexo nenhum arrancaria de dentro da minha cabeça.

Motivada pelo som da minha respiração ou pelo cheiro, Yume se moveu debaixo da manta fina, sem acordar. O ruído que escapou através de sua garganta me fez ignorar cada um dos motivos pelos quais eu deveria me levantar e apenas deixá-la em paz.

Só que eu não era esse cara, o do tipo que tomava a decisão correta.

Ao menos não quando se tratava da japonesa.

Como fiz tantas outras vezes, eu me deitei ao lado de Yume. E torci para que a calça de moletom que usava fosse uma barreira mais do que suficiente para

nós dois. A cada movimento feito sobre o sofá apertado, eu sentia os locais no meu corpo que estariam doloridos pela manhã. Quando a adrenalina da luta tivesse passado e a droga já não estivesse no meu organismo.

Com pouco espaço para me mover no maldito sofá, eu puxei o *projeto de problema* para os meus braços e afundei o rosto na cabeleira escura e comprida. O silêncio da madrugada só não foi maior porque a cada batida que senti do seu coração contra o meu peito, o meu coração bateu duas vezes mais forte.

Outra pessoa colocaria a culpa no baseado, ou até mesmo na vodca. Mas eu me conhecia a ponto de saber que o órgão dentro do meu peito só acelerava na presença de Yume.

O desgraçado conhecia o risco que corríamos.

Apesar de cansado, não fui capaz de pregar os olhos. Não de imediato. Porque, enquanto Yume dormia na segurança dos meus braços, cometi o erro de imaginar como seria se eu não fosse filho de Ivan e o sobrinho de Vladimir.

Outro Noirín amaldiçoado.

— Dam? — A respiração suave de Yume foi substituída pelo som rouco e sonolento de sua voz, vibrando contra as minhas tatuagens e indo diretamente para o meu pau, que endureceu sufocado pelo moletom. O corpo ainda molhado do banho frio foi aquecido pelo hálito quente que escapou da sua boca. E mesmo através da escuridão, pude ver o espanto nos seus olhos repuxados sendo substituído, pouco a pouco, pela confiança que sentia.

Além da certeza de que eu nunca a machucaria.

Acostumada a compartilhar a cama comigo, que era bem mais espaçosa do que esse sofá, Yume entrelaçou uma das pernas entre as minhas. Praticamente *montando* no meu quadril e se deitou contra o tórax largo. A sensação macia de sua bochecha e lábios, fez-me respirar profundamente e me amaldiçoar.

Foder Astrid deveria ter me deixado calmo. Um pouco menos propenso a cometer erros... ou a imaginar essa garota nua.

Talvez eu precisasse de mais sexo, ou outra mulher. Uma que não me lembrasse constantemente de Vladimir e o quanto eu o odiava.

Cacete, a quem eu tentava enganar?

Eu estaria duro agora mesmo se tivesse trepado com dezenas de outras bocetas.

Dopado ou não, bêbado ou não.

Meu pau sempre ficaria duro por essa garota.

— Não me odeie por agir como um idiota — pedi contra o topo da sua cabeça. Meus dedos buscaram abrigo em meio à cabeleira negra, cheirando a bala. — Tudo o que faço nesse caralho de vida é para te manter segura.

Yume não me respondeu, mas esfregou os lábios e o nariz contra o meu peito, enquanto meus dedos e mãos assumiam o controle. Apertando-a com força em sua nuca e couro cabeludo, para que não pensasse em se afastar durante as horas seguintes.

A garota gostava de abraçar, de estar perto, sentir o *meu* toque e me olhar como se eu fosse a porra do seu mundo.

Acho que foi isso que me viciou.

— Hoje eu tô te odiando só um pouquinho — sussurrou, sonolenta. — Mas passa, Dam, sempre passa.

Capítulo 5

YUME

Apertei a bancada fria do banheiro e encarei o meu reflexo. *Ou tentei*. Porque o meu cérebro insistiu em repassar o dia anterior. Desde a discussão com Damon até o nosso encontro no terraço. O mais perturbador, no entanto, foram os vislumbres que tive dele deitando-se no *sofá* em algum momento da madrugada.

Quando o contrário era o mais recorrente entre nós dois.

Damon nunca vinha até mim ou invadia o meu espaço. Mas os pesadelos, quando viscerais, levavam-me até a sua cama. Onde suas mãos encontravam sempre uma maneira de me alcançar o cabelo e me puxar para os seus braços, enquanto dedos grandes se emaranhavam aos fios, em um agarre que, de alguma forma, estava ali para impedir que eu me afastasse.

O que raramente acontecia.

Mas essa manhã algo estava diferente.

Meu corpo estava.

Porque, pela primeira vez desde que passamos a *dormir* juntos, acordei fortemente envolvida por dois braços musculosos e tatuados. E não havia um só centímetro desse homem longe de mim. O queixo áspero, com barba por fazer, seguiu afundado no meu pescoço. E de uma forma confusa pra cacete a minha bunda *acordou* aninhada a sua virilha. Aquele foi o momento em que me esqueci de como respirar. Até mesmo pensar com clareza foi difícil.

Eu tinha certeza de que Damon estava dormindo.

Mas o seu pau não.

E eu o senti duro contra a parte interna das minhas coxas, mesmo com a calça *contendo* parte do volume grosso, que sempre soube existir por baixo dos moletons que usava.

Ok, talvez fosse errado olhar, mas Damon causava esse efeito nas mulheres. Na rua, elas viravam o rosto para conferi-lo. E pareciam estar sempre com aquele tipo de sorriso nos lábios: *se você quiser, eu topo.* Na maioria das

vezes, Dam apenas as ignorava e seguia o seu caminho. Mas foi o interesse delas a fazer com que começasse a prestar um pouco mais de atenção.

E bem, Damon era grande.

Mãos, pés. Ombros. Altura. Em tudo.

Nervosa, senti-me aquecer por dentro. Um calor que havia escorregado até o meio das minhas pernas, forçando-me a colocar alguma distância entre nós dois. O que não aconteceu, porque, assim que tentei me afastar, uma mão grande me puxou de volta. Foi involuntário, diria até que uma reação automática do corpo de Damon. Que nem mesmo em seu sono pareceu disposto a ceder.

Ou me deixar ir.

— Fica — pediu, de repente, arrepiando-me a pele.

— Preciso fazer xixi — menti ao me virar com dificuldade, até ficar cara a cara com um Damon, que permaneceu de olhos fechados.

Incapaz de respirar, eu o encarei como se fosse a primeira e a última vez. Meu olhar deslizou pela mandíbula quadrada e a barba que me fazia cócegas. Com o coração fora de ritmo, estendi minha mão e toquei um dos novos hematomas em seu rosto enquanto a ponta dos meus dedos formigavam.

— Você lutou ontem — não foi uma pergunta, e o murmúrio morreu nos meus lábios.

Tocar Damon nunca me pareceu proibido. Mas algo em seu olhar nos últimos tempos deixava-me receosa, até mesmo apreensiva.

E foi em um misto de apreensão e fascínio que estudei as tatuagens a cobrirem o seu pescoço largo. Incluindo a rosa negra invertida no alto do seu rosto.

Damon possuía tantas em sua pele que era impossível não se perder ao observá-lo. Algumas possuíam detalhes mínimos; outras, cores que em algum momento deveriam ter sido vibrantes. A história que todas contavam, no entanto, era uma só: violência.

Crua e monstruosa.

Era a percepção de que sempre haveria um lado de Damon a qual ele não

me daria acesso ou me permitiria conhecer, que vinha fazendo com que eu sentisse esse frio inexplicável na barriga e toda essa raiva.

Damon me tinha ao alcance de suas mãos, mas não me deixava entrar na parte caótica do seu mundo. A parte que o fazia perder a cabeça e ser violento. Eu via os sinais, via a forma como ele me afastava quando não estava bem. Ou as noites que passava fora.

Longe da nossa cama.

A mágoa que sentia por ele me afastar ou achar que eu era fraca demais para lidar com seus segredos, trazia-me um gosto esquisito de traição à boca.

Um gosto que fez com que eu tentasse me levantar outra vez.

— Fica, Yume. — Meu pulso foi segurado e seus olhos se abriram.

Toda a imensidão azul ártica deles deixou-me muda, completamente paralisada.

— Por quê? — sussurrei, em um fio de voz. — Você não me quis perto ontem, e agora...

— Não coloque palavras na minha boca, porra — grunhiu de volta, de modo brusco. — Eu sempre te quero por perto, mas não naquele terraço.

— Por causa do que acontece lá? — o escutei bufar, em um quase rosnado.

Meu corpo inteiro fraquejou ao sentir sua mão me envolver o rosto. Em uma pegada, que, se ele quisesse, teria facilmente me calado.

— Não tem nada a ver com o que acontece por lá, e tudo com o fato de que, quando se trata de você, eu sou um filho da puta egoísta, amor. Não sei e me recuso a dividir sua atenção.

— Não acha que está sendo um pouco dramático, Dam?

— Troque dramático por cuidadoso — falou, perto demais enquanto nos entreolhávamos pelo que pareceu toda uma eternidade.

Só que antes que Damon pudesse enxergar a bagunça que eu me encontrava, por causa dele e da sua respiração praticamente sobre a minha boca, eu escapei, esgueirando-me até o banheiro, onde estava desde então.

Confusa, e sem saber o que pensar, eu ignorei o estado *selvagem* do meu cabelo — *efeito colateral das mãos de Damon* — e joguei água fria no rosto.

Bastante. Água. Fria.

Com o único intuito de me acalmar e esquecer a sensação que foi ter a minha bunda, magricela e pequena, colada ao... *merda*, ao que fosse que Damon carregava entre as pernas.

Não funcionou, claro. E tudo desandou rapidamente, porque assim que ergui o rosto, deparei-me com o reflexo de Damon. Parado no batente da porta atrás de mim.

Antes que pudesse sair, eu o vi avançar para dentro do banheiro apertado tornando-o ainda menor enquanto me encurralava.

Com a respiração presa, lambi meus lábios e fechei os olhos por um segundo inteiro. Agindo covardemente enquanto sentia em meus ombros a sua risada rouca e as mãos me afagarem com cuidado.

Damon me tocava, como se eu pudesse quebrar a qualquer maldito momento. Ou então, como se fosse realmente o que ele dizia que eu era: especial.

— Por que tenho a impressão de que está fugindo de mim? — A voz ecoou profunda, mas foi o modo como nos entreolhamos através do reflexo que me fez querer sair correndo.

— Eu tinha que... você sabe... — continuei a mentir.

E com o olhar dele cravado no meu rosto, atento a cada uma de minhas reações, eu me forcei a sair de dentro da parede de músculos que o seu corpo criou ao meu redor. Só que Damon foi mais rápido ao me encurralar, sem necessariamente encostar o corpo grande ao meu.

Não que fizesse diferença, a presença deste homem no mesmo cômodo era o que bastava para me deixar confusa.

— Preciso ir para a aula — o lembrei, e não era mentira. Damon sabia que, pelo menos três vezes na semana, eu precisava estar no centro comunitário de Artes. — Não posso me atrasar...

— E você não vai. — Seus dedos brincaram com a alça do meu pijama de algodão, colocando-a em seu lugar, antes que ele me beijasse o pescoço com carinho.

Talvez fosse loucura da minha cabeça, mas a impressão que tinha era de que Damon lutava contra a sua constante necessidade de me tocar e beijar a pele. Tinha dias que suas mãos praticamente não saíam de cima de mim. E em outros, ele agia como se me ter por perto fosse uma tortura.

— Eu sei o quanto as aulas são importantes para você.

E eram mesmo.

Porque enquanto eu pintava, fechada entre quatro paredes, o passado e o futuro deixavam de existir. Não havia vozes na minha cabeça, ou o medo de algum dia ser encontrada. Não existia nem mesmo o medo de perder Damon.

Nesses momentos, tudo o que existia eram as cores e a tela em branco.

— Odeio quando você volta machucado — sussurrei, prestes a tocar o corte em seu lábio, mas fui impedida no último instante.

— Eu sei. — Damon afastou a minha mão, segurando-a como se meu corpo fosse uma extensão do dele.

Éramos íntimos assim.

— Então por que continua? — indaguei, rouca. — Sente prazer em se machucar?

— Aí está todas aquelas perguntas. Você não consegue se conter, não é?

Fiz uma careta, que foi mais do que o suficiente para que Damon notasse que eu continuava chateada.

— Eu não faria tantas perguntas se recebesse pelo menos uma resposta. Mas você nunca me dá nada, Dam!

Eu não queria discutir, ou sair com as coisas ainda estranhas entre nós dois. Mas o *algo diferente,* rolando nos últimos tempos, não era apenas físico. Era emocional também. E Dam sabia, tanto que, antes de me deixar escapar de dentro dos seus braços, ele ergueu o meu queixo e arrastou os meus olhos de volta para ele.

— Não, pequena Yume. Eu não sinto prazer na dor, mas preciso dela para me sentir vivo — falou tão perto, que me arrancou o fôlego. O infeliz era bom nisso. — Satisfeita? — Assenti, atordoada.

Mas satisfação não foi algo que senti.

A resposta de Damon não era o que eu esperava, acho que nenhuma delas jamais seria.

Capítulo 6

DAMON

Apoiei as mãos contra os azulejos do boxe, em busca de autocontrole e qualquer resquício racional ou humano. Os jatos de água fria me atingiam as costas, como se me rasgassem a pele. Mas não a vontade de cometer uma loucura. No instante em que fiquei sozinho e a porta bateu atrás de Yume, a ereção saltou livre e pesada nas minhas mãos.

Em algum lugar da cozinha, a japonesa preparava o café da manhã. Andando de um lado para o outro, com seu *pijama fofo* e o lábio mordido, sem ideia do fascínio que me causava.

Era mais do que *desejar sua boceta ou a sua boca*. Tinha a ver com necessidade. Uma obsessão quase que incontrolável de consumir cada centímetro dessa garota. Pele, corpo, alma e coração.

Se Yume me olhava como se eu fosse a porra do seu mundo, então que assim fosse.

O monstro egoísta que habitava sob minha pele a queria dependente. Presa a minha vida. O lado ameno e racional, no entanto, sabia que seria um maldito pecado seduzir Yume. Porque, no instante em que essa garota se deitasse na minha cama, com outro objetivo que não o de dormir, nós dois estaríamos perdidos.

Ela, por estar nas minhas mãos. E eu, por saber que seria incapaz de deixá-la ir.

Frustrado, eu me recusei a usar a visão dela em um short de algodão minúsculo como *incentivo* para aplacar o tesão correndo por minhas veias. Porra, eu não queria me masturbar com Yume na cabeça. Não depois de ter trepado com Astrid, pensando na japonesa. A ideia de foder o meu próprio pau até a exaustão e, em seguida, me sentar diante dela para vê-la tomar seu café da manhã sorrindo e me olhando com aqueles olhos grandes como se fosse a droga de uma princesa da Disney, seria nada mais do que tortura.

Impaciente, deixei o boxe e me vesti. Sem me preocupar em me secar

completamente ou em anunciar a minha presença, que demorou a ser notada por Yume, que, distraída, continuou a preparar o bacon enquanto *roubava* pequenas lascas das torradas empilhadas ao lado do fogão.

— Faz nosso café? — pediu, ao me sentir atrás dela.

Concordei com um grunhido, sem reclamar. Yume era movida por toneladas de café, balas de hortelã e os piores sabores de pizza possíveis.

E a minha função na Terra, percebi, era mantê-la alimentada e feliz.

Após terminar com os ovos e o bacon, Yume se sentou em uma das banquetas altas, e se serviu. De pé, ao seu lado, empurrei uma única xícara de café forte que costumávamos dividir e a vi tomar como se a sua vida dependesse disso.

Tínhamos uma viciada aqui.

Faminto, peguei o bacon que preparou e o levei à boca, compartilhando o prato com ela. As manhãs nessa cozinha tinham se tornado um hábito. Yume gostava de cozinhar, e ainda mais de me fazer de cobaia.

Não vou mentir, eu gostava de ver seu entusiasmo. A expectativa em me fazer provar cada tentativa sua em aprender algo novo. E como tudo em Yume, ela apreciava sabores doces. Que envolviam açúcar, avelã e chantilly.

Porra, acho que nunca comi tanto *experimento açucarado* como nos últimos três anos.

— Fez planos para depois da aula? — perguntei, puxando a banqueta para mais perto ao me colocar entre as suas pernas.

— Como se você não soubesse... — Yume manteve a boca cheia e os olhos longe dos meus, concentrada no bacon.

— Eu preciso de você — admiti, apenas para ver o rubor se formar em seu rosto. Outro vício recém-descoberto: deixá-la vermelha. — Gosto de te olhar e saber que está por perto.

Yume me acalmava, ainda que fosse a principal causa de todo o meu nervosismo.

— Correção, Sr. Controlador. Você gosta de me *vigiar*. — Ela ergueu os

olhos, e me senti sendo golpeado.

Pela milésima vez, desde que me dei conta de que essa garota havia me enfeitiçado sem o menor esforço. Apenas por existir e respirar.

— Te proteger — esclareci, vendo-a sacudir a cabeça.

E um sorriso largo apareceu em seu rosto.

— É assim que chamamos hoje em dia? Proteção? — Afastei a xícara de café de propósito, apenas para irritá-la. — E não fiz planos, já disse. Eu irei para o ginásio assim que a aula terminar... Agora me devolva o café.

Estendeu a mão, junto com o pedido, cometendo a imprudência de unir os lábios em um bico enquanto eu me forçava a não olhar.

Até porque havia muito a ser dito.

— Precisamos falar sobre o que aconteceu na noite passada.

Yume se negou. E, incapaz de manter as mãos longe, eu segurei seus dedos; massageando e os estalando suavemente, em uma carícia que acalmava mais a mim do que a ela.

— Acho que não precisamos. A menos que você tenha se dado conta de que foi um idiota e esteja querendo muito me pedir desculpas. — Não era essa a minha intenção, para ser honesto. — Porque se for eu te perdoo, Dam.

Inocente demais, porra!, constatei ao encará-la, agindo pior do que um predador.

Atento à forma como seus lábios pareciam melados de toda a pasta de amendoim que colocou na torrada. Como também à ponta de seus dedos, que Yume havia levado à boca e chupado sem a menor ideia do que fazia à mente de um homem.

— Eu não pretendo pedir desculpas, amor. — Os olhos repuxados se estreitaram, confusos. — E não retiro nada do que falei na noite passada. — Afastei alguns fios de seu cabelo e a fiz me encarar. — Agora, facilite a porra da minha vida, sim? Não quero que caia no papinho de merda de Nero ou de nenhum outro filho da puta...

— Devo morrer virgem, então? É isso? — Não acho que Yume tenha

planejado dizer exatamente essas palavras, e ao se dar conta do que fez, a garota recuou.

Inteira vermelha.

— É uma opção — respondi, sem humor. A possibilidade de outro homem me roubando as suas primeiras vezes, não havia caído bem. — Dessa forma, ninguém se machuca.

Como se fosse a porra de uma boneca, ela franziu o nariz e cerrou os lábios. Brava, do jeito que eu gostava.

— Algum dia... você terá que aceitar que eu não sou mais a garota que salvou das ruas, Damon. — Respirou fundo, o rubor desceu por seu pescoço e ombros. — E fique você sabendo, que eu não ligo que os seus amigos... me enxerguem como uma mulher...

Onde estava o juízo dessa garota, porra?

— Eles te veem como mulher porque acham que eu fodo você! — Arrependi-me das palavras no instante em que Yume separou os lábios em choque absoluto. — Yume.

Merda, eu não me surpreenderia se ela me xingasse. Não éramos assim, agressivos um com o outro, mas ultimamente era como se eu estivesse pisando em um campo minado.

Uma palavra errada e... POW!

Tudo explodiria pelos ares.

— Eu não quis dizer dessa forma.

— Não? Tem certeza? Existe outro jeito de dizer que todos aqueles caras acham que você e eu... — ela se calou, nervosa. E por mais errado que fosse, a verdade era que a maioria dos caras acreditava que Yume *era minha,* e nunca fiz nada para que pensassem o contrário. — Quer saber? Vá para o inferno, Damon! — A japonesa afastou o prato com o que restava das torradas e caminhou para longe batendo o pé, furiosa, antes que a porta do seu estúdio se fechasse, com força.

Aquele era o seu refúgio.

O único lugar dentro deste apartamento que a minha presença não era permitida. Entre telas brancas, dezenas de tubos de tinta e pincéis, Yume se esquecia do restante do mundo ao se trancafiar lá dentro.

Algum dia, eu desapareceria com as chaves daquele quarto...

Algum dia, aquela porta seria arrancada...

Algum dia, mas não hoje.

Capítulo 7

YUME

A sala estava vazia. E outros dois alunos conversavam enquanto eu limpava os pincéis e a tinta de meus dedos. O que começou como uma aula experimental, enquanto eu concluía o *High School* na escola comunitária, acabou se tornando uma paixão.

Eu amava pintar, tanto quanto amava as cores e o modo como a minha mente barulhenta se tornava vazia nesses momentos. Ouvi dizer que pessoas caladas tinham um mundo em colapso dentro de si, e era verdade.

Não saber quem eu era deixava-me maluca pela maior parte do tempo.

Perdi meus pais ainda criança, e tudo o que lembrava era de estar no sistema social. Perdida entre tantos outros casos iguais ao meu. Até que escapei, com uma mochila e um sonho: ir atrás da minha família ou de alguém que os conhecesse. Tudo o que eu tinha era a droga do sobrenome Tanaka, mas ele não me levou a lugar algum.

Ninguém me conhecia.

Olhando para trás agora, eu podia imaginar como foi fácil para *Baba Yaga* colocar suas garras sobre mim.

Eu estava sozinha no mundo.

Desparecer comigo, seria visto quase que como um favor para a sociedade.

Fechei os olhos ao pensar no tempo que passei presa àquele homem. O quarto escuro, o cheiro. Todas as vezes em que me machucou.

Poderia ter sido pior, era o que pensava diariamente. *Baba Yaga* poderia ter me estuprado, em vez de apenas me assustar.

Mas então eu perderia o valor. Era o que costumava sussurrar no meu ouvido.

Foi assim durante meses, havia um comprador ele dizia. Alguém que daria milhares de dólares por mim. Mas quanto mais o tempo passava, mais certa eu ficava de que não seria vendida nunca.

Porque o filho da puta me queria para ele.

Por isso escapei, ciente de que preferia a morte a sofrer nas mãos dele outra vez. Seu rosto ainda me assombrava, principalmente a lembrança da sua voz. Durante a minha fuga, eu implorei em silêncio para que, se me pegassem, que os seus seguranças acabassem logo com o medo que até hoje eu sentia.

Mas ninguém me deteve...

Com raiva por permitir que aquela noite ainda mexesse com minha cabeça, eu não percebi que apertava os pincéis com força, até que um deles se quebrou em minhas mãos arrancando-me sangue e um pequeno grito de dor.

O filete que escorreu se misturou às cores em tons escuros: vermelho, roxo, azul...

Não havia forma nas minhas telas, eram sempre traços que conversavam apenas comigo. Mas havia cor.

E quanto mais vivas elas se mostravam, maior era o meu desespero.

— Você se machucou? — Bella indagou ao se aproximar. Ela era a responsável pelas aulas, e a única pessoa a me apresentar esse universo.

Com cabelos castanhos e cacheados, Bella era dona de um punhado de sardas em seu rosto redondo e de olhos tão verdes quanto duas esmeraldas. Era também uma destruidora de corações... a julgar a rotatividade de alunos em suas aulas, que surgiam de repente e sumiam com a mesma velocidade.

Ela não era exatamente uma fã de Damon, e da nossa relação conturbada e confusa.

Acho até que Bella enxergava nele, alguma parte *fodida* do seu próprio passado.

— Acabei me distraindo, apenas isso. — Sem ideia do quanto eu ficava desconfortável com o toque de estranhos, Bella segurou minha mão e a levou para baixo da corrente de água.

Não foi um grande corte, apenas o suficiente para que o cheiro de sangue me deixasse enjoada.

— Distraída, hum? — questionou, sem papas na língua. — Tem a ver

com Damon... ou com os papéis que você ainda não me entregou assinados?

Droga.

Bella tinha as melhores intenções, e era uma das maiores incentivadoras do meu trabalho. Assim como Damon, que nos últimos tempos vinha insistindo para que eu fizesse algo especificamente para a fachada do ginásio.

A única coisa que o meu *anjo caído controlador e mal-humorado* não gostava, no entanto, eram das horas que eu passava trancada no estúdio. Longe dele e do restante do mundo.

— Eu não tenho certeza se devo assinar, Bella.

— Você já conversou com ele? — sondou.

Neguei, sem coragem de encará-la.

— Você ao menos leu ou pesquisou sobre o programa, Yume? Muitos artistas gostariam de ter essa chance.

— Nós nem sabemos se eu seria aceita! — rebati, nervosa com sua insistência.

E sim, eu havia lido a documentação assim como pesquisei sobre o Programa de Artes de Oregon. Um internato em que apenas alunos com grande potencial eram aceitos.

Só que Damon não era o único impedimento. Ele era o maior obstáculo, mas não o único.

— Digamos que eu seja aprovada, seriam meses em outro estado. Eu não teria como me manter por tanto tempo, mesmo com a bolsa. Além disso...

Eu não estava preparada para deixar Damon. E essa era toda a verdade.

— Temos o Damon — completou, por mim.

— Ele é tudo o que eu tenho, Bella.

Claro, havia Mercúrio e Caleb, que seriam capazes de tudo para que eu estivesse feliz e segura. Eu os amava, e gostava de pensar que cuidava deles. Alimentando-os com minha comida, com os sucos energéticos e toda a porcaria que eu os fazia provar de tempos em tempos. Gostava de tê-los por perto, como se fôssemos realmente uma família, mas era Damon quem tinha as cordas do

meu coração.

Se o infeliz me pedisse para pular de uma ponte, eu pularia. Sem olhar para trás ou hesitar. Porque confiava nele.

— Você é muito nova para resumir sua vida a essa cidade, Yume — disse cautelosa. — Não permita que Damon ou qualquer outra pessoa tenha esse poder sobre você.

— Eu irei pensar.

— Eu sei que vai. E se aceita um conselho: tente não pensar com o coração, tudo bem?

Bella se afastou, despedindo-se dos outros alunos enquanto eu pegava a minha mochila e saía pela porta da frente. O centro comunitário não ficava longe do ginásio, apenas algumas quadras e eu chegaria até o armazém.

No meu caminho, mesmo que não devesse, eu sempre arrumava uma desculpa para passar em frente à Ponte do Abismo, como era chamada a divisa entre os dois lados da Nova Detroit.

E era lá, em algum ponto do outro lado, onde ricos, políticos e a alta sociedade circulavam, que *Baba Yaga* se escondia.

DAMON

Debruçado sobre o mezanino, acima do ginásio, rolei a pedra do isqueiro em minhas mãos. Indiferente ao incômodo provocado pelo fogo na ponta de meus dedos a cada vez que a chama se apagava. O ato involuntário era um modo de concentrar cada maldito pensamento em único lugar.

Mas hoje, em específico, a minha mente deu voltas, apenas para terminar no mesmo lugar. A garota *indo e vindo* ao redor do ginásio enquanto fazia o seu trabalho.

Ou tentava.

Porque há apenas alguns minutos, Nero se impôs ao redor dela fazendo-a rir e enrubescer com o que quer que fosse que o filho da puta estivesse falando.

Do pavimento superior, era possível ter a visão completa do que acontecia no ginásio. As lutas, o treinamento. Quem entrava e saía. O espaço era usado como um escritório, separado por portas e janelas de acrílico transparentes. E a área aberta, mobiliada com sofás, mesa de sinuca e uma TV altamente tecnológica, adquirida por Mercúrio para que ele pudesse usufruir dos jogos violentos que a doce e assustada Yume passou a gostar, para a minha surpresa.

Por falar em Mercúrio, desde que encerrei o telefonema, minutos atrás, após passar a ele as coordenadas do nosso próximo roubo, eu não fiz outra coisa que não observar Yume enquanto ela cuidava de tudo. Em um trabalho que consistia em organizar o local e ajudar Mercúrio com a parte burocrática: pagamento de contas, recebimento. Suprimentos.

A princípio, sua presença no ginásio se deu contra a minha vontade. Na época, com dezesseis anos, Yume era apenas um bebê. Mesmo hoje ela ainda era, sendo honesto. Ver minha japonesa cercada por todos esses caras, e as merdas que eles diziam ao seu redor, era incômodo pra caralho.

Yume não gostava de ser tocada por outros homens que não fosse um de

nós três, seu desconforto ficou nítido desde o primeiro dia. E talvez, por esse motivo, eu tenha me certificado *repetidas vezes* de que todos mantivessem as mãos longe dela.

O problema é que impedi-los de a tocar era fácil.

De olhar, nem tanto.

Preso ao pensamento que incitei, senti-me aliviado com a aproximação de Caleb. O filho da puta era justamente um dos assuntos que eu tinha para resolver essa manhã.

— Aí está você — grunhi, ao escutá-lo se aproximar.

Caleb e eu aprendemos a luta das ruas juntos, quando não passávamos de dois moleques em busca de problemas. Ele, no lado imundo dessa cidade. E eu, fugindo de uma vida que me perseguiria até o final dos meus dias.

Porque eu poderia matar Vladimir. E ainda assim, o sangue Noirín continuaria a existir sujando e machucando pessoas inocentes, e correndo pelas minhas veias como veneno.

Um ano mais velho, Caleb foi e ainda era o único desgraçado a me nocautear sobre o ringue. Ele e Mercúrio mereciam a minha lealdade e confiança, a ponto de conhecerem cada etapa dos planos que fiz para o meu tio.

Não havia segredos entre nós três.

— Vejo que passou a noite por aqui. — Provavelmente, fodendo alguma boceta.

E nem mesmo me surpreenderia se tivesse sido a de Kim.

Ao se aproximar, o olhar de Caleb percorreu o ginásio à procura do que me manteve nesse lugar pela última maldita hora.

Não que não houvesse trabalho a ser feito, eu precisava treinar. Gastar energia antes da próxima luta do circuito, caso contrário, perderia a cabeça de vez. Tornando-me incapaz de me concentrar no que precisava ser feito nas ruas.

Não havia espaço para remorso no que fazíamos. A vida não era um parque de diversões, e alguém precisava perder para que outros pudessem ganhar. Sermos bons na arte de *entrar, pegar e sair* era o que nos mantinha

vivos.

O fato de sermos três viciados em adrenalina, tornava tudo um pouco mais divertido.

— Quantos você já assustou hoje, olhando para ela feito um maníaco?

Sorri de modo cínico, porque o filho da puta gostava e sabia como me atingir. Por isso, não entendia o que, caralho, ele pretendia com a japonesa e toda essa palhaçada de treinos particulares e toques que não deveriam sequer acontecer.

— Achei que Yume fosse um assunto resolvido entre nós dois — grunhi as palavras. Não havia nada que eu não pudesse dizer a esse idiota, porque ele me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa.

Éramos como irmãos.

— E é, Damon — explicou, enquanto inclinava a cabeça para que eu acendesse o seu cigarro. — Tudo o que estou fazendo é ensinar Yume a se defender. Algo que deveríamos ter feito há bastante tempo.

— Eu vejo como você a olha.

— Eu e a metade desses caras, porra! — rosnou baixo, agora sem paciência. — Qual é o seu problema, afinal? Você tem agido como se fosse o dono dela! — Prendi a respiração, porque Caleb não estava errado. — Você olha e respira... como se Yume fosse sua.

— E ela é. — Da forma mais tóxica e errada possível, Yume era minha. Mesmo sabendo que não poderia tê-la. — Então acho melhor esquecer qualquer intenção que tenha... porque, se alguém aqui irá colocar as mãos nessa garota, serei eu.

Caleb deteve o cigarro, antes de o levar à boca para outra tragada.

— Você se ouve, caralho? Porque eu ouço e estou começando a achar que o único perigo rondando Yume no momento, é você.

Estalei o pescoço de forma tensa, enquanto ignorava a advertência velada de Caleb e focava a minha atenção no *acender e apagar* do isqueiro.

Ninguém precisava saber, mas era dessa forma que eu me sentia.

Queimando no próprio inferno.

Capítulo 8

YUME

Bati a ponta da caneta sobre o balcão da recepção enquanto as linhas da carta de inscrição se misturavam entre si. Não que fizesse diferença, eu conhecia cada palavra daquele documento. Precisava apenas assinar. Nervosa, eu afundei na banqueta alta e suspirei. Incapaz de esquecer a conversa com Damon essa manhã, ou a forma como *nos deixamos.* Com medo de tomar essa decisão pelos motivos errados, deixei a caneta cair sobre as folhas espalhadas e observei a movimentação no interior do ginásio.

Trabalhando para Damon desde os 16 anos, eu conhecia absolutamente tudo sobre o funcionamento deste lugar. Quem entrava, quem saía. A ponto de ter certeza de que o ginásio não passava de uma fachada para o real negócio da Clave. Não que me importasse, porque, assim como fez comigo, Damon salvou a vida de muitos desses garotos, a diferença é que, em vez de os proteger, ele os havia ensinado a sobreviver.

Talvez não da forma mais justa ou honesta. Mas da única maneira que era possível. A Clave era como uma seita. Violenta, causadora de desordem.

Mas leal àqueles que faziam parte dela.

E eu gostava de pensar que fazia e que era como eles.

Com a mente e o coração correndo em direções contrárias, aproveitei que Nero havia se afastado e dado início ao seu treino, e finalmente cedi a vontade de olhar na direção do escritório. Apenas para me deparar com o exato momento em que *Damon Tempest Irish* descia os degraus... como a porra de um deus.

As bandagens que transpassava através dos dedos e punhos, era um indício de que o *anjo caído* estava prestes a subir no ringue e mostrar o que fazia de melhor: derrubar seu adversário.

Do mesmo lugar em que eu me encontrava agora, eu o vi fazer esse trajeto uma centena de outras vezes. Subir como um animal prestes a sacrificar sua presa e descer, suado e ainda mais inquieto.

Como se embate nenhum fosse suficiente para acalmar a sua ira.

Se treinando ele era implacável, imagine em um confronto real?

Um frio incômodo e apreensivo se instalou na minha barriga ao pensar no que vinha planejando fazer. Entre perguntas *aqui e ali*, seria questão de tempo até descobrir o local onde aconteciam as lutas clandestinas que Damon participava. E que por vezes implorei a ele para que me deixasse assistir.

Se fosse uma boa garota, como Dam me pedia tantas vezes para ser, eu teria ignorado a raiva por cada uma de suas recusas e esquecido o assunto. Mas era de Damon que estávamos falando. E quando se tratava dele, talvez eu me tornasse um pouco obcecada.

Até mesmo imprudente.

Meus olhos não estariam vidrados na sua direção, se ignorá-lo fosse uma tarefa fácil.

Sobre o ringue, Damon escutou com atenção as instruções de Caleb. Ainda que eu soubesse, por experiência, que no final ele faria apenas o que desejava. Vestindo nada além do que uma bermuda de boxe, baixa em sua cintura, pude ver o suor rapidamente cobrir a tonelada de músculos em seu corpo alto enquanto ele avançava sobre um dos caras que costumavam enfrentá-lo nos treinos.

Em todos esses anos, a lista de lutadores, iniciantes ou não, que desistiam de subir ao ringue com Damon para aquecimento era enorme.

Tempest como o chamavam nesses momentos, era irascível, agressivo. E parecia ficar fora de si ao lutar. Não importava se o seu adversário era alguém que ele conhecia, e até gostava, Damon só parava após o nocaute.

Estudei-o por todo esse tempo. E podia dizer com convicção que ele não recuava ou mostrava medo de ser atingido, se em troca fosse obter a chance de retribuir com dois golpes ainda mais fortes. Assistir aos seus treinos, tantas e tantas vezes, tornou-me uma especialista no seu *modus operandi*. Eu sabia quando ele recuaria ou usaria o chute para se safar de uma chave de panturrilha. Dam era bom no combate em pé; no chão, tendia sempre a perder a agilidade.

E esse era o motivo pelo qual ele só *derrubava* um lutador, se fosse para

dar o golpe final.

Era por causa do seu ponto fraco, cada vez mais evidente para os seus adversários, que Caleb insistia em reorganizar o seu treino. Lembrando-o sempre que, algum dia, Damon encontraria um oponente que saberia como o levar ao chão.

— Pequena e doce Yume, se não fechar a boca a baba vai escorrer. — Meu rosto queimou e ficou vermelho, assim que Mercúrio entrou na minha frente. Com um sorriso que deixou claro que ele sabia, ou imaginava, cada pensamento sacana que eu poderia estar tendo.

Não que fossem tão indecentes assim. Ok, eram um pouco. Mas como me impedir de assistir aos treinos de Damon, sem sentir vontade de o lamber com a minha língua?

Apenas para descobrir qual seria o gosto do seu suor?

Merda. Isso não era bom.

— Eu amo que você não consegue me esconder nada do que sente, mas também fico preocupado — falou com sinceridade.

E antes que pudesse dizer a ele para que não começasse com as suas advertências de irmão mais velho, notei os arranhões vermelhos nos nós de seus dedos.

Como se Mercúrio tivesse acabado de sair uma luta. Não como a de Damon, mas real.

— Está tudo bem? — perguntei, de volta. Igualmente preocupada.

Ainda que eles evitassem falar sobre as merdas que faziam nas ruas, ou o tipo de negócio no qual estavam envolvidos, eu tinha acesso a alguns dos extratos e a quantidade de dinheiro que Damon escondia no *nosso esconderijo*.

Eu não gostava de pensar que estava fechando os olhos para o que faziam, acho que apenas não me importava por mais assustada que ficasse às vezes.

— Sim. Já ouviu o ditado que punhos machucados são sinônimos de problemas resolvidos?

Neguei, sorrindo.

— Isso é algo que Damon facilmente inventaria...

— Com certeza. — Mercúrio se virou, apoiando-se contra o balcão a fim de assistir ao treino.

— Eu não te culpo por olhar, sabe? — desconversou, como se os hematomas não fossem nada. — Damon é o sonho molhado de toda garota, até o de alguns caras. Mas é isso. Ele é o tipo que a gente pode olhar o quanto quiser, só não devemos tocar, entende?

— Eu só estava assistindo ao treino, Mercúrio. Nada além disso.

Seus olhos se estreitaram ao me encararem.

— Você sabe que eu amo você como se fosse a minha irmã caçula, certo?

Assenti, ficando ainda mais vermelha.

— Então não me faça ter que brigar com Damon, Yume. Porque eu também o vejo dessa forma. Vocês são a minha família.

Sentia o mesmo em relação aos três. E esse era o motivo pelo qual eu andava tão confusa com o que sentia por Dam, porque não era para ser assim.

Droga. Ele nem mesmo me enxergava dessa forma.

As garotas de Damon eram o oposto do que eu era fisicamente, sem contar a experiência que possuíam. Seria tolice até mesmo imaginar que algum dia ele olharia para mim como olhava para elas.

— Olhar não arranca pedaço — sussurrei, ao dar de ombros. — Por isso pare de ser neurótico. Damon... é...

Ele não era como um irmão, dizer isso seria mentir.

— Vamos, eu te ajudo. Damon é como um irmão mais velho, estou certo?

Fulminei Mercúrio com o olhar e voltei a prestar atenção na luta. Damon já não dava oportunidade, sequer espaço, para que o adversário o golpeasse. E eu sabia que seria questão de segundos até Caleb intervir entre os dois. A fim de evitar o pior.

Essa era a parte que eu não gostava. A consciência de que Damon perdia o controle dentro do ringue.

— O que são esses papéis, Yume? — Mercúrio perguntou ao se virar de repente, já entediado da luta.

Amaldiçoei a distração, e puxei os papéis do programa de arte para longe do balcão e dos olhos de Mercúrio.

— Não são nada — respondi, ao dar as costas para ele.

— E Damon sabe desse... *montante de nada*? — Olhei para trás, dando-me conta de que ele havia lido mais do que deveria. — Pela expressão no seu rosto, aposto que não.

— Eu vou contar. Talvez. — Antes eu precisava ter certeza se me inscreveria. Se seria ou não aprovada. Se teria como me manter em Oregon por um ano inteiro. — Mas não agora, ok? Eu nem sei se irei me inscrever. São só papéis.

Mercúrio me fitou, ainda mais preocupado.

— Não posso te impedir de tomar uma decisão. Ninguém pode. Mas essa é a sua família. A ideia de que está tentando fugir...

— Eu não estou, Mercúrio. Ok? Foi algo que Bella sugeriu, mas ainda não tomei nenhuma decisão. Talvez eu nem seja aprovada...

— Me promete uma coisa? — Assenti, devagar. — Se sentir que precisa conversar com alguém sobre isso, não fique com medo de falar comigo. Seu segredo está guardado. — Eu sabia que estava. — Além disso, preciso dizer que qualquer programa de arte seria estúpido se não aceitasse alguém como você. Eu tenho dois olhos, Yume, e você não é apenas talentosa, é incrível.

Uma onda de alívio me invadiu, ainda que eu soubesse que era escassa. Porque em algum momento eu teria que parar de adiar e tomar uma decisão.

Ao escutar um assovio vindo do ringue, Mercúrio e eu nos viramos. Esse era o momento do dia que os três, ou treinavam juntos ou se reuniam no pavimento superior para falar sobre os negócios. Às vezes, xingamentos eram ouvidos. Em outros, a tensão era tão clara que ela me alcançava aqui embaixo.

— Mercúrio, você se inscreveria se estivesse no meu lugar? — perguntei, antes que ele se afastasse. A fim de se juntar a Caleb e Damon no ringue.

E como imaginei, ele hesitou antes de responder:

— Essa não é a pergunta que deveria estar fazendo, Yume. — Sacudi a cabeça, sem compreender, vendo-o se inclinar, para que apenas eu o escutasse. — Você precisa se perguntar, é se Damon te deixará ir. Caso contrário, estará apenas desperdiçando energia.

Meu amigo se afastou e, por algum motivo idiota, o meu coração acelerou. Não havia motivos ou algo que explicasse a reação exagerada do meu corpo. Apenas o desejo distorcido de que Damon se importasse tanto comigo a ponto de não suportar que eu estivesse longe.

Atordoada, ergui o rosto e me deparei com o olhar implacável de Damon voltado na minha direção. Sem precisar dizer uma palavra, soube que ele tentava me decifrar. Ler a minha mente. Ter acesso a todos os meus segredos.

E foi o medo de que ele acabasse os descobrindo, que me levou a virar o rosto e fingir que eu não estava enlouquecendo pelo cara que insistia em dizer que me amava tanto quanto ele amaria uma irmã...

DAMON

Sobre o maldito ringue e com o corpo derretendo em suor, eu realoquei o protetor bucal antes de enfrentar o próximo *sparring*[7], depois que o último foi nocauteado, já nos primeiros minutos de treino. O que costumava ser uma vantagem dentro da gaiola, tornava-se um problema fora dela. A falta de descontrole me cegava, levando-me a agir feito um animal acorrentado por tanto tempo, que, ao ser liberado, enlouquecia.

Caleb conhecia os riscos. Sua função era se certificar de que eu não mataria nenhum deles. Um trabalho que realizou com eficiência até hoje.

— Concentre-se, Damon! — esbravejou do lado de fora do ringue, agora com Mercúrio ao seu lado, enquanto o filho da puta à minha frente se preparava para a defesa.

A ideia era que algum deles lutasse comigo até me derrubar, ou cansar o suficiente para chegar perto. O que nunca acontecia.

Em qualquer outro dia, a atenção estaria onde deveria: no maldito treino. Mas foco não era algo que podia ser encontrado em mim ultimamente.

Meu corpo e mente estavam em outro lugar, consciente demais da garota a poucos metros de distância de onde eu me encontrava. E complemente alheia de que dentro da minha fodida cabeça ela era o único pensamento a fazer sentido.

Eu não estaria a um passo de ser golpeado, se não fosse por ela e as *risadas atípicas*, ecoando de algum lugar desse ginásio. Porra. Nero, ao que parece, havia decidido que hoje era um bom dia para foder comigo.

— Damon! — Caleb gritou, depois que outro soco me atingiu.

Fui *chamado* de volta a luta naquele momento, e em vez de simplesmente empurrar meu oponente, apliquei um mata-leão que o imobilizou e o fez desistir da luta que não nos levaria a lugar nenhum.

— Quem aquele filho da puta pensa que é... — grunhi, soltando o *sparring* e me dirigindo a Caleb, que parecia furioso com minha desatenção.

— É sério isso, porra? — rebateu, sem paciência. Ao se dar conta de que eu estava mais preocupado com o que acontecia fora do ringue do que dentro. — Quer saber? Deixo para você colocar juízo na cabeça desse infeliz, Mercúrio. Porque estou fora.

Cuspi longe o protetor bucal, enquanto esperava que qualquer um deles me respondesse.

Foda-se o Caleb, eu não precisava de outro adversário no chão para saber que daria conta da próxima luta.

— Está se referindo a Nero? — Mercúrio perguntou ao entrar no ringue. — Ele é o cara novo, aquele que te falei que tem um cruzado de direita brutal. Caleb e eu estamos pensando em colocá-lo no *Porão*.

— Eu não dou a mínima se ele tem um bom cruzado de direita, Mercúrio, desde que se afaste dela. Acha que pode resolver essa merda?

— Depende. Será assim com todos os caras que tentarem se aproximar da Yume? Porque você sabe, Damon, ela não é mais uma criança.

Eu não precisava de Mercúrio ou nenhum outro infeliz me lembrando disso. Tinha dois olhos, que, ao que parece, eram viciados nessa garota.

— Além disso, Nero é confiável. Pode nos ser útil.

— Confiável ou não, porra. Ou ele esquece que Yume existe ou está fora do meu ginásio.

Assim como da Clave.

Virei-me na direção de Yume e a chamei. A distância. Cacete, eu sabia que não agia como eu mesmo quando se tratava dela. Mas não iria me culpar ou mudar.

Ao se afastar de Nero, meu olhar a percorreu. Como se estivesse garantindo que minha japonesa estava bem. As bochechas estavam tão vermelhas quanto seus lábios. Sempre úmidos. Que foram praticamente mastigados pelos dentes brancos, enquanto ela hesitava. *A garota me conhecia*

bem pra caralho, porque ficou nítido que ela sabia que eu estava irritado.

Logo atrás, assistindo a tudo, esperei Nero desviar o olhar da bunda de Yume e finalmente me encarar de volta. Não foi medo que presenciei em seu rosto, foi um quase desafio. E essa nem era a primeira vez.

— Não começa — Yume sussurrou ao ver para quem eu olhava enquanto ela se apoiava nas cordas do ringue.

Estendi a mão para puxá-la e a trouxe para mais perto. Em algum momento das últimas horas a japonesa havia treinado com Caleb, seu cabelo estava molhado e as roupas já não eram as manchadas de tinta com as quais ela chegou essa manhã. Ao se aproximar, sem se importar ou reclamar do meu suor, Yume me calou com o olhar fazendo-me engolir em seco.

Porra.

— Eu sei exatamente o que está pensando, Damon Irish, e já te aviso... esqueça! — Me encarou, com a expressão brava. Mas nem séria e com os lábios colados um ao outro Yume assustava alguém. Ela era uma garota *de filmes da Disney*, calcinhas rosas e balas de hortelã.

E sobre as calcinhas, em minha defesa, era praticamente impossível ignorá-las quando suas roupas se misturavam as minhas na secadora. Ou eram *esquecidas* sobre a cama e o banheiro.

Meu erro, na primeira vez que me deparei com uma delas, foi ter passado minutos com um pedaço minúsculo de pano rosa entre os dedos. Em uma batalha interior, que me fez compreender que o modo como eu a enxergava já não era o mesmo. *Meu ciúme não era.* Porque eu não queria mais cuidar dessa garota como um irmão mais velho cuidava de sua irmãzinha.

Meu ciúme era porque eu queria cuidar dela como se fosse o seu homem.

Não havia nada de fraterno nos meus sentimentos e vontades. Não mais.

O dia que me dei conta da mudança foi quando entendi que, se a vida era uma vadia louca, o destino era seu algoz. Vingativo e cruel de tão cínico.

Por que, caralho, quais as chances de eu perder a cabeça justamente pela única garota que desejar era um risco?

— O único pensamento que tenho no momento, Yume, é você — fui honesto, vendo-a enrubescer um pouco mais. *Ótimo!* — Mas não vou mentir, posso ter tido algumas ideias...

— Nero não fez nada, nós só estávamos conversando. Então. Não. Tenha. Ideias.

— Conversando sobre o quê? — Quando ela não respondeu, eu insisti: — Deixe-me adivinhar, ele estava se gabando por ser bom sobre o ringue ou tentando te convencer a sair com ele?

— Nenhum dos dois. Não que importe.

Afastei-me, porque o simples ato de olhar para Yume deixava-me louco. Nunca nesse caralho de vida, quis algo tanto quanto eu a queria.

Exceto a morte de Vladimir.

— Dam. — Eu a senti me segurar, envolvendo o meu pulso ainda coberto pela bandagem. — Não vamos discutir de novo, por favor.

Voltei a encará-la, sentindo queimar onde seus dedos me tocavam.

— Não se preocupe. Eu não farei nada, amor.

Até porque havia muito com o que lidar neste momento. Nero, sendo um problema ou não, teria de esperar pela sua vez.

HORAS DEPOIS, ENTRE uma cerveja e outra, Caleb e Mercúrio me apresentaram todo o esquema do trabalho que teríamos que colocar em prática ainda essa semana. *Uma encomenda* importada que nos renderia um bom dinheiro e nos faria dar as caras no outro lado da Ponte do Abismo, onde aconteceria a invasão. Enquanto Mercúrio descrevia como seria o ataque ou nos passava algum dado que fosse importante, fiz dezenas de anotações mentais.

Eu era bom em guardar rostos, nomes. Qualquer maldita informação.

Depois da quase promessa feita a Yume, sobre manter as mãos longe do seu novo amiguinho, eu me forcei a entrar debaixo da água fria no vestiário e a voltar para o trabalho. Aquele que se, desse errado, arrastaria todos nós para o

inferno.

— Como sabe que a filha dele não estará na casa? — perguntei a Mercúrio, depois de vários minutos.

Agora concentrado na porcaria do jogo violento, esquartejando e fazendo rolar cérebros, Mercúrio grunhiu a resposta.

— Digamos que eu a conheci.

Caleb e eu trocamos olhares, o idiota ainda estava irritado. Mas acho que eu havia acabado de encontrar um novo motivo para que ele ficasse com raiva.

Mercúrio e sua incapacidade de *não tocar em nada* que tivesse ligação com o trabalho.

— Você fodeu com ela — constatei e ele sorriu dando de ombros.

— Essa é uma ótima forma de começar um trabalho, porra! — Caleb cuspiu. — Espero que não nos faça terminar com uma bala na cabeça porque foi incapaz de dizer não ao seu pau!

— Vamos mesmo falar sobre a falta de controle aqui? — Mercúrio insinuou, e a indireta bateu diretamente no alvo. — Damon vem agindo como um homem castrado há semanas...

Não era uma mentira.

E ainda que eu tenha estado com Astrid na noite passada, e trepado com ela, continuei a me sentir agitado. Como se boceta nenhuma fosse ser capaz de oferecer o que eu procurava.

— A menos que o encontro com Astrid tenha resultado em sexo — Caleb grunhiu dessa vez. — O que tenho certeza de que aconteceu, Damon é incapaz de dizer não aquela mulher.

Eu o encarei a distância, e teria o mandado à merda se a voz de Yume não tivesse atravessado a sala naquele exato momento.

— Que mulher? — a garota perguntou, sentando-se ao lado de Mercúrio.

Enquanto cheirava do copo dele e o levava à boca.

— Isso não é água, Yume — avisei e ela fez uma pequena careta, colocando o raio da língua rosa para fora.

E bebendo a vodca mesmo assim.

— Para quem que o Damon não consegue dizer não? — insistiu. — Ou será que esse é outro assunto que não posso saber?

— Acertou. — Nós três dissemos ao mesmo tempo, enquanto o seu olhar me procurava cheio de tantas perguntas e dúvidas, que algum dia essa sua cabecinha explodiria.

— Tanto faz. Eu também tenho segredos. — Caleb a encarou, e depois a mim. — Segredos que não contarei a vocês.

— Desde que não envolva o seu novo amigo, pequena Yume, você está autorizada a manter seus segredos para você — Mercúrio disse, despreocupado.

E eu apenas sacudi a cabeça, porque eu não queria metade ou parte dos segredos que ela escondia. Quero acesso a todos.

Isso era o tanto que me tornei obcecado por ela.

— Nero não tem culpa que vocês sejam maníacos por controle. — Ela se levantou, passando pelos dois, e veio até onde eu me encontrava. — Posso? — perguntou baixinho, acenando para a garrafa nas minhas mãos.

— Não gostou da bebida de Mercúrio?

— Você sabe que não e poderia ter me dito que era vodca.

— Quantas vezes te falei para não aceitar nada dele?

Eu confiava em Mercúrio, mas não o queria incentivando Yume a provar suas bebidas e misturas loucas que fazia. Porque sabia que era apenas o começo.

Enquanto eu me contentava com um baseado, Mercúrio experimentava de tudo.

Sem dizer nada, Yume levou minha garrafa à boca e a virou com os olhos cravados nos meus. Ao terminar, a escutei dar um pequeno soluço e sorrir com os lábios encharcados de cerveja.

— Você fala tanto, Damon, que eu estou começando a ficar confusa. Quem pode ou não conversar comigo. Quem pode ou não me tocar. O que devo ou não fazer.

— Engraçadinha. Estou falando sério. — A segurei pelo queixo.

— Eu sei — suspirou, e envolveu os braços ao redor do meu abdômen sem se importar com os meninos.

Tocar Yume não era novidade, nós dois dificilmente estávamos longe um do outro.

— Não quero mais ficar brava com você, Dam. — Ela ergueu o rosto, com seu queixo em meu peito. — E nem que brigue comigo. Me faz mal.

Emaranhei os dedos por dentro do seu cabelo e beijei sua testa, cauteloso.

— Eu vou tentar ser paciente, ok? — sussurrei contra a sua pele. — Sei que exagero, que ajo como um filho da puta ciumento, mas eu me preocupo com você.

— Eu gosto da parte do ciumento. De todo o resto não. — Sorri contra a cabeleira escura, ao mesmo tempo que me deparava com o olhar de Caleb do outro lado da sala.

Porra, ele sabia mais do que ninguém o quanto eu estava fodido e que não merecia alguém como Yume.

Ela era boa demais para essa vida.

***

Passava da meia-noite quando uma Yume sonolenta cambaleou pelo apartamento em direção à minha cama, implorando baixinho para que eu apenas a deixasse se deitar e dormir. Em seu caminho, ela se despiu da calça de moletom, o par de tênis e as meias.

A camisa comprida era o que restava em seu corpo quando a garota engatinhou sobre os lençóis escuros, indiferente à tortura que foi ver sua bunda coberta apenas com a porra de uma calcinha.

Não havia nada de especial nessa, sem rendas ou laterais finas. Apenas algodão rosa claro contra a pele branca dessa garota. Estático com a visão dela de quatro na cama, jurei que não voltaria a deixar Mercúrio e ela beberem juntos outra vez tão cedo.

Depois que drenou praticamente toda a minha garrafa de cerveja, Yume passou o restante da noite jogando com Mercúrio e discutindo com Caleb pelas razões mais estúpidas possíveis. Noites assim não eram raras de acontecer e quase sempre resultavam em uma Yume *levemente alegre*.

A garota era peso leve, e a última coisa que precisava era ter de lidar com esse projeto de problema vomitando pela casa ou realmente bêbada.

— Nem um banho, Yume? — questionei ao pegar suas roupas do chão.

Um banho frio a faria se sentir bem. Mas duvidava que a garota encolhida sobre os lençóis da minha cama, de olhos fechados e pouco se fodendo para a quantidade de pele que mostrava, estaria disposta a se levantar e encarar jatos de água gelada a essa hora da madrugada.

— Tô limpinha, Dam. Me deixe em paz! — Virou de lado e o seu cabelo se espalhou pelo travesseiro enquanto eu a encarava embasbacado.

Não possuir essa garota me exigia um autocontrole diário. Que, em momentos como esse, me fazia pensar quanto tempo mais eu suportaria ou seria forte.

Um grito escapou de sua boca quando o colchão afundou ao seu redor, por conta unicamente do meu peso, enquanto eu cometia a loucura de inspirar o cheiro do seu pescoço como um maldito dependente. Meu nariz a sentiu e minha boca por muito pouco não a tocou. Não teria sido um beijo amigável, sequer um raspar de lábios inofensivo em sua pele.

Eu me conhecia, porra. No instante em que minha boca provasse seu gosto, seriam meus dentes que a fariam gritar e se debater.

Em choque, e completamente alheia ao estado em que eu me encontrava, Yume se virou a fim de me encarar com os olhos negros, arregalados. De forma desajeitada, os lábios entreabertos dessa garota quase me tocaram a boca, e de tão cheios, eu os senti rasparem no meu queixo sombreado pela barba.

Senti até mesmo o momento em que ela os lambeu.

Foram segundos, que eu adoraria ter o poder de congelar.

— Dam — meu nome foi sussurrado. — Você está... me cheirando?

A pergunta soou ridícula, mas a resposta era ainda pior. Porque sim, eu cheirei essa garota. E o fiz, porque ela me acalmava. Yume trazia o pior de mim à tona, e em seguida, amansava o monstro ao simplesmente respirar perto dele.

— Acha que eu devo tomar um banho? — Atordoado pra caralho, eu me afastei enquanto sacudia a cabeça.

Escolhi culpar o álcool do que a minha falta de controle. A verdade era que o meu corpo tinha resistência a tudo, menos a ela.

— Não. Sem banhos para você — falei ao me levantar e desviar os olhos para longe enquanto me forçava a colocar uma distância segura entre nós dois.

O punho cerrado foi a forma que encontrei de me impedir de socar algo. Qualquer coisa. Desde que tivesse a capacidade de acalmar o meu pau, endurecido de vontade de foder aquela garota. Afundar em sua boca, até senti-la sufocar. Não seria bonito ou delicado. Eu não faria amor com Yume.

Eu a reivindicaria.

Capítulo 9

YUME

Damon havia me cheirado?

O som do chuveiro ligado não foi capaz de aplacar ou diminuir a intensidade da loucura que meu cérebro se tornou nos últimos minutos. Mais precisamente, desde que esse homem afundou o rosto no meu pescoço e, em seguida, me olhou de um jeito que me fez querer implorar por tudo o que ele tinha para oferecer.

Sua boca. Seu corpo. Suas mãos.

Como suspeitei, eu estava ficando um pouco mais louca a cada dia que passava.

Com a boca seca e o corpo quente, eu me movi na mais completa agonia entre os lençóis. E tudo o que consegui ao fechar os olhos, foi imaginar Damon pelado.

Eu conhecia o seu corpo. O quanto ele era musculoso, dos braços até as pernas. Seu abdômen era trincado e uma linha fina e escura de pelos descia abaixo do umbigo... fazendo-me imaginar onde e como terminaria.

Eu nunca tinha visto um pau. Exceto, claro, pela internet. E quanto mais pesquisava, ou tentava entender o sexo, em vídeos e fotos, mais perguntas eu tinha.

Perguntas que eu jamais faria a Damon.

Inquieta, eu gemi. Aceitando que não havia salvação para mim ou para essa vontade deixando-me dolorida entre as pernas. Era como se tudo aqui dentro queimasse, enquanto eu me derretia. A ponto de saber que, se levasse a mão até a calcinha, eu a encontraria molhada.

Úmida de desejo.

Droga!

Droga!

Droga!

Rolei na cama e apertei uma perna na outra. A pressão feita pelas coxas

não foi suficiente para dar fim ao desespero. Não chegava nem perto. Tive vontade de me tocar, imaginar que eram os dedos dele por dentro da minha calcinha.

Mas sabia que se eu mesma me tocasse, eu terminaria outra vez frustrada.

Imersa na penumbra, fitei a porta do banheiro ansiosa pelo retorno de Damon. Com ele no quarto, era mais fácil fingir que eu não estava colocando fogo em seus lençóis. Ao sair, eu o vi caminhar pelo quarto, cujas paredes eram inexistentes, abrindo e fechando gavetas com força. Enquanto o som da sua inquietude preenchia o silêncio.

Até que, de repente, a tensão aumentou e senti o olhar de Damon na minha direção. Como uma chama acesa, que me fez recobrar a lucidez e me dar conta de que, da cintura para baixo, eu estava quase nua. Prendi o fôlego, excitada e ao mesmo tempo apavorada. Apertei ainda mais as minhas pernas, de forma quase involuntária.

E as senti colarem... como se estivessem meladas.

Pelo tempo que o seu olhar permaneceu voltado para a cama, eu meio que enlouqueci. A pele formigou, o estômago retorceu em nervosismo. Era como se a qualquer momento fosse explodir de prazer.

Foi assim até que eu o senti se afastar, e fugir para a varanda. De longe e ainda deitada, eu o assisti acender outro de seus cigarros e se inclinar sobre a sacada, tensionando as costas largas. Damon em sua completa perfeição, foi a última coisa que enxerguei antes de ser arrastada para um sono agitado, que me levou de encontro ao mesmo sonho de sempre.

O corredor escuro era tão estreito que, ao buscar apoio para me tirar dali, fui capaz de tocar os dois lados. A luz sobre minha cabeça pareceu prestes a queimar e piscava como em um filme de terror; me provocando, como se brincasse de esconde-esconde comigo.

Assustada e com medo de ser arrastada de volta para aquele maldito quarto, continuei a andar sem olhar para trás. Eu não sabia para onde estava

indo ou o que faria fora desse lugar. Mas precisava escapar.

Porque sabia o que aconteceria comigo se continuasse nas mãos de Baba Yaga...

Eu me mataria.

Com o corpo trêmulo, forcei a janela uma e outra vez. Escutando o som de vozes e da segurança se reunindo em algum ponto da casa, possivelmente, à minha procura.

Baba Yaga *estava fora. Não tinha como ele já ter sido avisado, pensei, sentindo-me doentiamente encurralada.*

O medo de ser pega fez-me quebrar o vidro da janela e pular. Com pés e mãos machucadas, eu corri por entre os arbustos enfiando-me dentro da mata na floresta que cercava todo o mausoléu.

Meu coração saltaria pela boca em breve, eu podia sentir. O lugar era fantasmagórico. Tão assustador quanto o demônio que vivia em seu interior.

Sozinha, meus pés descalços pisaram em folhagens e na terra molhada. O frio fez com que eu me encolhesse. Diminuí o passo, completamente perdida. A cabeça zonza fez com que tudo ao redor girasse.

Até que eu o vi.

O homem com a balaclava de caveira, parado do outro lado da floresta...

Foi esse o momento que me senti sendo puxada pela nuca. Dedos grandes se emaranharam no meu cabelo enquanto o corpo musculoso de Damon se enroscava ao meu feito um cobertor, afastando-me do frio congelante que senti envolver a minha pele.

— É apenas um pesadelo, *baby*. — Escutei a voz rouca em meu ouvido. E ainda que me sentisse segura, no fundo eu conhecia a verdade.

Não era apenas um pesadelo. Era uma lembrança.

A pior de todas elas.

DAMON

Caralho.

Como eu odiava seus pesadelos.

Em algumas épocas, eles costumavam ser mais frequentes; em outras, eu quase era capaz de esquecer que Yume tinha um passado. Então algo a assustava e bagunçava suas emoções, a ponto de ela acordar suada e ofegante. O pavor com que seus olhos me procuravam e encaravam no meio da madrugada, fodia comigo.

A culpa também.

De pé na cozinha, com o céu ainda escuro, pude ver Yume dormir no andar superior. As grades abertas do mezanino, revelavam seu corpo sobre o colchão baixo. Em outra de suas tentativas de adormecer. O que não aconteceria comigo, já que me achava incapaz de pregar os olhos novamente.

Não depois que estive com ela, até o momento em que a sua respiração se acalmou e Yume pareceu voltar a dormir.

Agitado, não consegui permanecer na mesma cama, ao seu lado. Porque seus pesadelos também me assombravam.

Com os braços tensionados sobre o balcão, questionei-me pela milésima vez se manter Yume por perto era a melhor decisão. Eu poderia tê-la deixado livre. Longe de mim e do terror que me cercava.

Mas era humano.

Tinha falhas e cometia erros.

E quando se tratava dela, acho que me tornava mais monstro do que homem.

Yume era a minha fraqueza.

Capítulo 10

YUME

A tensão, palpável de tão corrosiva, que se espalhou ao longo do dia por cada canto do ginásio, serviu para confirmar minhas suspeitas: *Damon lutaria esta noite.*

Após a madrugada agitada, consumida por pesadelos e a sensação proibida de me aninhar contra o corpo de um homem que deveria ser considerado apenas um irmão mais velho, acordei sentindo-me tudo, menos tranquila.

A ausência de Dam ao meu lado em sua cama, não ajudou. Tornando maior o vazio deixado pelas suas mãos, ao redor da minha nuca e pescoço. Pela maior parte da noite foram os seus dedos que me trouxeram de volta do inferno. Puxando-me a cada vez que as lembranças se infiltravam em meus sonhos. E eu os experimentei em cada centímetro do meu corpo. *Ou quase*. Porque havia partes em que tudo o que pude sentir foram as pontas hesitantes de seus dedos.

Partes proibidas, nunca tocadas por um homem.

Partes que formigavam e imploravam pela sua atenção.

Não era de se estranhar que tenha acordado essa bagunça desatenta. Porque, em um consenso estúpido e arriscado, cada pedaço de mim escolheu Damon.

A decepção por não o ver nenhuma só vez ao longo de todo o dia foi amenizada ao me dar conta de que o seu desaparecimento não tinha absolutamente nada a ver comigo. E sim com o circuito.

Descobri que essa seria a noite, ao escutar a conversa de alguns dos caras durante o treino da manhã. A forma como se referiam a Damon, não era assim tão diferente do modo como eu o enxergava. Damon salvou a todos nós.

A diferença é que eu não estava entregando apenas a minha lealdade a este homem. Estava entregando tudo.

Jogada em um dos sofás do escritório, com vista aberta para o ginásio, desisti de organizar parte da papelada que Mercúrio deixava sob os meus

cuidados e encarei a mesa que ele e Damon compartilhavam, e que ficava fora da longa lista de tarefas a qual tinha acesso. Os três eram cuidadosos em me deixar de fora, e estava começando a aceitar que fazer perguntas não era a melhor forma de conseguir respostas.

E se ninguém as daria, eu arrumaria um modo de consegui-las sozinha, pensei ao me levantar e caminhar até a divisória que separava os dois ambientes. Não faria mal dar uma espiada rápida no que Damon mantinha nas gavetas.

O pequeno delito, porém, foi interrompido ao escutar o som de passos vindos da escada fazendo-me congelar e quase me encolher.

Merda.

Nenhum deles notou a minha presença enquanto subia, não de imediato.

— Foder com Astrid não é a forma de lidar com a situação, Damon. Você só vai afundar se continuar atrás daquela mulher. Já é a segunda vez essa semana, porra!

Astrid?

Como nunca escutei esse nome antes?

E o que era a segunda vez, pelo amor de Deus? Damon e ela... juntos?

Confusa, olhei para trás com meu coração batendo pesado dentro do peito.

— Sabe o que você está precisando, Caleb? De uma bocet...

Damon se calou, assim que me viu de pé no outro lado da sala. E muito, muito perto do seu escritório.

— Oi — disse, receosa.

Minhas mãos mostraram-se nervosas, mexendo-se como se eu já não soubesse o que fazer com elas. Claro, eu queria saber quem era Astrid. Talvez até mesmo matar a infeliz por tocar no meu Damon. Mas não acho que teria essa chance. Porque, com uma única olhada, ele fez com que eu me esquecesse de como respirar.

Droga! Nem a ausência de fôlego fez diminuir o ciúme que se alastrou por todo o meu corpo.

Cada nome. Cada rosto. Cada vez que eu o via com outra, uma parte de mim se quebrava.

Partindo-se em milhares de pedacinhos.

— O que faz aqui, Yume? — perguntou áspero.

E eu apenas recuei.

— Mercúrio me pediu para guardar alguns documentos e eu...

— Dê o fora, amor. Caleb e eu estamos ocupados.

— Fodendo por aí? — fui incapaz de segurar a língua, e o comentário o fez apertar a mandíbula e estreitar os olhos ferozes.

— Saia, Yume.

Mordi o lábio e procurei por Caleb em busca de ajuda, que acenou para o andar inferior e sorriu como se me pedisse desculpas ou dissesse: *ele não está em um bom dia.*

Graças a Astrid, eu também não estava.

Sem olhar para trás, afastei-me e me tranquei no vestiário que teoricamente deveria ser o feminino. Enquanto andava de um lado a outro, tentei encontrar justificativas para Damon. Eu não era estúpida, sabia que o infeliz sacana fazia sexo por aí com a mesma frequência com que respirava.

Mas quem era essa mulher?

E por que ele ter ido atrás dela, depois de me manter a salvo dos pesadelos por toda a noite, machucava tanto?

***

Passava das 21h quando comecei a fechar o ginásio. Mesmo que ainda houvesse alguns integrantes da Clave ao redor, encerrando o treino enquanto outros jogavam conversa fora. Em algum lugar do armazém, dois amigos próximos de Mercúrio que costumavam *ajudar* quando eu ficava sozinha, também podiam ser encontrados.

Apenas para o caso de você precisar, era o que ele dizia.

Mais distraída do que estive por toda a manhã, não antecipei ou notei a presença de Nero. Que, nos últimos dias, passou a esperar que o meu turno terminasse para que pudesse me acompanhar até em casa.

Exceto, claro, quando voltava com Damon.

Ainda assim, Nero sempre era visto ao redor. Eu apenas não sabia o que achar ou sentir em relação a sua proximidade. Ele era um cara legal, até mesmo bonito.

Mas era isso.

Não havia borboletas envolvidas ou frio na barriga. Eu nem mesmo ficava nervosa na sua presença.

— Eu estava a sua procura — disse, tranquilo. E enquanto Damon vibrava inquietude, Nero era brando. Ainda que o seu tamanho se igualasse ao de Dam, em altura e provavelmente peso. O que mais os diferenciava, no entanto, era o cabelo loiro de Nero, sempre preso em um rabo de cavalo curto. — Precisa de ajuda para fechar?

— Não quero atrapalhar ou te impedir de ir à luta — deixei claro, com um sorriso sincero enquanto continuava a organizar tudo.

— A luta principal começa em algumas horas, eu tenho tempo. — Olhei para trás e diminuí o passo.

Então ele realmente iria para o *Porão.*

— Damon é a luta principal? — confirmou com um aceno, omitindo um sorriso, como se soubesse que eu não deveria estar fazendo perguntas. — Quem ele irá enfrentar?

— Não acho que você o conheça. Mas o outro lutador se chama Vennon.

— Como o arqui-inimigo do Homem-Aranha? — Nero assentiu, com um sorriso.

— Exatamente.

Eu gostaria de ver essa luta.

Realmente gostaria, pensei enquanto apagava as luzes do pavimento superior.

— Gostaria de ir comigo? — Escutei sua voz e lentamente voltei a encará-lo. — Podíamos caminhar um pouco, e depois...

— Damon não iria gostar. — Na verdade, ele odiaria.

Mas o convite fez com que me sentisse um pouco rebelde. Eu ainda estava irritada com Dam, algo recorrente nos últimos dias. E irritá-lo de volta me parecia uma boa vingança.

Sem que pudesse controlar, a lembrança da última noite inquietou-me um pouco mais. Assim como o arrependimento. Porque eu daria tudo para voltar àquela cama e fazer diferente. Beijar Damon seria um erro, mas *não beijá-lo*, nunca, parecia uma tragédia.

— Acho que posso lidar com a fúria de Damon, se isso significa passar um tempo com você.

Meu corpo reagiu a proposta, ainda que eu soubesse que não deveria aceitar. Primeiro, porque Dam me queria longe de Nero. E ele realmente ficaria puto se nos visse juntos. Segundo, porque o *Porão* era território proibido para mim.

Droga, sei que não deveria, mas eu precisava vê-lo lutar. Enxergar com os meus próprios olhos quem era a *tempestade* que todos temiam. Conhecer o homem que arrancava um pedaço do meu coração a cada dia.

Era distorcido, mas sentia como se o lado sombrio de Damon estivesse muito perto de me encurralar. Ou vir à tona. Eu o enxergava através do olhar feroz, no toque cada vez mais possessivo e nas palavras que me dizia.

Havia um homem assustador por trás do meu Damon. E eu precisava descobrir o quanto ele era perigoso, antes que fosse tarde demais.

— Damon saberia? — perguntei, porque essa era a minha maior preocupação.

Que *Damon Tempest Irish* me encontrasse onde eu não deveria estar.

— Não tenho como garantir que saia intacta, Yume. Apenas que você terá uma noite e tanto.

Meu olhar indeciso percorreu o ginásio, três anos neste lugar e sentia

como se Dam se tornasse um mistério cada vez maior. E esse era o problema com mistérios, certo?

Eles eram impossíveis de serem ignorados.

— Se não tiver certeza, nós podemos deixar para outro dia — garantiu, e rapidamente neguei.

Nada do que dissesse agora, me convenceria do contrário.

— Eu quero ir com você.

E que Deus me ajudasse, porque se Damon colocasse os olhos sobre mim esta noite, Detroit desabaria.

***

Sentado no sofá do apartamento de Damon, Nero olhou de um lado a outro enquanto eu procurava roupas limpas dentro do gaveteiro. Esse foi o meu único pedido, que ele me acompanhasse até em casa e esperasse até que estivesse pronta.

Ou com alguma roupa que não fosse o moletom que estava usando.

— Quer beber alguma coisa? — perguntei do mezanino, um pouco nervosa.

Incerta de que convidá-lo para subir, *e entrar,* tenha sido uma boa ideia. Nero nunca invadiu o meu espaço, assim como todos naquele ginásio ele deveria saber que eu era avessa a toques.

Além disso, ele trabalhava para a Clave, certo? O que significava automaticamente que Damon e os meninos confiavam nele.

— Não, leve o seu tempo. Eu estou bem. — Nero se levantou e foi até um dos primeiros quadros que pintei e que Damon mantinha como um troféu no meio da sala.

Como se fosse realmente especial.

E para mim, aquele quadro era.

— É seu? — Detive-me após descer as escadas com o intuito de entrar no

banheiro. As roupas que pretendia vestir empilhadas nos meus braços.

— Hum-hum. — Ele se virou e me encarou.

— Você tem talento.

Assenti sem graça, e desapareci dentro do banheiro logo em seguida, sem saber o que mais poderia responder. Nero disse que tínhamos tempo, então mesmo que soubesse que estava prestes a cometer uma loucura, indo até o *Porão,* eu rapidamente tomei um banho e comecei a me vestir.

O short curto teria de servir. Assim como o top, que costumava fazer de sutiã, e a blusa de tule antiga que hoje batia um pouco acima do meu umbigo. Deixando à mostra apenas um filete da minha barriga pálida.

Não era nada parecido com o que normalmente usava. Mas tinha a impressão de que, se fosse de cara lavada e com as roupas largas que tanto gostava, eu seria confundida com uma criança.

Com pressa, procurei pelo rímel e o batom, que Bella me fez comprar tempos atrás depois que elogiei sua boca e o quanto ela ficava bonita maquiada.

Bella era definitivamente o tipo de mulher com quem Damon sairia ou passaria a noite. Mas também era gentil, quase como uma irmã mais velha.

Que não era exatamente uma grande fã do cara com quem eu dividia o apartamento.

Mais por instinto do que por experiência, apliquei várias camadas do rímel nos meus cílios curtos e finos. E em seguida, passei o batom vermelho.

Essa era a primeira vez que eu o usava, e o que nela havia ficado *sexy*, em mim pareceu apenas realçar a palidez da pele.

Assim como o tamanho dos meus lábios.

Eles eram carnudos, fato. Não havia muito o que poderia ser feito para mudar isso, mas o batom vermelho pareceu deixá-los maiores.

De uma forma quase dramática.

— Não quero te apressar, Yume. Mas você me deve um tempo antes da luta. — Escutei a voz de Nero do lado de fora do banheiro, e respirei fundo.

Não estava certa sobre o tempo que passaríamos juntos, eu gostava de

Nero. Sentia-me bem ao seu lado, mas só aceitei o seu convite porque, ao final da noite, seria Damon quem eu veria.

Capítulo 11

YUME

A chuva grossa a me encharcar, caía impiedosa sobre todos que aguardavam a entrada em frente à porta estreita do *Porão* fazendo com que o meu cabelo e o tule transparente da blusa se agarrassem ao meu corpo como uma segunda pele. Damon não mentiu sobre este lugar, nem mesmo os boatos que escutei ao longo dos anos.

Era assustador.

Localizado em um beco escuro, de uma rua qualquer da Nova Detroit. Pichações marcavam as paredes e os prédios ao redor. E todos, sem exceção, pareciam dispostos a esperar pelo tempo que fosse necessário apenas pela oportunidade de conhecer o que havia do outro lado da porta, protegida por um segurança com facilmente o dobro do meu tamanho.

Depois que Nero e eu caminhamos por algumas quadras, conversando amenidades, ele me permitiu conhecer mais a seu respeito. Como, por exemplo, o fato de que vivia com seu pai e irmãos. E o desejo de, algum dia, conseguir participar de alguma das lutas principais do *Porão*.

Em outras palavras, enfrentar diretamente o Damon.

Com frio, fiquei próximo a extensa fila de pessoas sendo liberadas a cada poucos minutos, enquanto Nero conversava com um dos seguranças, como se já o conhecesse.

Esperei até o momento em que ele me chamou, indicando a porta vermelha. Por onde passamos, sem que eu precisasse apresentar qualquer documentação ou provar que tinha idade suficiente para beber e frequentar lutas clandestinas.

O que definitivamente eu não tinha.

O ambiente mal iluminado não incomodou Nero como fez comigo. Pisquei diversas vezes, até me acostumar às luzes fortes e a sensação de que o corredor estava imerso em fumaça. Como uma neblina que pareceu fluir do carpete. O cheiro de mofo e álcool foi sentido. Assim como a batida da música

através das paredes e do chão.

Como se a música estivesse abaixo da superfície.

— Não se afaste de mim — Nero pediu cometendo o erro de me tocar. O recuo foi automático e seus olhos me procuraram através da escuridão. — Sinto muito, eu esqueci.

— Tudo bem. — Respirei fundo. — Foi uma reação automática, eu acho.

E não porque estava com medo dele.

Com dificuldade, descemos a escadaria iluminada por filetes esporádicos de refletores. Ao pisar no último degrau, foi que compreendi o que este lugar escondia.

A multidão estava eufórica com a luta que acontecia na gaiola. Mulheres e homens, jovens e outros nem tanto. Luzes que eram direcionadas do ringue ao teto alto. E eu estava certa sobre a fumaça de gelo seco, que pareceu cobrir as arquibancadas espalhando-se a partir do chão, como o fogo no inferno.

Quanto mais adentrávamos o *Porão,* descendo até a gaiola, mais fácil foi compreender os avisos de Damon sobre não me querer ao redor. Homens, em sua maioria entre os vinte e trinta anos, tinham aquele olhar ganancioso em seus rostos. Não era apenas pela luta que estavam aqui, era pelo sexo fácil.

A violência, as apostas.

— Venha, nós temos um bom lugar. — Nero me levou até a primeira fileira da arquibancada, com vista direta para a gaiola.

Mesmo com tantos assentos, teve pessoas que não se importaram em se aproximar dos lutadores ou ficarem de pé enquanto gritavam e incentivavam os adversários se golpeando como se o único fim possível dessa luta fosse a morte.

— Chegamos na hora certa. Damon será o próximo.

Assenti, olhando horrorizada para a luta que se encerrava.

Em questão de minutos, o nome *Tempest* implodiu por cada aresta do *Porão.* Mulheres imploravam por ele. E homens, por ainda mais sangue.

De tão atordoada, não me preocupei em ser reconhecida por alguém da Clave, ou até mesmo por Mercúrio e Caleb. Que até aquele momento, não havia

visto em lugar algum.

Não que com a minha altura fosse fácil ser vista ou encontrada.

Encolhida perto de Nero, eu me forcei a respirar. Chamar atenção era a última coisa que desejava, até porque eu sabia o que iria acontecer se fosse pega.

Caleb me daria um sermão.

Mercúrio me arrancaria daqui antes que Damon me visse.

E Damon, provavelmente me mataria.

A antecipação causada pelos gritos e a mais completa escuridão fez com que as minhas mãos suassem. E, como se fizesse parte da tempestade que em breve tomaria conta do lugar, a minha pele arrepiou.

Sons de trovões foram ouvidos do alto do teto, ao mesmo tempo que o chão estremecia sob os nossos pés.

— Senhoras e senhores, vocês estão preparados para o lutador mais bárbaro que essa cidade já viu? — Gritos e rugidos foram ouvidos. — Digam olá para o nosso invicto e implacável... Damon Tempest Irish!

Tudo referente à entrada dele foi assustador, como um espetáculo sombrio. A multidão ensandecida, as batidas altas. O calor que fez minha pele suar. Até mesmo o meu coração pareceu prestes a saltar pela boca.

— Quais são as regras? — indaguei a Nero, que me encarou confuso.

— Não há regras, Yume. Vence quem permanecer de pé até o último minuto da luta.

Engoli em seco, e olhei ao redor.

— E o que acontece se Damon perder? — Sorriu, como se eu tivesse acabado de fazer uma pergunta estúpida.

— Damon não perde. Nunca. — Ele olhou para trás, quando os gritos se tornaram ensurdecedores.

Todos na arquibancada e fora dela exigiam e imploravam a presença de *Tempest* como se ele não fosse humano.

Diante do clamor que reverberou através das paredes do *Porão,* Damon apareceu incendiando o lugar com a sua presença.

Sem enxergar nada a sua frente, ele atravessou o corredor de uma das arquibancadas e, então, girou para dentro da gaiola. Intimidante como um deus, e furioso como o próprio diabo. Damon ou *Tempest*, como o chamavam através de gritos, sacudiu as grades e grunhiu. Mais animal do que homem.

O som gutural que lhe escapou da garganta, fez-me queimar por dentro.

Respirar foi difícil, aceitar que aquele dentro da gaiola era o *meu Damon*, também.

Assim que o seu adversário entrou, maior em peso e altura, Tempest se lançou em um ataque e deu início a luta. Seus punhos e pernas se moviam com precisão, enquanto o outro lutador pareceu não fazer ideia do que o tinha atingido.

Seu peso o tornou lento. O que permitiu que Damon se aproveitasse da agilidade que possuía, para lançar uma série de golpes rápidos e tão brutais que o rosto de seu adversário tornou-se praticamente irreconhecível.

Damon foi golpeado, claro. No queixo, ombro e abdômen. Mas cada vez que seu corpo foi atingido, ele bateu de volta com o dobro de força e violência. Não para machucar ou se proteger.

Mas para matar.

Aquele foi o momento que me dei conta de que vir talvez tivesse sido um erro.

E que pior do que estar assustada era não ser capaz de afastar os olhos de um Damon completamente fora de si. Como se qualquer traço de humanidade lhe tivesse sido arrancada antes da luta, e em vez de um adversário a sua frente, estivesse cada um dos demônios que o atormentavam.

Damon não os deixaria escapar com vida, não os demônios, e não o lutador que o tinha golpeado três, no máximo quatro vezes, durante toda a luta.

Com um giro do dorso, outro soco foi desferido no seu oponente fazendo-o cambalear para trás. O movimento instável era tudo o que Damon precisava para avançar sobre o homem e o levar ao chão, massacrando-o, soco após soco, enquanto o mantinha imóvel com as pernas.

Sem pensar no que fazia e com várias pessoas agitando-se próximo a gaiola, afastei-me de Nero e me enfiei por entre a multidão enquanto o som de ossos sendo quebrados tornava-se claro para os meus ouvidos.

Porque era exatamente o que Tempest estava fazendo.

Quebrando. Machucando. Torcendo.

Seu corpo suado pingou diante dos meus olhos. Escorregadio e rijo. Se fui chamada em algum momento, não escutei. Sequer me importei com as pessoas esmagando-me enquanto eu tentava alcançar as grades, que balançavam loucamente.

Cega para todo o resto, eu emaranhei a ponta dos dedos na gaiola, e desci o olhar pelo corpo de Damon, longo e poderoso.

Um corpo que eu sabia agora ser capaz de matar alguém.

Porque era o que aconteceria se ninguém o tirasse lá de dentro, Damon mataria. Constatei, mal o reconhecendo.

Golpe após golpe, eu o vi enlouquecer. O sangue em suas bandagens e no rosto do seu adversário inundou tudo, derramando-se pelo chão. Pessoas gritavam, alguém tentava falar comigo. Me afastar daquele lugar, antes que Damon fizesse o pior. Mas me recusei a ouvir.

Porque havia algo nesse *outro Damon*, esgueirando-se até a minha pele e me impedindo de pensar. Até mesmo de correr.

Não foi medo o que senti. Foi outra coisa, algo bem mais intenso e complicado de ser explicado.

Porque eu estava excitada.

Com o outro Damon, aquele que eu não conhecia e que tinha acabado de ser nomeado o campeão da noite.

Com todo o lugar em colapso, seu corpo pesado e suado se levantou enquanto eu recuava quase que involuntariamente. Até que busquei pelos seus olhos, no momento exato em que o seu rosto irreconhecível se ergueu devagar e me encarou de volta, deixando-me fraca e paralisada.

E tudo porque Tempest havia me encontrado.

Acho que ele sempre o faria.

— Estive pensando quanto tempo Damon levaria para te enxergar em meio à multidão. — Escutei a voz de Nero em algum canto, mas não me virei.

Ignorando meus instintos, permaneci onde estava.

Alvo de um olhar que me devorou dos seios expostos pelo sutiã e o tule transparente, até a boca pintada de vermelho, senti pouco a pouco a coragem me abandonar. A bagunça que este homem sempre me deixava surgiu para me confundir, só que, dessa vez, cada partícula do meu corpo implorou para que eu desse meia volta e desaparecesse por entre a multidão.

Porque soube, apenas pelo olhar de Damon, que ele não seria razoável ao me alcançar.

E eu seria punida por tê-lo desobedecido.

Certa de que o enfureci e que Damon, nesse estado, era um risco, recuei alguns passos com o intuito de escapar dele. Mas eu o conhecia, merda. Pude sentir daqui a sua raiva e tentativa de se conter antes de me perseguir, deixando-me sem escolha que não a de correr, sem olhar para trás.

Não me importei para onde estava indo, ou com a rapidez com que conseguiria me afastar. Mas sentia que, se não tentasse, acabaria implodindo.

Assim como este lugar.

Achei até mesmo ter conseguido ao alcançar a escadaria. Só que assim que pisei no primeiro degrau, não foi apenas a voz inconfundível de Damon que escutei e que me deteve.

A voz áspera veio acompanhada de um puxão que teve início na minha nuca e só terminou quando todos os seus dedos me agarraram o cabelo e me arrastaram para trás.

A mão imensa, ainda com as bandagens, repetiu o gesto feito tantas outras vezes, só que, dessa vez, com uma brutalidade desconhecida.

Que me arrepiou inteira.

Literalmente cada pelo do meu corpo.

— Não adianta correr, porra! — O hálito quente veio feito vapor contra a

minha pele, enquanto ele me esfregava a barba de forma agressiva, como se quisesse me punir. — Não depois de colocar seus pés onde não foi chamada!

Lutei contra o seu agarre, mas o nervosismo e a minha teimosia, só o deixou mais disposto a me castigar.

Comprimida contra o seu tórax molhado de suor, tive o rosto afastado e a pele cheirada. Antes de finalmente ser virada e empurrada contra a parede. Pelo menos dois degraus acima de Damon, nós quase ficamos da mesma altura. *Quase*, porque, de forma intimidante, os um metro e noventa de altura desse homem sempre se sobressairiam, assim como cada músculo e centímetro dele.

Atordoada, eu sacudi a cabeça enquanto me obrigava a não pensar que a pele pingando suor de Damon estava praticamente em contato com os meus seios. Um pouco mais e ele esmagaria os meus mamilos sufocados por baixo do top apertado.

Como se não fosse tortura suficiente, haviam as pernas desse homem, que, de alguma forma, me haviam encurralado. Mantendo-me presa entre suas coxas e braços fortes. Ambos estendidos, em cada lado do meu corpo.

De tão perto que estávamos, faltou espaço e sobrou desejo. Não tinha por que mentir, eu estava em pânico. Principalmente porque Damon agia como se não tivéssemos nada a perder, quando a verdade é que tínhamos tudo.

— Você está me assustando — sussurrei, ao me dar conta de que estava diante do mesmo cara que havia acabado de golpear o seu oponente quase até a morte.

Soube naquele momento, através do seu olhar, que Dam não entrava limpo na gaiola. Maconha ou alguma outra droga, corria agora mesmo pelo seu sangue, deixando-me sem saber como lidar com *esse Damon*.

— O que caralho eu faço com você, pequena Yume? — grunhiu, de repente, mantendo-me presa à parede com a facilidade com que alguém manusearia uma boneca.

Cambaleei por entre os degraus, zonza por ter seus dedos deslizando pela minha bochecha como se desejasse me apertar inteira.

O olhar brutal nunca se afastou do meu. Nem mesmo quando, em minha cabeça, a multidão deixou de gritar. Assim como parei de escutar a música e qualquer outro som que não fosse o da sua respiração.

— Você me ouviu? — insisti, cometendo o erro de o empurrar. As minhas mãos, tocando o seu tórax suado e repelindo rapidamente, como se o contato com a sua pele me eletrizasse.

— E você por caso me escuta, caralho? Aparecer nesse inferno de lugar depois de todas as vezes que te avisei para ficar longe!

Acho que nunca o tinha visto dessa forma antes, não comigo. E tanto quanto eu estava desnorteada, presa ao seu olhar e ao mover de sua boca, eu também fiquei com medo.

Não do que ele poderia fazer comigo, mas da facilidade com que esse homem poderia quebrar o meu coração.

— Não fiz nada de errado e você sabe disso, Dam! — defendi-me, mesmo que ele estivesse perto de me apertar o pescoço. Uma pressão um pouco mais intensa, e eu perderia o fôlego. — Ou se esqueceu de todas as vezes que pedi para que me deixasse assistir as suas lutas?

Damon sacudiu a cabeça, e deu um único passo à frente. Que foi o que bastou para que ele finalmente pudesse sentir o que o seu caos fazia ao meu corpo.

Mamilos duros, pernas bambas.

Coração a mil.

Comigo na ponta dos pés e desesperadamente sem fôlego, Damon me amparou empurrando-me contra a parede, enquanto me acariciava o rosto. Em toques que alternavam entre ser carinhoso e marcar a minha bochecha.

A pele. A alma. Cada parte que era louca por ele.

Como se quisesse ganhar tempo, convencer a si mesmo a pegar leve comigo, a veia de Damon saltou em um esforço que fez até mesmo a sua mandíbula apertar. Senti a besta dentro dele se agitar, olhar para mim como se tivesse todo o tipo de pensamento inapropriado e violento.

Alguns olhares matavam, eu sabia. Mas o de Dam me devorou.

Cada vez mais excitada, ofeguei por simplesmente sentir a respiração pesada desse homem enquanto ele se agarrava ao pouco que sobrava do seu autocontrole.

— Não, Yume. Eu não me esqueci e pensei ter deixado claro, um milhão de vezes, que este não é o seu lugar, cacete.

— Por que não?! — insisti, magoada, praticamente gritando com ele. — O que tanto quer esconder de mim? Que é violento, que o cara dentro daquela maldita gaiola... não é o mesmo que dorme comigo todas as noites? — Foi difícil porque estávamos muito perto um do outro. Tão próximos, que o suor da sua pele se misturou facilmente a minha. E eu não me importei. Nada que vinha de Dam seria rejeitado. — Estou cansada de ser tratada como criança, cansada de sentir que não te conheço.

— Pelo caralho de uma boa razão! — gritou mais alto. E então se conteve, encostando a testa na minha enquanto os meus lábios se entreabriam.

Querendo mais do que deveriam.

— Veja como está me olhando, amor. Você está com medo, e odeio isso, porra.

Neguei, em pânico.

— Eu não estou com medo!

— Não? — grunhiu, contra a minha boca. — Seu olhar é de quê, então? Paixão?

— Eu só fiquei assustada, Dam. Você pode me culpar? — tentei me explicar, enquanto cada osso do meu pobre corpo estremecia.

— Se tivesse me escutado, nós dois não estaríamos aqui agora e eu definitivamente não estaria com vontade de te punir, cometer uma loucura, Yume...

Ah. Meu. Deus.

— E então eu nunca saberia quem é você — cada palavra que falei quase raspou sua boca enquanto o homem se negava a acreditar ou me escutar. — Eu

não me importo com nada do que vi essa noite, porque era você naquela gaiola, Dam. *O meu Damon*.

Como ele poderia não entender que tudo o que eu precisava era descobrir o quê ou quem estava por trás do homem por quem o meu coração estúpido se apaixonou?

Eu não estava pedindo muito, apenas acesso ao cara que me salvava todas as noites.

Minha revolta ateou fogo em seu desequilíbrio. Porque em um momento estávamos gritando um com o outro, sem juízo algum; e no outro, lutando contra a vontade de jogar tudo para o alto.

— Você quer saber quem eu sou? — ele explodiu cometendo a imprudência de empurrar a perna musculosa entre as minhas coxas enquanto me segurava pelos pulsos fazendo-me gemer. *Alto.*

Tudo porque eu o senti diretamente contra a minha boceta.

O leve esfregar, motivado pela tentativa de o afastar e a reação involuntária do meu corpo, fez-me fechar os olhos com força, com medo de que Damon notasse o estado úmido e quente, em que a minha calcinha se encontrava.

Nervosa, balbuciei a primeira coisa que me veio à cabeça ou tentei, porque, para me calar, Damon ergueu o meu queixo e me roubou cada fôlego que me restava ao respirar praticamente sobre a minha boca.

Descontrolado, ele esfregou o nariz contra o meu. De forma agressiva, intensa. Sua barba me arranhou a bochecha. E a boca dele se arrastou pela minha pele. O homem fez tudo, menos me beijar. Deixou-me desesperada e dolorida entre as pernas enquanto ele claramente lutava contra os seus demônios e cada um dos motivos pelo qual não deveria ceder.

A minha boca, vontades ou paixão.

A determinação de Damon deixou-me louca, ávida pelo gosto desse homem. Um único beijo, pensei. Uma única vez.

Só uma, e então ele seria o primeiro.

Antes que pudesse implorar pela sua boca, Damon agiu como a tempestade visceral que era e me apertou a nuca com força, obrigando-me a encarar o azul ártico de seus olhos, inundados de fogo.

O mesmo tipo que me queimava a pele e fazia com que me sentisse derreter.

Por um segundo inteiro eu o encarei, seu olhar *ia e vinha* entre os meus lábios e olhos. Em uma quase carícia que me deixou tonta de excitação.

— Filha da mãe teimosa — grunhiu, cada vez mais perto. — Você não tem ideia do estrago que todo esse seu showzinho irá causar... — Eu o escutei me amaldiçoar, como se fosse a razão de seu tormento.

A voz rouca, assim como as palavras enraivecidas, desapareceu no momento em que a boca desse homem capturou a minha. Em um beijo fogoso e descaradamente erótico. Se Damon sabia tudo o que estava em jogo, não se importou.

O ímpeto com que me agarrou fez-me gemer baixo contra a sua boca e me apoiar em seus ombros altos.

— Dam — ofeguei em meio ao beijo, completamente zonza.

E o deixei afundar ainda mais a perna no meio das minhas. Damon não teve piedade, ele sabia a tortura que me provocava lá embaixo. Em contrapartida, eu tive vontade de chorar de prazer... na sua boca. Enrolada a sua língua.

Sem fôlego algum.

— Entende agora, por que você deveria ter ficado longe? — cuspiu com raiva, e em seguida enfiou a língua de volta na minha boca.

Sedento. Violento.

O controle que sua mão manteve ao redor da minha nuca me impediu de respirar. Damon era esse tipo de homem. E finalmente entendi que sua loucura não aparecia apenas sobre o ringue, fazia parte dele.

Como amigo, Dam era possessivo, intenso, controlador. Como o cara beijando a minha boca, ele era a porra de um animal.

E eu gostei.

A ponto de estragar completamente a minha calcinha.

Droga, se ele apenas deslizasse a mão para dentro do cós do meu short. Dam me sentiria. Seus dedos ficariam tão encharcados quanto o tecido fino cobrindo minha boceta.

Dam. Dam. Dam.

Acho que nunca me recuperaria dessa noite ou do seu beijo.

Sufocada com a invasão esfomeada de sua boca, precisei ficar na ponta dos pés para não perder o equilíbrio. E ao me afastar, minimamente, tive a cintura puxada com força em um aviso silencioso de que ele não me deixaria escapar.

Seus músculos não estariam prendendo-me contra a parede, se houvesse um só centímetro desse homem sem me tocar a pele.

Sua perna musculosa, tensionou, dura e implacável, aumentando a fricção contra o meu clitóris fazendo-me perceber que a intenção de Damon era a de me deixar molhada.

O beijo com gosto de vodca e canela, deixou-me igualmente inebriada. Sua língua era quente, seus dentes cruéis. E me mordiscavam a boca, como se Dam desejasse me mastigar inteira, ao mesmo tempo que me tocava.

A mão grande, com aperto firme e possessivo, deslizou pelo meu corpo até a minha bunda em um puxão que me levou a sentir seu volume afundar entre as minhas pernas. Longo e grosso. Um pouco mais, e eu estaria montada em Damon.

Agressivo ao mesmo tempo que *tentava* ser cuidadoso, era como se um anjo e um demônio habitassem o mesmo homem. Damon ainda lutava contra a sua própria falta de controle, e o fez ao me castigar com seu beijo.

— Claro que essa sua pequena boca me tomaria o juízo. — O senti respirar dentro de mim, em lufadas pesadas de ar. — Tudo em você é gostoso, amor. Cheiro, gosto. Porra, você sequer tem ideia do que fazer comigo, não é?

Damon soou atormentado, como se o nosso fim estivesse perto. E para

que não acabasse, dessa vez, fui eu que o beijei envolvendo-o pelo pescoço e empurrando a minha própria língua para dentro da boca dele.

Que se rendeu a minha falta de experiência.

Menor que Dam por pelo menos trinta centímetros, o encaixe entre nós dois foi quase impossível. Deu para entender por que ele me agarrava pela bunda.

Delirando de prazer, senti seus dedos afundarem por baixo e para dentro do meu short, como se procurassem pelo rastro ou as tiras de minha calcinha.

Que, de tão pequena, o fez grunhir assim que ele a encontrou. O que me fez congelar, porque de repente estávamos indo rápido demais. Como um redemoinho que girou e girou. A ereção grossa foi empurrada contra o meu estômago, e pareceu ainda maior sentida dessa forma. E a cada aprofundar de sua boca, eu me afoguei um pouco mais em nosso beijo.

Presa a Dam, como nunca estive antes.

Porque agora eu conhecia a verdade: nada, nunca, superaria a boca desse homem.

Ninguém o faria.

DAMON

Puta que pariu!

A língua dessa garota seria a minha ruína. Quente e doce, como se me implorasse para ser devorada. O que fiz sem nenhum remorso, porque nada, nem mesmo o mais insano dos sonhos eróticos que tive com essa garota, me preparou para o gosto de inocência que provei da sua boca.

Seus gemidos e o olhar ávido suplicaram por algo que a devastaria em algum momento. E a falta de experiência ao me beijar, fodeu com o meu autocontrole. Eu queria bagunçar o cabelo dessa garota, arrancar suas roupas e ficar de joelhos. Porque, de repente, tudo em que consegui pensar era que, se a sua boca era gostosa dessa forma, sua boceta seria mais.

Caralho. Eu precisava parar antes de despejar sobre Yume toneladas de raiva e desejo. Raiva por tê-la aqui, contrariando cada tentativa que fiz de protegê-la. E o desejo de me ajoelhar entre as suas coxas e enfiar a língua por dentro da sua calcinha, que sabia estar molhada.

Eu praticamente podia sentir o seu cheiro.

Em meio à maquiagem forte, que nunca a vi usar antes, e vestida como se fosse apenas outra garota em busca de diversão. A boca manchada de um vermelho tão profundo que, assim que a enxerguei do lado de fora da gaiola, perdi a cabeça.

Em um descontrole que me trouxe até esse corredor escuro.

Onde pude ver tudo, a pele pálida e intocada por baixo da transparência. O sutiã pequeno. A boca carnuda, nunca beijada.

O Damon que Yume conhecia quis arrancá-la daqui. O outro, mordê-la inteira enquanto marcava o seu corpo.

Maldição, um beijo não seria suficiente. Soube quando me afastei, sentindo-a respirar profundamente em busca de algo ainda mais necessário do que fôlego.

Com sua boca longe da minha, eu a agarrei pelo quadril com ainda mais força. E a mantive quieta, enquanto cada polegada do meu pau se esticava e pulsava contra o seu pequeno corpo. Seria sempre assim beijá-la, a diferença de altura a traria para o meu colo e as coisas rapidamente sairiam de controle.

Não tinha como ser diferente.

Era de Yume que estávamos falando.

E temia que o que havia acabado de acontecer, fosse elevar o meu ciúme a um outro nível. Eu não queria ter que imaginar um babaca qualquer tocando em seu cabelo ou beijando a sua boca. Sequer perto dela. Não era o baseado ou o álcool falando, já que nem mesmo se estivesse limpo teria conseguido ir devagar com o meu projeto de problema.

Cuja boca doce e melada era o meu mais novo vício.

Porra.

Cada pensamento que tinha a seu respeito era agressivo. Cada toque, mesmo o mais inocente, faminto.

Eu era o filho da puta que cheirava sua pele para me acalmar.

O quão doente isso me tornava?

Com o sangue correndo frenético por cada veia do meu corpo, eu a segurei pelo queixo mantendo-a afastada. Qualquer outra mulher, teria sido fodida nesse corredor se me olhasse dessa forma. Como se eu fosse o seu mundo e estivesse nas minhas mãos não a deixar cair.

Mas ela não estava pronta para nada do que eu tinha a oferecer. Nem as lutas ou o sexo violento. Muito menos a destruição para a qual eu a arrastaria. Porque o que Yume conheceu a meu respeito essa noite foi ruim.

Mas não foi tudo.

— Você diz que precisa saber quem eu sou — forcei-me a dizer, prestes a foder com tudo. Apenas porque *precisava* afastá-la. Minar quaisquer que fossem as suas esperanças, e o faria da única forma que podia. — Deixe-me te dizer, eu não sou um cara bom, Yume. Salvar você das ruas foi uma exceção, e, acredite, não tem um único dia sem que eu me questione se não cometi um erro...

Yume me encarou, seu brilho e a névoa de excitação em seu rosto, foram substituídos rapidamente por choque, como se não esperasse que eu fosse cruel. Caralho, nem eu mesmo esperava. Não depois do beijo mais fodido que dei em uma mulher.

— Estou cansado das suas perguntas, amor. De toda essa sua curiosidade irritante. Quer estar aqui? Veja então, só não corra ou grite quando a minha bagunça te alcançar, porque ela vai, Yume. E não será bonito.

— Você está sendo um babaca, Dam. E eu não tenho medo do que me esconde! — falou irritada. — Então o que for que estiver tentando fazer, apenas pare.

Yume era pequena, mas uma força da natureza quando ficava brava. E eu a queria tão furiosa quanto eu me sentia. Porque, se era para afundar nesse mar de necessidade, que não fosse sozinho.

— Pare de se debater, porra. E me ouça pelo menos uma vez na vida — grunhi, vendo-a morder os lábios inchados do nosso beijo, fazendo-me odiar ainda mais o batom que usava. A ponto de o esfregar de sua boca, a fim de o arrancar dela. — Não quero que volte a pisar nesse maldito lugar, ou que use essas porcarias no rosto, me ouviu?

Yume era linda sem nada disso. Eu não queria vê-la tentando ser como as mulheres que eu *fodia*. E definitivamente, não queria outros caras tendo pensamentos como os que eu tive essa noite.

— Dam, pare — pediu, ao sentir meu polegar esfregar fora o batom de sua boca. Ou o que havia restado dele após o beijo.

— Diga que entendeu — exigi, segurando-a pelo queixo. — A roupa, essa maquiagem. Nada disso é você!

— O homem que vi lutar dentro daquela gaiola também não é você!

Sacudi a cabeça, frustrado.

— Aquele é exatamente quem eu sou — rosnei, ainda com sangue nas mãos. Sangue que pôde ser visto na pele pálida, por conta da estupidez que foi esfregar fora o batom vermelho. — Achei que tivesse gostado do que viu. Não

foi o que disse, que não se importava?

Permiti que a raiva assumisse enquanto o coração trovejava dentro do peito.

— Quer saber? Dê o fora, Yume — sussurrei em seu ouvido. E quando ela não se moveu, procurando pelo meu olhar como se estivesse preocupada, eu continuei: — Saia daqui, mas o faça sabendo que da próxima vez que te encontrar com Nero, eu farei bem mais do que pretendo fazer com ele essa noite. Pode acreditar.

— Damon...

— Talvez agora você comece a me escutar. — O som de passos fez-me notar a aproximação de Mercúrio, que nos olhou preocupado. — Tire ela da minha frente, Mercúrio. Antes que eu faça uma besteira.

Fui empurrado com força por Yume. E dessa vez, eu a deixei passar. Era o certo a se fazer.

Porque, então, sentia como se fazê-la correr para longe fosse um erro?

Transtornado, eu soquei a maldita parede. Era isso, ou teria arrastado Yume de volta a esse corredor e dessa vez, nem mesmo se tentassem me arrancar de cima dela, conseguiriam. *Maldição.* Trepei com muitas mulheres nesse caralho de vida. Mas nenhuma, nua ou não, fez com que me sentisse dessa forma.

Doente de tesão.

Alucinado.

Porque, enquanto essas mulheres fodiam o meu corpo, Yume fodia era com a minha mente.

Capítulo 12

YUME

Do outro lado do apartamento, Mercúrio grunhia algo ao telefone sem arrancar os olhos de onde eu me encontrava. O copo de água gelada que segurava, permaneceu intocado enquanto o meu cérebro e coração, continuaram a voltar para aquele corredor escuro como se eu ainda estivesse refém da loucura de Damon.

Não foi apenas o meu corpo que não estava onde deveria, porque se apenas fechasse os olhos por um ou dois segundos, eu seria capaz de sentir até mesmo a mão dele me envolver o pescoço. Assim como o seu descontrole e os seus beijos.

Cada um mais faminto do que o outro.

A lembrança me fez lamber os lábios à procura do seu gosto. Um hábito que repeti centenas de vezes desde que fui afastada à força do *Porão*. Protesto nenhum teria feito com que Damon me deixasse ficar, ou o impediria de despejar sua fúria sobre Nero, como fez no instante em que Mercúrio me afastou.

Sentindo-me culpada pelo que aconteceria a Nero, eu desviei os olhos das minhas mãos e peguei Mercúrio me encarando como se algo muito ruim tivesse acontecido.

Rastros da bagunça que Damon me deixou podiam ser vistos na mancha de batom no meu rosto. Até mesmo nos lábios mordidos e inchados. Um beijo e sentia como se tudo tivesse mudado dentro de mim.

— Você está bem? — Mercúrio perguntou depois de se aproximar, enquanto esfregava um lenço úmido na minha bochecha.

— Não quero que Damon machuque Nero... ou que seja machucado, Mercúrio. Você não deveria ter me tirado de lá, eu o teria impedido...

— O Impedido de quê, Yume? Quebrar a cara do infeliz que te colocou em perigo? — Sua raiva me fez calar a boca.

Claro que Mercúrio pensaria como Damon. Os três pareciam compartilhar do mesmo cérebro, às vezes.

— Nero fez o que nenhum de vocês teve coragem.

— Diga isso ao Damon, pequena Yume. Olhe na cara dele e diga que te manter longe de um buraco lotado de filhos da puta, à procura de uma vítima inocente para machucarem, foi um ato covarde. Diga, e veja Damon explodir.

Sacudi a cabeça nervosa.

— Dam não entende — tentei falar. — Não quero ser protegida, Mercúrio, eu quero estar com ele. Não importa com qual deles eu tenha que lidar.

— Você fala como se houvesse dois.

— E há — disse baixinho, sabendo que parecia um pouco maluca. — Um deles, dorme comigo todas as noites. É o que me salva dos meus pesadelos e cuida de mim. O outro, ainda é um mistério.

— E qual deles te beijou essa noite? — sondou, vendo os rastros da boca de Damon no meu rosto.

A vergonha ou timidez que esperei sentir, não apareceu. Pelo contrário, apesar de toda a loucura e violência, eu estava feliz porque meu primeiro beijo tinha sido com Damon.

E se ele quisesse, eu o entregaria todas as outras primeiras vezes.

— Os dois? — devolvi a pergunta, porque essa era a verdade.

Enquanto o meu Damon lutava por controle, por ser carinhoso e não foder com tudo; o outro, se perdeu na minha boca.

— Porra, Yume. — Ele se afastou. — Caleb vai ficar louco quando descobrir. Nós avisamos ao Damon... isso não poderia ter acontecido.

— Por quê? — quis saber, nervosa. — O que há de tão errado em beijar Damon? Se todas essas garotas fazem, por que não posso?

— Você não é como elas — ladrou, de modo sério. — Não é assim que Damon te vê.

— Talvez eu não queira mais ser vista como se fosse intocável.

Mercúrio respirou fundo e segurou uma de minhas mãos, ignorando a minha tentativa de cessar o contato ao me apertar com firmeza.

Como eu podia rechaçar o toque dele, depois de ter aceitado tão facilmente o de Damon? Como suas mãos, as mesmas que quase haviam matado alguém, não me causaram medo?

Enquanto para o restante do mundo eu estava sempre dando um passo atrás, para Damon era como se continuasse a correr em sua direção, sem pensar nas consequências.

— Sei que esse não é o melhor momento, mas aqui vai um conselho de quem se importa com você. Não se deixe envolver pelo Damon, Yume. Você é inocente demais para tudo o que vem com ele.

— Você está preocupado à toa, Mercúrio. — Levantei-me, magoada com todos eles. — Damon não quer nada comigo. O que ele faz é me exigir tudo, enquanto se recusa a me deixar entrar.

— O que ele faz é te proteger.

— Me afastando? — rebati. — O quão fraca ele pensa que eu sou?

Nenhum deles conhecia o meu passado. Anos vivendo nas ruas, e pude ver de perto o que era violência e a maldade. Nunca acreditei estar segura, não completamente. Posso ter fechado os olhos para o meu passado ao conhecer Damon, mas sabia desde o momento que segurei sua mão, anos atrás, o que estava aceitando.

— Fraca a ponto de estar apaixonada por ele — Mercúrio cuspiu, deixando-me imóvel. — Não que eu ache que Damon tenha alguma ideia disso, Yume. Mas eu tenho. E estou te avisando pela primeira e última vez, tome cuidado, ok?

— Não conte nada para ele, por favor — foi o que consegui dizer e Mercúrio assentiu. E o olhar compreensivo que me lançou fez-me respirar fundo.

Infelizmente, não foi alívio o que senti, foi náusea. A ponto de me sentir sufocada. Sem condições de continuar a conversa, eu comecei a me afastar. Mas acabei me virando ao mesmo tempo que Mercúrio, ao escutar o rangido do elevador que se fez ser ouvido assim que as portas de ferro se abriram.

Com seu corpo magro e alto na minha frente, impedindo-me de ver com

clareza, dei alguns passos na direção de Mercúrio. Tomada pelo frio na barriga, assim como pela esperança de que iria me deparar com Damon do outro lado.

E foi o que aconteceu.

Só que, para o meu desespero, o infeliz não estava sozinho.

Capítulo 13

YUME

Assim que o vi entrar no apartamento com outra garota, eu recuei de forma instintiva e dolorosa. Eu teria me lembrado se já a tivesse visto em algum outro momento, droga, eu me lembrava de tudo a respeito desse idiota.

Que menos de uma hora atrás, devorou a minha boca como se ela o pertencesse.

E pertencia.

Para o meu azar, não havia nada em mim que Damon não possuísse. Até o que nunca entreguei era dele.

Tudo o que ele tinha que fazer era pegar.

Com um gosto amargo na boca, senti como se levasse um soco no estômago. Doeu a ponto de um som estrangulado, quase um ofego, escapar garganta afora, antes que pudesse me impedir de passar por mais essa humilhação.

Três rostos se voltaram na minha direção ao me escutarem, enquanto eu recuava um passo de cada vez e sacudia a cabeça. Recusando-me a olhar para Damon ou para a garota com quem ele transaria essa noite.

Olhar tornaria a decepção real. Além de cruel.

Droga. A única idiota nessa história era eu. Não Damon. Porque ele foi bastante claro ao me rejeitar mais cedo, afastando-me como se o beijo e todas aquelas carícias não tivessem significado nada.

Odiando a ideia de que meu ciúme e raiva se tornassem óbvios, eu me virei antes que Damon sequer abrisse a boca e dei as costas a todos eles.

Meus olhos estavam nublados por lágrimas que segurava já há semanas.

Eu deveria ter imaginado que seria assim. Vê-lo com outras me matava um pouco mais a cada dia que passava. Posso ter sido boa em esconder o que sentia, pensei, ao entrar no estúdio de pintura, mas não sei por quanto tempo mais conseguiria fingir para todos que eu não estava apaixonada por Dam.

Com o corpo prestes ceder, busquei apoio em minhas pernas. Minhas

mãos, com unhas curtas, afundaram contra a pele dos meus joelhos. Se outra dor tomasse o lugar da raiva, então eu poderia lidar com a nova ferida.

Eu a celebraria, apenas para nunca mais ter de sentir como se o meu coração estivesse sendo arrancado de dentro do peito.

Não fazia sentido que, justo hoje, Damon trouxesse alguém para a nossa casa. Ele não poderia ser tão cretino a esse ponto.

Mas estava sendo.

Talvez todos estivessem certos, afinal e eu não o conhecia de verdade.

Nervosa demais para me preocupar em fechar a porta, senti-me incapaz de respirar, mesmo rodeada por telas inacabadas e o cheiro intenso e característico de tinta aquarela que eu tanto amava. Damon não viria atrás de mim aqui, esse era o meu lugar.

Nenhuma parede ou distância, porém, me impediu de escutar seus gritos de raiva ecoando através da estrutura alta deste apartamento e invadindo o estúdio pela fresta.

Sei que ele teria entrado se Mercúrio não o tivesse impedido. E a julgar o estrondo do lado de fora, Mercúrio usou seu próprio corpo para o deter. Assustada, tapei os meus ouvidos. Mas a voz de Damon continuou a me perseguir, infiltrando-se na minha cabeça, como se fosse o seu lugar.

— Ela não deveria ter estado lá, caralho! — grunhiu, alterado. — Como que ninguém a notou? Como que *você*... não notou?

— Eu te avisei que, mais cedo ou mais tarde, algo assim iria acontecer.

— Não teria acontecido se o filho da puta que você colocou dentro do meu ginásio não a tivesse arrastado... eu te alertei sobre Nero, Mercúrio, e você não fez nada!

— Diferente de você, certo? Que não satisfeito em ter todo o controle sobre aquela garota, pareceu se esquecer de que ela tem apenas dezoito anos, porra! E que isso não a torna uma adulta. — A voz dura de Mercúrio e as palavras ditas retorceram o meu estômago.

Porque o problema não era a minha idade. Damon e eu nos envolvermos,

não deveria ser proibido. *Por que era tão difícil assim que todos entendessem?*

Eu. Não. Era. Uma. Criança.

— Você acha que eu não sei, caralho? Acha que essa merda não está me matando?

Por quê? Por que o estava matando?

O fio invisível ligando-me a este homem, sempre a me impedir de correr, fez-me dar um único passo em direção à porta e olhar através da fresta no instante exato em que tudo se tornou silêncio.

Menos o meu coração. Nunca ele.

Procurei por Mercúrio, hesitante, e ao não o encontrar em qualquer canto do apartamento tomei a decisão de me trancar dentro do estúdio. Outro passo à frente e meus dedos seguraram a porta, empurrando-a devagar enquanto o meu olhar se erguia uma última vez. Apenas para me deparar com Damon apoiado contra a parede oposta à do quarto, encarando-me diretamente.

Meu coração acelerou, não vou mentir. E por segundos, lutei contra a raiva e a vontade de ir até Dam. Era o que eu teria feito, se *a garota da vez* não tivesse caminhado até ele e o beijado praticamente nua.

O que forçou-me a reagir e fechar a porta com tanta força, que a estrutura antiga do prédio estremeceu de uma só vez, ao mesmo tempo que o meu coração se estilhaçava no chão.

Voltei a recuar, e só parei ao bater contra uma das paredes. Onde deslizei não para catar os cacos, mas para me afogar em um inferno chamado Damon Tempest Irish.

Capítulo 14

DAMON

O som que escutei ressoar pelo apartamento não me fez afastar a garota cujo nome eu nem mesmo lembrava. Anne, Samanta, foda-se! Não acho que ela era o tipo que se importava ou que me olharia como se eu a tivesse traído por simplesmente beijar outra boca.

Como Yume olhou.

Caralho. Eu não estava sendo um idiota de propósito, só estava procurando um modo de me impedir de cometer outra loucura.

Como, por exemplo, reivindicar aquela garota como minha.

Mantê-la a distância era o melhor. Tinha que ser. Porque jamais me perdoaria se Vladimir e Astrid a alcançassem. Yume não precisava saber que eu era um Noirín. Se a luta a assustou, descobrir sobre a minha fodida família a faria fugir.

Preso a um beijo sem gosto, agarrei o cabelo escuro da garota e me forcei a sentir algo. Qualquer merda que fosse. Mas meu cérebro *e pau* continuaram a voltar àquele corredor fazendo-me lembrar o beijo e o gosto da boca de Yume, como se algum dia eu fosse ser capaz de esquecer o maldito tesão que me causava e que me atingia até os ossos.

Porra. Seria mais fácil para nós dois se eu simplesmente não desse a mínima para nada que a envolvesse. Seu beijo se tornaria esquecível, assim como tudo o que sabia a seu respeito.

Mas como poderia ignorar que eu tinha sido o primeiro?

Soube pela língua hesitante. Os lábios indecisos, entre abrir espaço para que eu a devorasse ou apenas me chupar de volta. Seus dentes rasparam os meus, em meio a gemidos tão agudos que eu ainda podia escutar. Como um miado dengoso, que a partir de hoje se tornaria um gatilho para o meu pau.

Cacete.

— Não irei conhecer sua cama? — A voz feminina, trouxe-me de volta a realidade.

Então eu finalmente a encarei, como se a enxergasse pela primeira vez. Seus olhos eram verdes, os cabelos cacheados e o corpo curvilíneo.

Algo nela deveria ter feito com que Yume se tornasse apenas um borrão. Uma memória distante.

Mas não foi o que aconteceu.

Yume ainda batia dentro do meu peito, mais forte do que nunca agora.

Capítulo 15

YUME

Tons de violeta espalhavam-se pelas minhas mãos e dedos. E o estúdio nunca pareceu tão apertado ou sufocante. Dormir entre telas e tintas foi impossível. Não pela ausência de espaço, mas pelas imagens que se recusaram a me deixar em paz. A única poltrona a ocupar o cômodo pode ter acomodado meu corpo, mas não o coração. Nem mesmo a infinidade de pensamentos que me atormentaram por toda a madrugada.

Pensamentos como os de Damon *fodendo* outra garota... *na nossa cama*.

Posso não ter visto ou escutado nada depois que fechei a porta, mas o meu cérebro fez um ótimo serviço imaginando os dois juntos. E para não enlouquecer, eu pintei.

Ou tentei.

Porque o resultado da madrugada passada em claro era a confusão de cores e pinceladas na tela espalhada pelo chão. Bella nunca se importou com o meu método, ao me ensinar as técnicas que conhecia ela também me deixou livre para desenvolvê-las como eu me sentisse mais confortável.

E era assim. Sem cavalete ou qualquer suporte.

Essa era a forma como a minha inspiração funcionava. Uma desordem que ninguém mais conseguia compreender.

Com o celular descarregado, acabei ficando incomunicável. E conforme as horas passavam, o medo de sair e encontrá-los juntos foi o que me manteve presa ao estúdio.

Até agora.

Porque, com os raios de sol que entravam pela janela, vinha também o desejo de sair e até mesmo de beber água. Apreensiva, eu segurei a maçaneta da porta e me enchi de coragem.

Abri-a de uma só vez, mas me detive rapidamente ao reconhecer o coturno preto. Assim como o homem sentado ao lado da porta.

Havia uma garrafa de vodca vazia e pelo menos cinco pontas de cigarro

ao seu lado. Como se cada segundo do tempo que passei debruçada sobre a tela, Damon gastou à minha espera.

Ele poderia ter entrado. Não havia trancas por dentro.

Era meu lugar seguro, mas Damon nunca teria permitido que fosse intransponível.

Nervosa, virei o rosto devagar quase que com medo. E o encontrei com a cabeça apoiada na parede e os braços estendidos sobre os joelhos usando a mesma roupa da noite passada.

A postura intimidante continuava presente, como se ele não conhecesse nenhuma outra forma de ser. A intensidade desvairada do seu olhar foi motivo do meu colapso interno. Damon não fez questão de disfarçar que me observava, mais precisamente dos pés descalços às coxas nuas. Graças a posição em que se encontrava, eu não me surpreenderia se ele estivesse vendo parte da minha bunda por trás.

Ou o fato de que eu estava sem calcinha.

A camiseta que joguei sobre o corpo na noite passada era uma das tantas que eu mantinha por perto, já manchadas de tinta. Livrar-me de todo o resto foi meio que necessidade. Afinal, antes de toda a raiva que passei, teve o tesão...

— Nós precisamos conversar. — A voz soou grave, dominante.

Balancei a cabeça, em uma negativa óbvia. Porque eu não queria conversar ou estar perto de Damon.

Não agora.

Como se não o tivesse escutado, eu me afastei e entrei no banheiro. Só que, antes que pudesse fechar a porta, Damon segurou o batente e me impediu.

— Pretende se esconder de mim até quando? — A expressão no seu rosto, já tensa, tornou-se um pouco mais séria no instante em que os meus olhos fitaram a sua boca. *Ok*, ficar perto não era uma boa ideia.

Não quando a boca dele me distraía tanto.

— Yume?

— Eu não quero falar com você agora — deixei claro, ao tentar fechar a

porta outra vez sem sucesso. — Provavelmente nem depois, Dam. Então se puder sair, eu agradeceria.

— Se eu puder sair? — soou surpreso.

Porque eu nunca o impedia de nada, e talvez esse fosse o meu maior erro.

Teimoso como uma mula, Damon se impôs até ocupar todo o espaço da porta. Se havia um momento para odiar seu tamanho e força, definitivamente era esse.

— Não me arrependo do que fiz na noite passada, mas porra... beijar você... não deveria ter acontecido, Yume. Tenho certeza de que sabe disso.

Não, eu não tinha.

Na verdade, via o beijo como um divisor de águas. Uma prova, para ele, de que eu já era uma mulher. Que tinha vontades, desejo.

E que havia gostado de tudo o que me fez.

Até o momento em que ele saiu do maldito elevador com outra garota em seus braços.

— Diferente de você, eu não tenho certeza de nada, Damon. Você me beijou e eu retribuí como qualquer garota teria feito.

— Você não é qualquer garota.

— Isso é o que você continua repetindo. Mas sabe o que percebi na noite passada? — Damon cerrou a mandíbula. — Que não quero ser diferente delas.

— Você não faz ideia do que está falando. É a porra de uma criança ainda!

— Não, Damon. Eu não sou. E se nem com a minha boca na sua, você foi capaz de enxergar que eu cresci, fique sabendo que Nero enxerga.

Transtornado, ele eliminou a distância que nos separava. Mas fui mais esperta dessa vez e escapei. Certa de que, se Dam colocasse suas mãos em mim, eu perderia toda a resistência.

Com a proximidade, foi possível ver de forma mais clara os hematomas em seu rosto, levando-me a perceber que o lábio cortado e o supercílio eram cortes novos. Algo que Damon conseguiu após o nosso beijo. Provavelmente em

sua luta com Nero.

O pensamento me fez engolir em seco.

— Como você o deixou? — perguntei, baixinho, vendo-o estreitar os olhos árticos na minha direção. — Nero não teve culpa... fui eu que insisti.

— Faça um favor a nós dois, Yume. E não o defenda ou o proteja, o código da Clave é um só e Nero a desrespeitou — avisou, tomado pela revolta. — Nada mais justo que ele seja um exemplo para os outros.

Eu não o estava reconhecendo e isso me assustou. Mas não a ponto de ignorar o assunto.

Eu precisava saber. Por Nero, mas também porque tinha medo do que poderia acontecer a Damon se ele perdesse a cabeça e fizesse uma besteira.

— Responda-me, então. Como você o deixou?

— Vivo. Isso eu te garanto. — Sem nada mais a dizer, eu apenas assenti apoiando-me contra a bancada do banheiro.

— Posso ficar sozinha agora?

— Depende. Eu falei que nós precisamos conversar, não foi?

— E eu disse que não quero.

Damon estava prestes a se aproximar, me envolver em toda a sua maldita loucura, quando algo em meus olhos o deteve.

— Há uma caixa de cigarros sobre a mesa de centro — falou, de repente, e eu apenas engoli em seco. — Uma caixa que não é minha ou de Mercúrio. Pretende me dizer quem você trouxe até aqui ontem?

Neguei, porque eu não queria mais confusão. Só queria que Damon me deixasse pensar longe dele.

— Você sabe que posso descobrir sozinho, certo? Algumas perguntas e...

— Foda-se, Damon — sussurrei, com raiva. — O que você quer é me enlouquecer! Me prender nesse maldito apartamento, para que ninguém me veja enquanto você fode a primeira piranha que aparece na sua frente.

— Me dê o nome, Yume.

— Não. Você pode descobrir sozinho. Pode até mesmo adivinhar, se

preferir. Eu não me importo. Não depois que você trouxe outra mulher para o nosso esconderijo e a deixou deitar na nossa cama! — gritei, praticamente chorando. — Agora saia — repeti as palavras que me disse na noite passada. — Eu realmente não quero falar com você, Dam.

Se ele queria me afastar, havia conseguido. Eu poderia não saber como *ligar e desligar* o que sentia por ele, como se não significasse nada, mas iria aprender.

Pelo bem do meu próprio coração, eu tinha que me proteger de Damon.

DAMON

Sentado em frente ao balcão da cozinha, eu me perguntei o que raios Mercúrio e Caleb faziam aqui a essa hora. Agindo como se estivessem em casa, eles abriram e fecharam armários enquanto esperavam pela saída de Yume do maldito banheiro.

Tão ou mais ansiosos do que eu me encontrava.

O desejo de discutir foi a forma que encontrei de colocar para fora o tesão que sentia. Essa provavelmente não era a melhor forma, mas foi a única que encontrei para lidar com a situação.

Enquanto eu estivesse gritando com Yume, minha boca estaria longe da dela.

— Você parece uma merda — Caleb disse, ao me empurrar uma xícara de café, inclinando-se e me encarando como se nunca tivesse cometido um erro em sua vida. — Você a beijou.

Olhei para Mercúrio, que podia ser visto um pouco mais distante. À espera de que a pequena e doce japonesa aparecesse.

A garota estava se escondendo de mim, e eu sequer podia culpá-la.

— O que fiz ou deixei de fazer, não é da conta de nenhum de vocês — deixei claro. — Se puderem dar o fora...

— Mercúrio quer se certificar de que ela está bem. E eu, de que você se lembra que temos um serviço essa noite a realizar...

Sacudi a cabeça, em revolta.

— Eu jamais a machucaria. — E não, eu não havia me esquecido do roubo que tínhamos que dar conta. Perdemos quase um mês rondando e sondando a família do nosso alvo.

Não tinha como ser adiado.

— Corrija-me se estiver errado, mas foi você quem trouxe uma garota para essa casa na noite passada, certo? Se você realmente acha que não a

machucou, Damon, então você é mais fodido do que eu pensava.

O encarei, furioso.

E o som da porta sendo aberta nos fez olhar de uma só vez na direção do banheiro. De onde uma Yume com cabelos molhados e inteiramente vestida, saiu.

Não havia uma única roupa minha cobrindo seu corpo desta vez, e ainda que fosse um detalhe sem a menor importância essa merda me incomodou.

— Pare de olhar para ela dessa forma, caralho — Caleb grunhiu baixo, sorrindo em seguida e indo até Yume.

Os dois filhos da puta, para ser mais exato.

Observei a interação entre eles a distância. E a senti desconfortável com toda a atenção, enquanto garantia que estava bem. Deixando claro aos dois, sem ter que dizer com todas as palavras, que eu não a tinha machucado. Ou forçado a nada.

Apenas estragado com tudo.

— Coma alguma coisa — falei, querendo que me encarasse.

Que me enxergasse, ao menos.

— Eu não estou com fome — disse de modo automático virando-se para Mercúrio. — Além disso, Bella sempre prepara algo para os alunos da manhã. Posso comer por lá. — Deu a desculpa e pegou a mochila jogada sobre o sofá, saindo em seguida.

Enquanto eu lidava com o fato de que, em momento algum, essa garota olhou na minha direção. E que hoje era quinta-feira, e às quintas... Yume não tinha aula.

— O que foi? — Caleb perguntou ao notar a expressão no meu rosto.

— Ela mentiu.

E em todos esses anos, essa era a primeira vez que a japonesa o fazia.

***

Mais tarde, naquele mesmo dia, dediquei-me a socar um dos sacos de pancadas que ficavam no pavimento superior, próximo ao escritório e aos jogos de Mercúrio. A última coisa que precisava era ouvir o burburinho sendo espalhado pelo ginásio. Não apenas sobre a presença de Yume no *Porão,* como também sobre o estado em que deixei Nero.

Que até o momento não havia dado as caras no armazém. Mas ele iria.

Desgraçados como Nero não tinham nada a perder. Em algum momento do passado, eu fui uma versão da que ele era hoje. Causando problemas, arrumando confusão por onde passava. Livre de qualquer responsabilidade ou propósito que não fosse a minha vingança.

Até Yume aparecer, pensei, movendo-me e desferindo socos cada vez mais rápidos. Não porque precisava treinar, ou gastar energia. E sim para não enlouquecer.

O que aconteceria, se a japonesa não aparecesse nesse maldito ginásio em algum momento em breve. Horas haviam se passado desde que ela saiu do apartamento com a desculpa de que tinha aula.

Horas em que tudo o que fiz foi repassar nosso maldito beijo na cabeça.

Dividido entre o esquecer em um minuto; e no outro, repetir tudo de novo.

Com um último soco, eu estabilizei o saco de areia e apoiei a testa contra ele recuperando o fôlego perdido. Contei até dez, cem. Teria contado até mil, se fosse preciso.

Faria qualquer sacrifício a fim de acalmar a besta ganhando força dentro do meu corpo.

— Nunca tive tanto a perder — grunhi para mim mesmo. E ao me virar, deparei-me com o motivo de cada um dos meus problemas.

De pé no outro lado do pavimento, com o rosto vermelho como se tivesse estado a me observar. Não seria a primeira vez que eu a pegava no flagra, e esperava que não fosse a última.

— Caleb falou que você estava... à minha procura.

— Onde esteve? — Ela engoliu em seco. O casaco que havia vestido essa manhã encontrava-se amarrado em sua cintura.

Mas não havia tecido suficiente para esconder dos meus olhos o fato de que sua barriga estava à mostra.

Ok, isso não era da minha conta, tentei me convencer ao fitar seu rosto.

— E não me diga que estava na droga de sua aula, porque sei que mentiu.

Yume arfou, sem protestos.

— Eu só precisava pensar.

— Longe de mim — constatei.

— Longe de você — assentiu, abraçando-se com os próprios braços, como se sentisse algum tipo de frio.

Porra. Eu odiava esse olhar em seu rosto, tanto quanto odiava a ideia de que essa garota pudesse estar com medo de mim. Ou decepcionada.

Um beijo, e eu estava fodido.

Não queria pensar como seria se tivéssemos ido mais longe. Ou se ela realmente fosse minha.

— Odeio pensar que estou te machucando, amor — admiti, sem me aproximar. Em vez disso, apoiei-me contra a mesa do meu escritório e a encarei. — Perdi o maldito controle na noite passada e...

— Está tudo bem — sussurrou, tomando a iniciativa de se aproximar. Seu corpo pequeno veio na minha direção como se o tempo usado longe a tivesse feito enxergar o mesmo que eu.

— Não, não está. Eu te devo um pedido de desculpas por ter agido como um filho da puta. Tudo, Yume, que aconteceu na noite passada foi um erro. — Ela respirou fundo. — Você consegue entender o que estou dizendo?

— Hum-hum. Eu só tenho que esquecer — disse como se fosse fácil.

Quando eu mesmo duvidava que fosse tão simples assim. Um homem não se esquecia da boca mais gostosa que já provou. Nem mesmo do beijo da única garota que ele já quis manter em sua maldita vida.

Capítulo 16

DAMON

Era madrugada quando o isqueiro aceso queimou a ponta dos meus dedos. *Repetidas. Vezes.* Enquanto a chama me ofuscava a mente. O que deveria ter aplacado a inquietude que me sentia percorrer os ossos, só fez aumentar a sensação deixando-me agitado. Imprevistos nunca eram um bom sinal, e quando algo começava errado, como, por exemplo, a dificuldade de Mercúrio em desarmar os alarmes e câmeras eletrônicas da mansão no outro lado da rua, a chance de sairmos ilesos diminuía drasticamente.

O cronômetro no relógio nos dava pouco tempo para entrar, passar pelo sistema da garagem e sair.

— Trinta minutos, Mercúrio — grunhi, para o infeliz no banco de trás concentrado em seu *notebook* enquanto Caleb seguia calado com as mãos ao redor do volante.

Seria ele o responsável por vigiar as câmeras internas e externas, além de nos alertar sobre qualquer imprevisto.

— Pare de latir, porra! Vou precisar de mais dez, no mínimo.

Olhei através do retrovisor e estreitei os olhos sem a porra da paciência.

— Você tem cinco ou estamos fora — disse, e, pela primeira vez desde que deixei o apartamento no meio da madrugada, permiti que o meu cérebro vagasse até o sofá que Yume insistiu em dormir essa noite.

Não por teimosia, mas por acreditar que outra mulher esteve na minha cama.

Maldição! Cerrei o punho, e o bati contra a ferragem do carro. Um soco a mais outro a menos, não faria diferença. Além do quê, eu preferia toneladas de dor física a ter que lidar com Yume neste momento.

Ou a porra do seu silêncio.

A conversa dessa tarde pareceu suavizar a tensão entre nós dois, mas não a fez desaparecer por completo. Até sermos capazes de olhar um para o outro, sem lembrar, tínhamos um longo caminho pela frente.

— Será que pode poupar o carro da sua destruição? — Caleb rosnou.

Acho que ninguém aqui estava em um bom humor essa noite. Meu erro afetou a todos. E Caleb fez questão de me dizer cada um dos motivos pelos quais eu deveria ficar longe da japonesa.

— Nós deveríamos estar saindo a essa altura. — Eu o encarei. — Como espera que eu fique calmo?

Ele sabia que havia mais por trás do meu descontrole e que o problema não era a demora de Mercúrio ou a possibilidade de algo dar errado, e sim Yume. Indiferente, Caleb sorriu e jogou fora o que restava do cigarro.

— Você me perguntou essa manhã o que eu faria se estivesse no seu lugar — falou, com cautela. — Estive pensando, e sei o que faria. — O filho da puta me encarou. — Eu a deixaria livre, Damon.

Sacudi a cabeça e olhei para o lado de fora, inconformado. Saber o que precisava ser feito e *fazer* eram duas coisas diferentes. Duvido que Caleb fosse entender o inferno que eu estava vivendo.

— Veja o que estamos prestes a fazer, nós não somos os mocinhos aqui.

— Adoraria que fosse tão fácil, como você faz parecer, Caleb. Mas não há um só momento em que eu não olhe para aquela garota, sem que o meu cérebro diga que ela me pertence. Você acha que eu não sei que não a mereço? Eu sei, caralho. Mas tô a um passo de não dar a mínima...

Enclausurado dentro do carro, movi de modo desconfortável as pernas e os músculos, à espera do sinal verde de Mercúrio, que não vinha.

— Se você se importa realmente com a Yume, então sabe o que deve fazer — Caleb acrescentou e, no momento que eu estava prestes a mandar o filho da puta ir à merda, Mercúrio abriu a boca.

— Liberado, seus idiotas! Sejam rápidos... e tentem não fazer bagunça.

Como se alguma vez eu tivesse deixado qualquer rastro para trás, pensei ao colocar a balaclava de caveira ao mesmo tempo que deixava o carro com um Caleb encapuzado logo atrás.

Era a forma que encontramos de encobrimos nossas identidades enquanto

matávamos em nome de Vladimir e saqueávamos sua maldita cidade.

Do carro, Mercúrio cuidaria de nos avisar, caso algo inesperado surgisse. Estávamos com ele no ponto em nossas orelhas, respirando da mesma tensão. Não que não tivéssemos arrombado centenas de outras casas antes. Algumas foram por diversão, outras por se tratar de alguma encomenda. Ou, em casos raros, como o dessa noite em que minhas mãos se tornavam uma extensão de Vladimir.

Deixar a casa que um dia pertenceu ao meu pai, não foi o bastante para fugir do meu destino. Eu não era menos Noirín por não pisar naquele lugar amaldiçoado.

Mas havia condições para a vida que eu levava. E continuaria assim até o momento que eu puxasse o gatilho na cabeça certa.

Sabendo exatamente para onde ir, e o porquê, eu subi as escadas enquanto Caleb revistava o andar inferior. No lado de fora, o som de latidos podia ser ouvido.

Outra falha de Mercúrio.

— Você não avisou que teríamos companhia, porra — avisei, esperando que me escutasse através do ponto.

— São apenas dois *dobermanns*. Não seja um chorão, *D.* Faça o que tem que fazer e dê o fora desse lugar.

Filho da puta! Eu o amaldiçoei e caminhei devagar pelo corredor do pequeno castelo pertencente ao juiz relacionado com os negócios dos irlandeses. Um desgraçado ambicioso que não pensou nas consequências ao se envolver com o lado violento e obscuro dessa cidade. E nem como toda a sua trajetória terminaria, porque ele havia cometido o erro de subestimar Vladimir.

Essa era a noite. Sua esposa e filha estavam fora da cidade. O juiz teve tempo de ver sua amante e então retornar para a linda casa da qual se orgulhava.

Era um bom lugar para morrer.

E no final, o seu sangue se derramaria por sobre a tonelada de dólares que ganhou sendo corrupto.

Em frente à porta da suíte, eu saquei a arma do cós da calça e estalei o pescoço, movendo-o de um lado a outro. Poderia ser pior, ou até mesmo mais divertido, pensei em meu caminho até o interior do quarto. Eu poderia ter queimado tudo, mas então... essa guerra não era minha.

— Que porra! — o desgraçado grunhiu ao me ver. Com uma toalha enrolada ao redor do quadril, ficou evidente que ele tinha acabado de sair do banho.

Petrificado, diante do estranho mascarado, o juiz tentou correr e se fechar dentro do outro cômodo ao se dar conta de que eu não estava aqui apenas para assustá-lo.

Limpar a sujeira era o que eu fazia para Vladimir.

Eliminando dessa cidade homens que não cumpriam as promessas e os acordos feitos a um Noirín.

— Vladimir tem um recado para você.

E, graças ao tiro que dei em sua testa, seria o último.

YUME

Duas semanas depois...

Segurei o envelope com força ao atravessar a sala de Artes, em direção à parte dos fundos, onde poderia ter um pouco de privacidade. Depois de prometer a mim mesma que antes de voltar para casa, eu tomaria coragem e o abriria. Em um impulso, do qual eu não estava exatamente arrependida.

Entreguei a inscrição para o programa a Bella no dia seguinte ao beijo com Damon. Foi uma decisão tomada com raiva e que agora estava prestes a explodir bem na minha frente.

Por quase duas semanas, fingi que esses papéis ou o futuro não existiam. Enquanto andava de um lado a outro, feito uma pequena zumbi.

Eu não comia ou dormia direito.

Mas fingia.

E estava me tornando muito boa em esconder o que sentia.

— Certo, você não parece tão animada como achei que estaria pelo resultado.

— Eu estou — menti e Bella se sentou ao meu lado, pegando o papel com suas unhas longas e vermelhas e o balançando na minha frente.

— Como você e Damon estão? — quis saber, preocupada. — Algo mudou?

— Não exatamente...

Vinha sendo difícil lidar com Dam e a tensão que se instalou entre nós dois. E esse era o momento em que eu mais fingia. A raiva estava lá, escondida em algum cantinho dentro de mim, mas, por fora, eu tentava não deixar transparecer nada.

O que me tornou um eterno vazio.

Principalmente, quando Damon aparecia cheirando a perfume de outra

garota. O que vinha acontecendo com bastante frequência. Era como se ele as mantivesse por perto como um escudo.

Mas contra o quê ou quem?

Não foi ele o primeiro a dizer que o nosso beijo não deveria ter acontecido? Tratando-o como um maldito erro?

Então que assim fosse.

Não importa se me sentia morrer por dentro a cada madrugada que acordava longe dele. Ou a ausência do seu cheiro sobre a minha pele. E tudo, porque me recusava a voltar para a sua cama desde que nos beijamos e ele fodeu com tudo em seguida.

Não era o medo da minha própria fraqueza a me manter longe. Era mágoa. Do tipo que corroía por dentro enquanto sentia ódio dele e da cama que já não era mais nossa.

— Você parece perto de desmoronar, Yume. Tem certeza de que não quer conversar?

Afirmei, porque se falasse sobre Damon acabaria seca de tanto chorar.

— Foi apenas um beijo, eu que entendi errado — disse, em pequenas pausas.

— Minha querida, nunca é apenas um beijo. Principalmente quando é o primeiro.

O que Bella não sabia a meu respeito, ela não teve problema em supor. Acertando na maioria das vezes. Ela era uma boa amiga, compartilhávamos a mesma paixão. Mas nunca fui boa em deixar que as pessoas se aproximassem.

Eu era como um bichinho amedrontado, que não sabia receber carinho.

— Damon falou que não deveria ter acontecido — acrescentei com a voz embargada.

— Homens dizem coisas, querendo dizer outras.

Nos encaramos.

— Achei que fossem as mulheres que faziam isso. — Bella sorriu, e fez o que não tinha tido coragem até então.

Ela abriu o envelope.

— Nem sempre. Alguns caras, os mais complicados, não costumam ser honestos como deveriam.

Ignorei a provocação feita a Damon e a vi tirar de dentro do envelope a carta com o resultado, que, antes que pudesse ser lida por Bella, me foi entregue.

— Agora leia.

Após um longo suspiro, eu a peguei. Lendo palavra por palavra, ciente de que só havia duas possibilidades neste papel. E eu não me sentia preparada para nenhuma delas.

Principalmente, para o resultado que encontrei.

Encarei Bella e confirmei, fazendo-a sorrir amplamente e me abraçar com força.

— Eu sabia que eles não te deixariam escapar. Você é incrível, garota.

Afastei-me, incomodada.

Não apenas pelo toque, mas pela sensação de perda imediata que senti. Eu ainda não sabia se iria ou não aceitar, mesmo com a bolsa integral. Porque sentia, de forma errada e egoísta comigo mesma, como se já estivesse perdendo o Damon.

DAMON

Avancei alucinado sobre Caleb, socando-o com força. O corpo ferrado pela carga extra de treinos continuou a impulsionar, a se exigir ao máximo. Essa era a forma que encontrei para lidar com todo o tesão e raiva acumulados. Além da falta daquela garota, não apenas na minha cama, noite após noite, mas na minha vida. Yume estava sempre lá, trancada dentro do estúdio de pintura ou ocupada com o trabalho no ginásio.

Meus olhos a perseguiam. Ao mesmo tempo que a sentiam escapar por entre os meus dedos.

O silêncio nunca gritou tão alto quanto nessas últimas semanas.

E desde que o maldito beijo aconteceu, eu não sabia o que era ter paz. Ou algum outro pensamento que não fosse ela. Estava enlouquecendo enquanto Yume fugia da minha cama.

Dos meus abraços.

Da minha fodida presença.

Mas ela não era a única.

Porque eu mesmo já não conseguia olhar para essa garota sem deixar de querê-la.

Não suavemente.

Mas de forma animalesca. Eu a queria curvada, refém das minhas mãos e boca. Gemendo o meu nome.

Tão dependente quanto eu me sentia.

Me negar seus beijos, talvez fosse uma das decisões mais difíceis que tive que tomar nessa vida. E não deveria ser assim, porra.

Mesmo que pela primeira vez na vida, eu estivesse fazendo o que era certo. Ainda que por meios controversos.

As horas que passava fora, apenas para não ter que voltar para casa e encontrar a porcaria da sua porta fechada. O rodízio de garotas ao redor, que fiz

em uma tentativa inútil de apagá-la da minha mente. E todo o álcool que bebi para esquecer que o meu corpo tinha uma dona.

Aproveitando-se da minha falta de foco, Caleb revidou cada soco que dei nele. Em golpes igualmente indóceis. Atordoado, por um momento, senti a cabeça girar. Enquanto o meu cérebro ia de Yume a Vladimir e de Vladimir a luta dessa noite.

— Eu não vou nem perguntar onde você está com a cabeça, D, porque eu sei. — Caleb avançou. — Só espero que até a hora da luta, você a tenha em seu lugar, caso contrário não será apenas Yume que irá perder...

Seria a grana que estava em jogo.

Foda-se se eu era um Noirín, porque Vladimir me roubou cada fodido centavo ao assumir os negócios da família. Meu pai tinha sido o cérebro, aquele que fazia o dinheiro rodar. Até que foi morto.

Perdi a casa em que cresci, e toneladas de um dinheiro que me pertencia. Deixei de ser Damon Noirín para me tornar um Irish. Fui para as ruas e criei a Clave. Tudo a espera do dia em que eu seria o único a não ter piedade ou clemência.

Faltava pouco agora, tentei me convencer. Só que nada, absolutamente nada, poderia dar errado.

— Foda-se, Caleb. Você e esse seu discurso de merda. — Abandonei a luta e joguei fora o protetor bucal. — Há quanto tempo a gente se conhece, porra?

— Mais de dez anos.

— Exatamente. Não acha que é tempo o bastante para saber que não vou permitir que nada me impeça de alcançar Vladimir?

— Nem mesmo Yume?

Calei-me por algum tempo, porque se havia alguém capaz de foder com tudo era essa garota.

— Eu fiz o que deveria — admiti, por fim. — Eu a afastei, o que mais você espera? Que eu a arranque da minha vida? — esbravejei, nervoso.

Sentindo o coração explodir dentro do peito. Yume não era uma emoção que eu podia ou sabia como definir. Eu a queria, ponto. Mas estava abrindo mão dela pela promessa que fiz aos meus pais e a mim mesmo.

Se não era o bastante, não sei mais o que seria.

— Não. Porque me dei conta de algo, nessas últimas semanas. — Caleb se aproximou, em um tom de voz um pouco mais ameno. — Talvez a gente esteja lidando com *ela*... de modo errado.

Eu o mataria, porra.

Yume não era uma peça do jogo na qual eu precisava lidar, ela estava fora de qualquer equação que envolvesse Vladimir e não permitiria que Caleb a usasse como uma válvula de escape para o meu humor ou controle.

Prestes a alertá-lo, o som da voz inconfundível de Yume fez-me virar.

Apenas para descobrir que a infeliz não estava sozinha.

Então foi assim que ela se sentiu, caralho? Como se o seu coração fosse arrancado de dentro do peito?

Ok, eu merecia o golpe.

A tal *lei do retorno* tinha sido rápida em me fazer sentir na pele o que causei a essa garota. Porque, essa não era a primeira vez que a encontrei na presença de Nero, desde que nos beijamos. Mas sempre que acontecia, a emoção assassina a se instalar por dentro dos meus ossos, fazia-me pensar em formas diferentes de matar esse filho da puta.

Como era possível que até mesmo o meu próprio cérebro estivesse rindo da minha desgraça?

Avancei na direção das cordas sem pensar direito, mas Caleb interveio.

Aliás, me impedir de cometer um assassinato ou provocar mais drama, era tudo o que o meu amigo vinha fazendo nos últimos dias. Não era de se admirar que estivesse exausto.

— Você só vai assustá-la se for até lá — avisou, agindo como se fosse a voz da razão.

E quando se tratava de Nero e Yume, ele vinha sendo mesmo.

Porque a cada vez que tive vontade de interferir no que fosse que estivesse acontecendo entre os dois, Caleb me segurou. Ou tentou. Porque não era sempre que eu o escutava.

Se dependesse unicamente de mim, Nero jamais teria voltado a pisar no ginásio ou em qualquer outro lugar próximo de Yume. Mas o filho da puta era esperto, e não apenas continuou servindo a Clave como fez questão de aparecer diante de todos com o estrago que deixei em seu rosto ainda visível.

Lutar comigo não foi uma vergonha para Nero. Ele estava levando como algo a que se orgulhar.

E mais ainda, como se a briga não tivesse sido um aviso para que ele se mantivesse longe da minha garota.

— Talvez eu já não me importe — revelei, sem conseguir arrancar meus olhos da direção em que os dois estavam. E enquanto Nero sorria contando alguma das gracinhas pela qual ficou conhecido, Yume o escutava. O rosto vermelho, como se... porra, eu não queria pensar nas mãos de outro cara sobre ela. Não agora. — Não é como se não tivesse estragado tudo, de qualquer maneira.

A calma com que falei as palavras me rasgou a garganta. Porque eu estava tudo, menos no controle.

— Foque na luta que temos que ganhar, *D.* Perder dinheiro a essa altura, não é uma opção.

Melhor do que ninguém, eu sabia tudo o que estava em jogo. Nada disso, no entanto, me impediu de dar, talvez, o passo mais arriscado até agora.

Deixar que Yume me conhecesse por inteiro.

— Faça com que ela esteja lá — dei a ordem a Caleb, com meus olhos fixos no modo como Yume permitia cada vez mais que Nero se aproximasse. Em pouco tempo, o desgraçado estaria com as mãos sobre ela e, então, eu estaria com meus punhos sobre o filhote de encrenca. — Quero Yume onde possa vê-la... por toda maldita noite.

Desci do ringue e a encarei a distância. Um olhar na minha direção e a

garota soube que eu estava puto da vida. O que foi suficiente para que ela parasse de sorrir para Nero e engolisse em seco.

Caleb e Mercúrio estavam certos, afinal.

Faltava pouco para que a minha impulsividade e ciúme me levassem a cometer algum erro. Enquanto isso, o relógio corria contra o tempo do outro lado da cidade, alertando-me de que, se eu não matasse Vladimir, ele me mataria.

Era apenas questão de tempo.

Capítulo 18

YUME

Não demorou até que Caleb arrumasse uma desculpa para se aproximar, e a desculpa veio através da garrafa de isotônico que ele pegou no freezer antes de se apoiar contra a bancada e praticamente me fuzilar com os castanho-esverdeados.

— O que foi? — perguntei, desconfiada, certa de que não iria demorar até que o *assunto Nero* surgisse.

Mercúrio já havia tentado me *alertar* sobre a recente aproximação dele, e os boatos que poderiam gerar ao redor do ginásio. Ele falava e tudo o que eu conseguia escutar era: *Damon não está gostando. Pare com isso, antes que ele se irrite. Você está brincando com fogo.*

Eu meio que estava ciente de que o meu comportamento o estava irritando. Damon odiava não ter minha total atenção.

Assim como eu odiava o cheiro de cada piranha diferente com quem ele esteve.

— O que está acontecendo entre você e aquele moleque? — perguntou, bastante sério.

Eu teria esperado essa pergunta de Dam, talvez até um pouco mais brusca. Mas não de Caleb.

— Você quer dizer o Nero? — Aproximei-me dele ao me inclinar na bancada. — Nada. Nero e eu somos amigos. Acho que estou há dias tendo que repetir isso...

— Amigos? — indagou, desconfiado.

— Qual é, Caleb. Por que não diz logo o que está querendo?

— Você sabe que *D* não tem gostado *dessa sua amizade*, não é?

Claro que não, pensei ao cruzar os braços. Até mesmo um pouquinho satisfeita.

— Eu não gosto de muita coisa que Damon faz e nem por isso estou enlouquecendo! — Apenas morrendo por dentro, pensei, de forma dramática.

Contar a Caleb que Nero havia acabado de me convidar para sair não seria uma boa ideia. Mas sentia que precisava falar com alguém. E o único entre os três que me entenderia, não estava por perto hoje.

Mercúrio sequer respondeu a mensagem enviada há poucos minutos, o que significava que ele estava em alguma missão supersecreta. Ou o que fosse que eles fizessem quando Damon deixava o apartamento no meio da madrugada.

— Yume, se está sendo teimosa apenas com o intuito de irritar o Damon, eu vou pedir para que pare. Há mais em jogo do que você sabe e...

— Eu saberia se me contasse — disse, irritada com Damon, e todos eles.

— Nero não é esse anjo que você pensa, nenhum de nós é. E caras como ele não vão querer apenas a sua amizade, entende?

— Eu sei. — Caleb me fitou, estreitando os olhos.

— E mesmo assim está deixando que ele acredite que tem alguma chance.

Assenti em uma expressão obstinada. Ainda que por dentro eu me sentisse tudo, menos segura.

Fosse em relação a Damon, fosse em relação a Nero.

— Não entendo, sabe? — continuei, incapaz de me calar. — Você age como se a ideia de Damon e eu juntos fosse absurda. Todos vocês, na verdade. Mas aí eu tento não pensar nele e seguir em frente... e também não está certo — falei, em um fio de voz. — O que você acha que devo fazer, Caleb? Obedecer a Damon e me tornar uma freira?

— Acredite, Damon jamais permitiria algo assim. — Ele quase sorriu. — O que nenhum de nós quer, pequena Yume, é que você se machuque. Não ache que estou feliz em ver Damon do jeito que ele está. Mas é necessário.

Sacudi a cabeça e me virei.

— Que seja. — Eu estava tentando não me importar com nenhuma das emoções que envolviam aquele homem.

— Tem mais — Caleb continuou, mas não voltei a encará-lo. Não depois que meus olhos marejaram. — Damon a quer no *Porão* essa noite. De

preferência, onde ele possa te ver o tempo todo.

Segurei com força os papéis que segurava, sem coragem de perguntar o porquê. *Ou o que havia mudado.* Quando finalmente o fiz, Caleb já havia se afastado.

Deixando-me com mil perguntas a serem feitas. E apenas uma pessoa com a capacidade de respondê-las.

Foi esse o motivo que me levou a atravessar o ginásio, quase duas horas depois da nossa conversa, e me deter em frente ao vestiário masculino pronta para enfrentar Damon.

DAMON

Apoiei os dedos doloridos e enfaixados na bancada de pedra do vestiário. O corpo dolorido, dando sinal de esgotamento, era o pior dos indícios para esta noite.

Treinar vinha sendo uma válvula de escape, já que nenhuma outra tentativa havia surtido efeito. Continuei disperso, sem controle, na beira do abismo.

Com os músculos e os tendões, tensionados, senti-me como se estivesse encurralado. E o monstro fazendo moradia dentro de mim, acorrentado às minhas decisões.

Pelado, após a ducha extremamente gelada, eu enrolei a toalha em volta do quadril. E estalei o pescoço, mais por hábito do que por necessidade, enquanto encarava o meu próprio reflexo.

Duas semanas, e as horas extras passadas neste ginásio começavam a cobrar o seu preço. A barba cresceu e a órbita dos meus olhos encontravam-se vermelhas.

Resultado das noites acordado.

Ora, andando de um lado a outro. Irritado por ver Yume naquele maldito sofá. Ora, encarando a porta do estúdio de pintura enquanto questionava se arrancá-la do lugar seria considerado loucura.

Preocupado com a luta dessa noite, procurei me acalmar. Ser nocauteado significaria perder o dinheiro acumulado por onze vitórias consecutivas. A ausência de regras, não significava que a organização do *circuito underground*, acontecendo no submundo da Nova Detroit, era falho.

Pelo contrário.

Alheio ao que aconteceria no lado de fora, escutei o som da porta se abrir. E o reflexo do espelho colocou-me de frente a garota, cujo beijo eu tentava dia e noite apagar da memória.

Porra. Era difícil não pensar que a minha necessidade por Yume era tão explicita e feroz, que ela até mesmo pudesse sentir o chamado do meu corpo.

De olhos fechados, graças a mão que colocou em frente ao rosto, a garota empurrou a pesada porta com a bunda e se apoiou contra ela.

— Posso entrar? — Demorei a responder, porque olhar para a japonesa me distraía pra caralho.

Principalmente, quando a via dessa forma. Com suas roupas manchadas de tinta, o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, sem nenhum artificio para seduzir ou intenção.

Apenas ela e a beleza indecente que possuía.

— A pergunta que você deveria estar fazendo é se eu estou vestido, amor. — Minha voz saiu rouca, impossível ser diferente.

— E você está? — soou receosa, fazendo-me sorrir pela primeira vez em dias, porque, caralho, eu amava que Yume era o *tipo tímida* e que sua pele fosse tão fácil de deixar corada.

Um olhar e ela saberia que estava segura. Ou quase. Porque não havia nada por baixo da toalha, além de pelos, veias e um pau que parecia sentir o cheiro dessa garota a distância.

— Abra os olhos e veja por si mesma — disse, de forma descarada.

— Damon...

— Pensei que confiasse em mim.

Mantive-me longe dela, em um esforço real para não ir até onde estava e tocar a sua pele ou o cabelo que me deixava insano. Merda, eu me recusava a ir por esse caminho. Sequer pensaria no tempo que passou desde a última vez que tive um punhado dele ao redor do meu punho.

Mostrando que, apesar de tudo, ainda confiava em mim, Yume entreabriu os olhos pretos e repuxados e me encarou, encontrando-me apoiado contra a bancada.

Cruzei os braços e esperei enquanto ignorava sua reação ao me ver de toalha. Em choque pela visão, suas costas bateram contra a porta, como se de

repente ela tivesse decidido escapar.

Nem fodendo.

Não vou mentir, minhas intenções eram boas. Eu é que não era um cara bom. E quando o olhar tímido se deteve no volume que a toalha encobria, dei um passo à frente.

Um único. Que soou como a maior das ameaças. Porque ficou claro, para nós dois, que, se eu a alcançasse, outros erros seriam cometidos.

— Caleb veio falar comigo — disse, rapidamente, em uma tentativa de preencher o silêncio ou abafar os próprios pensamentos. — Ele disse que você me quer na luta essa noite.

— Exato.

— Por quê? — A pergunta não veio desacompanhada. E através dos seus olhos, pude enxergar cada dúvida e incerteza que essa garota tinha a meu respeito.

— Você disse que queria me conhecer, não foi? Essa é a sua chance. — Aproximei-me, sentindo-a prender a respiração.

— E se for tarde demais? — rebateu, baixinho, enquanto mordia os lábios de forma nervosa.

Porra, como eu odiava quando ela fazia coisas assim a si mesma.

— Não é.

— Como pode saber, Damon? — questionou, começando a se alterar. Era assim que nossas conversas vinham sendo, eu falava algo que a irritava e Yume simplesmente me dava as costas. — Você não me escuta e, ultimamente, é como se sequer morássemos juntos.

Eu a escutava, e compreendia cada maldita palavra a sair de sua boca. Até mesmo as que essa garota não colocava para fora. Não era falta de comunicação o nosso problema, e sim de toque.

— Já pensou que pode haver um bom motivo pelo qual estou te mantendo longe?

— Eu não me importo. Não mais. — Yume se mostrou convicta, e pelo

bem dela, era melhor que sua indiferença não passasse de fachada. — Tudo o que quero saber é o que te fez mudar de ideia.

— Você. Longe de mim — expliquei, com calma. — Você. Sorrindo e perdendo tempo com o filho da puta testando a minha paciência. Você... e...

— Chega, eu já entendi. — Ela se afastou, cometendo o erro de me dar as costas outra vez. O que me fez persegui-la pelo vestiário, mas a cada passo que dei na sua direção a gatuna recuou disposta a me manter distante.

— Entendeu mesmo, Yume? — exigi saber, cada vez mais perto, perdendo de vez a paciência. — Porque se fez, esse é o momento em que você para de correr. A menos, é claro, que deseje piorar tudo, porra. Porque a cada vez que se afasta, a vontade de te puxar por esse maldito rabo de cavalo só aumenta.

A garota entreabriu os lábios carnudos e ofegou. Uma parte dela em transe e a outra em choque absoluto.

— Eu paro... se você parar de me perseguir.

Fui incapaz de conter o sorriso dessa vez. O que fez com que a vontade de quebrar cada barreira que impus entre nós dois, apenas aumentasse.

Yume continuou a me provocar, e, em cada tentativa de chegar até ela, essa garota correu indo na direção contrária, sem ideia de que homens como eu apreciavam a caça.

Principalmente, quando a vítima *entrava no jogo*.

— Você sabe que o que me pede é impossível. — Eu a agarrei pelo cabelo. E Yume gritou alto o suficiente para que eu e a dezena de homens no lado de fora desse vestiário pudessem escutá-la. Esse foi o momento em que empurrei o meu corpo contra o dela, sentindo-a pequena à minha frente.

— Dam — gemeu baixo, dessa vez, fodendo de vez comigo. — Você disse que...

Cobri sua boca com a minha mão.

— Esqueça o que falei, e preste atenção. — Nos entreolhamos através do reflexo enquanto o meu corpo a empurrava até a bancada, que serviu de apoio para Yume.

De onde estava pude ver sua barriga movendo-se em sua constante tentativa de respirar, assim como os seios cobertos pelo top de ginástica que usava.

Não sei o que havia mudado dentro da cabeça dessa garota, mas ela estava diferente. Mostrando mais a pele, sorrindo mais. A raiva que sentiu da forma como eu a rejeitei, fez com que reagisse.

E por mais que gostasse de toda essa exibição, eu preferia ser o único a vê-la se descobrindo mulher.

— Estou cansado de te ver fugindo, seja da minha cama ou do meu toque. Chega de passar suas noites naquele maldito sofá, eu não vou mais aceitar que fique longe, me ouviu?

Confusa, ela sacudiu a cabeça, o que tornou o meu aperto um pouco mais intenso ao puxar a sua nuca para trás. Tudo em Yume era frágil, facilmente quebrável, exigindo de mim um cuidado redobrado ao manuseá-la.

E por esse motivo, afastei a mão de sua boca. Deixando-a falar e respirar.

— Por que está fazendo isso? Me afastando em um momento, e no outro, bagunçando a minha cabeça? — sussurrou, em conflito. — E todas essas garotas com quem você dormiu, Dam? Eu devo simplesmente fechar os olhos e fingir que não me machuca?

Aí estava. Sua raiva, ciúmes.

A verdade.

E foi por descobrir que não era o único doente dessa história, desejando o impossível, que no momento em que Yume conseguiu escapar das minhas mãos, afastando-se e me fazendo olhar para trás, é que eu a detive e a empurrei novamente.

Só que, dessa vez, foram as suas costas que esbarraram na bancada enquanto eu a pegava no colo e a colocava sentada sobre a pedra fria. Em resposta, a garota sufocou a própria respiração e me encarou como se eu estivesse ficando maluco.

E caralho, eu estava.

— Você continua tomando péssimas decisões, amor — sussurrei contra o seu pescoço. E arrastei a boca sobre a pele pálida enquanto eu a puxava pela cintura, fazendo-a abrir as pernas para me permitir entrar no meio delas antes que o inevitável acontecesse.

Porque, diferente da última vez, não havia um só osso do meu corpo que aceitaria ser privado da boca dessa garota.

Eu já havia lutado demais.

YUME

Fui esmagada pela boca e o tesão incontrolável de Damon. Seus braços, ainda molhados da ducha que havia acabado de tomar, me seguravam com força enquanto uma de suas mãos me agarrava sem piedade pelo cabelo e a outra deslizava até o meu estômago.

Descendo.

Seu toque arrepiou-me a barriga e o baixo-ventre. Antes que ele enfiasse os dedos dentro da calça de moletom que eu usava, que foi onde o senti se deter.

Com a respiração pesada e o olhar duro, preso ao meu, era como se Damon me desse tempo para dizer *não* ou o afastar. Ofegamos juntos, enquanto eu gemia baixinho, sem vergonha alguma na cara. Tudo o que fiz, por mais insano que fosse, foi me mover em direção a sua mão.

Para que Damon se desse conta de que quando se tratava dele, por mais que eu tentasse, faltava-me juízo.

Enlouqueci, em segundos. E seus dedos puxaram e apertaram a tira lateral da calcinha, com raiva por ela ser a última barreira o impedindo de chegar a minha boceta. Sua mão escorregou um pouco mais, abrindo-se em uma concha enquanto eu me derretia sobre ela. O peso do meu corpo cedeu, ainda que eu estivesse sentada. De pernas escancaradas para as vontades desse homem.

— Dam, por favor. — Não soube dizer pelo que implorava, mas o pedido veio acompanhado de uma onda intensa de desespero e desejo. E por Deus, eu precisava que ele continuasse.

— Posso ter te afastado, amor. Mas fique certa de que possuo sua boca e boceta. — Damon me apertou a carne por cima da calcinha e eu congelei, sentindo o sangue fluir todo lá embaixo. Como se minha boceta tivesse acabado de ser reivindicada.

— Cristo... — gemi, sem condições de o parar. Porque eu não queria que Damon parasse.

Nunca.

Com suas pernas no meio das minhas, foi impossível fechá-las. Que foi o que o meu corpo tentou fazer, no momento em que seus dedos esfregaram o meu clitóris por cima do tecido fino fazendo-me gemer e afundar a cabeça contra o seu peito nu.

— Merda, Dam! — gemi, surpresa com o choque de prazer.

— Vai ficar ainda melhor. Basta que me deixe cuidar de você. — Damon não foi devagar, mostrando-se igualmente excitado. E sem aviso, o homem afastou o tecido encharcado da minha calcinha e espalhou os dedos pela minha boceta, que, de tão melada, tornou seu toque escorregadio.

Um empurrão e eu o teria dentro de mim.

— Eu realmente amo os sons que você faz, porra — o grunhido me arrepiou. — Você é dengosa até excitada...

Com as coxas trêmulas do castigo que Damon me deu, ao circular meu clitóris e o beliscar, repetidas vezes, senti-me caminhar em direção ao abismo enquanto era alvo do olhar mais intenso que presenciei na vida. Damon não estava no controle, sua impaciência era nítida assim como a fome. Uma energia violenta e caótica emanou dele, envolvendo-me a pele. E ainda que eu estivesse completamente refém do seu toque, podia jurar que fui capaz de sentir o seu pau latejar e endurecer contra a parte interna da minha coxa.

A ereção pesada se rebelou quando movi o quadril na sua direção, querendo mais dele.

Gemi, sendo capaz de nomear a expressão em seu rosto: desejo. Tesão. Loucura. Damon grunhiu profundamente e empurrou a ponta do dedo na entrada da minha boceta.

Mas não me penetrou, não completamente.

— Dam... eu sou... — Eu era virgem, droga.

— Eu sei, amor — disse contra a minha boca, sôfrego de vontade e desejo. Seu peito subia e descia com tanta força, que soube que ele tentava se conter. — Mas isso não me impede de te fazer gozar na minha mão. Entende? —

Assenti em outro gemido. — A gente começa assim, até que você esteja gozando com o meu pau dentro de você.

Por Deus. Imaginar cada polegada desse homem dentro da minha boceta foi o suficiente para que eu apertasse as coxas ao redor do quadril dele e mordesse o lábio, impedindo-o de me beijar e o levando a agarrar com força o meu cabelo.

— Não me negue sua boca. Não é assim que as coisas funcionam comigo. — Eu o encarei e perdi o maldito fôlego quando os primeiros espasmos de prazer foram sentidos através do meu corpo enquanto sua boca caía sobre a minha em uma verdadeira tempestade.

Contendo a intensidade do meu orgasmo, ao me devorar com a boca ao mesmo tempo que me castigava entre as pernas. A mão com o pulso grosso afundou inteira, enquanto eu sentia a ponta de seus dedos irem e virem melados do prazer que me escorria.

Foi com a sua boca na minha que eu finalmente entendi por que sexo fazia as pessoas agirem feito animais. Tomada pelo *frenesi* deixado pelo orgasmo, era como se o meu corpo inteiro tivesse perdido os sentidos.

Ao mesmo tempo que eu me tornava uma bagunça barulhenta e chorosa.

— Quieta, amor. Sem fazer barulho.

Tive o grito repentino coberto pela palma de sua mão, que me sufocou naquele momento, e me deixei afundar completamente em seus braços.

Demorei a reabrir os olhos, e ao fazer me encontrei alvo da sua atenção, que me queimou a pele e a alma. Como se meu gozo o tivesse deixado com ainda mais vontade de me foder. E mesmo que estivesse zonza do primeiro orgasmo da minha vida, eu sabia que não estava pronta para mais nada.

Com a mão ainda entre as minhas pernas, Damon me capturou o lábio e arrastou os dedos lambuzados pela minha barriga de um jeito, que deixou claro que ele não desejava interromper o contato.

Cada vez mais consciente, os acontecimentos dos últimos dias me atingiram como um trem desgovernado fazendo-me encarar Damon, sem a

nuvem de luxúria que me havia dominado.

Não era arrependimento o que senti, mas foi impossível não me considerar uma idiota.

Porque eu havia acabado de gozar na sua mão, enquanto ele fodia garotas por aí...

Levantei-me, nervosa, recusando-me a olhar na sua direção e a imaginá-lo novamente com outras mulheres. Só que antes que pudesse me afastar, e colocar uma distância segura entre nós dois, Damon me deteve.

— Onde pensa que vai? — questionou, impaciente, mordendo a ponta de um dos seus dedos de forma natural. Como se provar o gosto da minha boceta fosse exatamente o que ele pretendia.

— Eu... preciso ficar longe de você e do que me faz sentir, ok? — disse ao me afastar.

Esperar que entendesse seria inútil, porque essa era uma guerra sem vencedores. E Damon dificilmente me deixaria sair sem dar a última palavra.

— Yume?

Detive-me próximo a porta e olhei para trás vendo seus olhos arderem com uma infinidade de emoções. Algumas mais violentas do que outras.

— É bom que esteja na luta essa noite, sentada onde eu possa te ver e sentir a porra do seu cheiro. Pelo seu próprio bem.

Engoli em seco, mas não disse a Damon a verdade.

Eu não podia.

Em vez disso, apertei um lábio inchado no outro e bati a porta atrás de mim, sentindo-me mais perdida do que quando entrei.

DAMON

O som da multidão ecoou através dos corredores e arquibancada, fazendo o meu caminho até o vestiário destinado aos lutadores. Nem mesmo a adrenalina sombria, espalhando-se feito veneno pelas veias do meu corpo, impediu-me de enlouquecer.

Tomado pela raiva, andei de um lado a outro sem enxergar um palmo à minha frente.

A luta começaria dentro de minutos, e o único sinal que tinha de Yume era a mensagem curta e malcriada que a pequena infeliz enviou há pouco.

Yume: Não poderei ir.

Duvido que a garota tenha gostado da resposta que recebeu ou do prazo que dei para que trouxesse a sua pequena bunda até mim. Sua teimosia era um indício e tanto de que ela pretendia foder comigo.

E não do jeito que eu gostaria.

Alterado, voltei a chamar o seu número, pela milésima vez, encontrando-o agora desligado. *Filha da mãe, sem juízo!*

Se não fosse dor de cabeça suficiente, havia o agravante de que Astrid foi vista outra vez pelos arredores do ginásio. Só que com a prostituta favorita do meu tio eu lidaria em outro momento. A cadela pode ter se esquecido das regras, mas eu não.

O acordo era que a infeliz se manteria longe de tudo o que me envolvia, e eu garantiria que Vladimir tivesse a sua puta para recebê-lo sempre que voltasse à cidade. A ameaça deveria ter surtido efeito. Mas, pelo visto, eu estava rodeado por mulheres impulsivas e teimosas.

Com a entrada abrupta de Mercúrio, no vestiário, forcei-me a recuperar parte do foco perdido desde a mensagem de Yume. Havia uma luta a ser ganha.

E então, eu caçaria a pequena infeliz que continuava a correr. Sem ideia de que, ao fazer, ela apenas tumultuava o monstro dentro de mim.

— Talvez seja melhor que Yume não esteja aqui, *D.* Essa história de Astrid rondar o ginásio não me cheira nada bem. Aquela mulher está atrás de problemas e se puser os olhos na nossa garota...

— Astrid é assunto meu — o lembrei, sentindo-me mais transtornado a cada segundo que passava. — E lidarei com ela em outro momento. O que quero saber é onde a *nossa garota* está.

Mercúrio se deteve e o fato de que o seu olhar, sempre ácido, tenha se mantido distante, foi o que bastou para que desconfiasse que o filho da puta me escondia algo. Eu o tinha enviado para fora, em busca de respostas. E agora, a suspeita de que Yume pudesse estar em algum lugar dessa maldita cidade com Nero em seu encalço, fez o ciúme ganhar vida dentro do meu corpo.

Com o gosto daquela infeliz ainda na boca, e o cheiro dela impregnado aos meus ossos, amaldiçoei o dia em que permiti que Caleb me arrancasse de cima daquele merdinha intrometido, antes que eu tivesse a chance de o machucar de forma irreversível. A surra, no entanto, não o fez compreender algo fundamental para a sua própria sobrevivência.

Yume me pertencia.

— Não foda com tudo essa noite, cara. Você sabe o que está em jogo — Mercúrio interveio, antes que fizesse a besteira de, por exemplo, desistir da luta.

— Se você sabe onde ela está, é melhor que diga, Mercúrio. Porque eu juro que não me importo com a cara de quem eu tenha que quebrar para descobrir em que buraco essa garota se enfiou.

Mercúrio sacudiu a cabeça, ciente de que minhas ameaças não costumavam ser vazias. O filho da puta me conhecia, e era melhor que me dissesse logo a verdade do que me ver perdendo o controle ou a capacidade de tomar decisões que não fossem impulsivas ou motivadas pelo ódio que sentia.

— Existe uma chance de que ela esteja com Nero. Pode ser apenas a porra de um boato, mas alguns caras disseram que ele foi para a fogueira essa

noite e que não estava sozinho.

— A porra de um boato. Com quem Yume acha que está lidando, caralho?

— Damon...

Empurrei o celular na sua direção.

— Eu vou subir naquele ringue, Mercúrio. Mas o farei imaginando que é Nero lá em cima comigo. Porque adivinhe, eu não acabei com o infeliz ainda. A surra foi apenas o começo. E, graças a Yume, ele terá o que merece antes do imaginado — grunhi, tomado pela fúria. — Diga isso a ela, quando a garota decidir atender ao maldito telefone.

Passei por ele e deixei o vestiário. Os gritos chamando por *Tempest* fizeram-me lembrar porque estava aqui essa noite: dinheiro, poder. Vingança.

À beira do colapso, eu estalei o pescoço e bati um punho ao outro enquanto Caleb se aproximava examinando o meu estado e a minha capacidade de entrar na gaiola.

A raiva era um bom motivador sobre o ringue, mas em excesso ela se tornava mais prejudicial do que benéfica.

— Estive estudando o seu adversário, não o deixe te levar ao chão — informou, cauteloso. — A menos que deseje perder, é claro.

— Algo mais? — grunhi, movendo o protetor bucal.

— Pense que… quanto mais rápido ganhar a luta desta noite, mais rapidamente poderá ir atrás dela. — O encarei, vendo o filho da puta sorrir de forma cínica.

Nunca fiz questão de que Caleb concordasse com as decisões que tomava, éramos como irmãos por um excelente motivo. Mas não ter que esconder dele, que ir atrás de Yume era exatamente o que pretendia fazer, tornava tudo mais fácil.

— Nero vai se arrepender de ter colocado as mãos nela. Assim como qualquer um que tentar me impedir de chegar até Yume.

— Ganhe a luta, Damon. O que fizer depois é com você e sua

consciência. Desde que não a machuque.

Meu nome foi anunciado, levando a multidão à loucura. Com suas palavras girando em círculos dentro da minha mente, eu entrei na gaiola e dei início ao maldito show enquanto cada aresta de Tempest vinha à tona. Não havia limitações ou amarras durante a luta.

Nada a me impedir de ser quem eu realmente era.

Um Noirín.

Um assassino.

Um monstro.

Como Vladimir.

YUME

A fogueira queimando no centro do território afastado da Clave aqueceu-me o corpo tanto quanto me deixou apreensiva. Rostos desconhecidos viravam-se na minha direção como se soubessem exatamente quem eu era. Quando eu mesma não fazia ideia de seus nomes ou de onde vinham.

A maioria parecia ter a mesma idade de Nero ou mais. Caras em seus vinte e poucos anos, que agiam como os que eu conhecia. Com a diferença de que não havia *um Damon* para os impedir de se aproximarem.

Pelas vezes em que Nero se afastou, sempre com o intuito de pegar bebidas, fui abordada por pelos menos dois deles oferecendo-me algum tipo de droga diferente.

Dam os mataria se soubesse.

De forma quase distorcida, e com quilômetros de distância entre nós dois, consegui sentir o tamanho e a intensidade da sua raiva. Imaginei-a crescendo enquanto as horas passavam e Damon se dava conta de que falei sério.

Eu não iria até ele, não essa noite.

E não enquanto o meu corpo insistia em recordar a sensação que foi ter seus dedos enfiados no meio das minhas pernas. Arrancando-me o juízo junto com o meu primeiro orgasmo.

A onda de prazer, quase alucinógena, assustou-me de tal forma que precisei me afastar. Ocupar a cabeça com qualquer outro pensamento que não o desejo de voltar para dentro daquele vestiário e implorar para que Damon continuasse a inundar o meu corpo inteiro de arrepios e orgasmos até a inconsciência.

— Você parece distraída. — A voz de Nero fez-me pular surpresa por não tê-lo visto se aproximar.

Era difícil prestar atenção ao que acontecia ao redor, quando o meu coração decidiu por conta própria que, *se eu iria fugir de Damon*, o faria

sozinha, sem o apoio dele. Que, ao que parece, havia escolhido um lado antes que eu mesma o fizesse.

— E estou — admiti, sem graça. — Deve ser porque não conheço os seus amigos...

Nero enfiou as mãos dentro dos bolsos do casaco e olhou ao redor. Como se verificasse todos que estavam a nossa volta. Alguns mais distantes que outros.

A fogueira, como chamou o lugar ao me convidar, nada mais era do que uma área aberta. Cercada por árvores imensas e iluminação escassa. Um parque abandonado, eu diria, afastado do território da Clave. E ainda que a *civilidade* nesses grupos fosse inexistente e que eu tenha me acostumado a estar na presença de delinquentes e homens violentos, o arrepio gelado na espinha fez com que eu me desse conta de que não estava segura.

Mesmo que a intenção de Nero ao me trazer fosse uma das melhores.

Depois de anos sob as asas sombrias de Damon, o interesse de Nero soava praticamente como um elogio. Principalmente pela coragem dele de passar por cima de cada um dos avisos de Dam.

— Você me conhece — garantiu. — E se me der uma chance, talvez eu também consiga te conhecer.

— Mas você me conhece. Sabe quem eu sou, onde moro. Com quem eu... moro. —Segurei a bebida que Nero havia me trazido com um pouco mais de força.

Porque, de repente, a noite inteira soou como uma péssima ideia. Eu não queria que Nero saísse machucado dessa vez. E conhecia Damon o suficiente para imaginar que cada passo que dei para longe dele, acarretaria um soco no cara cujo único erro que cometeu foi me convidar para sair.

A curiosidade que sentia de beijar outra boca, que não a de Damon, apenas para descobrir o que me mantinha presa a ele, não valia a dor de cabeça que me causaria.

Principalmente, porque não me achava pronta para apagar o seu gosto da minha boca.

— Não como eu gostaria. — Desviei o olhar para longe de Nero e mordi meu próprio lábio com tanta força, que um rastro fino de sangue pôde ser sentido. — A menos que você pertença a ele — acrescentou, e a insinuação fez-me olhar para ele. — Se for esse o caso, prefiro saber agora, Yume. É mais fácil assim.

Sacudi a cabeça, pensando em todas as garotas que Damon deve ter fodido nas últimas semanas. Não que eu tenha visto com meus próprios olhos sua boca atada a de outra mulher, nem precisei lidar com qualquer uma delas em nossa cama. Mas escutava suas vozes ao redor do ginásio e o cheiro do perfume barato, sempre impregnado as suas roupas.

Admito. Talvez eu tenha me deixado levar pelo ciúme e pela raiva, e cheirado suas camisas e moletons. Talvez, eu tenha feito isso para me lembrar do babaca egoísta que Damon era. Infelizmente, para mim, tudo o que consegui foram motivos extras para ficar chateada.

— Eu não pertenço a ninguém. — Senti como se as palavras me rasgassem a garganta.

Mentir era sempre assim.

Ainda mais quando precisava lidar com o lado estúpido do meu cérebro que insistia em questionar: *Tem certeza de que não pertence, sua maluca?!*

O que rolou essa tarde foi o quê?

Loucura. Apenas loucura.

— Quer saber? — A voz de Nero trouxe-me de volta a realidade e a sensação foi horrível. — Acho que, mesmo se dissesse que pertence a Damon, eu não desistiria de você. Alguns desafios valem a pena.

— Não gosto da ideia de ser vista como um desafio, Nero — murmurei, ao mesmo tempo que minhas bochechas queimavam.

Cada vez mais desconfortável, afastei-me de onde estávamos. E me aproximei dos grupos reunidos em algum tipo de luta improvisada e sangrenta, que, se meus ouvidos escutaram direito, valeria dinheiro e mulheres.

— Vocês apostam pessoas? — indaguei, confusa.

Desde que me explicou o que significava *a Clave*, e como a gangue surgiu longe do poder e do alcance da máfia americana e irlandesa, que disputavam o território da Nova Detroit, Damon deixou claro que não havia inocentes ao redor.

Mesmo que as intenções fossem boas.

Claro, à sua maneira, ele tentou me manter longe do outro lado do seu mundo. E, de certa forma, conseguiu. A ponto de me deixar cega, sentindo como se o beijo que demos, não tivesse roubado apenas o meu coração, mas me arrancado o véu que me cobria os olhos.

— Não do jeito que está imaginando. Essas garotas gostam de assistir e se oferecem.

— Sexualmente? — deixei que a curiosidade falasse mais alto.

Querendo saber, acima de tudo, se o mesmo acontecia nas lutas que Damon participava. Atenta ao embate sangrento acontecendo a apenas alguns passos de distância de onde eu me encontrava, dei-me conta de que algumas dessas garotas e mulheres olhavam na nossa direção.

— É impressão minha, ou elas sabem quem eu sou? — Acompanhei Nero para longe, que se afastou ao notar que éramos alvo de atenção.

Naquele momento, eu sequer me importei por estarmos nos distanciando do barulho e da pequena multidão.

— Damon nunca foi discreto em relação a você — explicou, ao dar de ombros. — Ou fez questão de esclarecer o tipo de relação que vocês têm. E as pessoas falam.

— Falam o quê? — perguntei, rapidamente, sem conseguir segurar a língua.

— A respeito de tudo, Yume. Quero dizer, vocês moram na mesma casa, é natural que pensem que você está com Damon.

— Enquanto ele fode outras? — Não era possível que pensassem algo assim. *Que mulher eu seria se aceitasse ser traída?*

— Algumas garotas não se importam. — Seu olhar me analisou, como se

desejasse saber de qual lado eu estava.

E se, para estar com Damon, seria capaz de passar por cima de tudo, principalmente do meu orgulho.

Eu amava aquele idiota teimoso e mulherengo, e posso nunca ter estado em um relacionamento, mas jamais permitiria que Dam me destruísse dessa forma.

— Eu não sou esse tipo de garota, ok? — expliquei, ao retirar o celular do bolso da jaqueta que usava sobre o vestido justo, enquanto o ligava outra vez.

Tudo para esconder de Nero o quanto esse assunto, em especial, ferrava com a minha cabeça.

O beijo que presenciei quase duas semanas atrás, e a possibilidade de que ele tenha estado com outras, por todo esse tempo, era o bastante para me deixar enjoada e com vontade de vomitar.

Era isso, Damon possuía um poder tão grande sobre mim, que ele era o único com a capacidade de me arrastar do céu ao inferno em questão de segundos.

Tomada pelo frio na barriga que me invadiu ao religar o celular, depois de o ter mantido desligado de propósito, vi-me rapidamente cercada por textos preocupados de Mercúrio e uma dezenas de outros irritados de Caleb. Ambos com sua forma única de demonstrarem o seu amor por mim.

Eu odiava deixá-los dessa forma. Sem notícias, ou pensando o pior. Mas não havia outra maneira de escapar de Damon, se não fosse desaparecendo da face da Terra.

Irritada com os três, detive-me na última mensagem de Damon enquanto o amaldiçoava com todas as minhas forças por insistir em agir como se fosse o meu dono.

— Ei, não precisa ficar brava. Damon ou qualquer outra cara teria que ser muito idiota para trair uma garota como você. Eu nunca o faria. — Sacudi a cabeça, porque não era esse o motivo pelo qual estava furiosa. E sim, o óbvio ciúme que Dam sentia.

E que, ainda assim, não era o bastante para fazê-lo ficar comigo.

— Podemos não falar sobre Damon? — pedi, e Nero apenas concordou.

— Claro. Mas antes preciso dizer que estou surpreso que ele não tenha vindo atrás de você ainda.

— Damon não sabe onde estou, eu não contei. — O vi sorrir, como se saber desse pequeno detalhe o tivesse deixado extremamente satisfeito.

— Você realmente não o conhece, não é? — Seu comentário fez-me diminuir o passo. — Vê todos esses caras ao redor? Eles não são exatamente um grande fã do Damon e, mesmo assim, a aposta entre eles é se eu irei ou não sobreviver a esta noite...

Então eles pensavam que Damon viria atrás de mim? Eu não podia culpá-los por pensarem assim, mas conhecia a verdade.

Damon estaria ocupado demais após a luta.

Com outras bocas, mulheres. Cheiros.

— Será que posso participar? — perguntei afastando Damon de vez da minha cabeça.

— Depende, para quem vai a sua aposta? — Nero se impôs na minha frente, detendo o meu passo de forma definitiva.

Não havia quase ninguém por perto, e o som diminuiu assim como os olhares. A proximidade em que ficou deveria ter me assustado ou feito com que eu recuasse.

Mas enquanto Nero mantivesse as mãos para si e não me tocasse, eu estaria bem.

— Para você? — tentei soar tranquila, quando a verdade é que não estava. — Não gostaria que se machucasse por minha causa novamente.

Mais perto do que nunca estive de outro homem, que não o Damon, eu me deixei ser seduzida pelo sorriso de Nero enquanto conversávamos sobre *tudo e nada* ao mesmo tempo.

De onde estava, pude sentir o cheiro de sua colônia. E a cada esbarrão do seu corpo no meu senti-me relaxar. Nero não tomaria nada que eu não quisesse

entregar a ele, até mesmo seu toque se mostrou hesitante. E seu olhar me pediu desculpas cada vez que sua pele raspou a minha.

Faltou desejo, a vontade de beijar sua boca. Mas sobrou curiosidade e a necessidade de descobrir se Nero me faria sentir da mesma forma que Damon. Foi com essa intenção que dei um passo à frente e o encarei, no momento exato em que o celular vibrou na minha mão.

Droga! Bastou um olhar para a tela, para que cada pelo do meu corpo se arrepiasse.

Damon: Deixe-o te beijar. E eu o mato.

Olhei de imediato ao redor, procurando-o enquanto as minhas pernas falhavam ao me dar conta de que todos eles estavam certos, afinal.

Damon sempre viria atrás de mim.

Capítulo 20

DAMON

Inclinado sobre a *Kawasaki*, eu mantive as pernas afastadas permitindo que a energia do meu corpo vibrasse junto com o motor violento enquanto observava Yume a distância. Perdida em meio à multidão de vândalos ao redor da fogueira. Esse não era o lugar mais seguro para se estar, havia bebidas e drogas demais.

Sexo demais.

Toda essa porcaria, cercada por filhos da puta, que ou tinham sido expulsos da Clave em algum momento ou escolheram viver desgarrados de qualquer gangue autodeclarada.

Caras assim nunca eram confiáveis, pois serviam a todos os lados. Não era de se admirar que Nero andasse entre eles.

Se tive dúvidas a respeito de sua lealdade, agora eu tinha a resposta: o desgraçado não era confiável e estava perigosamente perto de colocar as mãos e a boca na minha garota.

O tempo que perdi no *Porão* após a luta foi suficiente para que pudesse jogar água fria sobre os meus ossos e lavar o sangue do adversário fora. Desatento, a luta dessa noite por pouco não se tornou um desastre.

Estive distraído, cometendo erros que quase me levaram ao chão fazendo-me ter consciência de que, pela primeira vez em anos, eu poderia ter sido nocauteado.

O invicto e fodido Tempest não passava de um homem afinal.

Caralho, acho que eu não era o único que se lembraria dessa noite por um longo tempo. Porque, assim como levei semanas para me dar conta da verdade, Caleb finalmente pareceu compreender o poder que Yume tinha sobre mim.

Assim como os riscos de mantê-la.

Fodam-se Vladimir e Astrid. Eu seria capaz de enfrentar cada um deles pela japonesa. E o faria sem peso algum na consciência.

Vendo-a me procurar, após a mensagem que a afastou de Nero, eu desci

da moto mais do que disposto a intervir no showzinho acontecendo essa noite. Caras como Nero não desistiam tão facilmente, eu os conhecia porque de certa forma fui um deles.

Yume: Deixe-me em paz, Dam.

A mensagem veio segundos depois.

Dam: Nunca, amor.

Jamais seria racional no que se referia a essa garota. O ciúme alastrando-se por cada artéria e veia do meu corpo, falava por si só. A ponto de me fazer agir como um maldito *stalker*, prestes a persegui-la entre a pequena multidão que me assistiria arrancar Yume de perto daquele frangote.

Como se suspeitasse de que a garota à sua frente, a usar a porcaria de um vestido curto e apertado, que revelava mais pele nua do que deveria, trocava mensagens nervosas comigo, Nero a afastou cada vez mais, levando-a para a parte mais sombria e deserta do parque. Esperei que Yume recuasse ou se negasse a ir com ele. Mas a infeliz sem juízo o seguiu, olhando uma única vez para trás.

Ciente de que era vigiada e que seus passos, levando-a para longe da multidão e de mim, me fariam abdicar da cautela e ir atrás dos dois enquanto rostos conhecidos e desconhecidos recuavam e contorciam-se em caretas irritadas, ao me reconhecerem.

Eu não era um ídolo para eles, sequer o filho da puta que os comandava. Mas se havia algo que as ruas me ensinaram é que o respeito que não se adquiria com ações, tomava-se no punho.

Ou, como eram os serviços que fazia para Vladimir, *no atravessar de uma bala.*

Com o capacete em mãos, eu praticamente cacei a garota pedindo para

levar uma surra em sua pequena bunda. Yume não era assim, ela não agia impulsivamente ou me desobedecia. Por mais brava que estivesse, essa garota sempre priorizava sua segurança e me deixava cuidar de tudo. Mas há dias, Yume afastava-me de todas as formas.

Como se até mesmo olhar para mim, fosse doloroso. Ela não era a única a se sentir dessa forma, caralho. Meu lado mais possessivo e controlador, não sabia como agir ou domar essa garota. E as minhas bolas estavam praticamente roxas de um tesão que mulher nenhuma seria capaz de dar conta.

Com o olhar fixado em suas costas e a cabeleira prestes a conhecer as mãos de outro homem, senti-me lutando comigo mesmo. Cada passo, teve o ódio e a capacidade de afundar e fazer estremecer o chão sob meus pés. A respiração permaneceu áspera, acelerada dentro do peito enquanto eu me questionava o que Yume pretendia ao se deixar ser tocada e beijada por outra boca que não a minha.

Porque foi o que aconteceu antes que eu tivesse a chance de alcançá-los.

Como se os beijos e o fodido orgasmo que dei a ela não tivessem acontecido, Yume ficou na ponta dos pés e entrelaçou os dedos no pescoço de Nero.

Fodendo de vez comigo, e com qualquer resquício de sair desse parque sem sujar minhas mãos de sangue. Alheio ao fato de que em breve teria suas pernas quebradas, Nero aprofundou o beijo e a segurou.

Foi preciso cada grama de autocontrole, não arremessar o capacete contra a sua cabeça. E se não o fiz, foi porque corria o risco de machucar Yume no caminho.

Cacete.

O beijo dessa garota, em dois momentos diferentes, significou a minha ruína.

Primeiro, na minha boca; e agora, na boca de outro homem.

Com sangue nos olhos, aproximei-me dos dois e deixei que a minha voz, grave como um estrondo, os alcançasse:

— Você tem um segundo para arrancar as mãos de cima dela, seu filho da puta! — alertei, fazendo-os se afastarem de imediato. — Ou eu mesmo as arranco, mas do seu corpo.

Como se estivesse em câmera lenta, Yume se virou e me encarou com as bochechas vermelhas, ardendo de vergonha e raiva. *Mas não era o que ela pretendia?*

Que eu a visse beijar Nero?

Que sentisse na pele o que sentiu?

Bem, a infeliz tinha conseguido. Eu estava furioso, não apenas com Nero. Mas com Yume e sua bunda teimosa e impulsiva. Que havia oferecido beijos que deveriam ter sido apenas meus, a outro homem.

Cego da mesma raiva que essa garota sentiu ao me ver, eu a segurei pelo braço e a tirei da frente de Nero.

— O que faz aqui? Eu disse para ficar longe...

— Não, amor. Você disse para que eu te deixasse em paz. Mas adivinhe só? Eu não vou. — Nero se agitou atrás de Yume, mas apenas o ignorei. A hora dele ainda não tinha chegado. — Será que seu novo amiguinho sabe onde meus dedos estiveram horas atrás? Ou o nome de quem você gemeu ao gozar?

A infeliz teimosa, sacudiu a cabeça e tentou me empurrar.

Completamente envergonhada.

Mas era assim que deveria se sentir mesmo. Culpada.

— Pare de agir assim... eu não sou sua! — gritou, enfurecida, fazendo-me, literalmente, rir.

— Você deveria escutar a garota, Damon. — Voltei a atenção para o desgraçado atrás de Yume e, antes que ele tivesse a chance de dizer alguma outra merda, eu avancei sobre o infeliz golpeando-o na mandíbula e, em seguida, no nariz e nos ombros.

Porra, o meu desejo foi de quebrar cada dente desse filho da puta, que sorriu ao receber o primeiro soco deixando claro que sabia exatamente o monstro que provocava.

Diria até que o frangote estava se divertindo em colocar as mãos no que era meu. E mais, em revidar os golpes em uma tentativa de mostrar que era capaz de me enfrentar de igual para igual.

Nero não era idiota, por semanas ele me observou lutar. Descobriu cada ponto fraco que possuía. E me referia àqueles que me nocautearam dentro e fora do ringue.

Os gritos de Yume não foram impedimentos suficientes para me arrancar de cima de Nero. Mas a porra do seu toque, sim. A garota não apenas cometeu o erro de se impor entre nós dois, mas o de me deter. As mãos pequenas e frágeis empurraram-me o abdômen, mas nem toda a força do mundo teria me afastado naquele momento.

— Não se meta, Yume — grunhi, intolerante. — Você fez mais do que o suficiente esta noite...

— Você só pode estar brincando, Damon — rugiu de volta, como uma pequena leoazinha. — Eu fiz? Olhe para você, droga! Há sangue em suas mãos...

— Achei que tivéssemos passado pela fase em que você se assusta ou se surpreende com o que eu faço.

Yume sacudiu a cabeça.

— Nunca. Porque quando penso que te conheço, Dam, você aparece justamente no meu encontro e estraga tudo!

Encontro?

A filha da mãe não poderia estar falando sério.

— A garota tem vontade própria, Damon. Está na hora de soltar a rédea... — Nero atreveu-se a dizer.

— A *minha garota* tem nome, seu filho da puta! — Virei-me, ficando cara a cara com Nero e o segurei pela camisa, apreciando o estrago que havia feito em seu rosto bonito. — Coloque um só dedo no que me pertence outra vez, e eu te mato. Olhe para ela, porra, e eu te mato! Fui claro?

Não foi uma ameaça vazia e Nero entendeu ao recuar, levantando as mãos como se erguesse uma maldita bandeira branca.

Até parece.

Com dois de seus amigos aproximando-se por trás, Nero continuou a se afastar, juntando-se aos desgraçados enquanto mancava e amaldiçoava por todo o caminho. Havia resquícios da luta por todo o meu rosto, meu próprio sangue manchando-me a pele e as mãos.

E ao me virar, soube exatamente qual era a visão que Yume tinha. E, pela primeira vez, não dei a mínima. Havia um preço a pagar, pelos segredos que essa garota tentava tão arduamente descobrir. E o preço era esse: estar cara a cara com o meu pior lado.

O que Yume enxergava a sua frente era quem eu era.

— Nero não fez nada — sussurrou, dando um passo atrás conforme eu eliminava a distância me separando dela.

— Claro que não. — A encarei, tomado pela fúria cega e tóxica. — Ele apenas te beijou, Yume. E você permitiu! — Inclinei-me sobre ela, forçando Yume a erguer o rosto redondo. — Quando vai aceitar, amor, que seus lábios são meus... assim como sua boceta e cada centímetro de pele?

Ela empalideceu, mordendo os lábios com tanta força que acabaria se machucando.

— Pare de dizer coisas assim, Damon. Apenas pare! — implorou, afastando-se de forma inconsequente.

Ao se virar, Yume me obrigou a segurar o seu braço arrastando-a na direção em que a moto estava, enquanto ignorava cada olhar fodido que se voltou para nós dois.

Se alguém tinha dúvidas do papel dessa garota na minha vida, hoje à noite não teria mais.

— Dê-me um bom motivo para não ficar puto com você, Yume — grunhi baixo. — Como imaginou que eu reagiria ao te ver beijando outro cara, porra? Você sabia que eu estava por perto e que veria tudo...

— Seu idiota, arrogante! — Ela tentou andar para longe, mas a puxei novamente, caminhando ao seu lado. — Quem disse que eu o beijei por sua

causa? Em algum momento você pensou, Damon Irish, que eu poderia estar curiosa para saber como seria beijar outra boca?

— Eu não continuaria se fosse você — eu a alertei, para o seu próprio bem.

— Ou o quê? — indagou com os lábios apertados um no outro. — Pretende me machucar?

Por um segundo, eu me detive encarando o seu rosto, enquanto me questionava se Yume falava sério.

Ou se era apenas outra de suas fodidas provocações.

— Eu nunca encostaria a porra de um dedo em você sem a sua autorização, seja para te machucar ou dar prazer, Yume.

— Até parece. — Brava como uma rosa espinhenta, facilmente esmagável, Yume passou a caminhar na minha frente enquanto rebolava a bunda, sem sequer se dar conta.

O vestido justo não havia deixado apenas suas pernas à mostra, deixou suas costas, ombros e seios, que insistiam em *subir e descer* a cada respiração agitada. O casaco que havia retirado em algum momento, foi levado em um de seus braços.

Assim como eu carregava o capacete.

— Estou te dando a chance de parar de lutar comigo! — esbravejei, atrás dela. — Você pode subir na minha moto por vontade própria. Ou dificultar minha vida e me obrigar a te carregar pelos ombros...

Yume se deteve, antes de seguir na direção contrária.

— Não foi você que acabou de dizer que não me tocaria sem a minha permissão?

— Mudei de ideia.

Aproximei-me com sangue nos olhos, querendo mais do que nunca cobrir essa infeliz. E foi o que fiz, ao arrancar a jaqueta da sua mão e a colocar sobre os seus ombros, envolvendo-a de forma apertada e trazendo Yume para perto.

— O que vai ser? — Dei a ela a chance de ir por conta própria enquanto fechava o capacete em sua cabeça assegurando-me de que nada a machucaria.

— Você não teria coragem — balbuciou através do visor, debatendo-se e gritando ao ser pega no colo e jogada sobre os meus ombros.

Yume lutou comigo, eu não teria esperado menos dela. Ou de suas pernas magricelas, que só deixaram de espernear quando a palma grande da minha mão tocou a parte interna de suas coxas.

Não foi um toque sexual, não a princípio.

Mas a forma como o seu corpo inteiro congelou, e ela arfou, cujo som foi abafado pela viseira escura, fez-me imaginar o que Yume sentiu por todo o caminho até a minha moto.

— Você ficou louco, Dam! — foi a primeira coisa que disse ao ser colocada no chão.

Seu quadril estreito se moveu, conforme ela puxava o maldito vestido para baixo, fazendo-me sacudir a cabeça e estreitar os olhos para o zíper frontal que cobria todo o comprimento dele.

Um puxão, e essa garota estaria nua.

— Se fiquei, não fui o único. Porque não é possível que tenha achado normal sair de casa com um vestido que mal cobre o seu corpo.

Yume engoliu em seco, cruzando os braços em frente aos seios. Que por pouco não haviam saltado do decote.

Sua respiração mostrou-se ainda mais agitada.

— Se não gosta do que vê, basta que não olhe.

Ignorei sua teimosia e tentativa de me ver perder de vez a cabeça, e diminuí o tom da minha voz:

— Não me importo que sinta raiva, amor. Desde que essa seja a última vez que eu te veja se colocar em risco, me ouviu?

O medo transpassou os seus olhos, e ela quase virou o rosto.

Mas eu a impedi.

— Podemos nunca ter falado sobre o seu passado, mas nós dois sabemos

que a pessoa de quem fugiu, tantos anos atrás, ainda está por aí. — Não era minha intenção alardear sua cabeça, mas precisava que Yume jamais se esquecesse de que, se Baba Yaga ou qualquer um dos seus homens colocasse os olhos na marca que havia em seu pulso, eles saberiam na mesma hora a quem essa garota pertencia.

A munhequeira que usava não era à toa. Era para protegê-la.

Porque ainda que essa garota não fizesse ideia, eu conhecia a mente do homem de quem ela fugia. E talvez por esse motivo, consegui mantê-la longe dele por tanto tempo.

— Eu não tenho mais medo — disse baixinho, tentando convencer a si mesma. — Deixei que *ele* me controlasse a mente por muito tempo, Damon. Não quero viver com medo, sempre achando que serei encontrada.

Eu também evitava pensar nisso.

Mas essa noite reacendeu cada medo dentro de mim, não saber onde essa garota se encontrava era o mesmo que estar perdido.

— Ninguém irá te encontrar. — Não se dependesse dos meus esforços. — Mas sair escondida, sem nos avisar onde está ou com quem, só a coloca em risco. — Yume se mostrou atordoada para responder. — Agora facilite a minha vida, amor, e suba na moto. — Montei antes dela e estendi a mão para que pegasse e me deixasse ajudá-la.

Hesitante, seus dedos se perderam entre os meus enquanto eu a trazia para perto. Desconfortável, ela montou na moto e me envolveu com as pernas.

A insegurança com que me tocou fez-me arrastar suas mãos até o alto do meu abdômen.

— Segure firme. Ou será que se esqueceu de como é andar comigo? — Olhei para trás, vendo-a balançar a cabeça e me apertar com força, estranhamente nervosa com a proximidade.

O percurso até o conjunto de edifícios abandonados, não levou mais do que vinte minutos e não fez nada para aplacar a inquietude que pareceu zombar de mim. No momento em que desliguei a moto, e ajudei Yume a descer, a garota

se afastou como se corresse do próprio diabo.

Permiti que caminhasse a minha frente, incapaz de não rosnar cada vez que a vi esticar o tecido do vestido que insistiu em subir pelo seu quadril. Yume estava linda, porra. Mas não estava acostumado a vê-la dessa forma, ou lidar com todos os olhares que sempre recebeu, mesmo vestida com minhas roupas.

— Eu deveria rasgar esse maldito vestido — grunhi atrás dela e entrei no elevador, onde apertei o botão do último andar.

Como se temesse ficar perto, Yume recuou até suas costas baterem contra a estrutura de ferro.

Ainda brava, o seu olhar me fulminou.

Intenso pra caralho.

— Eu não vejo você reclamando quando são as suas garotas usando. — Pelo visto, eu não era o único com ciúmes aqui.

— É fofo te ver com ciúmes.

Mesmo que sentir não fosse.

Sempre me orgulhei de ser um filho da puta emocionalmente controlado. Ao menos no que se referia às mulheres. Mas se havia algo que as duas últimas semanas e a noite de hoje me mostraram, era que Yume me tinha nas mãos e na ponta de sua boca.

Mais do que eu mesmo imaginei.

— Quer saber, Damon? Vá à merda você e todas elas! — Yume saiu do elevador quando as portas se abriram no nosso andar.

Alguns passos para dentro, e eu a alcancei puxando-a pela nuca, onde meus dedos rapidamente se emaranharam em um punhado de fios negros.

Sem aviso, eu a virei e a empurrei contra o sofá de modo brusco, mas também possessivo.

— Me solta, Dam! Você não tem o direito de...

Os lábios carnudos foram calados com a palma da minha mão, outra vez, enquanto seus olhos repuxados se arregalavam em choque.

— Você me obriga a ser violento, não é? — Yume tentou me morder,

debatendo-se contra o meu corpo alto, que conteve seus impulsos com um único empurrão do meu quadril contra o dela.

A tortura que foi senti-la se mover conforme respirava, endureceu o meu pau, fazendo cair por terra qualquer resquício de resistência que eu ainda pudesse ter.

— Deixe-me te contar um segredo. — Inclinei-me e rosnei contra a sua orelha enquanto, lentamente, afastava a mão da sua boca. — Não teve outra mulher, amor. — Arrastei a barba áspera pelo seu rosto macio, até encará-la. — Desde o nosso beijo, eu não desejei mais ninguém. — Yume arfou e o vapor quente que escapou por entre os seus lábios, atingiu-me a boca.

— Você está mentindo — disse baixinho. — Eu te vi beijando aquela garota no nosso apartamento. Ou será que se esqueceu?

Sacudi a cabeça. E o meu corpo *se agarrou* ao dessa garota tão descaradamente, que respiramos juntos.

— Um beijo, foi tudo o que aconteceu — admiti. — Porra, não é possível que me conheça tão pouco, a ponto de não se dar conta de que estou há semanas sem foder ninguém... e que você é tudo o que consigo pensar. — Dessa vez, foi ela quem balançou a cabeça, incrédula. — Todos os dias, eu te vejo andar por aí, de um lado a outro, enquanto enlouqueço por dentro.

Seus olhos se estreitaram.

— Eu sinto o cheiro delas nas suas roupas — revelou, deixando-me surpreso.

Porque não estivemos perto o suficiente para que Yume notasse qualquer perfume que não o meu, principalmente nas roupas que usei. Se sentiu, foi porque esteve colocando o nariz onde não era chamada enquanto cheirava minhas camisas e moletons.

Não vou mentir, a ideia de que essa garota tenha feito *coisas assim*, deixou-me ainda mais excitado. O pau dolorido de um tesão violento.

Quantas malditas vezes não desejei fazer o mesmo com suas calcinhas? Não em busca de provas ou indícios que esteve com outro homem, mas porque

seu cheiro era o meu maior vício.

E tudo levava a crer que o da sua excitação, fluindo pelos meus dedos a cada vez que eu a tocava, seria literalmente a minha morte.

— O que você sentiu, pequena Yume, foi o cheiro delas. Não de sexo. E deixe-me te dizer um segredo, elas tentaram. Mas sou um maldito caso perdido desde que provei da sua boca.

— Você. É. Um. Idiota — murmurou, com raiva, em outra de suas tentativas de me empurrar.

— Idiota eu teria sido se tivesse trepado com elas, sendo que o meu pau só deseja uma boceta. — Yume corou, com seus lábios se entreabrindo em choque. — A sua, amor. É de você que o meu corpo necessita. — Segurei o seu queixo para que me encarasse. — O seu beijo me atingiu bem mais do que a boca, Yume. Você inteira se alastrou pelo meu corpo, deixando-me na mais completa miséria.

— Odeio quando diz coisas assim, você me desestabiliza, Dam. Faz com que eu queira ceder...

— Não é como se eu fosse te dar outra opção. — O tom de voz foi ameno, mas por dentro senti explodir a intensidade de cada palavra dita.

— Você está sendo dramático... novamente.

— Dramático, louco. Viciado. Não importa o nome que dê, porra, desde que entenda que a partir de hoje... a sua boca está expressamente proibida de beijar qualquer outro homem que não seja eu.

Ela engoliu em seco e empurrou a testa contra o meu tórax, onde esfregou o nariz fofo de um lado a outro.

— Talvez eu precise pensar... você sabe, no que está me pedindo.

— Pensar? — indaguei. — Essa, por acaso, é a sua tentativa de me irritar ou algo assim?

Negou, ao ficar na ponta dos pés e me encarar profundamente.

— Não, seu bobo. Mas talvez seja a forma que encontrei de fazer com que você me beije, Dam. Agora.

A segurei pela cintura fina, tirando-a praticamente do chão, enquanto nossos corpos colidiam. Era impossível não olhar para essa garota sem perder a lucidez.

Faminto, a minha boca procurou pela dela, e um grunhido animalesco me escapou ao aprofundar o beijo, que começou abrupto, voraz, enquanto cada linha dura do meu corpo se moldava as dela. Suaves e delicadas.

Nosso beijo foi áspero, cheio de tesão acumulado e guardado por meses a fio. Um tesão que desabou sobre Yume de forma violenta. Queimando-a por dentro tanto quanto a mim.

Sem controle algum, mordi o canto dos seus lábios e os mantive *presos* entre os meus dentes, de forma egoísta e possessiva. Enquanto eu a agarrava pelo cabelo, forçando-a a me beijar de volta.

— Pare de pensar tanto — grunhi, ao vê-la resistir ao beijo. — Ou de procurar motivos dentro dessa sua cabecinha para que me afaste. É tarde demais, Yume.

— Tarde para o quê? — sussurrou de volta, com seus lábios molhados, implorando para serem devorados pelos meus.

— Para escapar.

Yume poderia tentar, até mesmo espernear e se debater. A única coisa que conseguiria agindo dessa forma, seria me fazer caçá-la com ainda mais desespero e convicção.

Capítulo 21

DAMON

Voltei a beijar sua boca, sufocando-a enquanto Yume lutava para respirar ao mesmo tempo que nossas línguas colidiam uma na outra, em uma disputa molhada e quente. Não era exagero, acho que nunca provei nada tão doce quanto os lábios e a língua inexperiente dessa garota.

Tudo nela derretia feito açúcar.

A cada novo beijo cheio de cobiça, Yume gemeu, segurando-me com força pela jaqueta, enquanto se esforçava para ficar na ponta dos pés. A mantive presa entre o meu corpo rijo e o sofá, curvando-a uma e outra vez, enquanto a moldava à minha própria vontade.

Dessa vez, ela não tentou escapar ou resistir. Deixou-me tocar sua pele, puxar seu cabelo e descobrir cada maldito segredo das curvas do seu corpo. Incapaz de me deter, e sem qualquer aviso, meus dedos deslizaram até a lateral do seu vestido curto, enfiando-se por dentro do tecido e sentindo, finalmente, o quanto era macia a pele das suas pernas sob o domínio das minhas mãos.

Eu a apertei, cravando meus dedos com força em suas coxas, fazendo-a gritar dentro da minha boca.

— Ficou maluco, Dam? — A intensidade com que a segurei fez com que Yume tentasse sair da prisão que os meus braços formaram ao seu redor. Sem juízo algum, afastei suas pernas bambas com o joelho e enfiei a mão direita no meio delas até ser capaz de alcançar a boceta quente através do tecido melado.

Que fiz questão de apertar com meus dedos.

— Quando se trata de você? Com certeza, porra — rosnei e mordi o seu pescoço, sentindo-a se contorcer e gemer baixinho, enquanto o meu pau latejava por dentro da calça, dolorido de vontade de afundar até as bolas na boceta dessa garota.

O miado que escapou de sua boca foi o sinal que precisava para continuar.

Yume gemia como se estivesse no cio.

Seu corpo respondeu ao agarre em sua boceta, como se implorasse para que eu metesse os dedos dentro dela. O que não iria acontecer, de jeito algum.

O único com o direito e satisfação de rasgar a japonesa seria o meu pau, que cresceu ainda mais inchado com o pensamento de arrancar a virgindade de Yume.

Tomando-a para mim sem quaisquer escrúpulos ou remorso.

— O que há por baixo do vestido, amor? — perguntei, louco para ver o que a cobria de mim.

O toque por cima do tecido a deixou insana. A pressão que o meu dedo fez junto com textura da renda, encharcou sua boceta, a ponto de o fluido grudento chegar ao meu polegar. Que levei até a minha própria boca, com o intuito de provar do seu gosto.

Não vou mentir, Yume era doce em todas as suas partes. Tê-la na minha boca, mesmo que apenas uma fração dela, fez-me ter ainda mais vontade de me ajoelhar em frente dessa garota e venerar seu corpo inteiro com a minha língua.

A começar pela sua boceta.

Com o pau duro, latejando contra o seu estômago, eu curvei meus dedos em uma das laterais de sua calcinha e escutei o estalo contra a sua pele ao liberar a tira fina, em uma brincadeira perversa que a deixaria marcada.

— Essa é outra de suas calcinhas rosas? — Assentiu com as bochechas e o pescoço cada vez mais vermelhos enquanto o meu olhar deslizava até o vestido embolado no seu quadril. As pernas pálidas estavam tão apertadas uma a outra, que tudo o que pude ver foi o fundo rosa do *pedaço de pano* que usava.

Caralho.

— Vamos, deixe-me ver o que você esconde — pedi, com a voz áspera de tão rouca. — Você pode não concordar, ainda, mas não quero nada me impedindo de ver a *minha* boceta. — O tom de voz possessivo a fez ofegar e tentar colocar algum espaço entre nós dois.

Sua teimosia, no entanto, desapareceu no instante em que Yume sentiu o raspar do jeans que eu usava contra a sua calcinha de renda, o que a fez gemer

em surpresa e segurar o meu braço, como se isso fosse, de alguma forma, me impedir de esfregar a coxa o seu clitóris.

— Você parece tão assustada... do que tem medo? — Yume engoliu em seco e, em seguida, balançou a cabeça. — Do sexo? Da dor?

— De você — sussurrou, enquanto meus dedos subiam e desciam agora pelo seu ombro, em uma carícia que a fez se encher de coragem. — Da sua intensidade e do quão fácil seria para você quebrar o meu coração...

Yume não estava errada em temer ou imaginar o pior cenário. Se a mantive afastada por todo esse tempo, foi justamente por não querer machucá-la.

Frustrado, além de excitado, eu sacudi a cabeça.

— Como disse, é tarde demais para nós dois, amor.

Seus olhos me encararam cheios de uma luxúria inocente, enquanto ela me assistia com a respiração presa, levar as mãos até o zíper do seu vestido e o deslizar pelo vão a manter seus seios unidos e exibidamente para o alto.

Foi um choque, do melhor tipo, descobrir que ela não usava sutiã. E com o deslizar do zíper foi possível admirar a pele pálida e extremamente branca dos seus seios, assim como os mamilos rosados.

Precisei de um minuto inteiro para me recuperar da beleza que Yume possuía. Minha garganta arranhou e meu pau latejou apenas pela milésima vez desde que a noite teve início.

— Depois de duas semanas sem tocar em você, não espere controle da minha parte, Yume. — Enfiei meus dedos por dentro da abertura do seu vestido, e esmaguei sem dó todo o seu seio redondo e macio. — O que aconteceu essa tarde, não foi nem o começo do que pretendo fazer com você...

Yume gemeu, contorcendo-se, enquanto eu a agarrava pelo bico intumescido e pequeno. Cada centímetro dessa garota parecia ter sido desenhado. Não por um anjo qualquer, mas pelo próprio diabo. Que sabia exatamente como dar vida ao pecado.

E tocar nela era exatamente isso: um fodido pecado.

Ávido por um gosto, desci o zíper um pouco mais, detendo-o em seu

umbigo, e devorei o seu mamilo sensível. Em uma lambida, a fiz perder o equilíbrio e me segurar pelo cabelo. Chupei com força, meus dentes se arrastavam do bico enrugado até a pele macia e arrepiada. Minha língua a lambeu de forma quase áspera, tornando-a uma bagunça chorosa nas minhas mãos.

Tomado pela vontade de engolir essa garota inteira, de tão gostosa que ela era, eu apertei a carne redonda dos dois seios, juntando-os enquanto os abocanhava. Mordi seu mamilo em um momento, e no outro garanti que a dor se dissipasse ao pincelar a língua sobre ele.

Yume chorou, sua garganta liberou pequenos miados que me atingiram o pau com força, endurecendo-o ainda mais.

Dessa vez não o senti latejar, e sim inchar. Cada veia, cada polegada dele, desejava uma única coisa: rasgar a boceta da única garota capaz de acalmar o monstro dentro de mim.

O pensamento fez-me mordê-la com ainda mais intensidade. Meus dentes causaram um estrago em sua pele enquanto Yume gritava de susto e dor.

— Sinto muito, mas o tesão que sinto por você não tem nada de suave. Você disse que aceitava o Damon violento de dentro da gaiola, mas lá não é o único lugar em que perco o controle, Yume.

— Talvez eu não queira te ver no controle — ofegou baixinho, com os seios subindo e descendo contra a palma da minha mão, enquanto eu me dava conta de que eu poderia facilmente me acostumar a isso. A tocar mais do que seu pescoço e nuca durante a noite. — Eu não menti quando disse que te aceito como é, seja no ringue ou comigo.

— Você não tem ideia do que está aceitando...

— Então me mostre. — *Porra.*

Eu a encarei transtornado.

— Se for demais, se algo que fizermos chegar a te machucar... você me diz na hora, ouviu? Você fala e eu paro.

Yume assentiu, mordendo a própria boca. Voltei a descer o zíper,

revelando ainda mais da pele pálida do seu abdômen, nós dois sabíamos que não era apenas com beijos e mordidas que ela havia acabado de concordar.

Era com tudo.

Fissurado na sua pele nua, afastei-me o suficiente para que pudesse olhar para a sua cintura fina e o caminho abaixo do seu umbigo que me levou até a calcinha minúscula e rosa.

Uma renda quase transparente, que me permitiu ver o filete de pelos escuros que Yume exibia entre as pernas. Eu já havia tocado sua boceta, sentido seus fluidos e o quão melada rapidamente ficava.

Mas *ver* estava em um outro nível.

Foi com esse desejo, o de vê-la inteiramente nua, que eu terminei de abrir seu vestido. Deixei-o cair sobre os seus coturnos baixos, enquanto descia a calcinha pelos seus quadris e pernas. O pedaço de pano minúsculo, se juntou com o restante de sua roupa, e ao cair, deixou a mostra a mancha úmida de sua boceta.

— Vai ser impossível me cansar de você — rosnei na mais completa miséria. Principalmente depois que notei que não eram apenas suas bochechas a ficarem vermelhas de excitação, a pele sensível do seu baixo-ventre mostrava-se com o mesmo rubor. — Caralho se essa não é visão mais *sexy* e doce que já tive do corpo de uma mulher.

As palavras saíram roucas, ao mesmo tempo que me dava conta de que Yume havia acabado de me arruinar para todas as outras.

Com as mãos em cada lado do seu quadril, eu me abaixei até estar próximo ao seu umbigo. Meu nariz roçou a pele trêmula, que se arrepiou assim que sentiu o roçar da minha boca. Esse foi o momento em que o seu corpo inteiro estremeceu.

Antes que eu finalmente afundasse o rosto entre as suas coxas e a devorasse.

O cheiro dessa garota sempre foi uma das minhas fraquezas, a diferença é que agora eu não desejaria me afundar em seu pescoço e sim, um pouco mais

abaixo. Onde sabia agora que ela era gostosa pra caralho.

O modo como as minhas mãos afundaram em cada lado do seu quadril, puxando-a para a frente, enquanto a sua boceta se esfregava no meu rosto, deixou-me alucinado de tesão.

O desejo irracional falou mais alto e eu a admirei antes que a minha língua engolisse a fenda apertada inundando-me a boca e a barba com os seus fluidos.

Seus gemidos, e o modo como seus dedos se emaranharam ao meu cabelo, me fizeram morder um dos lábios vaginais, puxando-o e, em seguida, o lambendo, como um castigo e afago.

Yume gritou, em resposta. E as coxas tremularam quase que ao redor do meu rosto. Faltava pouco para que ela literalmente me montasse na cara, e só não o fez porque a segurei pelos tornozelos finos mantendo-a arreganhada.

A cada mordida que deixei *nela* e no interior de sua coxa, eu a recompensei com uma lambida voraz. Minha saliva se misturou aos fluidos de sua boceta melada, até que Yume estivesse uma bagunça *sexy* e erótica gemendo o meu nome enquanto se contorcia e se esfregava, desesperadamente, contra o meu rosto.

— Puta que pariu, Dam! — gemeu baixinho, assistindo-me chupar ela inteira entre as suas pernas, devorando o meu mais novo vício:

Sua boceta.

Apertada, quente.

E minha.

YUME

Joguei a cabeça para baixo ao emaranhar os dedos no cabelo de Damon, refém de sua língua e do toque pesado em meu quadril e bunda. Nem se quisesse, eu teria conseguido me afastar naquele momento.

Dam não permitiria.

Curvada sobre ele, faltou-me fôlego para compreender o que era esse prazer quase dolorido espalhando-se da minha boceta até o cérebro. Como se ambos estivessem interligados, em um deleite que me desorientou por completo.

Damon não me chupou, apenas. Ele me devorou. Lambida após lambida, senti-me derreter sobre o seu rosto. A barba pinicou-me a pele sensível das coxas, enquanto eu praticamente o montava.

Segurando-me pela bunda, Damon afastou a boca do meu clitóris e empurrou a língua para dentro da minha entrada, sorvendo cada gota de fluido, como se eu fosse a mulher mais gostosa que esse homem já provou.

Enquanto eu era literalmente e indiscutivelmente... comida.

— Eu estou... merda, Dam! Eu acho que... — Minha habilidade de falar foi roubada enquanto eu apertava os lábios com força.

Olhei para baixo e encontrei o diabo em seus olhos. E como se desistisse de ir com calma, Damon esfregou os lábios e o nariz entre as minhas pernas, de forma violenta e faminta.

Damon não desistiu, ele tinha um objetivo e era o de me fazer gozar na sua cara. Grunhidos foram ouvidos contra a minha boceta, e eu o usei de apoio. Porque me senti fraca diante do seu olhar, deslizando devagar pelo meu corpo, ao mesmo tempo em que ele beliscava o meu clitóris com os dentes e a boca.

A tortura fez-me gozar com força.

Damon me observou desmoronar em um orgasmo, que me fez empurrar sua boca para longe, de tão sensível que fiquei. Só que o homem não cooperou, voltando a me chupar, mesmo que eu ainda estremecesse por inteira.

Indefesa, apoiei-me em seus ombros permitindo que o meu cabelo caísse para a frente e o cobrisse.

O olhar intenso e feroz desse homem me aprisionou, tornando-me uma refém. A cena da sua boca procurando por resquícios *do meu orgasmo* diretamente em seus lábios, foi poderosa.

E também devastadora.

Eu já não tinha forças para permanecer de pé, que dirá me afastar da sua loucura.

— Damon — gemi seu nome vendo-o se levantar e me beijar a boca com a mesma intensidade com que me chupou a boceta.

Zonza de prazer, eu não lutei contra ele ao ser pega no colo.

— Vamos para a cama, amor — grunhiu no meu ouvido, fazendo-me sentir o meu próprio cheiro diretamente da sua pele. — Você é uma ordinariazinha doce e gostosa, mas te chupar não é suficiente. Não esta noite. — Em um impulso, já esperado, eu o beijei querendo provar todas as versões de Damon.

Era afrodisíaco, quase gostoso demais para ser verdade. E senti que podia facilmente me viciar no que nos tornávamos juntos.

Essa loucura insensata e egoísta. Presos dentro do nosso próprio mundo.

Apenas quando Damon me deitou e me puxou as pernas, para que pudesse me ter na beirada da cama, é que me dei conta de que, depois de dias, eu estava de volta, quando prometi a mim mesma que nunca mais me deitaria nela.

— Dam. — Ele me encarou. — Aqui não...

— Como assim? — perguntou confuso.

— Você sabe... aquela garota esteve nessa cama...

Damon sacudiu a cabeça e me calou, beijando-me a boca de forma intensa.

Quase apaixonada.

— Não teve ninguém aqui, Yume. Posso ser um filho da puta, mas nunca seria cruel dessa forma com você — garantiu. — Além disso, essa cama tem

dona.

O colchão afundou ao meu redor, conforme Damon se sobrepunha a mim. Nos entreolhamos, com seus braços estendidos de cada lado do meu corpo, mantendo-me encurralada.

Respirar foi difícil, olhar para ele também. Porque Damon era o meu *anjo caído*, mas também o próprio diabo encarnado.

Ainda sensível do orgasmo, mantive-me na borda. A beira de um precipício cujo final era a boca desse homem.

— Então, sua cama tem uma dona?

— Com toda maldita certeza. — Damon agarrou o meu cabelo, enfiando a mão por baixo da minha nuca. — E ela é linda. Um pouco pequena, admito. Mas é fofa e tem a boceta mais doce que já provei...

— Você fala isso com muita frequência. — O encarei, um pouco atordoada.

— Falo o quê?

— Que sou linda.

— Porque é a verdade. Eu nunca irei me cansar de olhar para você, ou de te beijar.

Damon mordiscou o meu lábio inferior, puxando-o antes de me invadir com sua língua.

Foi lento, suave.

Fazendo-me sentir venerada.

Incentivada pela sensação quente e incômoda entre as minhas pernas, eu o toquei no pescoço, com o intuito de trazer todo o peso de Damon para baixo. Que resistiu ao mesmo tempo que aprofundava o beijo.

Como se nunca o tivesse provado antes, minha língua se lançou dentro da sua boca retribuindo parte do prazer que ele me proporcionou e que ainda se espalhava em espasmos por cada centímetro do meu pobre corpo.

Nos devoramos entre dentes e grunhidos. Foi intenso. Cada vez mais sujo e safado. Desde o toque possessivo, até a necessidade a me dominar, fazendo-me

implorar por ele.

— Por favor, Dam. — Não acho que suportaria esperar mais tempo.

Assim como foi com o beijo, eu o queria sendo o primeiro homem a ter tudo comigo. Cada primeira vez.

Ao sentir a mudança através da minha língua, assim como o meu desespero, Damon arrancou a jaqueta escura e sua camisa revelando o corpo poderoso por baixo. Atordoada, eu engoli em seco e desci o olhar por cada músculo inchado enquanto perdia o fôlego ao me deter no seu caminho da perdição. Os pelos ásperos apontavam para o volume grosso que senti pressionar o meu estômago, minutos atrás.

E como imaginei, Damon era enorme. A ponto de me fazer querer frear tudo e me esconder feito uma covarde.

— Se continuar me olhando dessa forma, não conseguirei ir devagar, Yume.

— Hum, eu... — Fui calada com a sua boca. E, dessa vez, senti o seu peso recair sobre o meu enquanto Damon me puxava as pernas para que eu o enlaçasse.

Não era justo que eu estivesse nua, por completo, e Dam ainda coberto pela calça, impedindo-me de ver o seu pau. Ansiosa, esfreguei-me inteira contra ele querendo mais do atrito do peito musculoso contra os meus seios, esmagados pela sua força.

O contato, pele contra pele, fez-me gemer.

Quase gritar.

Tive a cintura apertada pela mão imensa. Seus dedos me afundaram a pele, deixando marcas. Senti-me ser reinvindicada aos poucos, a cada beijo e orgasmo.

Entregar a minha virgindade a Damon, me tornaria completamente dele.

E tanto quanto a possibilidade me excitava, também assustava.

Embriagada de tesão, eu o puxei. Em uma tentativa de não pensar demais no assunto, caso contrário, surtaria.

Mesmo que Damon ainda estivesse de calça, eu o senti me foder através das roupas, que era basicamente tudo o que o impedia de me penetrar. Suas investidas, desde o volume grosso até as coxas musculosas, mantiveram-me na cama, me empurrando em direção a outro orgasmo.

Como era possível?

O homem estava apenas empurrando *violentamente* o seu membro duro contra o meio das minhas coxas. Seu jeans, friccionando minha boceta nua e melada... e isso pareceu ser o suficiente para que o meu corpo perdesse todo o maldito controle.

Rendendo-se ao prazer.

Um pouco mais e eu derreteria debaixo dele. Dessa vez, imaginando-o afundar cada polegada dura do seu pau dentro da minha vagina.

— Se continuarmos, não há volta, amor — falou, áspero. — Então, se existe alguma parte de você, que não está pronta para ser minha... essa é a sua chance de dizer. — Sua voz soou grave, ainda que baixa. Como se fosse difícil para Damon até mesmo pensar na possibilidade de ter que se afastar.

Acontecia o mesmo comigo, droga.

— Por *pronta para ser sua* você se refere a... fazermos sexo?

— Exatamente, amor.

Ok, o homem estava me deixando decidir. Não que esperasse outra atitude de Damon.

Ele sempre foi intenso, com tudo, mas quando se tratava das minhas vontades e desejo, Dam se forçava a se controlar.

Colocar um freio em si mesmo.

— Talvez eu queira... fazer amor com você. Principalmente, se isso me tornar... sua. — sussurrei no seu ouvido sabendo que segurava com as pernas e mãos um touro enraivecido, que se sacudiu no instante em que me escutou.

— Com sexo ou não, você já é minha, Yume — avisou, de forma intensa. — E preciso que saiba que... vai doer. — Damon segurou um dos meus seios, e me beliscou o mamilo. — Você provavelmente irá me sentir por dias...

— Eu te perdoo, se doer.

Dam me encarou, e em seguida sacudiu a cabeça.

Meu corpo se encolheu ao sentir a forma selvagem com que o seu olhar deslizou pela minha pele. E um gemido me escapou, sôfrego, quando ele enfiou os dedos entre as minhas coxas entreabertas e me tocou, quase me penetrando.

A ponta de seus dedos me provocou arrepios e ondas dolorosas de prazer, eu me sentia tão molhada que um empurrão do meu próprio quadril e eu os teria dentro de mim.

Lambuzados e sufocados pela minha boceta virgem.

— Aqui vai um último aviso, Yume — disse no meu ouvido. — Não há ninguém que eu deseje mais do que você. Nenhuma boca ou boceta. Por isso, o mais justo é que entenda o caos e a tempestade que vem junto comigo. — Arfei contra o seu queixo, querendo mordê-lo. — Se o que aconteceu essa noite voltar a se repetir, e eu descobrir que outro homem te tocou... juro por Deus, amor, que farei com que conheça o verdadeiro Damon. E se acontecer, fugir de mim será inútil. Porque uma vez que você for minha, eu não irei permitir que me deixe.

Não foi exatamente uma declaração, e sim um aviso.

Nervosa, minhas pernas estremeceram, fechando-se ao redor do quadril de Damon enquanto os seus dedos afundavam possessiva e superficialmente na minha boceta. Restou ao seu corpo pesado, conter os meus impulsos e agitação.

Já que o prazer tornou-me incapaz de ficar quieta.

— Diga-me que entendeu. — Assenti, como uma boa garota. Mas para Damon não foi o suficiente. — Vamos, Yume, eu não irei te foder até que me diga com todas as palavras que você entendeu as consequências.

— Eu sou sua. Para fazer o que quiser, Dam. Qualquer coisa.

Seus olhos se injetaram, de um misto turbulento de raiva e tesão. Eu não estava entregando a esse homem apenas meu corpo, mas a resposta que ele tanto queria.

A verdade é que não tinha medo desse Damon ou *do outro*. Desde que ambos me desejassem e amassem.

Sem afastar os olhos dos meus, Dam puxou para baixo a calça de moletom grossa e a minha garganta rapidamente secou. Seus músculos eram impressionantes, e eu os conhecia com a ponta dos meus dedos, mas da posição em que me encontrava o apelo foi maior.

Mais assustador também.

O caminho de pelos, que começava abaixo do umbigo, desceu até a base grossa do seu pau, onde veias marcadas podiam ser vistas.

Pisquei um punhado de vezes, feito uma boba impressionada, e tentei não o encarar como se estivesse faminta.

Porque era dessa forma que eu me sentia.

Impressionada, dei-me conta de que Damon não se parecia um deus nórdico, com olhos da cor do oceano, apenas sobre o ringue. Na cama, ele era ainda mais poderoso.

Como um viking tatuado e violento.

E com um pau, que me deixou com água na boca.

Hesitante, eu estendi a mão até ser capaz de tocar seus músculos, que contraíram sob os meus dedos. Em um movimento impaciente, Damon empurrou o quadril, fazendo-me sentir o comprimento da ereção grossa, latejando entre nós dois.

Com uma facilidade quase alarmante, ele a encaixou no meio das minhas pernas. Pela forma como eu me contorcia e rebolava contra ele, acabei espalhando fluidos por cada centímetro de comprimento do seu pau.

E eram muitos, soube apenas ao olhar.

— Você... é grande — sussurrei, um pouco atordoada.

Ler sobre sexo não era o mesmo que *fazer sexo*. Em teoria, a minha boceta se esticaria até ser capaz de o receber por inteiro. Mas na prática, eu não me achava capaz de ser penetrada por esse homem.

As vezes em que me toquei, senti-me tão apertada e pequena, que até mesmo os dedos grossos de Damon teriam feito um estrago na minha boceta.

Imagine então o seu pau.

— O que você esperava? — grunhiu com raiva por ter que interromper o nosso beijo.

— Um pau que fosse caber dentro de mim?

Damon sacudiu a cabeça e riu contra a minha pele.

— Acredite, amor. Ele vai caber.

Eu o encarei, sentindo-me o encharcar com a minha excitação. E Damon notou, não apenas o calor molhado como também a forma como *nos grudamos*.

De suor e excitação.

Nervosa, e com ainda mais vontade, espalmei a mão sobre o seu peito e a desci, percorrendo as tatuagens que eu tanto amava ver em seu corpo.

Meu dedo *rabiscou a* sua pele, como se eu o pintasse. Os grunhidos que liberou, perto do meu pescoço, fez-me apertar as pernas ao seu redor. Eu o senti latejar e bater bruscamente contra a minha boceta. Em um quase tapa, de tão duro que Damon ficou.

— Uma infeliz provocadora... é o que você é, garota — rosnou e me mordeu a pele. Ao mesmo tempo que estendia a mão por entre os nossos corpos a fim de segurar a base do seu pau. A cabeça robusta, esfregou-se contra o meu clitóris e a entrada já faminta.

Tentei sugá-lo, fazer com que o seu pau me penetrasse de uma vez por todas. Mesmo que fosse doer. Mas Damon se concentrou em *ir e vir* pelos meus lábios, fazendo-me sentir gulosa.

Desesperada de desejo.

Contorci-me embaixo dele, e mordi a minha própria boca ao vê-lo retirar um pacote de preservativo da calça. A camisinha o envolveu feito uma luva e com uma rapidez que apenas alguém experiente o teria feito.

Ao se deitar sobre o meu corpo novamente, um grito alto escapou da minha garganta, e cada unha cravou afiada em sua pele no momento em que Damon afundou o seu pau, grosso e insanamente duro, na minha boceta.

A cabeça robusta e vermelha, teve dificuldade em entrar. Damon se deteve, beijando-me a boca e meus soluços. Tentei respirar, mover-me debaixo

dele enquanto me acostumava à sensação ardida que foi sentir seu pau me invadindo devagar. Eu estava molhada, mas nunca havia experimentado nada dentro de mim, sequer um dedo, e esse homem estava longe de receber qualquer outro adjetivo que não fosse: *grosso pra caralho.*

— Puta que pariu, Yume — rosnou, meio alucinado. — Que boceta maldita de tão gostosa.

Não vou mentir, doeu no começo. Até porque não havia posição confortável quando o problema ou a solução era o tamanho do pau de Damon. Mesmo com todo o esforço feito por ele para não me machucar.

— Posso continuar? — quis saber, com a voz grave. Como se lhe exigisse muito manter o controle, e não me foder até o talo.

— Hum-hum — gemi, e procurei pela sua boca.

O beijo faminto distraiu-me enquanto Damon saía inteiramente de dentro de mim, apenas para voltar um segundo depois. Só que dessa vez, e sem qualquer aviso, ele meteu o pau até o fundo. Fazendo-me arranhar suas costas e morder o seu ombro.

Como uma pequena carnívora.

Sôfrega e completamente devastada.

— Respire, amor. O pior já passou.

Eu esperava que sim, droga.

— Você... me partiu... ao meio — consegui dizer, ao mesmo tempo que o sentia ocupar um espaço na minha boceta que praticamente não existia.

Eu iria explodir, de dentro para fora.

E esperava, do fundo do meu coração e da minha boceta, que nem assim Damon se afastasse. Porque, segundo após segundo, a onda de prazer que seus beijos e o seu toque causavam, tornou-se violenta.

Um quase orgasmo, por simplesmente ter o pau desse homem sendo esmagado pelo pulsar esfomeado da carne quente ao redor dele.

Como se estivesse no controle, Dam sorriu contra a minha boca e me beijou. Foi diferente com ele dentro de mim, foi mais intenso.

A respiração errática, quase inexistente, fez-me salivar por cima e derreter em excitação, por baixo. Não me surpreenderia se os lençóis terminassem molhados. Distraindo-me e envolvendo em beijos cada vez mais profundos, Damon roçou o polegar na minha boca apertando-o nos meus lábios.

Seus olhos nunca haviam se mostrado tão escuros, como se o azul deles tivesse desaparecido e dado lugar para a noite sombria. Soube naquele momento, que o homem na cama comigo era o mesmo capaz de atrocidades sobre o ringue.

De forma instintiva, quase dependente, voltei a procurar pela boca desse homem enquanto movia o quadril na sua direção a cada vez que tentou sair de dentro da minha boceta. Viciada na sensação de estar completamente preenchida por ele.

O beijo que começou na minha boca, possuiu rapidamente todo o meu corpo. O prazer se acumulou no meu estômago e correu pela minha espinha, o que me fez sentir em queda livre.

Como se pudesse cair a qualquer momento, e me afogar em um orgasmo que não demorou a surgir.

Bastou que o som dos nossos corpos a se chocarem um contra o outro ecoasse pelo quarto, como estalos molhados e bruscos, para que eu desmoronasse ao redor do seu membro, que continuou a me foder em estocadas cada vez mais violentas.

Damon grunhiu. Rosnou. Agiu como um animal.

E eu deixei.

Antes que o prazer me invadisse, o meu cabelo foi agarrado. A nuca puxada para trás enquanto seus dentes me devoravam a pele. Senti o pau dele inchar contra as minhas paredes vaginais, sensíveis e ardidas, a ponto de sentir que o sangue correndo por suas veias se fundiu as minhas.

— Não é possível que vai gozar de novo, Yume. Que boceta é essa, porra?

Fiz bem mais do que gozar, eu me derramei sobre os lençóis.

E o seu peso caiu inteiro sobre o meu corpo. Damon não parou. Ele me

fodeu com mais raiva e mais vontade. Como se nunca fosse ser suficiente.

Contraindo ao redor dele, eu me contorci. Completamente sem forças.

O suor escorreu, molhando-me inteira. As minhas pernas doíam, por ficarem abertas. Meus seios, de tanto se esfregar em seu corpo, estavam vermelhos. Doloridos ao toque.

Aturdida de prazer, eu chorei contra a sua boca implorando por clemência, e, ao mesmo tempo, por mais espasmos e mais prazer.

Damon não demorou a se perder em seu próprio orgasmo, e no instante em que desabou sobre o meu corpo e rugiu uma mordida no meu pescoço, eu o senti latejar uma última vez e algo quente escorrer dentro do preservativo.

Seu gozo, pensei, sem fôlego, movendo-me sobre o colchão enquanto o via se desfazer do preservativo. Mas sem se afastar, ou permitir que tivesse a chance de respirar longe dele.

— Que boceta gostosa, sua filha da mãe! — Seus dedos me acariciaram o rosto. — Eu tô muito ferrado, amor! Puta que pariu.

Sorri contra os dedos que me tocaram a boca, e me afastei apenas o suficiente para que pudesse encará-lo. Não havia uma só parte do meu corpo que não doía.

Ou borbulhasse de um prazer incapacitante. Tinha certeza de que, se tentasse levantar-me naquele momento, eu não conseguiria.

— Você não pode dizer que foi um erro, agora, ok? — sussurrei, meio que em delírio. — Sem desculpas ou arrependimento. Eu sou sua, Dam. E não vou aceitar ser afastada de novo.

Damon me encarou com a mesma intensidade e sorriu contra a minha boca de forma possessiva. O pau semiereto, alojado entre as minhas coxas, latejou fazendo-me gemer baixinho ao imaginar que ele pudesse estar pronto para outro *round*...

— E quem falou em se afastar, porra?

— Eu não sei... só tive medo de que depois você iria...

— Preste bastante atenção, sua safada. Porque se você correr, eu te caço.

Se tentar me deixar, eu te aprisiono nesse prédio abandonado. A partir de hoje, eu possuo cada pedaço de você.

Meu corpo reagiu as palavras, de forma intensa e tóxica, porque era justamente o que eu queria.

Que Damon nunca me deixasse ir.

— Provavelmente, eu também te farei gozar no meu pau todos os dias até que desmaie na nossa cama.

Dessa vez, eu o senti endurecer por inteiro enquanto ele me beijou e tudo em que consegui pensar foi que...

Damon não fodeu apenas o meu corpo, ele finalmente o reivindicou.

Capítulo 22

DAMON

Doía olhar para Yume, porque ela era facilmente o sonho molhado de todo homem. Mas principalmente o meu. A forma como essa garota, de olhos repuxados, sorriso fofo e inocente, fez desmoronar as certezas que possuía, não tinha explicação.

Sequer sentido.

E, infelizmente, para nós dois, acho que nunca me cansaria dela.

Yume era o ar que eu respirava, pensei. E o meu pau concordava, pois estava outra vez endurecido por causa do simples avanço suave dos seus dedos. A mão pequena envolveu-me o pescoço, enquanto sua boceta seguia aberta.

Inundada de fluidos.

Eu teria gostado de gozar dentro dela, porra, eu ainda o faria. Precisava apenas fazer com que Yume se sentisse segura a ponto de me oferecer sua apertada boceta dessa forma...

Indiferente ao que eu pensava, seus olhos gulosos me fitaram quando voltei a beijá-la vez com força. Cada músculo do meu corpo permaneceu enrijecido do fodido orgasmo que tive. Foder essa garota foi como ir ao inferno e voltar.

Cada vez mais alucinado de tesão, afastei nossas bocas e olhei seu corpo nu, cada marca deixada pelos meus dentes. Até alcançar o monte cobrindo sua boceta, a pele vermelha como se eu a tivesse deixado em carne viva.

O pensamento me fez latejar, mesmo que a consciência de que fui *longe demais,* tenha se agarrado a minha cabeça e ali permanecido.

— Acho que sou capaz de te engolir inteira, sabia? — grunhi, contra a pele do seu pescoço, que era a região em que as mordidas tinham sido mais intensas. — Cada pedaço seu, amor.

— Você está sendo assustador de novo, Dam.

Ela me fez sorrir enquanto eu levava os dedos até a sua boceta melada de gozo, entreabrindo os grandes lábios ao roçar o polegar em seu clitóris inchado

como um pequeno botão.

— O que você chama de assustador, eu chamo de *louco por você*. — Beijei o seu queixo, em um esforço para não afundar outra vez dentro dela.

Estávamos deitados lado a lado na cama e, enquanto ela exibia seios nus, arrepiados e intumescidos, mantive-me fascinado com a visão erótica em que Yume se transformava após o sexo.

— Tem noção de quantas vezes te imaginei dessa forma? Nua nos meus lençóis?

Trepar. Foder. Era uma coisa.

E não queria pensar em nós dois dessa forma. Não era físico o que sentia por Yume. Ia além. Foi o seu coração que fodi a cada vez que a penetrei. O lado mais doce dela.

Incapaz de afastar as mãos e a boca dela, eu a beijei devagar deixando-a se acostumar outra vez comigo. Beijei seus seios, ombros, o queixo. A pele suada e quente.

Ao mesmo tempo que sentia o cheiro de sexo por toda ela.

— Acho que não sinto o meu corpo, Dam — sussurrou, com os olhos fechados e a boca mordida. — Apenas o vazio que você deixou dentro de mim.

Sacudi a cabeça e a fiz me encarar, ganancioso por mais.

— Continue dizendo coisas assim, que não verei problema em te prender a essa cama e te foder de novo… até que a sua boceta fique dependente do meu pau.

— E se eu já estiver? — Ela reabriu os olhos e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, enxerguei um lado de Yume que não estava certo se conseguiria lidar.

Seu lado mulher, *sexy pra caralho.*

E igualmente perigoso.



Capítulo 23

YUME

Eu não sobreviveria a Damon.

Soube no instante em que acordei no meio da madrugada, com a sensação de que cada músculo e osso do meu corpo doíam. Castigados pela boca, mãos e a intensidade com que Damon me fodeu horas atrás. Era como se ele tivesse estado em todos os lugares, sem deixar de me beijar ou morder em nenhum centímetro.

Apesar do incômodo, eu ainda estava em choque. Com o sexo, o ímpeto e a selvageria com que Damon me tocou e tomou o que quis de mim. Apenas para me abraçar no final e sussurrar no meu ouvido que a próxima vez que eu passasse a noite no sofá, ele queimaria o maldito móvel.

O seu lugar é na minha cama.

Enquanto a cama fosse apenas nossa, eu não o contestaria. Pelo contrário, viria para ela todas as noites de bom grado e ansiosa por mais.

Incapaz de voltar a dormir, virei-me para o lado e me deparei com um homem facilmente com o dobro do meu tamanho e que só me permitiu descansar depois de me beijar a boca por horas.

Droga. Até mesmo ao lamber meus lábios, pude sentir que continuavam inchados. Quase em carne viva.

Enquanto o observava dormir, o meu estômago roncou. E só então, dei-me conta de que não havia comido nada desde de tarde. Não era de admirar que eu tenha praticamente desmaiado após o segundo orgasmo e que seus beijos tenham sido a minha canção de ninar.

Esgueirando-me para fora da cama, completamente nua, eu apenas joguei a camisa de Damon sobre os ombros e me arrastei até a cozinha, certa de onde terminaria: o sorvete que Mercúrio costumava deixar no freezer, e que sempre compartilhava comigo. Com uma colher pequena e o pote inteiro só para mim, eu me sentei na banqueta e gemi com a sensação do chocolate congelado, derretendo contra o meu lábio dolorido.

Inferno! Eu não me importaria de ter a mesma sensação entre as minhas pernas.

Sonolenta e faminta, enquanto repassava a noite inteira na cabeça, não escutei nada além do barulho feito pelo meu próprio cérebro. Com a língua gelada, levei outra colherada à boca. E praticamente saltei do banco ao ter minha cintura enlaçada pelos braços de Damon.

— O que faz aqui? — A voz grave roçou o meu pescoço. E, em seguida, Dam me beijou a boca, derretendo mais do chocolate gelado com os seus lábios.

E foi gostoso.

— Tentando me manter viva, Dam. — Eu o encarei, rodeada pela escuridão. — Nem só de sexo vive uma garota.

— Tem certeza? Porque eu poderia te alimentar perfeitamente sobre a cama. Tenho tudo o que você precisa...

— Não ouse dizer isso. — Soube de imediato o que iria sugerir, e não acho que estava pronta para a ideia de me alimentar dele.

Ainda.

— Tudo o que você precisa é abrir a boca, menina linda. — Estreitei meus olhos, fazendo questão de ocupar a minha boca com uma colherada ainda maior de sorvete enquanto eu tentava imaginar o gosto que Damon teria.

O mero pensamento me fez apertar uma coxa na outra e quase gemer ao me sentir arder. Tudo realmente doía lá embaixo.

O pior? É que mesmo assim foi difícil olhar para Damon e não nos imaginar começando tudo de novo.

— Eu ainda estou dolorida — disse, mais para mim do que para ele.

— Há outras formas. — Eu o encarei, desconfiada. — Muitas, na verdade.

— Diga-me uma — pedi baixinho.

E Damon virou a banqueta em que eu estava sentada, para a sua direção. Antes de me segurar pela bunda e, em um impulso, me colocar sentada sobre a bancada fria da cozinha.

— Deixe-me ver a sua boceta, amor. — Dam arrancou a camisa do meu corpo e eu me arrepiei inteira. Não tínhamos o hábito de fechar as janelas à noite, não era como se houvesse vizinhos ou qualquer expectador em um raio de distância.

Éramos apenas nós dois, e um punhado de andares vazios.

— Por quê? — sussurrei a pergunta, com vergonha.

Uma coisa era ele me chupar, outra era me abrir as pernas e olhar diretamente para o meio delas.

— Você disse que está dolorida, eu sei como cuidar disso — soou preocupado e me beijou a testa.

Inclinada sobre a bancada, afastei uma coxa da outra e o deixei me avaliar. Seus dedos me fizeram carícias suaves, do tornozelo a parte interna das pernas, tornando o carinho uma tortura.

— Você ainda está inchada. — Damon me olhou, levando um de seus dedos até os meus lábios vaginais, que foram afastados. — Eu deveria ter me controlado mais.

— Não foi sua culpa.

Ele sorriu.

— Acredite, Yume, a culpa foi minha. Sou o único aqui que deveria ter parado antes de te machucar.

A forma como falou me fez fechar as pernas ao redor do seu quadril e estreitar os olhos.

— Você prometeu que não se arrependeria — eu o lembrei, irritada. — Então nem ouse dizer que foi um erro...

Aproximei-me dele, com minha boceta nua batendo diretamente contra o seu abdômen. Enquanto eu o segurava pelo pescoço, fiz-o se inclinar e aproximar a boca da minha.

— Sou sua, Dam. E não aceito que me devolva — disse, antes de o beijar.

Damon ainda resistiu, ao tentar afastar minhas mãos do seu pescoço. O

que me fez afundar a língua dentro da sua boca e me segurar a ele como uma macaquinha apaixonada. Eu não o deixaria escapar tão facilmente assim.

Culpa, remorso. Raiva.

Damon poderia sentir o que fosse, eu o perdoava. Se esse era o tipo de sexo que gostava de fazer, ele não precisaria ter medo ou se conter comigo. Porque também gostei.

Da brutalidade com que me beijou e fodeu. Das marcas sobre a minha pele. E da loucura que o dominou sobre a cama.

— Não me trate como se eu fosse frágil, Dam. Eu não irei quebrar se você me foder com força, e, com certeza, não vou chorar por estar dolorida. Acho até que a sua loucura está começando a me afetar — murmurei, ao sentir os olhos azuis me percorrerem com uma intensidade feroz. — Tudo o que consigo pensar é em ter você dentro de mim outra vez.

— Quando foi que ficou tão safada? — rosnou, mordendo o meu lábio. — Onde está a doce Yume tímida, que fica vermelha por qualquer coisa?

— Acho que você a arruinou, Damon Irish — sussurrei, antes de vê-lo se afastar, deixando-me confusa. — O que foi? — perguntei, enquanto Damon abria o freezer e tirava lá de dentro algumas pedras pequenas de gelo. — Está com sede?

Damon gargalhou baixo. Ele literalmente gargalhou, e o som reverberou por todo o meu corpo.

— Eu disse que poderia cuidar de você, não foi? — Assenti, confusa, observando-o levar uma das pedras à boca e a mastigar. *Então era para isso que seus caninos serviam?* — Agora seja uma boa garota e abra as pernas para que eu possa aliviar um pouco da sua dor.

Hesitante, fiz o que me pediu. Damon não se fez de rogado e me puxou por baixo dos joelhos, deixando-me na beirada da bancada e completamente *arreganhada* para ele.

Engoli em seco ao vê-lo descer entre as minhas pernas e afundar o rosto no meio delas. Antes de me fazer gritar ao receber a primeira lambida gelada que

sua língua deixou na minha boceta. Do clitóris a entrada, eu senti o ar frio, seus dentes. E a sensação foi infinitamente mais gostosa do que a do chocolate derretendo na minha boca.

Damon repetiu o processo. Desde o mastigar do gelo, até a lambida suave. Entendi que a intenção dele não era a de me deixar excitada, a ponto de implorar pelo seu pau, mas foi justamente o que aconteceu.

E me vi implorando, agoniada de vontade.

— Eu não vou te comer, Yume. Então relaxa — avisou, ao erguer os olhos, fazendo-me assistir a tudo.

Lambida após lambida, até que o momento em que eu perdi a consciência e gozei contra a sua boca.

Meu corpo cedendo sobre a bancada.

Respirei fundo, sem forças até para abrir a boca. E Damon percebeu, mostrando-se preocupado com o que fez comigo.

— Ei, está tudo bem?

Neguei, sem vergonha alguma na cara.

— Acho que morri. É isso.

Dam sorriu contra a minha coxa e, em seguida, se levantou fitando-me de forma possessiva.

Dessa vez, senti tudo ao redor se tornar um borrão enquanto era levada até o banheiro. Seus braços me seguraram para que eu não caísse, fraca dos orgasmos.

Cumprindo o que prometeu, Damon me colocou no chão e ligou o chuveiro. A água quente inundou o boxe e o vapor ao redor cobriu rapidamente todo o banheiro. Era como uma sauna, ou então... o próprio inferno.

— Pode lavar o meu cabelo, Dam? — pedi, virando-me de costas e buscando apoio contra os azulejos. Damon grunhiu atrás de mim, mas não se recusou.

O infeliz gostoso sempre foi louco pelo meu cabelo.

Suas mãos espalharam o xampu e eu me vi gemendo. O modo como ele

se esforçava para *ser gentil* deixou-me sem forças. E obcecadamente apaixonada por este homem.

Damon nunca foi o único perdendo o controle da situação, éramos dois loucos nessa história.

DAMON

— Você me roubou algo importante, sobrinho. E vai pagar, da mesma forma com que o seu pai pagou.

A voz de Vladimir Noirín atravessou o cômodo escuro e eu o vi apontar a arma na direção da garota ajoelhada no piso em mosaico. O cabelo negro a cobriu inteira, e não importava o quanto eu tentasse me mover, eu não conseguia enxergar o seu rosto. Apenas o do homem que assassinou os meus pais.

Quando o tiro foi disparado, o terror percorreu a minha espinha levando-me a correr até o corpo caído no chão. Ao mesmo tempo que a risada de Vladimir ecoava alta através das paredes, como um maldito alarme que me invadiu a inconsciência.

Foi então que eu a vi.

Yume sangrando no chão, sem vida.

Morta como Ivan e Tatiane, e tudo porque fui incapaz de mantê-la longe dele.

Do demônio que eu sabia que a assombrava em seus pesadelos.

Com o corpo suado, levantei-me da cama. O gosto amargo da culpa inundou-me a boca. E nada, nem mesmo os beijos dessa garota, me arrancariam a sensação de que eu estava cometendo um maldito erro.

Caralho, não havia nada na Terra que eu desejasse mais do que Yume. Eu levaria mil balas por essa garota. Mas não era estúpido, sabia que cada minuto que ela passava na minha cama, comigo dentro dela, maior era a chance de que Yume tivesse o mesmo final trágico que os meus pais.

A possibilidade de que o seu temido *Baba Yaga* viesse atrás dela, era algo que já me assombrava por quase três anos.

Assim como me assombrava esconder dela que o monstro de quem fugia,

era o mesmo com quem eu compartilhava o meu sangue.

Vladimir Noirín. Meu tio.

O apelido *nada carinhoso*, dado a ele, havia se espalhado pelas ruas dessa cidade e da Irlanda. Porque, como no folclore europeu, Vladimir *pegava* crianças pelas ruas. E as transformava em mercadoria.

Porra. Em algum momento, Yume teria de saber que seus fantasmas não eram assim tão diferentes do que os meus.

Vladimir nunca me permitiria conhecer a felicidade, assim como não permitiu que o próprio irmão o fizesse. Fora a certeza que eu tinha de que ele iria descobrir a verdade sobre o paradeiro da única mercadoria que algum dia escapou das suas mãos, no instante em que pusesse os olhos em Yume.

Yume nunca foi minha para tomar.

Yume era dele.

— Dam? — Eu a escutei me chamar, mas não fui capaz de me deter.

Vestindo-me às pressas, tudo o que pensei foi em sair daquele apartamento. A fim de encontrar um modo de não foder com tudo. Mas, principalmente, com a gente.

Porra. O pesadelo foi real demais.

Eu a perdi, assisti minha japonesa morrer. E não suportaria passar por essa merda outra vez.

Me destruiu já na primeira.

Revoltado, por tudo o que eu ainda escondia dessa garota, eu entrei no elevador, mas não me virei. Encará-la me faria voltar para aquela cama, e só sair depois que a fizesse me jurar um milhão de vezes nunca me deixar.

Para a vida ou para a morte.

Alcancei o térreo do edifício, instantes depois. E acelerei a *Kawasaki* pelas ruas da Nova Detroit, sem pensar no que fazia. Não foi surpresa o caminho que tomei, e nem mesmo que, ao descer da moto, eu tenha entrado no cemitério onde meus pais tinham sido enterrados.

Com o dia amanhecendo, andar por entre os túmulos teria soado

assustador. Mas não havia nada neste lugar que me colocasse medo. Meus fantasmas não estavam aqui dentro. E sim fora desses muros.

Não demorou até que eu os encontrasse. Ivan e Tatiane, lado a lado, por toda a eternidade. O amor que não puderam viver nessa vida, os acompanhou até a outra.

Se fosse para perder Yume, teria de ser dessa forma. Partindo ao mesmo tempo que ela.

Ajoelhado em frente às lápides, eu acendi e apaguei o isqueiro enquanto permitia que o ódio se misturasse ao desejo de vingança.

Pelo que foi, e pelo que ainda viria.

Como um aviso vindo do outro mundo, senti a nuca arrepiar e o vento arrastou a folhagem caída das árvores. Não precisei me virar para saber quem se aproximava. Havia uma única pessoa que viria até a lápide dos meus pais na data de hoje.

E esse homem era o meu tio.

Vladimir Noirín.

— Sobrinho. Acho que temos muito o que conversar.

Capítulo 24

YUME

A tinta escorreu por todo o meu corpo, e as cores se misturaram debaixo dos meus pés enquanto a água lavava fora os resquícios das últimas 48 horas. Era esse o tempo que Damon não dava notícias. Ao menos, não para mim. A garota com quem ele trepou e, em seguida, foi deixada sem qualquer explicação.

Nas primeiras horas, diria até que no primeiro dia, tentei encontrar justificativas. Algo que explicasse o modo como deixou o apartamento. Um motivo que não fosse considerar o que aconteceu na sua cama, um erro.

Tentei me lembrar de todas as vezes ao longo dos anos que Damon desapareceu, por dois, três dias no máximo. Da última vez, quando tomei coragem para perguntar, ele disse apenas que eram assuntos envolvendo o seu passado.

E foi o que bastou para que eu não fizesse mais perguntas. Porque eu não era a única com um passado assustador a ser escondido.

Dessa vez, porém, não houve promessas de que ele voltaria logo, sequer uma despedida. E se no começo senti-me deixada para trás, agora, com o passar das horas, tornei-me apenas um emaranhado de ódio e mágoa.

Porque ele prometeu que não me afastaria. Em vez disso, Dam foi quem correu.

Perdi a conta de quantas vezes disquei o seu número, sem obter qualquer resposta. Nada, tudo era um grande vazio dentro e fora de mim.

Eu não comi ou dormi. Não respirei sem Damon.

Mas pintei.

Curvada sobre as telas, só parei porque cada osso do meu corpo doía.

Furiosa comigo mesma, eu esfreguei as lágrimas deslizando pelo meu rosto, incapaz de entender como Dam poderia ser tão cruel.

Deixar-me nesse imenso e assustador vazio, horas depois de me fazer praticamente desmaiar em seus braços. Tremendo de raiva e exaustão, encolhi-me no boxe como se ainda pudesse nos sentir aqui. Ou pior, como se Dam ainda

estivesse dentro de mim.

Tomando o que queria.

Duas batidas no lado de fora do banheiro, fizeram-me querer gritar para que me deixassem sozinha. Mas Mercúrio não o faria. Não depois que ele e Caleb entraram nesse apartamento e me encontraram tão desorientada, que foi necessário que intervissem.

Com a toalha nas mãos e o rosto preocupado, Mercúrio entrou, desligou o chuveiro e me envolveu nela, cobrindo minha nudez ao se aproximar.

— Vamos, pequena Yume. Se levante.

Ambos haviam decidido *acampar* nesse apartamento, a fim de não me deixarem sozinha. Com medo de que eu pudesse fazer alguma besteira.

— Damon entrou em contato com algum de vocês? Me responda apenas isso, Mercúrio, por favor. — Meu amigo sacudiu a cabeça, não em negativa. Mas raiva por me encontrar dessa forma. — Eu só preciso saber se ele está bem.

— Ele está, Yume. Agora se levante e venha comer alguma coisa. Caleb pediu para te avisar que você tem cinco minutos para sair desse banheiro ou ele vai entrar e te arrancar daqui a força.

Por mais que os considerasse como irmãos mais velhos, não sei se ficaria confortável com Caleb me vendo nua.

— Damon o mataria... se ele estivesse aqui, é claro. — Me levantei, com ainda mais raiva. — Mas eu não devo ser importante se sou a única a quem que ele não atende, certo?

— Yume.

— Nós transamos — admiti, sem pensar nas consequências. — E então ele fugiu...

— Damon teve seus motivos. — O encarei, incrédula.

— Foda-se os motivos, Mercúrio. Sabe por quê? Não deveria ser tão difícil para que Damon atendesse a uma de minhas ligações. Mesmo que seja para pedir que eu pare de telefonar.

— Não é tão fácil para ele, *D* vem tentando há meses se manter afastado

de você. Sei que o modo dele de lidar com tudo isso é complicado, mas... eu não acho que exista alguém nesse mundo com quem ele se preocupe mais...

— Do que comigo? — Sacudi a cabeça, magoada. — Sabe o que acho, Mercúrio? Que Damon sente tanto medo que eu o deixe, que ele continua sendo o único a correr... mas chega. Não é justo ele tomar o que quer, e em seguida me deixar dessa forma.

Aproximei-me do espelho, depois do que pareciam dias, ficando em choque ao ver as olheiras fundas abaixo dos meus olhos e a palidez do meu rosto. Com a toalha envolta do corpo, as mordidas deixadas pelos dentes de Damon no meu ombro e pescoço puderam ser vistas com mais facilidade. Duas marcas arroxeadas que, ao invés de me deixarem assustada, fizeram-me desejar apenas voltar àquela noite.

— Você está bem com o que aconteceu? — Mercúrio perguntou, aproximando-se por trás. — Tem tomado a pílula todos os dias? Ou precisa que eu busque algo na farmácia...

— Estou bem, Mêr. E não preciso que busque a pílula do dia seguinte, ok? — dei voz a sua preocupação.

Segura de que estava protegida. Damon e eu havíamos usado camisinha, e eu não tinha o costume de esquecer de tomar meus remédios.

— Ok, senhorita. — Ele se aproximou por trás. Com um quase sorriso em seu rosto. — E foi bom? Você sabe...

— Foi — admiti, envergonhada.

— Só isso? *Foi?*

— Talvez eu *quase* tenha desmaiado de tanto gozar?

— Não duvido, se as marcas que você tem pelo corpo provam algo, é de que a noite valeu a pena.

— Até que ele, na manhã seguinte, estragou tudo. — Respirei profundamente e me afastei, vestindo-me com uma calça de moletom e um top de ginástica antes de deixar o banheiro a fim de enfrentar Caleb.

Não acho que ele estava satisfeito. Fosse comigo ou com Damon. A

expressão em seu rosto não era das melhores, e tudo o que fez desde que entrou nesse apartamento foi resmungar de um lado a outro.

Sem dizer nada, sentei-me na banqueta e encarei o prato que ele preparou. Lidar com Caleb era mais fácil, porque ele não era de falar, mas quando o fazia ninguém saía ileso.

— Damon te machucou de alguma forma? — A pergunta veio áspera, mas não me virei concentrando-me na comida à minha frente. — Yume?

— Você conhece Damon melhor do que eu, Caleb. E sabe que ele jamais me machucaria fisicamente.

Emocionalmente era outra coisa.

— Às vezes, tenho a impressão de que nem mesmo eu conheço Damon. Você não é a única no escuro aqui. — Eu o encarei, e engoli o nó preso em minha garganta. — Você sabe que ficar com ele é um erro, certo?

Até duas noites atrás eu não tinha certeza, agora já não estava tão segura das minhas decisões ou escolhas. Mesmo assim, não precisava de Caleb colocando-me ainda mais medo ou deixando-me insegura.

Meu cérebro vinha fazendo esse trabalho sozinho.

— Damon tem muito com o que lidar lá fora, Yume. E ele não pode perder o foco.

— Está dizendo que eu o distraio? — rebati, irritada.

— O que você acha?

Sacudi a cabeça.

— Eu te amo, Caleb, de verdade. — Levantei-me, sem vontade de comer. — Mas tem momentos que você age como um filho da puta hipócrita! Sempre metendo o dedo entre mim e Damon. Agindo como se soubesse de algo, mas se recusando a me dizer. Se é um erro, por que não me diz a razão, droga? Vocês continuam mentindo, escondendo-me coisas... e eu estou cansada!

Fui em direção ao estúdio e me tranquei no interior com meu corpo agitado, mas, ao mesmo tempo, exausto. Perdida dentro do único lugar que podia desabar, eu me vi cara a cara com a última tela que pintei. Traços escuros e

sombrios tinham se tornado o rosto do homem mascarado que me perseguiu tantos anos atrás.

O mesmo homem que, de alguma forma, me deixou escapar naquela noite em vez de me arrastar de volta ao mausoléu.

Não que isso o tornasse menos ameaçador ou um inocente.

O Caveira, fosse ele quem fosse, fazia parte daquele inferno tanto quanto *Baba Yaga*.

***

As vozes de Mercúrio e Caleb preencheram o silêncio do apartamento. Enquanto Mercúrio jogava algo extremamente violento, e meus olhos assistiam inertes a sua matança sangrenta de zumbis, eu me forcei a ignorar a conversa entre os dois.

Com um cobertor sobre as pernas, estávamos os três no sofá de Damon. Espremida entre eles, eu fechei os olhos por alguns instantes. Ou tentei. Porque sempre que pegava no sono, imagens da noite em que fugi de *Baba Yaga* se misturava a um novo pesadelo: minha vida sem Damon.

Dois dias, e sentia como se fosse enlouquecer.

Dois dias, e tinha certeza de que me tornei tão profundamente dependente dele, que me perguntei se essa dor no peito não era algum tipo de doença.

— Está escutando, Yume? — Mercúrio perguntou, empurrando-me com seu braço. — O que acha de um pouco de pipoca?

— Eu não vou me levantar para te alimentar, Mercúrio. Esqueça.

— Você nunca foi má, viu? Se foder com Damon vai te deixar com o mesmo humor de merda que o dele, então eu terei que mudar de time e ficar do lado de Caleb — provocou, fazendo Caleb xingar e o mandar calar a boca.

— Vocês dois são uns idiotas!

— É o que você tem dito a cada hora, pequena Yume.

— Por que, em vez de me sufocarem, vocês não desistem e ligam para o Damon?

— Para que você possa brigar com ele? Não, não, querida, eu quero estar aqui para presenciar essa discussão e não apenas ouvir. Por isso guarde toda a sua raiva por mais alguns dias, sim?

Dias. Ele iria demorar tanto assim a voltar?

— Respondam-me apenas uma coisa — pedi, desesperada. — Damon saiu porque ele se arrependeu do que aconteceu? Foi isso?

Os dois se entreolharam e a forma cúmplice com o que fizeram, deixou claro que tinham suas próprias suspeitas e opiniões a respeito do desaparecimento do melhor amigo.

Suspeitas que não pretendiam compartilhar comigo.

— Como falei antes, Damon tem muito com o que lidar. *Isso* que aconteceu entre vocês só tornou a situação um pouco mais complicada para ele.

Isso. Caleb se referiu a entregar a minha virginidade a Damon *a isso.*

— Quer saber? Fodam-se vocês. — Ainda que eu os amasse muito.

Porque, naquele momento, eu só conseguia sentir raiva de todos eles.

Aproveitando-me da distração em que estavam, eu me levantei, peguei o celular de Caleb da bancada da cozinha e o enfiei dentro do moletom. No automático, coloquei a pipoca no micro-ondas para que escutassem o som... e deixei o apartamento.

Ciente de que, assim que as portas do elevador se fechassem, os dois saberiam que eu havia escapado da vigilância deles.

Não demorou até que eu chegasse ao térreo, e assim que pisei na calçada deserta fui envolvida pelo ar frio da cidade. Olhei para trás ao andar apressada, indo ao único lugar possível dessa cidade.

A Ponte do Abismo.

Por todo o caminho, eu tentei descobrir qual era a droga da senha de Caleb torcendo para que, em algum momento, Damon ligasse. Não que eu soubesse o que diria a ele, o ódio era grande dentro do meu peito, mas também

confuso.

Porque eu queria odiar Damon, mas queria odiá-lo perto de mim. Não longe.

Sozinha na ponte cujas vigas e linhas de aço se interligavam a uma altura impressionante, eu caminhei pela lateral até ser capaz de ver as luzes e os prédios luxuosos do outro lado da cidade.

Estive perto de atravessar os portões ao final da ponte diversas vezes. Algo puxava-me para o lado contrário, no entanto. Como se esse fosse o meu lugar.

Mercúrio era o único, talvez, a saber do meu desejo de atravessar a ponte. Mas não estava certa se conseguiria refazer meus passos até o mausoléu. Seria um risco, mas também uma forma de descobrir quem realmente era *Baba Yaga*. Com o celular de Caleb nas mãos, eu o apertei.

Pensando, pela primeira vez em dias, na saída que me arrancaria deste lugar. Bastava que eu respondesse a carta de aprovação do programa de Artes.

Algo para o que Bella vinha me pressionando todos os dias.

De olhos fechados, respirei o ar frio deixando-o preencher meus pulmões. E cada fibra do meu corpo congelou ao escutar o som de um graveto sendo quebrado atrás de mim.

Virei-me, assistindo a sombra se aproximar e só voltei a respirar ao reconhecer o rosto de Nero.

Droga, o que ele fazia aqui?

— Mercúrio está procurando por você — disse, em um tom de voz baixo. E ao tê-lo cada mais perto, pude ver o estrago que Damon havia deixado em seu rosto.

Nero estava praticamente irreconhecível.

— Eu precisava ficar sozinha — expliquei, virando o rosto.

E a culpa me consumiu, porque nada disso teria acontecido se eu não tivesse aceitado sair com Nero.

— Acho que te entendo. Proteção demais sufoca, certo? — Ele se

aproximou das ferragens, na qual estava apoiada e olhou para o rio descendo abaixo da ponte.

— Às vezes — sussurrei. — Você está bem? — Enchi-me de coragem para perguntar.

E Nero apenas deu de ombros, como se não se importasse.

— Eu poderia estar pior. Talvez abaixo de sete palmos? Quem sabe.

— Damon nunca... — *Ele não o teria matado*, mas talvez eu não fosse a melhor pessoa para afirmar o que Dam faria ou não.

— Você sabe que ele faria, Yume. O mais fodido aqui é que essa merda sequer te assusta.

Nero estava certo.

Eu não me importava. Coisas ruins precisavam ser feitas para que piores não acontecessem. E algo me dizia que Damon pensava da mesma forma. A sociedade nos abandonou em meio à violência e pobreza, como poderia esperar algo diferente?

Merda. Como era possível que mesmo furiosa eu ainda o defendesse?

— Damon não deveria ter reagido da forma que fez. Sinto muito.

— Não quero que peça desculpas por ele. Quero que abra os seus olhos. Damon não é quem você imagina...

Eu o encarei.

Mas então o celular de Caleb tocou e um número desconhecido apareceu na tela. Hesitei antes de atender, não querendo lidar com Caleb ou Mercúrio, mas o fiz mesmo assim.

— *Você tem dez minutos para levar a sua bunda de volta ao meu apartamento, amor. Nem um maldito segundo a mais, porra!*

Com a mesma violência com que a sua voz explodiu do outro lado da linha, exigindo o meu retorno, Damon Tempest Irish encerrou o telefonema deixando-me completamente sem reação.

E com o coração de volta a vida.


Capítulo 25

YUME

Nero me acompanhou até ao edifício naquela noite. E por todo o caminho eu o senti distante, como se Damon finalmente o tivesse convencido a se afastar. Nervosa com a ligação de Damon, não fui a melhor das companhias e, por isso, despedi-me dele com um abraço e corri na direção do elevador que, por algum motivo, encontrava-se no último andar.

À espera, eu olhei para trás observando o vento arrastar papéis e levantar poeira. Não foi o som agudo da ventania que me fez estreitar os olhos, no entanto, e sim o *SUV* azul que passou em baixa velocidade naquele momento. Os vidros escuros impediram-me de enxergar o interior do carro.

Mas a possibilidade de que, em algum momento, eu tenha visto aquele carro por perto agarrou-se à mente e permaneceu comigo por toda a subida até o último andar.

Diferente do que esperava, Mercúrio e Caleb não se encontravam em lugar algum por perto e todo o apartamento pareceu ter caído na mais absoluta escuridão.

Meu corpo sentiu imediatamente que havia algo de errado, mas estava tão esgotada que me arrastei até as escadas, detendo-me no último minuto ao ver a garrafa aberta sobre a mesa em frente ao sofá.

Merda, recuei ao me dar conta de que não se tratava de qualquer garrafa. E sim a que carregava o veneno preferido de Damon.

Vodca pura e barata.

Atordoada, eu olhei para o mezanino. À procura de algum sinal dele. Até mesmo um som, mas não havia nada.

Sem pensar nas consequências, e motivada pela raiva, eu caminhei até a garrafa aberta e a cheirei sentindo-me como o pior tipo de maluca. Porque soube no instante em que fiz isso, que procurava pelo cheiro de Damon.

Com a esperança repentina de que o álcool fosse me fazer dormir por horas, eu levei a garrafa até a boca e a virei. Foda-se se a vodca e eu não éramos

exatamente as melhores amigas. Ou na dor de cabeça que provavelmente sentiria ao acordar na manhã seguinte, eu não estava em busca de amigos ou cura.

E sim de esquecimento.

Com intuito de drenar o que restava na garrafa, inclinei o rosto para trás sentindo a garganta arder e os pulmões queimarem.

Prestes a deixá-la vazia...

— Eu não faria essa merda se fosse você. — A voz rouca foi ouvida em algum ponto atrás de mim. E antes que pudesse arremessar a garrafa ou gritar, Damon me alcançou com poucos passos, fazendo-me vacilar.

Como se tivesse o direito, ele me cobriu a boca com a palma de sua mão e fez o meu coração se encolher dentro do peito.

— Diga-me, amor, onde esteve? — Olhos escuros me percorreram com uma intensidade feroz, conforme ele se colocava à minha frente.

Mas Damon não foi o único.

Dois dias o tinham deixado áspero. Sua barba mostrava-se maior e os olhos azuis injetados de brutalidade. Como se esse homem tivesse acabado de sair do ringue.

Sufocada pela sua mão, lutei para afastá-la puxando o ar para dentro dos meus pulmões, que a essa altura deveria estar inundado de álcool.

O engraçado, era que Damon havia voltado e agia como se a única entre nós dois a correr tivesse sido eu e não ele.

— Você é um filho da puta egoísta! — gritei, ao empurrá-lo, tentando me desvencilhar do seu controle. Mas com um passo à direita, Damon estava lá outra vez impedindo-me de fugir. — Como pode desaparecer por quase três dias e, então, voltar como se nada tivesse acontecido? — Bati em seu peito, furiosa e sem controle algum. E, dessa vez, Damon permitiu. Não que eu o machucasse, mas que descontasse a raiva que sentia nele.

— Mas nada aconteceu, Yume. Perto ou não, você continua sendo minha. — Havia mais por trás de suas palavras, e soube pelo estreitar dos olhos azuis. Não foi o oceano ártico que enxerguei dentro deles, foi o fundo do mar. Sombrio

e perigoso.

Merda. Em dias bons, Damon intimidava. Hoje ele estava sendo letal.

— Você só pode estar brincando comigo — sussurrei ao recuar.

E o encontro com Nero martelou dentro do meu cérebro. *Dessa vez, Damon o mataria*. Porque, a julgar o estado em que o encontrei, não havia muito mais a ser feito a Nero que não a morte.

Com a respiração presa eu desviei o olhar de Dam. Mesmo que seus braços estivessem ao meu redor, puxando-me de volta.

— Eu quase posso sentir o cheiro do infeliz em você, caralho.

Engoli em seco.

— Não comece, Damon, ou juro que...

— Você esteve com Nero, sim ou não? — Hesitei, vendo que ele não me deixaria ir sem uma resposta. — Vamos, Yume. Basta responder.

— Por quê? — rebati. — Você irá quebrar que osso dele dessa vez? Nero está irreconhecível...

— Então você o viu.

A mandíbula larga enrijeceu.

— Sim. Mas não vejo como pode ser da sua conta com quem estive ou não, já que foi você quem saiu sem me dar sequer uma explicação!

Damon se aproximou, mas não havia distância entre nós dois a ser eliminada. Éramos pele com pele. Ou mais precisamente, suas roupas escuras e pesadas contra o meu moletom e short.

— Acho que criei um monstrinho ardiloso, hem? — sussurrou no meu ouvido. — Eu só me pergunto, por que, de todas as pessoas a te encontrarem essa noite, tenha sido Nero a fazê-lo?

— O que está tentando insinuar?

— Nero não sabia sobre o seu pequeno passeio, Yume — alardeou.

— Mas ele disse algo sobre Mercúrio...

— Disse, não foi? — Eu o afastei, confusa, com a cabeça a mil.

Só que não era a presença de Nero que queria discutir essa noite. E sim a

ausência de Damon.

— Esqueça Nero e seja homem para me dizer por que *você* foi embora. Depois da noite que tivemos... e de todas as mentiras que me contou.

— Não foram mentiras, Yume — disse, simplesmente.

— Eu já não sei no que acreditar, Dam. Você diz que eu não posso te deixar em um segundo; e no outro, sai por aquela porta... sem dizer nada. Passa dias ignorando minhas ligações, enquanto se mantém em contato com Mercúrio e Caleb.

— Acredite em mim. Foi para o seu próprio bem.

— Por quê?! — gritei, alterada, levando-o a me conter. — É isso o que não entendo. Do que você está me protegendo?

Damon não conhecia os meus demônios. Seu nome ou endereço. O que mais havia lá fora para ele achar que me manter afastada era o melhor?

— Dos meus fantasmas, Yume. Você não é a única com um passado.

Eu sabia, mas estava exausta. De me esconder, de andar pelas ruas sempre olhando para os lados. Dessa guerra que Damon travava com ele mesmo, ora me desejando ter por perto ora me afastando.

Ao se dar conta do estado emocional em que me encontrava, Damon me beijou a boca com uma intensidade que rapidamente nos transformou em tempestade.

Mesmo que eu tenha tentado resistir.

— Eu odeio quando faz isso — esbravejei batendo com mais força o punho contra o seu peito. — Você bagunça a minha mente com seus beijos. E isso machuca, Damon.

Eu o empurrei. E em vez de me deixar livre, Damon voltou a me puxar fazendo com que nossos corpos colidissem em choque.

— Não me importo que lute, pequena Yume, mas se quer mesmo me machucar você o fará comigo dentro de você enquanto eu te fodo.

Suas mãos grandes agarraram cada lado do meu rosto, e se afundaram contra a minha bochecha, enquanto me via sufocada em outro de seus beijos

exigentes. Foi impossível não gemer ou choramingar em seus braços; e cada som que me escapou, Damon abafou de forma impetuosa.

Quase animalesca.

Foi com o mesmo ímpeto, que ele arrastou a mão até o meio das minhas pernas, e me apalpou a boceta por sobre o short jeans, empurrando seus dedos para dentro do tecido curto e apertado nas minhas coxas.

Fui beijada como se a sua intenção fosse unicamente a de me punir. E enquanto a sua língua me devorava, seus dedos ultrapassaram a barreira fina e imprestável da minha calcinha.

Que, desde o momento em que escutei sua voz ao telefone, tornou-se incômoda e úmida.

Não havia uma só dobra da minha boceta, que não estivesse melada. Damon era o botão que me acendia e me deixava dessa forma: refém dele.

Com uma ferocidade que me assustou, ele aprofundou o beijo. Engolindo cada gemido, agora infinitamente mais alto. Não menti ao dizer que a loucura deste homem estava me afetando. Mexendo comigo a tal ponto de já não me importar com a linha tênue entre o que era ou não certo.

Principalmente agora, em que me tornei um emaranhado de desejo e fúria. Querendo bater em Damon, para, em seguida, gozar em sua mão.

— Não seja um babaca arrogante, porque nós não vamos transar, Dam.

Empurrei a boca para longe dele, retribuindo o castigo.

Desejando ser tão má quanto o infeliz era comigo.

— Tem certeza? — Seu aperto se intensificou e, de um modo que não consegui aceitar, o meu corpo reagiu.

Queimando por dentro.

— Absoluta — consegui dizer, em um fio de voz fraco.

— Sei que deveria estar pedindo desculpas, que fodi com a sua cabeça. — Respirou contra a minha testa. — Não saí porque nos considero um erro, Yume, ou porque tenha me arrependido. Eu saí, porque ficar nesse apartamento significava voltar para aquela cama sem me importar que você estava dolorida e

te foder um pouco mais. Esse não foi o único motivo, no entanto — revelou, contra a minha boca. — E estive tão perdido ao que você me faz sentir, que quase me esqueci do aniversário de morte dos meus pais.

Sufoquei a respiração, ao me deparar com o lado sombrio de seus olhos abrindo espaço para um lado de Damon que nunca tive acesso.

— Eu não sabia...

— E eu nunca contei. Porque até mesmo falar sobre eles me faz mal. — Seu coração bateu acelerado contra o meu peito.

E Damon inteiro se agitou.

— Você sente falta deles? — Esse não era o melhor momento para trazermos seus pais à tona, mas eu precisava saber.

— Todos os dias da minha vida, amor. É difícil não pensar como seria se estivessem aqui e mais ainda, é saber que, se estivessem vivos, você e eu jamais teríamos nos conhecido.

— Como pode ter tanta certeza? — desejei saber. — Talvez o destino encontrasse outra forma de cruzar os nossos caminhos, Dam. Talvez esse seja o propósito da minha vida. Te encontrar. Sempre.

Entreabri os lábios, ao toque do seu polegar. Damon pareceu estar longe. Não do meu corpo, mas da minha mente.

— Promete que não irá mais me deixar? — pedi, com o coração apertado.

— Eu prometo o que você quiser, Yume. — Seus dedos abandonaram a minha boceta e ele afastou o meu cabelo. — Apenas para que saiba que as coisas que te digo não são da boca para fora. São reais. Você é minha e eu sou seu.

— Não há mais volta — completei por ele, ao me colocar na ponta dos pés e o beijar.

Foi intenso. Doce.

E gostei da sensação que foi tomar a iniciativa e mostrar a Damon o quanto eu o desejava.

Dessa vez, fui eu quem o empurrou até o sofá. Vi-o cair pesado e abrir as

pernas musculosas como se o seu pau estivesse tão duro que fosse impossível e até mesmo dolorido para Damon mantê-las fechadas.

Com o semblante sério, fui avaliada dos pés à cabeça. O olhar intenso se estreitou ao se deparar com o short curto e, em seguida, alcançou-me o rosto.

Precisei de toda coragem do mundo, para levar as mãos até a bainha do moletom e o arrancar por cima.

Damon passeou os olhos febris pelos seios cobertos apenas pelo sutiã de algodão. E que foi rapidamente aberto, revelando os mamilos ainda marcados pelos seus dentes.

— Yume — grunhiu, agitado, ao me ver desabotoar o short e o deslizar pelas pernas magras.

Fiquei apenas com a calcinha, dessa vez em um tom de rosa mais vibrante.

— Espero que não esteja planejando me provocar e, em seguida, pular fora, garota — alertou. — Porque depois que se sentar no meu colo, você só sai se eu permitir.

— Tão confiante. — Inclinei-me sobre as suas pernas sentindo-o olhar para a minha boca, como se estivesse faminto. — Nem parece o mesmo cara que abandonou nossa cama, dias atrás...

— Estou te avisando, porra. — Antes que Damon tivesse a chance de me colocar no seu colo, eu montei sobre as suas pernas.

Arranquei a jaqueta que ele usava, e, em seguida, a sua camisa. Minhas mãos deslizaram por todo o seu tórax quente, duro feito aço, fazendo-o grunhir e quase se contorcer em busca de um pouco mais da minha boceta, que roçou e se esfregou contra o volume do seu pau.

Impaciente, Damon me agarrou o quadril e me puxou. Enfurecido.

— Você está querendo me foder, não está? — Sorri contra a sua boca, sem beijá-lo.

E em vez de ceder ao apelo dos seus lábios exigentes, envolvi o seu pescoço largo com os dedos, onde o sangue da veia jugular pareceu correr

ferozmente.

— Eu falei... sem sexo. — Fui agarrada com força, outra vez, e gemi ao cair sentada no membro endurecido.

Com intenção de escapar da sua tentativa de me tomar o controle, mesmo que eu estivesse irritada e excitada. Tudo ao mesmo tempo. Eu lutei de volta, o arranhando em seu peito e me debatendo sobre as suas pernas.

Minha boceta foi *moída* contra o volume cada vez maior na sua virilha, enquanto ele me calava com beijos que me arrancaram rapidamente o fôlego.

— Começou, agora termine — grunhiu, ao me segurar pela nuca e me impedir de afastar a boca da dele. — O que pretendia com todo esse showzinho? — Não respondi, apertando os lábios com força um no outro. — Diga-me, Yume, porque, se eu tiver que insistir, será pior.

— Irritar você.

— Como? — Fui puxada pela cintura fina, com a respiração tornando-se falha. — Como, porra?

— Fazendo com que me quisesse tão intensamente... que, quando eu te dissesse não, você sentiria a pior dor da sua vida.

Seus olhos se estreitaram e me vi sentindo um frio na barriga.

— Filha da mãe, safada. O que faço com você? — Sua boca deslizou pelo meu pescoço fazendo-me contorcer em seu colo. Era doentio o que nos tornávamos juntos.

Mais ainda o fato de que eu gostava.

— Nada, porque eu não... — Damon não me permitiu falar, seu olhar dilacerou-me a alma enquanto suas mãos afundavam por dentro da calcinha minúscula a me cobrir.

O polegar escorregou por entre as dobras já encharcadas de vontade, enquanto eu tentava nos manter afastados com a palma das minhas mãos apoiadas contra o seu peito, que sofreu com arranhões cada vez que eu o senti latejar asperamente.

— Faça o que quiser comigo, Yume — disse de repente, ao me puxar

pelo cabelo e, com a outra mão, me penetrar dois, três dedos. — Quer me bater? Esse é o momento.

— Com os seus dedos dentro de mim? — Damon quase sorriu e foi perverso.

— Exatamente, amor. Desconte sua raiva, me xingue. Diga que sou o maior filho da puta da história, enquanto monta na minha mão e finge que não está gostando...

Com raiva, eu cravei as unhas na sua pele fazendo-o grunhir de volta e empurrar os dedos profundamente na minha boceta.

— Eu estou tão brava com você, Dam — falei, entre gemidos, encarando-o nos olhos. — Dizer que te odeio ainda seria pouco. Você me deixou sozinha... sem nenhuma explicação ou garantia. — Aproximei a boca da dele e subi minhas mãos pelo seu corpo, até envolver o seu pescoço largo novamente. — Achei que fosse enlouquecer. — O beijei gananciosa.

E os seus dedos se moveram experientes dentro da minha boceta, fazendo-me gemer. Com a outra mão, a me segurar fortemente pelo cabelo, Damon me afastou de forma brusca. E provou do próprio sangue, deixado pela mordida que deixei em sua boca.

Essa foi justamente a intenção. Fazê-lo sentir dor e sangrar, porque foi o que senti longe dele.

Quarenta e oito horas, e eu havia desmoronado.

Como então poderia abandonar Damon e ir para o outro lado do país?

Sei que estava sendo egoísta comigo mesma, negando-me algo que poderia mudar a minha vida. Mas o meu lado obcecado por este homem era o que me controlava.

E ele nunca me deixaria sair de perto dele. Assim como eu duvidava que Damon fosse me permitir ir embora.

— Eu não quis te machucar, Yume.

— Mas machucou. E é isso o que faz comigo todas as vezes que me afasta. Você me quebra por dentro, Damon. — Voltei a bater em seu peito e ele

aproximou o nariz do meu, acalmando a minha respiração e raiva com um único olhar.

Nossas bocas perto de se tocarem, outra vez.

— Sinto muito — falou ao limpar com os lábios a única lágrima que escorreu pela minha bochecha. — Odeio te deixar dessa forma. Odeio ter que te afastar. Odeio ainda mais, não saber como irei proteger dos efeitos colaterais que será estar comigo, Yume.

Outra lágrima deslizou, fazendo-me respirar profundamente.

— Talvez eu não queira ser protegida de você — admiti.

E agradeci aos céus por ele estar usando outra de suas calças moletons fáceis de serem abaixadas. Porque, foi graças a ela, que a minha boceta foi preenchida pelo pau de Damon, com uma única estocada, e o meu corpo se fundiu ao dele.

Gemi contra a sua boca. Meus gritos sendo abafados por um beijo mais violento do que o outro enquanto Damon empurrava o quadril ao mesmo tempo que me puxava para baixo, tornando a penetração insuportavelmente gostosa e apertada.

Minha boceta o sufocou, em espasmos apertados, fazendo-o me foder cada vez mais asperamente. *Indo e vindo*, enquanto eu gritava e o mordia. Raiva e prazer, se misturaram dentro de mim de forma tão intensa que não demorei a gozar. E o meu corpo inteiro sucumbiu a Damon em uma velocidade que teria me deixado assustada se eu não me conhecesse.

Sôfrega do orgasmo, seu olhar me penetrou feito aço. E me senti fodida por cada centímetro do corpo. Não era normal o que ele me fazia sentir ou querer e era com esse desejo insano que sussurrei em sua orelha, a fim de poder dizer, palavra por palavra, o que queria fazer com ele:

— Tem certeza? — rosnou, em um murmúrio quase dolorido.

Damon estava se segurando, soube pela rigidez dos seus músculos e o quanto sua mandíbula estava cerrada.

— Tenho. Você disse que eu podia fazer o que quisesse, e eu quero que

goze na minha boca, Dam. Quero provar o seu gosto.

Uma onda de calor se apossou das minhas bochechas e boceta, ardida das estocadas de Damon.

— Continue dizendo coisas assim, porra. E você vai terminar acorrentada a minha cama. — Damon me levantou, sem me liberar do aperto no alto da minha cabeça.

Meu olhar foi do seu rosto para a ereção monstruosa e melada de fluidos entre as coxas grandes. Com água na boca, achei estranho que minha garganta estivesse seca e sedenta por Damon.

Que moveu minha cabeça em direção ao seu membro enquanto assistia a tudo. Não vou mentir, por um momento achei-me incapaz de o engolir. Seu pau era grosso, robusto na base. Com pelos aparados e escuros. Responsáveis por me arranhar a boceta e deixá-la vermelha.

Nada neste homem era dócil, eu deveria estar acostumada.

— Yume — lambi meus próprios lábios, e o som do meu nome soou como um aviso: *não me provoque.*

Insegura sobre como o levar por inteiro na boca, coloquei a língua e lambi a cabeça que latejou ao roçar dos lábios quentes. Incrível como concentrei-me toda em seu pau, mas o prazer me atingiu rapidamente entre as pernas.

Damon grunhiu, não vou mentir. Como um touro segurado pelo chifre. Ou, nesse caso, como um demônio engolido pela minha boca. O senti se agitar abaixo de mim, suas pernas musculosas impulsionaram-me, assim como seus dedos cada vez mais emaranhados em meu cabelo bagunçado, forçando-me a levar seu pau mais fundo.

Vi-me lutando por ar, sôfrega de excitação e desespero. Damon gostou de me ver dessa forma, engasgada com nem mesmo a metade do seu pau, que foi o que consegui engolir. Zonza de prazer, senti meus seios rasparem o sofá e a sua calça. E o chupei com mais vontade, escutando-o grunhir sons que me deixaram mole.

Foi como tentar alcançar uma fera. Que não teve piedade da minha boca.

Damon gemeu e o meu pulso acelerou, presa ao seu olhar e ao que toda a sua aspereza fez comigo. De repente, o controle tornou-se inteiro dele, que empurrou o pau grosso na minha boca.

A cabeça bateu fundo na garganta, e os meus lábios se esticaram para que ele pudesse entrar e sair.

Santo. Inferno.

Engasguei-me com cada centímetro dele e babei ao redor da ereção grossa. Meus olhos lacrimejaram pela intensidade com que Damon passou a bombear enquanto eu o arranhava em sua coxa, indecisa entre pedir arrego ou por mais dele.

Meu gosto, melado por todo o seu comprimento, misturou-se ao de Damon. Sufoquei, perdendo o fôlego ao mesmo tempo que meu clitóris pulsava. Um toque, e eu gozaria de novo.

— Porra, isso só fica melhor! — Damon empurrou o quadril, fazendo-me encará-lo. — Como pode pensar que eu te deixaria, garota? Que abriria mão de você tão facilmente? — Lacrimejei, com a boca cheia dele. Sua veia grossa pulsou e eu a senti na ponta da minha língua.

O roçar molhado foi o que bastou para que esse homem me inundasse de gozo, que escorreu quente pelo canto dos meus lábios, de tão espesso.

Em questão de segundos, suas pernas me empurraram para cima e os seus dedos voltaram a me agarrar o cabelo.

Fui levantada e beijada, sentindo-o limpar com a própria boca cada resquício de sêmen que pudesse ter restado nos meus lábios. Antes de ele se afastar, completamente sem fôlego.

— Senti sua falta pra caralho, *amor* — murmurou, rouco.

Entorpecida, eu não dei ouvidos para a vozinha dentro da minha cabeça, dizendo-me que pertencer a Damon era arriscado. Ou me alertando sobre o quanto seria fácil me perder nele. Ignorei, porque, se minha consciência estivesse certa, eu não saberia como escapar.

Nem como me impedir de ter o coração esmagado pelas mãos desse homem.

Capítulo 26

DAMON

Foi estranho acordar com a cama vazia. Mesmo que os lençóis cinzas estivessem com o cheiro e, provavelmente, provas do sexo que Yume e eu fizemos ao longo da noite e madrugada.

Gozo, banho. Sua pele.

Foda-se, porque eu não me importaria de passar horas com o cheiro lascivo daquela garota impregnado em mim.

Foi ansiando por mais, que me levantei, vesti a primeira calça que encontrei e atravessei o apartamento. A xícara de café sobre a bancada denunciou que Yume deveria estar acordada por horas.

Depois de praticamente três dias sem pregar os olhos, não era de se estranhar que eu tenha caído em um sono tão profundo.

Eu estava exausto, porra.

Abaixar a guarda, estando na mesma casa que Vladimir, teria sido suicídio. Até porque nada impediria que eu acordasse com uma arma apontada no meio da testa.

De certa forma, era esperado que ele entrasse em contato no aniversário da morte dos meus pais. Eu até mesmo ansiei para que o telefone tocasse. Mas Vladimir não costumava ser tão óbvio ou previsível.

Éramos iguais nisso.

E após meses de silêncio, lá estava ele. Pronto para me lembrar as razões pela qual eu já deveria tê-lo matado.

Vladimir vivo era uma promessa e eterna lembrança, de que, enquanto ele respirasse, eu não teria paz.

Com as mãos e a alma sujas de sangue, derramado sob o seu comando, eu me servi do café feito pela japonesa encontrando-o exageradamente doce.

Ok, teria de servir, pensei, ao caminhar até o estúdio e encontrar Yume inclinada sobre uma tela grande, tão atenta a cada detalhe que foi impossível arrancá-la do seu mundo.

Yume vibrava arte. Acho que era a sua forma de se expressar, e ainda que eu só tenha tido acesso ao que ela me permitia ver, a impressão era a de que as cores falavam o que ela normalmente não conseguia dizer.

Com as mãos e os dedos tingidos de vermelho e roxo, eu a vi se ajoelhar e os arrastar pela tela ignorando por completo a existência dos pincéis ao redor. Observando-a a distância, enquanto tomava o café, cheguei à conclusão de que essa era possivelmente uma das cenas mais eróticas que presenciei na vida.

Yume em seu *habitat.*

A camiseta maior do que o seu corpo, coberta por inteiro de tinta. As pernas nuas e os pés descalços. Seu cabelo presto em um coque, que pareceu a beira do colapso.

Ao se mover sobre a pintura e todas as amostras de tinta, ela ainda me proporcionou a visão da sua pequena bunda. Coberta por outra de suas calcinhas minúsculas de algodão.

Não vou mentir, fiquei duro apenas por vê-la fazer o que amava. Mas também desejei ter o poder de enclausurar essa imagem dentro do meu cérebro pelo resto da vida.

Caralho.

Eu queria viver nesse momento, seguro de que a garota linda, sujando-se de tinta, enquanto mordia o próprio lábio, era a mesma que gemeu e gritou o meu nome na noite passada enquanto me deixava fodê-la sem camisinha.

Algo que nunca fiz antes.

E que só aconteceu, porque eu sabia estar seguro e limpo, e porque Mercúrio era o cara que comprava os seus anticoncepcionais.

Graças ao toque repentino do meu celular, esquecido em algum canto do apartamento, Yume olhou para trás e me encontrou parado no batente da porta.

Os olhos repuxados sorriram de uma forma quase doce. E enquanto ela se levantava, limpando as mãos na camiseta, cuja bainha bateu até quase na altura de seus joelhos, eu virei de uma só vez o café que restava na xícara.

— Você acordou — disse baixinho ao me abraçar a cintura.

— E você, ao que parece não dormiu. — Yume apoiou o queixo no meu peito e ergueu o olhar. — Teve outro pesadelo?

Eu costumava sentir sua agitação quando eles a assombravam. Mas de tão exausto, posso não ter notado.

— Sem pesadelos. Apenas vontade de pintar — revelou. — Fico assim quando estou feliz, ou sei lá... excitada com alguma coisa.

— E você está... feliz e excitada? — quis saber, ao afastar os fios grossos soltando-se do coque.

Enquanto ela permanecia dentro do estúdio, e meu corpo detido na porta. Sem acesso ao que era guardado do lado de dentro.

— O que você acha? — sussurrou, deixando-me saber pela cor rubra a tomar suas bochechas, o tipo de excitação e felicidade que sentia.

— Acho que você é mais safada do que imaginei, amor.

— Dam! — Ela me deu um soco de brincadeira, e eu a puxei para fora do estúdio até sentir minhas costas baterem contra a parede.

Enquanto o toque do meu celular, vibrando de tempos em tempos, continuou a nos perturbar.

— Pode ser importante.

— Duvido — falei, recusando-me a atender. — No mínimo é Caleb querendo saber se eu já não te amarrei a minha cama ou comecei a agir feito um homem das cavernas.

Yume riu, e sua gargalhada soou anasalada e extremamente fofa. *Dois dias,* porra. E até dos sons que essa garota fazia eu senti falta.

Irritado com a insistência do toque, percorri o apartamento com o olhar à procura de algum sinal do maldito aparelho. Sem o menor desejo de me afastar de Yume.

— Eu gostaria disso, eu acho — falou de repente, e quando a encarei mostrou-se tímida. — Não da parte do homem das cavernas, mas da outra...

Essa garota não poderia ser real.

— Da parte em que eu te amarro? — Assentiu.

— Parece... legal. — Deu de ombros, e tentou se afastar.

— Não, não! — Eu a impedi. — Você não diz uma coisa dessas e me dá as costas em seguida, querida. Pode ficar aqui. — Deixei claro e ergui o seu queixo. — Você sabe que não precisa, não é? Que temos tempo para descobrir o que gosta ou não... Sexo não é o que acontece nos filmes, Yume.

Seu rosto ficou ainda mais vermelho.

— Eu sei. E não estou querendo apressar nada. Estou apenas dizendo que... se algum dia você quiser tentar... meus pulsos são seus.

Meu corpo enrijeceu e, sem brincadeira, o estado em que o meu pau ficou não foi confortável.

Se eu não morresse por Yume, tinha certeza de que ela mesmo acabaria por me causar um infarto.

— Eu não te amarraria apenas pelos pulsos, amor. — A garota arregalou os olhos.

— Não?

Neguei, e apontei para as suas pernas.

— Seus tornozelos, coxas. Até mesmo o seu pescoço... apesar de nunca ter ido tão longe assim. — Não foi medo o que enxerguei dentro dos olhos escuros, foi curiosidade.

Do tipo lasciva e perversa.

Por Deus! Eu estava criando um monstro.

Ao sorrir de forma inocente, depois de me fazer imaginá-la nua e amarrada sobre a minha cama, eu a puxei para um beijo com gosto de café e açúcar. Seus lábios se entreabriram, macios. E o encaixe, e a forma como ela inteira pareceu se entregar, deixou-me desorientado.

— Você deveria ver o que é... — sussurrou contra a minha boca, presa ao nosso beijo. — Talvez eles só estejam preocupados que a gente tenha se matado aqui dentro. — Yume me afastou e tomou a xícara da minha mão.

Ainda atordoado, permaneci parado em frente ao estúdio e o meu olhar vagou da cabeleira agora solta de Yume para o interior dele. Havia cores por

todos os lados, uma explosão de vermelho, azul e roxo, principalmente. E uma única tela que, de tão obscura, destacou-se entre as outras. Não a notei antes, porque Yume esteve justamente na direção em que havia sido colocada.

Um passo para dentro do estúdio e me detive, lembrando-me da permissão que não possuía. *Só que... porra!* Mesmo a distância, não foi difícil *me reconhecer* através dos traços sombrios. Do olhar que, de alguma forma, Yume não enxergou como meu.

Como era possível?

— Eu o encontrei, Dam... — A voz dela se calou. Não por me pegar com o olhar onde não deveria, mas porque algo no visor do meu celular a fez franzir o nariz avermelhado e morder o próprio lábio.

Merda.

Em poucos passos, eu a alcancei e peguei o celular da bancada da cozinha, deparando-me com as inúmeras mensagens de Astrid rolando através da tela.

Xingamentos como *seu filho da puta*, misturando-se a frases desconexas como *ele me colocou para fora!*

Mas a última, justamente a que Yume teve acesso, foi a pior de todas:

Eu vou contar tudo, ele vai saber que nós fodemos feito dois coelhos.

E fodemos mesmo, por todo aquele maldito mausoléu e fora dele.

Mas isso foi há semanas.

— Quem é Astrid? — A voz soou baixa, e podia jurar que notei o tremor nos lábios de Yume.

— Não é ninguém com quem você deva se preocupar, ok? Ela é passado.

Um que eu imaginei ter *encerrado* durante os dias que passei fora.

Espalhar como quem não queria nada, entre os corredores do castelo de Vladimir Noirín, que sua prostituta andou fodendo outros homens por aí, foi o que bastou para que ele a colocasse para fora.

Claro, agora havia o agravante de que Astrid não estaria lá dentro, agindo como os meus olhos e ouvidos, mas não me importei. Ultimamente ela havia se tornado mais uma dor de cabeça do que uma vantagem.

Tudo o que precisava agora, com Astrid fora do mausoléu, era outra pessoa disposta a falar.

Ter o mesmo sangue que Vladimir correndo pelas veias, nunca me colocou em posição privilegiada entre os irlandeses. Pelo contrário, meu tio fazia questão de me lembrar, a cada vez que nos encontrávamos, que eu deveria ser grato por ainda respirar.

Bom, de certa forma ele também.

— Passado — repetiu a palavra, como se lhe tivesse um gosto ruim. — Um passado que te envia mensagens a essa hora da manhã? Fora que não é a primeira vez que escuto esse nome...

O som da xícara ao ser colocada com raiva sobre a bancada, veio antes que ela se afastasse.

— Yume...

— Acho que não gosto do seu passado, Damon. Tanto quanto não gosto do meu! — Não a impedi de colocar espaço entre nós dois, porque, antes de me resolver com Yume, eu precisava calar os dedos nervosos de Astrid.

Que teve apenas o que mereceu.

Pedi por diversas vezes para que se mantivesse longe, e a infeliz continuou me desobedecendo.

Aparecer no *Porão* fora a gota d’água.

Abra a sua boca, e eu te enterro viva.

Digitei, ciente de que um fim como o que eu prometia, ainda seria menos doloroso do que o que Vladimir proporcionaria a ela, caso descobrisse que sua adorável puta não trepou com homens aleatórios e sim com o sobrinho que ele odiava.

Capítulo 27

YUME

Caleb avançou, desestabilizando-me no ringue. O suor escorreu pela nuca, e o cabelo preso em um alto rabo de cavalo se agarrou às minhas costas, também molhada. Fiz bem em me despir das roupas que usava normalmente nos treinos, porque, além do dia atípico de tão quente, eu estava furiosa.

A ponto de não me importar com o pequeno infarto que causaria a Damon quando o infeliz me visse.

Ainda assim, vestir-me dessa forma não foi intencional.

Eu não estava à procura de briga ou de algum outro motivo para que discutíssemos. Não foi essa a razão que me fez pular sobre o ringue com Caleb em um dia que sequer deveríamos treinar.

E se fosse para levar em conta *o vigor* com que o meu amigo estava me atacando, acho que eu não era a única com problemas de raiva nesta manhã.

O seu motivo poderia ser desconhecido, mas o meu tinha nome: Astrid.

Incapaz de respirar, eu estendi o braço. E usei como escudo o aparador de chute que segurava enquanto o encarava, atordoada.

— Qual é o seu problema? — chiei, sem fôlego.

— Não seja um bebê chorão, Yume. Nós já estamos há meses treinando...

— Sim. Mas eu não pretendo ganhar a luta do ano ou enfrentar Damon em algum momento do futuro. Então pegue leve, está bem? — Caleb não era bom em esconder seu mau humor, e não era nenhum segredo que *Damon e eu juntos*, o preocupava.

Eu só não queria ver essa sua energia pessimista, ferrando com o que sequer havia começado.

— Damon já acha que temos motivos suficientes para não ficarmos juntos — falei, irritada. — Sei que você não nos aprova, mas poderia, por favor, não deixar isso tão claro?

— Não é que eu não aprove, eu só acho que vocês estão cometendo um erro... — Caleb me deu as costas, depois de jogar seu próprio aparador e luvas

no chão.

Os equipamentos que não usava com Damon, ele fazia questão de utilizar comigo. A fim de garantir que nem mesmo um fiozinho do meu cabelo, fosse arrancado da minha cabeça enquanto treinávamos.

— Em vez de estar preocupada com a minha opinião, você deveria estar se perguntando o que irá te acontecer caso algum filho da puta coloque as mãos sobre você. Será dessa forma que irá reagir? Como lutou comigo hoje? — Ele sacudiu a cabeça, abaixando o tom de voz ao se dar conta de que havíamos chamado a atenção dos caras no interior do ginásio. — Ninguém terá pena de você, Yume. E você será a primeira a sair machucada.

— Não... eu... — balbuciei nervosa. — Se você tivesse me dado a chance de...

— Pare de assustar a Yume, Caleb! — Damon subiu no ringue, de forma inesperada, e com uma expressão tão assassina em seu rosto, que precisei entrar na sua frente. Apenas por precaução. — Ninguém irá machucá-la.

— Nem mesmo você? — Caleb murmurou atrás de mim e, ao olhar para trás, eu o encarei querendo saber se ele estava realmente disposto a enfrentar Damon.

Ou começar uma guerra.

— Principalmente, eu. Agora vamos, pare de ser um empata-foda e deixe que eu ensine alguns golpes a Yume.

Caleb e Damon se entreolharam, e soube, pelo olhar dos dois que, de alguma forma muito louca, eles haviam entrado em um consenso. Não a meu respeito, mas a respeito da amizade que possuíam.

Foi apenas com a saída de Caleb do ringue, e com o meu fôlego recuperado, que as palavras de Damon passaram a fazer algum sentido.

Ele queria treinar comigo?

— Você e eu... aqui no ringue, não é uma boa ideia, Dam — disse ao começar a arrancar uma de minhas luvas, mas, claro, o idiota presunçoso não me deu ouvidos. Pelo contrário, tratou de arrancar o moletom que vestia e que

cobria cada músculo do seu tórax, e veio até a mim.

Onde recolocou as luvas nos meus punhos e as fechou com firmeza.

— Você tem protetor? — Assenti, e apontei para onde minhas roupas costumavam ficar. Sobre o monte que elas formavam, estava a caixa do protetor bucal que quase nunca havia necessidade de usar.

Ao menos não com Caleb.

Fazendo todo o trabalho, Damon a pegou e me pediu para abrir a boca. Até que senti o protetor firme cobrir os meus dentes.

— Você tá me deixando com medo — falei da forma que consegui. Sabendo que o som havia saído estranho e confuso.

— Deveria. — Seu olhar percorreu o meu corpo, acho que pela primeira vez desde que subiu ao ringue e estremeci.

Não apenas pela *checada* que Damon deu, mas pelo leve estreitar da sobrancelha grossa.

— Você não saiu assim de casa, essa manhã.

Não mesmo.

— Quando saí estava frio. — Damon se aproximou, forçando-me a levantar o rosto. — Mas você não deveria reclamar, sabe? É só um top de ginástica...

— Que deixa à mostra sua barriga e seios.

— Não é como se você estivesse coberto... eu posso ver quase tudo... — Recusei-me a encarar o seu tórax. Porque sabia que, se o fizesse, perderia a capacidade de falar e raciocinar.

Damon e eu não nos víamos desde essa manhã, quando peguei minha mochila, o material de pintura e saí porta afora. Não para ir até o centro comunitário, mas para andar pela cidade enquanto esperava que Bella acreditasse que eu estava mesmo me sentindo mal e não pensasse que a minha ausência na aula fosse porque eu a estava evitando.

Assim como estava evitando dar uma resposta ao programa. E lidar com Damon e a mensagem que ele havia recebido de *Astrid.*

Que fazia parte de um passado em que os dois trepavam feito coelhos no cio.

— Se vamos treinar, é bom que sua cabeça esteja aqui, Yume. Em nenhum outro lugar — avisou ao se colocar em guarda, que era basicamente a posição para o ataque e a defesa.

— Por que estamos fazendo isso, Damon? — perguntei ao erguer meus braços em posição. Porque, pelo movimento das suas pernas, eu soube que Damon planejava avançar a qualquer momento. — Caleb já me ensinou.

— Caleb te ensinou autodefesa. Eu quero te ensinar a revidar.

Seus olhos aqueceram algum fiozinho solto dentro do meu corpo. E por quase meia-hora esse homem tentou, de todas as formas, fazer com que eu compreendesse que, mais do que escapar, eu deveria saber como ferir alguém.

Irritada, toda oportunidade que tive de avançar e bater nele, eu aproveitei. Não que Damon tenha sentido algo que não cócegas com os meus golpes. Droga, eu até mesmo perdi a conta de quantas vezes ele me derrubou sobre o ringue.

— Não quero que pense demais no que Caleb falou, Yume. — Damon pareceu adivinhar o tipo de pensamento tóxico e vulnerável a me rondar o cérebro. — Para te machucarem, qualquer idiota terá que passar por mim antes.

Sorri, revirando meus olhos.

— Você é tão arrogante, Damon Irish. Posso não ser boa em *machucar*, mas sou ótima quando se trata de correr... — falei, sem deixar que o passado me envenenasse a mente.

Aturdida pelo treino duplo, eu me apoiei nas cordas observando, um pouco zonza, Damon vir na minha direção. Lento como um animal prestes a arrancar um pedaço de sua presa favorita.

Incapaz de resistir, meu olhar desceu pelo pescoço suado e grosso, detendo-se nas gotículas que escorriam através dos seus braços e peito. Damon era uma visão de outro mundo.

O meu próprio viking tomado por tatuagens e gostoso pra caralho.

— Essas bandagens estão me dando algumas ideias... — falou, fazendo-

me piscar e o encarar, enquanto eu, automaticamente, desenrolava as bandagens dos meus punhos.

— Você só pode estar brincando.

— Eu não brinco sobre sexo, Yume. Principalmente depois que você plantou essa visão na minha cabeça. — Engoli em seco, ao vê-lo eliminar toda a distância que nos separava.

Para o meu desespero e choque, não havíamos tido tempo de conversar sobre como seria na frente de todos. Mas Damon não pareceu preocupado com o que seria falado a nosso respeito.

— Está todo mundo olhando, Dam — sussurrei, estendendo a mão para detê-lo no último momento.

Eu não sabia se estavam realmente olhando, mas podia imaginar que sim. Até porque éramos os únicos no ringue. E ainda que Damon sempre tenha sido excessivamente protetor comigo, seus toques, quando estávamos em público, costumavam ser sutis e não descarados como os de agora.

Conhecendo-o como o fazia, imaginei que essa era a sua forma de deixar claro que estávamos oficialmente juntos.

— Foda-se, todos eles! — rosnou no meu ouvido e o mero toque da sua boca contra a minha orelha, bastou para que eu me arrepiasse inteira. — Você acha que dou a mínima para o que irão dizer ou pensar?

Claro que não, ele era Damon Tempest Irish.

Quem seria idiota de o irritar?

— Você pode não se importar, Dam. Mas eu faço. E não quero que pensem que...

— Que eu trepo com você? — indagou, sem papas na língua. — Ou que todas as vezes que fico perdido, olhando para você, é porque estou pensando no quanto é gostosa?

Damon me beijou o pescoço, arrastando sua maldita boca pela minha pele suada e quente.

— Eu falei para você parar.

— Ser minha te deixa com tanta vergonha assim? — Damon inclinou-se e me encarou. E o seu tom de voz tornou-se sério.

Quase letal.

Eu poderia ter mentido, amansado a fera. Mas não havia me esquecido nem mesmo por um segundo a mensagem que ele recebeu esta manhã. E nem do fato de que Damon passou dois dias inteiros afastado.

— Deixaria se eu descobrisse que você não é meu.

Odiei-me por sentir ciúmes, mas me recusava a engolir esse sentimento ruim só para que ficássemos bem. Eu estava sendo honesta com Damon, até nas minhas inseguranças e desejava receber o mesmo dele.

— Achei que já tivéssemos conversado sobre isso, amor — falou, trazendo-me de volta à realidade, ao me puxar pelo queixo. — Para onde sua cabeça foi dessa vez, Yume?

Damon gostava de ter a minha atenção. Cada parte dela. Possuir o meu corpo não era o suficiente para este homem.

— Para longe de você — provoquei, de propósito.

E o vi apertar a mandíbula e enrolar seu punho no meu rabo de cavalo antes que pudesse me dar conta.

Foi dessa forma que Dam inclinou minha cabeça para trás fazendo com que os meus lábios se entreabrissem.

— Não diga coisas assim, nem que seja por brincadeira, menina linda. — O bastardo me mordeu o ombro e eu gritei contra o seu corpo duro e alto.

O som até foi abafado, mas não a ponto de se tornar inaudível para os que passavam por perto naquele momento.

— Foi só uma brincadeira, e não digo mais, eu prometo! — ri ao sentir cócegas por conta da sua barba enquanto o corpo suado dele agarrava-me por inteiro.

— Vou começar a brincar também, mas com a palma da minha mão na sua bunda.

Eu o encarei, mesmo ao me debater em seus braços. Atraindo ainda mais

a atenção de todos.

Só que, dessa vez, não me importei.

— Você é um pouco obcecado pela minha bunda, não é? Como nunca percebi? — Eu o tinha visto me encarar, diversas vezes. Mas nunca tão explicitamente como fazia agora. Ainda assim, todas as vezes que o peguei me olhando, Damon virava o rosto com tanta rapidez, que era como se nunca tivesse acontecido.

— Por cada centímetro seu — admitiu, desviando o olhar.

— Desde quando? — Ao não me responder, eu insisti. — Dam?

Sua boca voltou a se aproximar da minha orelha.

— Desde a primeira vez que você me olhou como se eu fosse a porra do seu mundo — revelou, fazendo-me estremecer. — Você estava do outro lado da mesa, Mercúrio e Caleb não paravam de falar asneiras. Seu cabelo estava solto, acho que molhado. Você usava uma das minhas camisas. — As palavras saíram uma atrás da outra, sem que ele sequer recuperasse o fôlego. Ou então, como se ele as estivesse revivendo. — Eu te chamei de *amor* pela primeira vez e você olhou para cima. Aquele foi o dia em que notei que você não era mais uma adolescente, Yume. Você havia crescido e estava linda.

— Quando foi isso? — perguntei, confusa, com meu coração ameaçando parar dentro do peito.

— Pouco mais do que um ano, se quiser que eu seja exato.

Nos entreolhamos, e engoli em seco com meu pulso completamente acelerado.

Deixei-me ser tocada por Damon, enquanto assimilava o que havia acabado de revelar.

Estava atordoada, porque fazia *muito* tempo.

— Eu te assustei, não foi?

— Por que demorou tanto a fazer alguma coisa a respeito? — quis entender.

— Você não estava pronta para ser minha ainda — soou honesto, mas

também pesaroso. E desconfiei do porquê.

— E agora eu estou?

Não vou mentir, eu estava com medo de escutar a verdade.

— É o que estou tentando descobrir.

Nervosa, eu apoiei a testa em seu tórax e o abracei. Damon era mais velho, mas não acho que a diferença de idade tinha importância quando se tratava de nós. Não quando éramos incapazes de permanecer longe um do outro.

— Eu poderia ter esperado um pouco mais, essa era a ideia. — O escutei dizer contra o meu cabelo. — Mas então, uma certa garota teimosa apareceu onde não deveria... vestida de um jeito que me deixou fodido de ciúme... e não resisti...

Demorei a notar que os meus dedos haviam se detido justamente sobre o coração de Damon. E que ele batia forte sob as camadas de pele, músculos e ossos.

— Acho que... — Estava prestes a dizer para Damon que eu não teria conseguido esperar até que ele se decidisse, mas o som de saltos finos preencheu o interior do ginásio.

O som atípico foi o primeiro sinal de que havia algo de errado. O segundo, foi a tensão repentina que tomou o corpo de Damon.

— Damon Irish. — Procurei pela voz feminina que o chamou, mas o corpo grande dele me impediu de ver qualquer coisa. — Será que é hoje o dia em que irei finalmente conhecer a garota que o tem mantido tão ocupado?

O olhar de Damon se estreitou antes mesmo que o homem se virasse. A mandíbula cerrada, coberta pela barba por fazer, intensificou a maldade em Damon.

Como se desejasse tudo, menos ter de lidar com o problema que essa mulher deveria representar.

— Suba e espere por mim no escritório, Yume — pediu ao se afastar.

Levando-me a inclinar a cabeça por curiosidade. Em uma tentativa tola de identificar ou reconhecer a dona da voz, que não tinha nada de semelhante

com as garotas usuais com quem Damon se envolvia.

Até porque ela não era uma garota. Era uma mulher exibindo o hematoma em seu rosto, com um orgulho mal-intencionado.

Algum homem havia batido nela.

Enjoada, eu tentei me lembrar de alguma vez tê-la visto antes. O cabelo loiro, cortado na altura dos ombros *não eram esquecíveis.*

E a mulher estava elegante, mesmo que machucada. Com brincos dourados em sua orelha e uma confiança no olhar que apenas a maturidade entregava.

Precisei de tempo até me dar conta de que Mercúrio chamava-me da escada, junto de Caleb, e que todos pareciam esperar que eu simplesmente desse as costas a Damon e o deixasse com essa mulher.

O que eu não queria ter de fazer.

— Dam. — Eu o segurei pelo braço, e dei um passo à frente.

Tornando-me alvo do olhar afiado da desconhecida, que me percorreu de cima a abaixo, em uma avaliação que me deixou desconfortável.

— Suba, Yume. Esse não é um bom momento para que seja teimosa.

Damon não deixou espaço para protestos. E como se todos ao redor estivessem em alerta, soube que, se não saísse naquele momento, alguém me tiraria do ringue.

Nervosa, dirigi-me até onde Mercúrio e Caleb estavam. E ao subir, fui incapaz de não olhar para trás. Nem mesmo ao ver Damon arrastando a estranha bruscamente para fora do ginásio.

— Venha, Yume — Mercúrio chamou, e assim que pisei no escritório deparei-me com Caleb inclinado sobre a sacada com o mesmo olhar preocupado em seu rosto.

Certo. Independentemente de quem fosse a mulher, nenhum deles pareceu ser um grande fã dela.

— Quem é a estranha? — perguntei a Caleb, inclinando-me ao seu lado.

— O único que pode te responder isso, é Damon, Yume. Então não

começa.

Fiz uma pequena careta.

— Você é um chato, sabia? — falei baixinho. — Acho até que está precisando de uma namorada. Alguém que irá...

— Trepar com ele até a exaustão? — Mercúrio acrescentou, ao meu lado.

Os dois mantiveram-me espremida entre eles.

— Eu não diria trepar, e sim fazer amor. Se apaixonar, sabe?

— Falou a voz da experiência — Caleb provocou. E ainda que houvesse a sombra de um sorriso em seu rosto, seu olhar nunca deixou a direção em que Damon e a estranha haviam desaparecido.

— Eu conheço alguém. Ela é legal...

— Se for sua professora de Artes, esqueça — Caleb foi curto ao dizer, o que achei estranho.

— Como você a conhece?

Nenhum dos dois me respondeu, mas Mercúrio sorriu. Como se esse fosse um segredo muito bem guardado.

— Diga-me, Mercúrio, ou juro que, quando menos esperar, eu desapareço com o seu jogo barulhento...

A ameaça fez com que o espertinho rapidamente abrisse a boca.

— Digamos que Damon queria se certificar de que você estava segura. E Caleb e eu fizemos um bom trabalho.

Não era possível.

— Vocês a investigaram?

— Quase isso — Caleb grunhiu e, em vez de ficar furiosa pela invasão de privacidade, tudo o que consegui pensar era que parte mais da minha vida Damon controlava sem que eu soubesse.

— Achei que confiassem em mim.

— Não é em você que não confiamos, querida. São nos outros. — Encarei Caleb, que bateu o ombro musculoso contra o meu fitando-me como se me pedisse desculpas por mais cedo e por agora.

Caleb não era como Damon ou Mercúrio, sempre diretos no que queriam ou falavam, por isso cada emoção que transbordava dele, valia muito.

— Agora, quanto aquela mulher...

— Esqueça.

— Pare de fazer perguntas, Yume.

Ambos disseram ao mesmo tempo, e, pelo tempo que esperaram pelo retorno de Damon, mil pensamentos diferentes me invadiram a mente. Em um emaranhado de inseguranças, que abriu espaço para que o ciúme se alastrasse por dentro.

Queimando-me inteira.

— Ela é... a Astrid? — perguntei, após reunir a coragem que possuía.

Ou parte dela.

— Onde ouviu esse nome? — Ambos me encararam, preocupados.

Mas nenhum deles ousou responder.

— É ela, não é? A que envia mensagens para Damon? — Mais silêncio. — Quer saber? Se vocês não pretendem me contar, eu não me importo nem um pouco de descer e...

Prestes a me virar, Caleb entrou na minha frente detendo-me antes que eu fizesse alguma besteira. Não precisava ser nenhuma advinha para saber, que, se tentasse, Mercúrio se juntaria a ele.

Esse era o tipo de lealdade que tinham entre eles.

— Nada disso estaria acontecendo se você e Damon não tivessem decidido brincar de casinha. Mas são dois teimosos, que não pensam nas consequências.

— Que consequência pode haver por eu escolher Damon?!

— Eu manteria a boca calada, Caleb — Mercúrio o alertou.

— Se está tão preocupado assim comigo, Caleb, por que não me diz quem é a mulher? — Eu o enfrentei, mesmo que o tivesse acabado de perdoar.

Ser a única garota entre os três podia ser sufocante na maioria das vezes. Porque, se permitisse, todos tentariam me controlar enquanto me diziam apenas

o que achavam que eu precisava saber.

— Eu te dei *um* conselho nessa vida, Yume, mas você não escutou. Não espere que eu conserte tudo agora.

— Por que está sendo tão cruel comigo?

— Porque eu me preocupo com você! — rebateu, irritado. — E sei que quando Damon quebrar o seu coração, porque ele vai, Mercúrio e eu teremos que nos dividir entre vocês dois...

Sacudi a cabeça, não querendo escutá-lo. Odiando que tudo o que saía de sua boca soasse tanto como uma premonição.

Afastei-me deles, completamente abalada, e me sentei em um dos sofás forçando-me a não escutar a discussão entre os dois.

Minha mente girou novamente em círculos enquanto eu me questionava o que Damon ainda me escondia. Caleb não estaria tão furioso se não houvesse segredos escondidos.

Com um nó na garganta, eu respirei profundamente e olhei na direção dos degraus ao escutar novos passos. Meu coração batia no mesmo ritmo, tão acelerado, que me senti fraquejar covardemente. A ponto de me levantar e pensar em fugir... ir até o terraço e adiar qualquer conversa.

Um segundo, e Damon entrou no meu campo de visão. Intempestivo como sempre. E com a promessa em seu rosto de que eu poderia correr o tanto que quisesse, ele me alcançaria.

Como sempre.

DAMON

Um único aceno, e Mercúrio e Caleb compreenderam a mensagem: eu queria ficar sozinho com Yume. Não somente pelo olhar afugentado em seu rosto, mas porque ter Astrid tão perto dela assustou-me como o inferno.

Caleb esteve certo desde o início. Astrid não aceitaria ser afastada tão facilmente. Não porque nutria um amor incondicional pelo sobrinho do homem que pagava as suas contas. Mas por orgulho.

Mulheres como ela não aceitavam serem rejeitadas.

Fazer com que o meu tio acreditasse que ela o traía, pareceu-me uma boa ideia no momento. Mas depois do estado em que a encontrei, machucada e nervosa, eu já não tinha tanta certeza.

Um lado meu tentou se convencer de que Astrid fez sua escolha ao se envolver com alguém como Vladimir. O outro, sentiu remorso. Ainda que ele a afastar fosse praticamente a melhor coisa que poderia acontecer àquela mulher.

Afinal, ela continuava viva.

— Ela é a Astrid? — A voz de Yume atravessou o escritório atingindo-me feito um soco.

Com a cabeça a mil, peguei uma cerveja do frigobar que tínhamos e a virei, ansiando por algum tipo de dormência. Que, infelizmente, não viria através do álcool.

Não dessa vez.

— Você precisa parar de olhar para mim dessa forma, amor — ladrei, ao me sentar. — Eu não sou um estranho na sua vida.

Yume continuou distante e imóvel, recusando-se até mesmo a respirar.

— Às vezes, é o que você parece. Um maldito estranho — disse, deixando visíveis o seu ciúme e insegurança.

— Pode confiar em mim? — perguntei, ainda assombrado pela visão de Astrid.

Seu rosto. Os hematomas.

Apenas um lembrete da falta de escrúpulos de Vladimir Noirín.

— Eu sempre confio.

— Então não pense naquela mulher, ou na mensagem que recebi esta manhã. — Dei outro gole na cerveja, com meus olhos compenetrados em cada centímetro dela.

Yume não vestiu nada por cima do top de ginástica após a luta, e não vou mentir. Seu umbigo, em plena exibição, era uma tentação que nunca imaginei experimentar. Eu queria a minha língua sobre ele, fazendo-a sentir cócegas enquanto essa garota se contorcia abaixo de mim, excitada e vermelha.

Pensar nela, trouxe-me calma. Segundos de uma quase normalidade.

— Odeio os seus segredos — sussurrou ao se aproximar, forçando-me a olhar para cima.

Yume não fazia ideia, porra, mas ela me roubava o fôlego. Vestida ou não. Brava ou sorrindo.

— Você também esconde alguns. Eu não sou o único. — Segurei seus dedos, entrelaçando-os aos meus, assim como as suas pernas finas.

— Não sei como lidar com o que estou sentindo, Dam — admitiu e seus olhos se detiveram no carinho que fazia em sua mão. — Você me quer e eu sou sua, mas preciso saber até que ponto *você é meu*. — Seu peito subiu e desceu, em uma respiração acelerada. — A sensação que tenho é de que todos te conhecem, menos eu.

— Cada pedaço do que sou pertence a você, Yume. Até mesmo o mais violento.

O homem e o monstro.

— Não é verdade e nós dois sabemos disso. — Sua voz se elevou, fazendo-me envolver seus dedos mais intensamente. — E é o que preciso que você entenda, porque, enquanto me deixar de fora do que for que estiver acontecendo, eu serei sua apenas pela metade. Posso estar apaixonada por você, Damon, mas não sou estúpida e me recuso a ser enganada...

— Espere um pouco, e volte algumas palavras — pedi, atordoado.

E as bochechas dela ficaram ainda mais vermelhas, se possível.

Levantei-me e, dessa vez, Yume foi a única a erguer o queixo. Seu pequeno corpo deu um passo atrás, em um recuo quase imperceptível.

— Apaixonada, hum?

Sacudiu a cabeça, cometendo a estupidez de morder um dos lábios na minha frente.

Uma mordida que interrompi com o polegar.

— Você sabe que sim, eu jamais teria te entregado a minha virgindade se não estivesse apaixonada, Damon. Mas essa não é a questão...

— Essa é toda questão, e é a esse sentimento que deveria se agarrar. Enquanto. Confia. Em. Mim.

— O que for que estiver acontecendo, espero que não termine com você quebrando o meu coração e fazendo com que eu te odeie, me ouviu? Porque isso eu não suportaria.

— Ninguém irá odiar ninguém aqui. — Limpei o rastro de lágrima em sua bochecha, antes que ela se perdesse nos lábios grossos. — Meus segredos não têm como intuito te machucar, Yume. E sim garantir que esteja segura.

Eu a beijei, trazendo-a para o meu colo enquanto voltava a me jogar no sofá. Caleb e Mercúrio não subiriam até que recebessem o aviso, o que não aconteceria tão cedo.

Ao menos, não enquanto a boca doce dessa garota fazia-me esquecer cada um de meus pecados.

Capítulo 28

DAMON

Caleb se aproximou, a fim de pegar outra cerveja e se sentou ao meu lado, observando-me fumar o terceiro cigarro apenas dessa noite. Não era a melhor solução para a agitação em que me encontrava, mas não queria correr o risco de ter Yume colocando-me para fora da nossa cama, ou pior, pegando seu travesseiro e indo dormir no maldito sofá.

A distância, passei parte da noite escutando-a provocar Mercúrio. Os dois se davam bem, principalmente quando passavam horas em frente a TV, jogando. Momentos como estes arrancavam toda e qualquer doçura da minha garota, que, em vez de se mostrar fofa, revelava o seu lado mais competitivo.

A garota estava praticamente chutando o pobre do Mercúrio a cada vez que ele a atacava no jogo.

— Ela parece feliz — Caleb acendeu o próprio cigarro e se sentou na mureta da varanda ao meu lado, cuja visão dava para o interior do apartamento.

— O que esperava? Que em poucos dias eu fosse deixá-la arrasada?

— Eu me preocupo com ela, Damon.

— E você acha que eu não? — grunhi, porque essa não era a primeira nem a última vez que discutíamos por causa do que eu sentia por Yume.

— Astrid aparecer no ginásio, significa problemas. Você sabe, certo? Você a tirou das mãos de Vladimir, mas quem pode garantir que ela não irá voltar?

Eu podia.

Ao menos era o que acreditava.

Se Astrid fosse paciente, eu entregaria tanto dinheiro em suas mãos, que ela não precisaria se submeter a outro homem nunca mais.

A infeliz só precisava manter a porra da boca fechada. Qual era a dificuldade?

— Ela não vai dizer nada, Caleb — garanti, exalando um pouco mais da fumaça. — Agora, por que não relaxa um pouco? Fode uma boceta...

Eu sabia exatamente qual era o problema de Caleb em relação a bocetas. Ele não queria qualquer uma, queria a única que não poderia ter. E não me referia a Yume, e sim a meia-irmã que deixou para trás ao sair definitivamente de casa.

Caleb nunca contou a história, tudo o que eu tinha era a imagem da garota que anos atrás apareceu no ginásio com uma mochila nas costas e o olhar assombrado. Caleb lhe entregou um bom dinheiro naquele dia, mas depois alguma coisa mudou no filho da puta.

Ele parou de sentir.

— Já pensou em voltar para casa? Ver como andam as coisas por lá?

— Eu poderia te perguntar o mesmo, mas você acaba de ter dois dias difíceis com o seu tio. Tenho certeza de que não precisa ser lembrado que algumas coisas ficam para trás em nossas vidas por uma boa razão.

— *Você* deixou para trás. Eu pretendo enterrar. — Caleb estendeu a garrafa em um brinde e sorriu.

— Amém a isso, irmão!

YUME

Mercúrio e Caleb haviam acabado de sair, quando terminei de levar os copos e o que restou das pizzas até a cozinha. Damon e eu estávamos bem, mas não pude deixar de notar a tensão esvaindo de seus ombros. Como uma onda pesada e endurecida.

A imagem de Astrid voltou-me à mente. Seu rosto machucado e a expressão cínica. Além da forma como Damon a tocou e se mostrou tão íntimo.

Com mil pensamentos na cabeça, eu peguei outra garrafa da cerveja que estava tomando e fui até o *meu anjo caído*. As pontas de cigarro ao seu lado eram outro indício do humor em que ele se encontrava. Damon dificilmente fumava tanto e em um tempo tão curto.

— Se continuar fumando desse jeito, você não irá beijar a minha boca — provoquei, ciente de que essa era a maior mentira que contava na vida.

Com gosto de nicotina ou não, eu beijaria esse homem até a morte.

— Quero ver alguém me impedir. — Damon me puxou pela cintura e afundou o rosto no meu pescoço. A barba áspera, raspou-me a pele e me fez cócegas.

— Que tal *a dona* da boca?

— Sua boca é minha, amor — Fui beijada, de forma lenta e profunda.

A diferença entre o beijo *quero foder você* e o *deixe-me apenas sentir seu gosto*, estava na língua do Damon. Na forma como ele a usava para me enlouquecer. Invadindo-me o céu da boca e roubando o controle para ele.

Devagar, eu o senti respirar junto comigo. O beijo foi tornando-se rapidamente exigente.

— Você parece preocupado... — disse em meio ao beijo.

— Como pode uma boca ser tão enxerida e ao mesmo tempo tão gostosa? — grunhiu, ignorando a minha tentativa de entender o que estava acontecendo.

— Dam.

— Você falou que confia em mim, então só esqueça o assunto, Yume. — Ele apoiou a testa na minha, e o seu nariz raspou o meu em uma tentativa de me distrair.

Enquanto Damon praticamente me atiçava com a boca, perdi-me na intensidade e no quase desespero dos seus olhos. E ainda que sentisse que havia muitos segredos por baixo de suas camadas, decidi que não me importava.

— Faça com que eu me esqueça então — pedi, ciente de que me arriscava. Não apenas com o corpo, mas com o coração. — Quando você está dentro de mim, eu não penso em mais nada, Dam. É esse esquecimento que desejo.

Seus olhos se estreitaram e, em questão de segundos, os seus dedos se atracaram a minha nuca espalhando-se ferozmente até o couro cabeludo.

Nos entreolhamos e o brilho perverso que vi atravessar a sua íris me atingiu diretamente na boceta. Deixando-me quente e incomodada. O olhar de Damon era o bastante para que me sentisse derreter. Tornando outra calcinha, um emaranhado úmido que, em breve, seria arrancada pelas mãos desse homem.

Esperei pelo toque, por algum tipo de tortura, até mesmo um castigo. Mas Damon apenas me beijou a boca. E a sua língua, arrancou-me o pouco de juízo que possuía.

— Não espere que eu me canse disso — rosnou, metendo-se entre os meus lábios, como se me beijar não fosse o suficiente. — Porque não vai acontecer, Yume. Sou um caso perdido, viciado em você. Nos seus beijos. Seu maldito gosto.

Damon intensificou o agarre e eu gemi. E, dessa vez, ele não tentou abafar os sons que me escapavam.

— Planejei algo para você, amor — grunhiu, sem desviar o olhar do meu um só segundo. — Mas antes de mostrar, quero que tire a minha camiseta do seu corpo, e me deixe ver o que esconde por baixo — a ordem veio, em um tom de voz imperativo. — Fique nua para mim.

O rastro molhado que sua boca deixou no meu rosto, fez-me procurar por resquícios dele nos meus lábios. E ao não encontrar, eu o encarei. Enquanto o meu cérebro, zonzo de prazer, compreendia o que Damon pedia.

Minha nudez absoluta.

— Aqui? — A varanda do apartamento era pequena, mas possuía espaço suficiente para que poltronas fossem espalhadas. Assim como algumas plantas que eu gostava de cuidar.

— Exatamente aqui.

Não havia prédios tão altos ao redor e, como Damon sempre me lembrava, estávamos sozinhos. Eu poderia gritar, que ninguém me escutaria.

— Vamos, amor. Eu quero te ver.

Durante a maior parte da noite, a intensidade do seu olhar atingiu-me a pele percorrendo-me feito um falcão, enquanto ele me observava.

Só que havia algo diferente agora. Seu olhar, antes controlado, encontrava-se esfomeado.

Como se o animal dentro dele tivesse acabado de ser solto.

— Não gosto quando é mandão — atrevi-me a adiar o momento. Nervosa, e inteira arrepiada.

A ideia de ficar nua aqui fora, deixava-me insegura. Talvez até mesmo vulnerável. Mesmo que a parte safada dentro de mim estivesse excitada e ansiosa para agradá-lo.

— Não seja uma mentirosa, porra. Porque sei que você ama — Damon rosnou, e puxou ele mesmo a camiseta do meu corpo.

Seus dedos rasparam-me as coxas, primeiro. Antes que ele capturasse a bainha e a deslizasse para cima. Subindo-a pelo meu quadril, coberto somente pela calcinha de algodão, minha cintura e os meus seios. Cujo sutiã pequeno e com a malha excessivamente gasta, não fez nada para esconder o quanto meus mamilos se encontravam duros.

Como um arrepio que começou no meio das minhas pernas, cada pelo do meu corpo eriçou. Até mesmo os da nuca.

— Caralho de corpo gostoso.

Damon jogou a camiseta em algum canto da sacada.

E o seu olhar permaneceu cravado tão profundamente na minha pele, que desejo e vontade escorreram da minha boceta.

— Você deixou que Mercúrio e Caleb te abraçassem... dessa forma. — A mandíbula dele travou. E o seu olhar subiu em uma velocidade quase alarmante ao se dar conta.

— Eles são como irmãos, Damon.

— Não, pequena Yume. — Eu o senti me agarrar um dos seios e me esmagar a pele enquanto um arrepio sinistro me invadia o corpo. Não por fora, sobre a pele. Mas por dentro. — Eles não são, por isso foda-se se estou agindo feito um filho da puta ciumento, mas não quero te ver abraçada com eles, ok? Não quando estiver sem nada por baixo...

— Eu tô de calcinha e sutiã, Dam. — Se possível, o homem se mostrou ainda mais possessivo.

E quem sentiu a intensidade do seu ciúme foi o meu cabelo. Puxado e cheirado, como se Damon tentasse se acalmar.

Antes que pudesse me dar conta do que acontecia, eu o senti se afastar e me virar o corpo. Meu olhar percorreu a cidade à nossa frente. Prédios, a ponte. Luzes e carros.

Tudo diante de nós dois.

— Fique quieta e não olhe para trás, me ouviu? — O homem grunhiu contra o meu pescoço, e arrastou a boca até a minha orelha. Fazendo-me contorcer em arrepios. — Quieta, Yume. Qual é o caralho da dificuldade, amor?

Porra, eu deveria estar assustada?

Com toda certeza.

Mas o modo como Damon falou comigo, deixou-me com a boceta pegando fogo.

— Você é a dificuldade.

Damon sorriu, áspero. E em seguida se afastou.

— Juro que, se você olhar para trás, eu baterei na sua bunda com tanta força que te deixarei sem andar por dias.

Ok, eu levaria sua ameaça em conta. Até porque o meu corpo já estava pronto para a tortura deliciosa que o sexo com Damon me proporcionava. O que incluía, todos os orgasmos.

Segundos se passaram, e então, minutos. Do mais absoluto silêncio e a ausência de outro toque. Esfreguei uma coxa a outra, sentindo-me molhada. Mas também apreensiva.

Esse era o efeito Damon.

— Dam... cadê você? — sussurrei, nervosa.

E não senti ou escutei nada, nenhum toque ou som.

Com a respiração começando a fraquejar, meus seios subiram e desceram. Cobertos pelo sutiã que não me protegeu das rajadas de vento. A me alcançarem aqui de cima, no último andar do prédio.

Parcialmente coberta, a varanda protegia apenas metade do meu corpo. O que tornou a pele ao redor dos meus seios e o meu cabelo comprido, uma verdadeira bagunça.

— Sentiu minha falta, amor? — O sussurro veio de repente, já que eu não havia escutado os seus passos atrás de mim.

Qualquer traço de alívio que senti, foi rapidamente substituído por outra dose de nervosismo, ao ver que Damon unia meus braços na frente do meu corpo. Para, em seguida, amarrar os pulsos finos com sua bandagem.

Reconheci como dele, porque eram azuis e estavam claramente limpas.

— O que você... está... fazendo? — Tentei virar o rosto para que pudesse o encarar, mas Damon não permitiu.

— Levante os braços, Yume. A menos que esteja assustada e queira parar. — Deu-me a chance de dizer. — Eu nunca te forçarei a nada, mas quero foder você amarrada enquanto encho a sua boceta de porra. E isso é tudo em que penso desde que você enfiou a possibilidade na minha cabeça.

Prendi a respiração, e olhei para o alto. Havia uma barra de ferro fora a

fora na varanda. Parte dela usada como apoio para os vasos de plantas, mas também como decoração.

Foi isso o que esse homem ficou pensando a noite inteira enquanto fumava aqui fora? Em me amarrar?

— Vamos lá, amor. Devo parar ou continuar? — grunhiu, cada vez mais áspero.

— Continua.

A autorização foi o que Damon precisava para erguer os meus braços amarrados e enrolar a bandagem no suporte. Mantendo-me praticamente na ponta dos pés.

Puta que pariu.

— Dam... eu não consigo pisar no chão... — Não completamente.

Eu me encontrava na ponta dos pés, os braços puxados no alto da cabeça e o corpo inteiro esticado. Ainda vestida com a calcinha e o sutiã, senti-me estremecer em nervosismo e uma excitação desconhecida de tão imprudente. Não era normal ou possível que estivesse molhada com a possibilidade de ser fodida dessa maneira.

— Eu sei, amor. E essa é justamente a intenção. — Suas mãos grandes me puxaram o quadril para trás.

E ao me esforçar para manter com o pé no chão, o meu bumbum empinou. O que o agradou a ponto de fazer com que Damon me massageasse a pele, em afagos ásperos e carícias que se enfiavam por dentro da calcinha e percorria caminhos entre a minha boceta e a bunda que ninguém até hoje havia tocado.

Apertei o lábio, ou melhor, eu o mordi. Fincando os dentes na pele sensível, depois de gritar com o tapa repentino que recebi. E que fez com que o meu corpo sacudisse para a frente.

Damon não teve piedade ou dó. E a cada tapa que desferiu na pele sensível, eu revirei os olhos. Tomada de um prazer absurdo e que me fez praticamente pingar de vontade.

Extasiada e até mesmo um pouco zonza, com a surra que estava levando, eu olhei para cima. E notei as bandagens marcando e apertando o meu pulso.

Com a respiração cada vez mais irregular, e sem enxergar absolutamente nada de Damon, seu toque estava sendo uma experiência de outro mundo. Fazendo-me saltar e me contorcer a cada deslizar da sua mão através da minha pele.

Damon não me tocou com suavidade, ele não era bom sendo gentil. Não quando se tratava de sexo.

Cansado de me provocar e me fazer gemer, seus dedos liberaram os meus seios das amarras do sutiã. E pesados, eu os senti se arrepiarem com o vento gelado a me atingir a pele agora nua. O infeliz torturador fez o mesmo com a calcinha que eu usava, deslizando-a pelo meu quadril e pernas ao mesmo tempo em que esfregava o próprio rosto e a boca pela carne macia da minha bunda, e a parte interna das coxas.

Cheirando-me a pele como uma necessidade.

— Dam, isso é tortura...

Os dedos dele deslizaram por entre as dobras da minha boceta quando ele voltou a se levantar. Indo tão profundamente quanto foi possível dessa posição.

O deslizar molhado, ainda que apertado, provou ao Damon que eu estava pronta para o seu pau. Acho que até mesmo ansiosa pelo momento em que o teria dentro de mim.

— Tortura é o que você faz comigo, amor. Isso aqui... sou eu te dando exatamente o que você merece.

Levei outro tapa, e rebolei nos dedos ainda enfiados na minha boceta. Se não estivesse com os braços puxados para o alto, e me contorcendo na ponta dos pés, tenho certeza de que eu teria montado na mão desse homem.

— Dentro de mim... por favor! — supliquei, gananciosa. — Eu quero o seu pau, Dam.

Um rastro de mordidas e arranhões se espalharam pelas minhas costas. Damon pareceu querer-me arrancar a pele e não simplesmente a marcar.

Extasiada como estava, pouco me importava se ele me arrancaria a carne ou apenas me deixaria vermelha. Desde que pudesse gozar com seu membro profundamente enterrado na minha boceta.

Não havia sensação melhor.

Nem aqui ou no inferno.

— Caralho, amor. Eu quero te foder com tanta força, que farei com que implore para que eu pare — grunhiu contra a minha orelha, e a mordeu. — Cada pequeno e apertado buraco do seu corpo, até não restar dúvida a quem você pertence.

— Mas não há. — Ao menos, não para mim. — Eu sou sua, Dam. Inteira.

Seus dentes rasparam meu pescoço, e ele sussurrou:

— Isso é o que nós vamos ver. — Suas palavras soaram perversas, quase uma ameaça sobre o que ele faria comigo.

Ao se afastar e me deixar sozinha, com ainda mais dificuldade em me manter na ponta dos pés, o único som que escutei foi o da sua calça sendo aberta. O zíper, o botão.

O tecido grosso, descendo pelas coxas musculosas. Cada segundo sem nenhum contato me roubou um pouco mais do meu fôlego. Se Damon demorasse, em breve me faltaria ar e o hematoma nos meus pulsos se tornariam marcas roxas.

Por Deus.

— Dam... eu não estou aguentando.

— Não seja tão ansiosa, porra. Eu vou cuidar de você. — Seu corpo se aproximou por trás, e eu o senti. Longo e grosso. — Eu sempre cuido.

Sem aviso, Damon separou as duas polpas da minha bunda e me puxou para trás. A cabeça do seu pau deslizou pelo meio das minhas coxas, e por diversas vezes, ele *quase* me penetrou. Eu estava molhada, teria sido fácil se a intenção de Damon fosse a de me foder, e não a de me fazer implorar.

Sentindo meus pulsos começarem a doer, eu me contorci. E esse foi o

momento em que a ereção grossa encontrou o seu caminho para dentro da minha boceta, em uma estocada tão profunda, que me fez engasgar.

— Diga-me, amor, era pau o que você queria?

Assenti, atordoada.

Tão profundamente preenchida, que não me sobrou capacidade de pensar em nada que não fosse o seu corpo fodendo o meu com força e brutalidade.

A ponto de me sentir desmaiar uma dezena de vezes antes de um único orgasmo me atingir. Confusa com a reação do meu próprio corpo, minha boceta pareceu esguichar ao redor do eixo duro de Damon, prendendo-o dentro de mim ao mesmo tempo em que eu desmoronava. A bandagem ao redor dos meus pulsos tornou-se ainda mais apertada, porque até mesmo me manter na ponta dos pés foi difícil.

Não havia forças no meu corpo. Apenas gemidos e súplicas, que se arrastaram até o momento em que Damon gozou dentro da minha boceta. Inundando-me com seu sêmen que se misturou à bagunça que eu havia feito.

Respirei com dificuldade, e olhei para baixo. O líquido transparente entre as minhas pernas misturou-se ao gozo de Damon. Ambos escorrendo de dentro de mim.

— Porra! Você tem ideia do que acabou de acontecer? — *Não, eu não tinha.* Por isso apenas neguei, enquanto sentia meus pulsos serem liberados. — Você esguichou de prazer, amor. Se gozou inteira.

Damon me virou e me pegou no colo. Sua boca veio de encontro a minha orelha enquanto ele me levava até a cama. Fui deitada, e beijada entre as pernas, como se o infeliz desejasse sentir o meu gosto. Sem forças, fechei meus olhos até sentir sua boca contra a minha.

Em um beijo tórrido e devastadoramente lento, que me acalmou o corpo, mas não o coração.

— Acho que te amo, Dam — sussurrei, ainda zonza do orgasmo.

Minhas pernas doíam, os pulsos. A boceta. Cada parte do meu corpo, para ser mais exata.

— Você acha — soou incrédulo, diria até que um pouco áspero — Preciso mais do que *um achar*, Yume. Da próxima vez que essas palavras deixarem a sua boca, é bom que tenha certeza.

Mas eu tinha.

Só estava morrendo de medo de dizer a Damon. Dar a ele essa garantia, seria abrir mão da última barreira a me proteger dele.

Capítulo 29

YUME

— Você precisa contar ao Damon. — A voz sempre tão tranquila de Bella, soou levemente desesperada essa manhã.

E tudo porque o tempo para responder ao *e-mail* estavam se esgotando. Pouco mais do que uma semana, era o que eu tinha para tomar uma decisão e conversar com Damon.

Dizer a ele não apenas sobre a inscrição, como também sobre a possibilidade de eu sair de sua vida por um ano inteiro.

— E eu vou.

— Quando? — questionou. — Depois que o prazo terminar?

— Eu ainda tenho alguns dias, Bella.

— Você tem oito dias, minha querida. E não quero soar a amiga chata ou agir feito uma irmã mais velha, mas estou começando a me preocupar.

Seu olhar se deteve no que restava de um chupão deixado por Damon em meu pescoço e em seguida na marca em um dos meus pulsos. *Aquele que não era coberto pela munhequeira.*

— Você é apenas quatro anos mais velha do que eu — eu a lembrei não querendo ouvir conselhos, ou outra pessoa alertando-me sobre o quanto era perigoso entregar o meu coração a Damon.

Eu já o havia feito, era tarde demais para me salvar agora.

— O que me dá quatro anos a mais saindo e conhecendo homens. Sei que está apaixonada, Yume. Soube desde a primeira vez em que os vi juntos, esse não é o problema — garantiu. — O que me preocupa é que esteja tão envolvida a ponto de deixar uma oportunidade incrível como essa passar.

— Vamos ser honestas, Bella. Digamos que eu aceite, será um ano em outro estado. Quilômetros de distância daqui. Como eu me manteria?

— Você poderia arrumar um trabalho, algo de meio período. Tenho amigos na cidade, seria fácil pedir um favor.

Fácil para quem?

— Se estivesse no meu lugar, você já teria tomado uma decisão? Seria mesmo capaz de deixar tudo para trás e partir para o outro lado da país?

— Eu tentaria, Yume. Não estou dizendo que será fácil para você, porque não vai. Mas eu tentaria.

Voltei a me concentrar na tela à minha frente, com a cabeça *indo e vindo* em milhares de pensamentos distintos pela próxima hora. O principal deles: será que eu conseguiria *tentar* longe do Damon?

Meu coração suportaria a distância?

Ao fim da aula, peguei a mochila jogada em um canto e saí antes que Bella pudesse me impedir. Suas intenções eram as melhores, e eu era grata por ter alguém como ela na minha vida, mas não me achava pronta para tomar uma decisão que poderia mudar tudo.

Não naquele momento.

Pela maior parte do caminho até o ginásio, mantive-me com os fones de ouvidos e as mãos enfiadas por dentro da jaqueta. Era um percurso curto, e que já estava acostumada. Fosse com as pessoas que encontrava pelo caminho, ou com a movimentação dos carros.

A rotina fez com que o *SUV* azul-marinho destoasse de todos os outros automóveis da região. Além, é claro, do fato de que ele *me acompanhou* por cada rua que passei e se parecia exatamente como o mesmo carro que vi passar em frente ao prédio noites atrás.

Nervosa, o primeiro pensamento que tive voou até *Baba Yaga* e a possibilidade de que ele pudesse ter, finalmente, me encontrado. Porque, não importava quanto tempo tivesse passado, sempre senti suas mãos cruéis em volta do meu pescoço de alguma forma. Além da promessa de que ele não me deixaria ir tão facilmente.

Aquele homem nunca quis me vender, como fez com as outras meninas que chegaram junto comigo a sua casa.

Por algum motivo que eu esperava nunca descobrir, desde que me viu aquele homem pareceu me escolher para *ser dele*. Afastando-me de todas as

outras garotas, e demorando-se mais ao falar comigo.

Me tocando.

O *código vermelho* tatuado no meu pulso, ardeu-me a pele.

Quantas vezes eu não o esfreguei, desejando ter a capacidade de arrancá-la do corpo?

Tomada pelo desespero, quase agudo, eu não me dei conta de que estava correndo até o momento em que virei a esquina, prestes a alcançar o ginásio, e me deparei com um grupo estranho de homens. Meu corpo foi impulsionado para trás e, ao cair, a palma da minha mão e minhas pernas sofreram arranhões que, em algum momento, viriam a arder.

— Olha o docinho que encontramos aqui — um deles disse, deixando-me congelada. O som de suas risadas e a do carro aproximando-se foi tudo o que escutei. Como um zunido direto no interior do meu ouvido. — Veja isso, Nero. Se não é a sua borboleta fujona...

Nero, pensei aliviada.

Ele era alguém em quem eu confiava.

Alguém que não permitiria que eu fosse machucada.

Passando pelos seus amigos, Nero foi rápido em me amparar. Antes de me tocar, no entanto, o seu olhar me verificou. Atento aos ralados sobre a pele branca e o pânico no meu rosto.

— Ei, está tudo bem? — Neguei ao olhar para trás, onde o carro seguia parado.

Não foi imaginação, droga. Havia mesmo alguém me seguindo. A certeza me fez hiperventilar. O que deixou Nero ainda mais aflito. Primeiro, porque algo pareceu o impedir de me tocar. E segundo, porque eu estava apavorada.

Com medo de ser levada.

De nunca mais voltar a ver Damon.

E perder a vida que construí para mim.

— Yume, ei. — Ele me fez olhar para a frente. E para isso teve de me tocar a pele. — Diga-me o que está acontecendo?

— Aquele carro... ele me seguiu até aqui. — Nero olhou para a direção em que o *SUV* estava e, em seguida, me ajudou a levantar.

— Venha, eu irei te ajudar — garantiu, apontando para os seus amigos que foram em direção ao carro, que se afastou pela rua naquele mesmo momento.

Cada passo que dei com Nero ao meu lado, ajudando-me a chegar até o ginásio, tive de me controlar o dobro para não virar o rosto atrás da confirmação de que o *SUV* havia mesmo desaparecido.

— Você ao menos reconheceu o carro? — Nero perguntou, e apenas neguei.

Estava transtornada.

— Desculpe pelos meus amigos, a queda que você levou...

— Não foi c-culpa deles, e-eu estava c-correndo — gaguejei. — Poderia ter sido pior se não estivessem p-por perto.

Eu poderia ter sido levada.

Sem ideia dos fantasmas que me assombravam a mente, Nero me acompanhou até o interior do ginásio.

E só então, dei-me conta do que poderia acontecer caso Damon nos visse juntos.

— Me desculpe por aquele dia — pedi, envergonhada. — Não achei que Damon fosse voltar e nem quero que discutam de novo.

— Damon não é um homem que discute, Yume.

Ele partia para a briga.

— Sim, eu sei — falei, ao me sentar na banqueta alta enquanto Nero pegava uma das garrafas de água diretamente do frigobar com as bebidas.

— Obrigada — agradeci, ao vê-lo se aproximar, cauteloso.

— Precisa de ajuda? Suas mãos estão sangrando...

A queda tinha sido pior do que imaginei *ou senti* no momento em que aconteceu.

E com a adrenalina começando a esvair do meu corpo, a dor se

intensificou.

— Eu vou pedir ajuda ao Mercúrio ou a qualquer um deles que esteja por aqui. Não quero te arrumar mais problemas.

Nero enfiou as mãos no bolso da calça.

— Alguns boatos andam rolando por aí.

— Boatos? — indaguei, confusa.

— Parece que você e Tempest finalmente se entenderam. É oficial.

Era. Ao menos para mim.

— É complicado, Nero.

— Não é da minha conta — garantiu. — Mas o que aconteceu lá fora, talvez seja. Você parecia assustada, na verdade ainda parece.

Sacudi a cabeça, em uma tentativa de alinhar o pensamento e descobrir o que dizer a ele. Eu estava assustada, com medo que pudesse ser *Baba Yaga* ou algum de seus homens dentro daquele carro.

Ou então o homem mascarado, que, assim que me veio à mente, fez todo o meu corpo enrijecer.

— Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — insistiu, cometendo o erro de dar um passo na minha direção no momento exato em que Damon e Caleb entravam no ginásio.

Esse também foi o momento que o sangue pareceu abandonar o meu corpo.

Droga!

Em um impulso, antes que Damon se desse conta do que acontecia, fui até ele. A expressão de dor no meu rosto deixou-o em alerta. Primeiro, por ver o estado em que se encontravam as minhas mãos e pernas. E segundo, por enxergar Nero logo atrás.

Eu não o via desde ontem à noite, quando fizemos aquela loucura na sacada e recomeçamos na cama. E ainda que estivesse exausta, soube exatamente o momento em que Damon se levantou, no meio da madrugada, e sussurrou no meu ouvido que precisava resolver algumas coisas com Caleb e

Mercúrio.

Eu volto, garantiu antes de me deixar.

Vê-lo agora, horas depois, coberto pelo moletom escuro e uma expressão rígida em seu rosto, fez-me temer pela vida de Nero.

— Que porra esse desgraçado fez com você? — Damon tentou passar por mim, mas eu o detive colocando-me na sua frente antes que o pior acontecesse.

— Nero não fez nada comigo, Dam! Apenas me ajudou... — expliquei, nervosa.

— Nada? — O corpo alto de Damon se agitou, enquanto Caleb se colocava ao seu lado. Prestes a intervir, se assim fosse necessário. — Olhe para o estado em que você está...

Sacudi a cabeça, ainda em pânico com o que havia acontecido. E agora, com sua reação.

— Não foi Nero o responsável. Eu caí.

Damon não se convenceu a princípio, com seu olhar se demorando nas minhas feridas e, em seguida, em Nero.

Que não se contentou em manter a boca calada.

— Você deveria estar preocupado é com quem estava seguindo a sua garota, Damon, e não comigo — cuspiu, passando por nós três e dando o fora do ginásio sob a proteção dos caras que o acompanhavam.

— Quem te machucou? — soou preocupado, mas eu não queria ter de explicar nada a Damon. Nem dizer a ele qual era o meu medo.

Por isso, com as mãos trêmulas e o coração acelerado, eu me afastei buscando abrigo no vestiário feminino.

Enquanto me dirigia até um dos chuveiros no fundo, com a necessidade de me limpar.

Não das feridas, mas de *Baba Yaga*.

DAMON

Caleb me deteve antes que eu pudesse ir atrás de Yume. A expressão em seu rosto, fechada como o de costume. Ainda que eu soubesse que o desgraçado pensava o mesmo que eu.

Alguém havia seguido a japonesa.

— Vá com calma quando falar com ela.

— Às vezes, eu me pergunto que tipo de monstro todos vocês acham que eu sou — grunhi, irritado com sua desconfiança.

No que se referia a Yume, Caleb parecia não me conhecer. Como se os anos de amizade que tínhamos não valessem de nada.

Meu receio era que o filho da puta enxergasse algo que nem eu mesmo pudesse ter visto a meu respeito ainda.

— Já te vi fazer coisas que poucos homens teriam coragem, Damon. Então não me pergunte o que acho a seu respeito, porque você sabe. — Apontou para a porta fechada. — Quem quer que esteja lá fora, tem os olhos sobre ela...

— Peça que Mercúrio dê uma olhada nas câmeras ao redor — pedi. — E mais, reúna alguns caras e veja se encontram algo.

Caleb assentiu, afastando-se em seguida.

Livre para ir até Yume, entrei no vestiário sem bater. O silêncio no interior deu espaço para que algum dos chuveiros ligados na parte de trás anunciasse que era lá que eu a encontraria.

Em choque pela cena diante dos meus olhos, eu abandonei todo e qualquer controle e a alcancei. Yume estava inteira abaixo dos jatos de água, gelados e fortes. Cada peça de sua roupa, molhada, enquanto ela esfregava com raiva e insistência a marca no seu pulso.

— Tira isso de mim, Damon — pediu, em pânico. Mal conseguindo respirar.

Não bastasse os arranhões da queda, notei que essa garota havia se

esfregado até quase estar em carne viva. Seu pulso magro e pálido mostrava-se tão vermelho, que soube que, se eu não intervisse ela mesma rasgaria sua própria pele.

— Pare com isso, porra.

— Não quero conversar com você agora. — Sacudiu a cabeça, abalada. — Só quero tirar isso da minha pele. Por favor — implorou, completamente fora de si. — Ele vai ver e vai saber que fugi... eu não quero voltar para lá!

Eu a segurei, com firmeza, antes que ela pudesse se machucar ainda mais.

— Ninguém irá ver nada ou te arrancar da minha vida, Yume. — Com nós dois sob o chuveiro, Yume pareceu se esquecer de como respirar.

Seu peito subiu e desceu, deixando-me alucinado de tanta preocupação. E, ao mesmo tempo, temendo que ela acabasse por desmaiar nos meus braços enquanto dizia coisas desconexas.

— Eu não irei permitir, me ouviu? — Ela me encarou, assombrada.

— Você não o conhece.

E essa talvez fosse a maior mentira que já contei a essa garota. O meu maior segredo e maior fantasma. Porque eu conhecia o homem que a aterrorizava, o monstro de quem ela fugiu tantos anos atrás.

Baba Yaga como o chamavam pelas ruas sombrias e perigosas dessa cidade. O filho da puta que traficava meninas e contrabandeava armas.

O homem cujo sangue era o mesmo do que o meu.

— Não importa se o conheço ou não, e sim que você está segura comigo. Entende isso, porra? — Yume hesitou, sem fôlego, com seu olhar indo e vindo, como se estivesse sendo perseguida. Caçada. — Olhe para mim e me diga se entende, amor. — Demorou a assentir, mas se deixou ser acariciada pelas minhas mãos. — Deixe-me ver você — pedi somente depois que ela pareceu voltar a respirar. — E me explique com calma o que aconteceu...

Yume mordeu o próprio lábio, recusando-se a contar. Seu corpo miúdo buscou abrigo no meu. Mesmo que ela inteira convulsionasse em um choro

assustado.

— Conte-me, Yume. Eu só terei como te proteger se souber o que aconteceu.

— Eu acho que... — ela inspirou profundamente. — Acho que tinha alguém me seguindo, Dam. Quero dizer... eu tenho certeza de que tinha... — soou apavorada, e odiei que estivesse com tanto medo de que suas palavras saíssem murmuradas. Não havia ninguém por perto para levá-la ou a escutar. Ninguém para machucar minha garota. — Logo depois que saí do centro comunitário, notei um carro andando devagar atrás de mim. Eu até mesmo parei algumas vezes, para ter certeza. E fiquei tão aterrorizada que... ao correr, me choquei contra os amigos de Nero.

Cada osso do meu corpo enrijeceu. Não por Nero ou qualquer outro filho da puta que tenha estado naquela calçada. Mas pelo motorista do carro, pela certeza e o pânico de Yume.

E, principalmente, pelas minhas suspeitas.

— Descreva o carro.

— Era... um *SUV*. E a cor era azul.

Precisei de um minuto para me recuperar. Achando impossível que Astrid fosse insistir em se tornar uma dor de cabeça. Só que, porra, eu preferia lidar com ela um milhão de vezes, a acabar descobrindo que havia outra pessoa por trás da perseguição a Yume.

Mesmo que me deixasse em alerta, enquanto fosse *apenas* Astrid eu seria capaz de manter Yume em segurança.

— Irei cuidar disso, ok? Não quero que se preocupe — referia-me tanto às feridas como a presença de Astrid em nossas vidas.

— O número de coisas com que eu não tenho que me preocupar só aumentam. Já percebeu? — sussurrou as palavras, e odiei a tristeza que encontrei no seu olhar.

Porra! Algum dia, as pessoas entenderiam que machucar essa garota era o meio mais rápido de me chamar para uma briga.

E vejam só, eu não gostava de perder.

— Não, eu não percebi — grunhi a resposta, e desci o olhar até o arranhão mais severo na parte interna da sua coxa. — Foi uma queda e tanto.

Ela balançou a cabeça, e me mostrou as palmas das mãos. As mesmas que usava para pintar todos os quadros, que, muito em breve, eu já não teria parede para pendurar dentro do nosso apartamento.

De tão assustada, não acho que Yume tenha se dado conta de que teria de passar alguns dias longe do estúdio e das aulas.

— Dizem que um beijo costuma sarar — o pedido fofo e inocente de Yume me surpreendeu.

Essa foi a sua forma de me pedir um beijo e concordar que eu cuidasse dela. O que começou no instante em que puxei toda a cabeleira escura para trás, e lhe arranquei a camiseta que vestia. Para que pudesse cobrir seu corpo com roupas secas.

— Serão necessários muitos beijos para te compensar, Yume. — Ela corou, como se não estivesse acostumada à nossa intimidade ou às horas em que passei profundamente enterrado dentro da sua boceta. — E adivinhe? Você e eu temos todo o tempo do mundo.

Mesmo que, para isso, eu tivesse que arrancar a cabeça de todos que tentassem machucar a minha japonesa.

Capítulo 30

DAMON

Assistir Yume dormir esta noite teve tudo a ver com o seu medo de ficar sozinha. E nada com o fato de ela estar seminua sobre a minha cama. Desde o momento em que a tirei do ginásio e a trouxe para o apartamento, fui incapaz de arrancar os olhos de cima dessa garota ou me afastar.

Principalmente, por causa dos pesadelos que a assombravam.

Por uma noite apenas, eu não queria Vladimir invadindo sua mente e a deixando em pânico. E menos ainda que ela se lembrasse do mascarado que a perseguiu pela floresta deixando-a escapar quando essa era apenas a última coisa que ele deveria ter feito.

Porra, era a última coisa que *eu* deveria feito.

Torturado pela memória e a culpa, tentei me convencer de que roubar essa garota de Vladimir foi a única decisão possível. Deixá-la viver nas ruas a teria feito terminar morta. E cumprir com o desejo de meu tio, arrastando-a de volta até ele, teria feito com que ela tivesse um destino ainda pior.

Ciente do inferno que poderia ter sido a vida dessa garota ao lado de Vladimir, eu me levantei. Ou tentei. Porque, no instante em que o meu corpo pesado deixou o colchão, Yume se mexeu envolvendo seus dedos frágeis nos meus, que a engoliram ao apertá-los de volta.

— Não me deixe sozinha, Dam, por favor — pediu baixinho, desesperada.

E eu a entendia, porra.

Porque a mera possibilidade de que Vladimir pusesse seus olhos fodidos sobre ela, era o suficiente para me deixar alarmado.

— Eu não pretendo te deixar nunca, amor. — Afastei o cabelo escuro, e acariciei seu rosto inchado do choro silencioso. — Mas preciso resolver algo com Mercúrio e Caleb lá embaixo. Serão apenas alguns minutos, antes que eu retorne para ficar com você.

Yume demorou a soltar a minha mão e, quando o fez, foi para se encolher

sobre a cama. Como se algo dentro dela doesse profundamente.

— Não apague as luzes — fez-me outro pedido antes que eu pudesse descer para me encontrar com Caleb e Mercúrio.

Por mensagem, eu os havia chamado para vir até o apartamento. Após o susto que Yume levou, nós três tínhamos muito o que discutir e colocar em prática.

Principalmente no que se referia à Astrid e à marca que a japonesa levava no pulso. Por anos, ela a escondeu com pulseiras e munhequeiras. Nunca questionei a origem dela, porque sabia que era a forma de Vladimir contabilizar e *não perder* suas mercadorias.

— Cacete! — amaldiçoei ao descer as escadas.

Estalei o pescoço de um lado a outro, ciente de não haver um só osso no meu corpo que não estivesse tenso ou sob pressão. E a única forma de extravasar a força destrutiva, acumulada até os ossos, era com uma luta.

De preferência, uma que não envolvesse regra alguma.

— Como está a Yume? — Mercúrio desejou saber, olhando para o mezanino de onde se podia ver a minha cama.

Seu interesse era óbvio em subir e verificá-la por si mesmo.

— Deixe que Yume descanse — pedi. — A garota passou horas encarando uma fodida parede, enquanto acredita que Vladimir está atrás dela. — Mercúrio desistiu, acompanhando-me até a varanda do apartamento.

O espaço era pequeno, e onde costumávamos nos reunir para beber alguma coisa nos dias em que Yume inventava de cozinhar um novo prato. Era também o único lugar dentro do apartamento, que, se ela decidisse descer de repente, eu a veria antes que os seus ouvidos curiosos tivessem a oportunidade de escutar o que fosse da nossa conversa.

— E se ela estiver certa? — Caleb questionou, como se a dúvida já não estivesse ferrando pra caralho com o meu cérebro.

Só que antes de a suspeita assumir o controle, fazendo-me agir irracionalmente, eu iria pelo caminho mais lógico.

— Astrid é dona de um *Aviator*[8] azul, Caleb. Além disso, a infeliz tem dado as caras neste lado da cidade, mais vezes do que deveria.

Cacete. Nem mesmo quando trepávamos, eu a via tanto.

— Só estou dizendo que não podemos eliminar nenhuma possibilidade. Astrid é uma filha da mãe vingativa? Com certeza. Mas não sei se ela teria a capacidade cerebral de acreditar que perseguir Yume lhe daria vantagem...

— Capacidade cerebral? — Mercúrio o provocou, e Caleb deu de ombros.

— A infeliz achou que foder o bonitão aí era uma boa ideia. Acha mesmo que ela usa o cérebro que tem?

— Calem a boca os dois! — ladrei, sem paciência. — O que Astrid faz com a vida e a boceta dela, não é problema de vocês e, ultimamente, nem meu. Além disso, eu não os chamei aqui à toa, quero saber se descobriram algo — dirigi-me principalmente a Mercúrio.

Que, por diversas vezes, foi o responsável por invadir o sistema eletrônico da vizinhança a fim de vasculhar as câmeras. Não que houvesse muitas.

— Nada diferente do que o de costume, e nenhum carro azul foi identificado com clareza, já que nenhuma das câmeras cobre a rua lateral — explicou. — Mesmo se conseguíssemos, a qualidade da imagem não nos daria certeza alguma.

Continuávamos no escuro então.

— Eu irei até ela amanhã — informei aos dois, ciente de que para encontrá-la, sem qualquer aviso, teria que me infiltrar no lado corrompido dessa cidade.

Infelizmente, era mais fácil para os que viviam *do lado de lá* da Ponte do Abismo virem até o nosso território do que o contrário. Se possuía acesso irrestrito a eles é porque eu era um deles.

— E se não for Astrid, Damon? — Caleb voltou a questionar enquanto

tragava o cigarro que parecia nunca o abandonar.

— Então eu farei o que deveria ter feito há muito tempo.

Fosse o momento certo para isso ou não.

— E quanto a Yume? Você irá deixá-la ir ou fará com que a garota se envolva nesse caos? — Franzi o cenho para Caleb e sacudi a cabeça, em uma negativa.

Não pela pergunta, mas pela tentativa de o infeliz me fazer perder a porra da paciência e do juízo.

— Você não vai desistir, não é?

— De me preocupar com vocês dois? Não mesmo, meu amigo. — Caleb se aproximou da sacada, ao mesmo tempo que eu me dava conta de que não estava mais disposto a abrir mão de Yume.

Não quando sabia que ela era a única razão pela qual eu não havia enlouquecido ainda.

As garantias que não fui capaz de dar a Caleb, foram respondidas com o meu silêncio. Quebrado pelos gritos repentinos de Yume, que se espelharam pelo apartamento feito labaredas de fogo.

— É outro dos seus pesadelos — grunhi, sem dar a eles nenhuma outra explicação.

Subir e chegar até Yume foi a prioridade naquele momento. Que, no instante em que me viu avançar na direção da cama, se jogou nos meus braços.

Eu a segurei e permiti que seu rosto se escondesse contra o meu peito. O que me levou a beijar a cabeleira escura, em uma tentativa rasa de acalmar os tremores violentos do seu pequeno corpo suado em consequência dos seus fantasmas.

— Eu o vi, Dam — murmurou, apavorada. — Eu o vi e... ele está vindo.

Merda.

Encarei seus olhos, encontrando-os mais assustados do que antes.

— *Baba Yaga*? — repeti o nome que ela sempre dizia ao dormir.

— Não. O mascarado... eu sei que ele está vindo para me levar. — Yume

não soou lúcida e temi que as coisas voltassem a piorar.

Levou semanas para que essa garota confiasse em mim e me deixasse fazer parte da sua vida. Por um bom tempo, ela agiu como um bichinho do mato, sempre escondida e incomodada com a minha presença. Vladimir a tinha deixado dessa forma, e não permitiria que o filho da puta continuasse tendo esse poder sobre ela.

Recusando-se veementemente a me soltar, acabei por puxá-la para o meu colo. E beijei sua testa, enquanto ela me segurava pela camisa.

Furioso comigo mesmo, eu a segurei pelo restante da noite. O som do elevador sinalizou que Caleb e Mercúrio haviam partido após se darem conta do que havia acontecido. E por cada minuto da noite em que permaneci acordado, vi-me atormentado pela culpa por ter reivindicado essa garota cedo demais.

Porque, depois de conhecer o maldito paraíso entre as suas pernas, eu já não me achava capaz de deixá-la ir embora.

Mesmo se fosse preciso.

YUME

Era madrugada quando despertei de outro pesadelo. O suor me cobria a pele, enquanto a sensação de pânico voltava a se alastrar através do meu corpo. Como se eu nunca tivesse dormido. Pior, como se continuasse presa ao buraco em que *Baba Yaga* manteve-me por todos aqueles meses. As correntes nos meus tornozelos, seus castigos.

Por bastante tempo, obriguei-me a esquecer as semanas e os meses da mais completa escuridão. Assim como o seu toque e a promessa de que, em algum momento, ele tomaria para si o que tanto cobiçava.

Angustiada, eu me virei desconfortável sobre a cama. E fiquei cara a cara com Damon. Seu tórax, marcado por hematomas de sua última luta, *subiu e desceu* de forma pesada e profunda. Observá-lo dormir me acalmou, afastando o medo e me fazendo acreditar que Damon me protegeria de tudo.

Inclusive de *Baba Yaga*.

Pode não ter sido ele. Uma parte de mim sussurrou, mas o meu cérebro logo rejeitou a ideia. Porque não havia mais ninguém à minha procura. Ou com a capacidade de me assustar dessa forma.

O que tornava a promessa de Damon, assustadora. Porque eu não queria que ele lidasse com o meu passado, nem mesmo que se aproximasse dele.

Buscando por esquecimento, eu engatinhei sobre os lençóis amarrotados e limpos. Damon e eu não havíamos feito sexo na noite passada, e depois que acordei gritando do primeiro pesadelo, o homem me abraçou fortemente e sussurrou promessas bonitas no meu ouvido.

Promessas que escolhi acreditar.

Com Damon dormindo, eu o montei. Minhas pernas se detiveram ao redor do quadril estreito dele, e a parte mais íntima do meu corpo se sentou sobre o seu abdômen. Sem camisa, tudo o que o cobria era a cueca boxer preta que Damon não retirou ao se deitar comigo.

— Dam. Acorda — pedi baixinho.

E esfreguei a boca em sua pele quente. Ombros, pescoço. Queixo.

Meus dentes o mordiscaram, com um pouco de violência, e o homem se agitou abaixo de mim feito um animal bravo, prestes a se rebelar. E ao reagir, o primeiro toque que senti foi na cintura.

Duas mãos grandes envolvendo-me com força, me impediram de me mover sobre ele. O segundo toque veio quando uma de suas mãos se arrastou até o meu pescoço e ele o apertou fazendo-me ofegar baixinho.

— Que porra está tentando fazer, japa?

Esquecer os meus fantasmas.

Afastá-los.

— Beijar você — revelei contra o tórax tomado por músculos, e me deitei sobre ele aproximando nossas bocas.

Meu cabelo comprido, caiu sobre nós dois como uma manta, protegendo-nos do mundo assustador lá fora. Damon o afastou e me puxou para baixo, forçando o meu corpo a ficar em contato com o dele. Coberta apenas por uma calcinha, senti-me aninhar contra a ereção grossa.

— Acho que *ele* acordou antes de você.

— Claro que acordou, sua safada.

Gritei, com o tapa que Damon deixou na minha bunda ainda dolorida da nossa última noite.

O estalo *ardido* fez-me cravar as unhas nos músculos dos seus braços enquanto a mudança acontecia em seu olhar. A cada dia tornava-se mais fácil descobrir quando eu estava diante de Damon ou do Tempest.

Não era apenas o azul do olhar dele que escurecia, era a expressão inteira em seu rosto. A mandíbula que se apertava, a testa franzida. Cada característica sólida mostrava-se mais intimidante.

Até o seu toque mudava.

Prova disso, foi o aperto que o homem deu na minha bunda para que eu me esfregasse no seu pau. O roçar áspero deixou-me *muito* molhada. Sentada

sobre a ereção, eu me derreti em Tempest. Porque era ele que estava aqui comigo, não o Damon.

Transar com Dam era intenso.

Mas com *Tempest*, a experiência era de outro mundo. A ponto de me sentir intoxicada, empurrada na direção caótica que emanava dele. Sua inquietude deixava-me desperta, em alerta.

Ora furiosa, ora excitada.

Zonza de tesão, tentei beijá-lo escalando cada um de seus músculos. Mas fui *contida* antes que tivesse a chance, meu olhar perdeu-se no dele mesmo que estivéssemos em volta da escuridão.

Sem brincadeira, ser alvo da sua atenção era como ser engolida inteira pela brutalidade que o cercava.

Mesmo presa ao seu olhar, nada me impediu de sentir o toque de seus dedos se arrastarem até o meio das minhas pernas, que pareceu pegar fogo, ardendo de vontade. Não havia por que mentir, meu corpo demorou a se acostumar com todas as sessões de sexo e o desejo voraz desse homem. Minha boceta estava sempre sensível, inchada e pronta por um pouco mais dele.

Sem aviso, fui agarrada de uma só vez e meio que forçada a me virar. Bati contra o colchão e Damon ou Tempest, realmente já não importava, me prendeu debaixo dele. Suas pernas musculosas e grandes mantiveram-me imóvel enquanto eu apertava os lençóis escuros.

A força com que os seus dedos afundaram no meu quadril, em um quase tapa, destoou das carícias que vieram a seguir. Seu toque passeou, deslizou, afundando entre as minhas coxas e bunda, para no instante seguinte, acariciarem a carne redonda.

— Sou fissurado nessa bunda, amor — o escutei dizer, ao mesmo tempo em que eu mordia os meus próprios lábios, machucando-me de propósito.

Damon soube que estava à beira da loucura, ao me agarrar pelo cabelo e curvar o meu corpo. E no instante em que o seu joelho bateu no meio das minhas coxas, abafei um grito contra o lençol. E, então, o primeiro tapa veio.

Damon não me tomou em seus braços a fim de fazer amor comigo. Ele enxergou a necessidade do meu corpo, e sabia que eu precisava *sentir desesperadamente,* qualquer coisa que não o medo.

Outro tapa veio, e a dor fez com que eu fechasse os olhos. Cinco malditos dedos e minhas pernas estremeceram.

— Dam — o chamei, sem fôlego.

Enquanto compreendia que essa também era a sua forma de extravasar. Colocar a raiva para fora, e Damon só o sabia fazer sendo agressivo. Mesmo na cama.

Assustada com o quão longe esse homem iria para afastar os meus demônios. Permiti que o tesão assumisse, a ponto de cada poro do meu corpo suar enquanto o mundo se resumia a ver e sentir o Damon.

Seu poder. Sua insanidade.

O lado dele que vinha se controlando, noite após noite, para não me corromper.

Mas era tarde demais.

Porque, desde o instante em que o vi pela primeira vez, eu soube que estava perdida. O tipo de desastre que só acontecia uma vez na vida de uma garota.

Damon era o meu erro.

Provavelmente o maior de todos eles.

E eu o amava.

— Sempre imaginei como essa sua pequena bunda ficaria com a marca da minha mão sobre ela. — O senti me acariciar, seus dedos me provocando ao quase deslizarem para dentro da minha boceta. Sempre que a sua mão se enfiava entre as dobras meladas. — Só que a visão é mais gostosa… — Damon grunhiu, na minha orelha. — Você inteira, é.

Antes que o último tapa me atingisse, eu o senti afundar para dentro da minha boceta. Inchado, e em um interminável latejar.

Em uma posição, quase que de quatro, arrastei-me para frente. Soluçando

de prazer, mas fui logo puxada de volta. Quando Damon envolveu o braço ao redor da minha cintura, fazendo-me engasgar e sentir o pau grosso crescer no meu interior.

Esse foi o momento em que ele enlouqueceu. Como se pudesse inalar o meu cheiro e sentir o orgasmo se formando em meu interior. E, a cada vez que entrou e saiu da minha boceta, mais áspero Damon se tornou. Delirei de prazer, e lágrimas mornas escorreram pelo meu rosto a cada empurrão que ele deu contra o meu quadril. Foi tão intenso que senti como se o seu pau me rasgasse por dentro.

Tempest, foi ele que escutei grunhir. E o infeliz não teve dó, penetrando-me a boceta como se desejasse me foder a alma. Droga, não havia um só centímetro do meu corpo que não sucumbiu à fome ou ao peso desse homem.

— O que sua boceta faz comigo, porra?! — Seu quadril me golpeou uma e outra vez. E, de repente, encontrei-me deitada lutando por fôlego como quem lutava para sobreviver.

Mas não foi ar o que busquei, foi um orgasmo.

— Você é um pecado, Yume… a foda mais gostosa da minha vida! — O homem grunhiu, e eu me desfiz inteira em um orgasmo violento.

Incapaz de respirar, senti-me completamente *cheia* de Damon, que continuou a me golpear. O som dos nossos corpos *se fodendo* sobressaiu-se aos meus gemidos e aos seus grunhidos.

O suor e o prazer, misturado à força com que gozei, me fizeram desabar sobre os lençóis. Damon, por sua vez, retirou o pau no último momento da minha boceta, deixando-a carente, e gozou nas minhas costas.

Não que fosse necessário. Eu tomava pílula e já havíamos conversado a respeito. Assim como ele me garantiu que eu era a primeira garota com quem transava sem preservativo.

E vamos combinar, por mais horrível que fosse lembrar, seu estoque de camisinha era sempre renovado. Eu os via na gaveta do banheiro, caixas cheias em um dia e uma semana depois. Vazia.

Com o seu peso sobre as minhas costas, forcei-me a afastar o pensamento indesejado, ao senti-lo se apoiar sobre um dos cotovelos, deixando-me algum espaço para respirar.

A barba grossa roçou meus ombros e o seu pau, ainda semiereto, pulsou no meio da minha bunda. Como se Damon e ele não tivessem acabado de me foder até a morte.

Ou algo próximo a isso.

— Porra, você está bem? — Mesmo com o esforço para não me esmagar, seu suor e calor escorreram contra o meu corpo. Assim como as mãos ásperas e o beijo molhado que Dam me forçou a receber, ao me virar o rosto.

Não, eu não estava.

— O que você acha? — O homem riu, de forma áspera.

E enquanto voltava a me beijar a boca, tudo em que consegui pensar era que, se eu tivesse juízo, estaria correndo dele e de sua intensidade, mas principalmente, do quanto a sua vida era caótica.

— Promete que nada nunca irá nos separar?

Damon me encarou, e sacudiu a cabeça. Seu corpo ainda sofria as consequências do orgasmo, assim como o meu.

— Eu prometo ser seu enquanto eu estiver vivo, isso basta?

— Desde que você permaneça vivo por muito e muito tempo. Sim. — Ele sorriu contra a minha pele. — É o bastante para mim.

Capítulo 31

DAMON

Apoiado contra o *SUV* azul, em frente ao *spa* de beleza que Astrid frequentava, apaguei o cigarro com a sola do coturno e esperei até que a infeliz saísse. Depois de passar no pequeno apartamento em que morava, foi aqui que eu a encontrei. Seu elegante carro estava estacionado como uma bandeira vermelha diante de um touro enfurecido.

O tempo de espera, arrastou cada pensamento agitado até a noite passada. Desde *o engatinhar* de Yume sobre a cama, até *o quase desmaio* da minha japonesa. Porra! Nada me alucinava mais do que vê-la desabar após o gozo. O olhar escuro e doce, perdido. Seu corpo em brasas, sensível até ao toque. E a boceta melada do nosso sexo.

Mas era o modo como Yume pareceu ter sido criada, inteiramente para mim, que *fodia* mesmo com a minha cabeça. Como se cada peça dela, se encaixasse com perfeição as minhas.

Não importava se ambos estávamos quebrados.

Atento à saída do *spa*, e as dondocas entrando e deixando o lugar, pude ver o momento exato em que Astrid saiu. Com óculos escuros e saltos altíssimos, a postura orgulhosa se desfez assim que se deparou comigo, seus passos diminuíram em consequência.

— Damon, que bela surpresa. — A infeliz se aproximou e tentou me beijar. Seus lábios cheios e pintados de rosa detiveram-se no canto da minha boca.

A segurei, e a impedi de se aproximar um centímetro a mais que fosse.

— Sentiu saudades? — sussurrou, sem se deixar abalar. — Ou a sua garota não tem dado conta… nós dois sabemos que você é perfeitamente capaz de assustar uma mulher na cama.

— Não estou com paciência para jogos, Astrid — avisei empurrando-a contra o seu carro. A maquiagem a lhe cobrir o rosto, havia escondido os hematomas deixados por Vladimir. — Quero saber por que caralho você tem

farejado a minha garota, depois de termos combinado que você iria recuar...

— Combinado? *Seu pedido* pareceu-me muito como uma ordem, Damon. Uma que estou cumprindo porque não sou estúpida e quero o dinheiro que me prometeu.

— Eu não mentiria se fosse você.

— Não é mentira… eu sequer atravessei a ponte.

Sacudi a cabeça, furioso.

— Explique-me então como um carro como o seu foi visto seguindo a garota… — Seus olhos se arregalaram, surpresos.

Mas fingir era o que essa mulher fazia.

— Não fui eu, Damon. Eu juro.

— Seu. Carro. Foi. Visto. Entendeu essa parte, porra? — Meus dedos apertaram o seu pescoço e ela ofegou, sem ar.

Assustada, Astrid me arranhou e tentou afastar a minha mão.

— Esse é meu último aviso, fui claro? A última vez que me dou ao trabalho de vir até você… Pise no meu território novamente, e terminarei o que Vladimir começou.

— Damon… deixe-me falar… — suplicou, ainda na tentativa de arrancar meus dedos do seu pescoço fino. — Vladimir… os homens dele. Eu não sou a única com um *Aviator* azul. — Suas palavras atingiram-me feito um balde de água fria.

Porque até então, eu estive tentando com muita força, não envolver Vladimir nessa história de perseguição.

— Explique-me essa merda — exigi, transtornado.

— Há outros carros iguais aos meus, Vlad é desconfiado. Ele dizia que era para a minha segurança.

— Está me dizendo que Vladimir sabe sobre a garota? — *Porra.*

O sangue correu feito um veneno tóxico pelo interior das minhas veias fazendo tudo arder, cada osso. Cada músculo e impulso cerebral do meu corpo.

Se Vladimir sabia sobre Yume, eu já não era o único a correr risco de

vida. A minha japonesa tinha um alvo em suas costas, e o maior de todos eles.

— E-eu não sei. Vladimir não me conta seus segredos, Damon.

— Mas você conta os meus a ele — concluí, adivinhando o inevitável. Essa mulher jogou comigo e com ele. Nos dando o que pensou que queríamos. A coincidência era que Vladimir Noirín e eu queríamos o mesmo: destruir um ao outro. — Responda-me, Astrid!

— Eu disse apenas que… você parecia diferente. Como se… — Esperei, mesmo que a paciência fosse a última coisa a sentir. — Como se tivesse alguém na sua vida. Foi tudo.

Filha da mãe!

— Por isso o desgraçado a deixou viva, não foi? — Bati o punho contra o carro fazendo-a saltar de susto. — Eu deveria ter imaginado.

Afastei-me antes de fazer uma besteira, andando de um lado a outro enquanto meu maior medo se concretizava diante dos meus olhos.

A descoberta do único ponto fraco que eu possuía.

— Você a ama, não é? A garota… — Engoli em seco, e a verdade que havia em suas palavras desceu arranhando-me a garganta.

Yume não era apenas uma fraqueza, ela era a única pessoa depois dos meus pais, que permiti que entrasse e bagunçasse a minha vida.

Mas se era amor o que eu sentia, ele era tóxico. Quase um veneno, deixando-nos doentes e dependentes um do outro.

— Você é uma mulher morta, Astrid — prometi, dominado pela raiva. — Cruze com o meu caminho outra vez, chegue perto de Yume ou até mesmo olhe na direção dela... e eu serei obrigado a te fazer uma última visita.

Eu a fiz me encarar enquanto despejava cada palavra, e para Astrid foi como se ela me enxergasse pela primeira vez. Que me visse sem máscara ou qualquer rastro de excitação.

Que finalmente, se desse conta de que foder comigo, em todos os sentidos, resultaria no seu fim.

— Você e o seu tio são parecidos até nas ameaças, como não percebi

antes?

— Dê o fora, antes que eu mude de ideia, porra! — grunhi alterado e a deixei ir.

Não porque a considerava inofensiva. Mas porque era um homem que acreditava haver um tempo para tudo.

Até mesmo para a morte.

Capítulo 32

YUME

Tinha algo de errado com Damon.

Soube no instante em que ele entrou no ginásio essa manhã, e se dirigiu ao andar superior com Caleb ao seu lado, em um humor, que me deixou apreensiva. Porque, nem mesmo com o passar das horas, Damon falou comigo. Só que, a cada vez que o verifiquei, encontrei um par de olhos duramente cravados em mim.

E a cada troca *tensa* de olhares, a impressão que tive foi a de que o azul ártico dentro deles havia recuado para que a tempestade assumisse o controle.

O temperamento arredio me contaminou. A ponto de eu o evitar pelo restante do dia. Ou tentar. Porque não precisava estar perto para que eu *o sentisse*. Meu corpo se comportava de modo estranho quando se tratava de Damon. Como se um fio invisível, me puxasse sempre para onde este homem se encontrava.

O som de uma batida fraca na porta do depósito, localizado nos fundos do ginásio, fez-me virar o corpo para trás.

— É impressão minha ou você está fugindo de Damon? — Mercúrio indagou, ao entrar e se sentar sobre um empilhado de caixas, enquanto eu verificava o que precisava ser comprado com um papel rasurado e uma caneta mordida, em minhas mãos.

— Não diria fugir, está mais para me esconder.

Mercúrio riu e franzi a testa ao notar que uma parte do seu cabelo se encontrava tingida de laranja.

— Eu deveria perguntar o motivo da mudança? — Havia uma energia desordenada em Mercúrio, que precisava de constante mudança.

E meio que compreendi que, para a mudança externa vir à tona, a parte interior dele precisava estar em guerra. Assim como eu, Mercúrio cresceu e sobreviveu nas ruas. Não sabia quem eram os seus pais, ou família. E talvez por esse motivo, nos identificássemos tanto.

Só que, enquanto Mercúrio tingia o cabelo das cores mais absurdas possíveis e usava roupas excêntricas, eu pintava telas que só faziam sentido para a minha alma.

— Seus ouvidos são muito jovens para determinados assuntos, Yume.

— Você está brincando, né? — rebati. — Eu até mesmo já faço sexo!

O idiota riu ainda mais.

— Acho que todos aqui já sabem, querida — o comentário deixou-me corada. — Não que as pessoas estejam comentando, é apenas aquele olhar do Damon…

— O que tem o olhar dele?

Eu o achava desconcertante, mas gostava. E se havia algo além, na forma como Damon me encarava, eu queria ser a primeira a saber.

— Damon sempre foi obcecado por você. E é exatamente isso o que o olhar dele demonstra. Mas, nos últimos dias, a coisa ficou um pouco mais intensa…

— Intensa ou descaradamente sexual? — perguntei, sem graça. — Quer saber? Esqueça o olhar de Damon e me diga o que está te perturbando. Você sabe que sou uma boa ouvinte.

Mercúrio apenas assentiu e se aproximou de onde eu estava, a fim de sussurrar no meu ouvido:

— Deixe de ser curiosa com a vida sexual dos outros, pequena Yume. Você pode até não ser mais virgem, mas duvido que esteja preparada para me escutar falando a respeito de como eu tenho preferido estar com um cara a foder com mulheres…

— *Um cara* específico ou está generalizando? — insisti, e seus olhos se estreitaram. — Específico, não é? — adivinhei.

Mas a única resposta que obtive de Mercúrio foi a bagunça que ele fez no meu cabelo ao espalhá-lo.

— Pare de ser impertinente, e suba. Porque o cara de quem está se escondendo, meio que enlouqueceu.

— Aconteceu alguma coisa? Desde que Damon chegou essa manhã, ele tem estado inquieto.

Mercúrio me acompanhou para fora do depósito.

— A essa altura você deveria estar acostumada, não? *D* é agitado por natureza, difícil é um dia que ele esteja bem…

Na cama comigo, Damon sempre estava. Mas não contaria a Mercúrio. Por isso, em vez de insistir em descobrir seus segredos ou de contar os meus próprios, subi até o mezanino e, em seguida, dirigi-me ao terraço, onde encontrei Damon sentado em um dos sofás desgastados.

A tensão no seu corpo, o fez estalar o pescoço e os dedos. *Um por um*. O som enérgico deteve-me a uma distância que deveria ter sido considerada segura.

O problema era que, quando se tratava de Damon, espaço nenhum era suficiente.

— Para você estar aqui a essa hora, é porque algo te preocupa — disse, ao mesmo tempo que o seu olhar me percorria inteira.

Agitada por dentro, eu me sentei no *banco improvisado* por pneus empalhados, bem à frente de Damon.

Os pés dele trataram logo de estabilizar os pneus. E, de certa forma, garantiram que minhas pernas se mantivessem fechadas. Sem dizer nada, sequer uma palavra, o homem se inclinou e agarrou uma das minhas mãos, deixando pequenas carícias que contrariavam a violência contida dentro de seus olhos.

— Quero que vá à luta essa noite — *exigiu,* o que me levou a lembrar a última vez que tivemos essa mesma conversa. — E dessa vez, não quero desculpas, me ouviu? — Mordi o lábio, em resposta, em uma tentativa silenciosa de o decifrar. — Quero sua bunda na primeira fileira, onde poderei te ver…

— Prefiro assistir perto da gaiola. — De preferência, perto dele.

Compenetrado, Damon me encarou e em seguida sacudiu a cabeça.

— Você não irá falar com ninguém que não conheça, nem aceitará bebidas que não sejam entregues por Mercúrio ou Caleb. Melhor, você não vai beber…

— O que está acontecendo, Dam?

Porque havia algo.

Ele não estaria despejando tantos avisos e cobranças sem motivo. Damon não era o *tipo despreocupado*, mas hoje estava além da conta.

No olhar e nas exigências.

Calado, Damon me envolveu. Primeiro com a loucura de seus olhos, e, em seguida, ao me segurar pela nuca. Os dedos desse homem, afiados feito lâminas, pareceram fincar por sobre a minha pele enquanto a boca dele me roubava o fôlego.

O beijo que sempre começava com a sua língua, exigindo tudo, fez-me terminar em seu colo, de modo quase instintivo. Como se o seu corpo fosse o meu lugar. O único em que eu deveria estar.

Ao se emaranhar no meu cabelo, seus dedos garantiram que meu rosto fosse controlado pelo desejo imprevisível de Damon.

— Dam — gemi seu nome, submissa ao que fosse que o estivesse fazendo desmoronar sobre a minha boca.

O gosto do seu beijo foi diferente. Assim com o toque e o cheiro. Damon cheirava a saudade. O pensamento levou-me a abrir os olhos e o encarar. E o meu coração ficou apertado dentro do peito.

Porque não fazia sentido, droga!

Ele estava aqui, nós estávamos.

— Te amo, Dam — murmurei, com a esperança de que o meu amor fosse suficiente para afastar o medo que tinha de perder o *meu anjo caído*. Assim como o que o preocupava. — E é um amor tão intenso, que sinto que... se algum dia te perder... eu morro.

Damon me agarrou a cintura, possessivo. Demonstrando que as minhas palavras o haviam atingido profundamente.

— Ninguém irá morrer nessa história, Yume — rebateu, áspero. — E essa é uma promessa que eu te faço. — Apoiei-me contra o seu tórax rijo e praticamente me sentei no seu colo.

As pernas de Damon sustentaram a minha bunda, enquanto sentia contra a palma da minha mão a violência com que o seu coração batia dentro do peito.

— Não gosto de promessas...

Eu conhecia a fragilidade que possuíam.

— E eu não gosto de ter que fazê-las. — Sua boca roçou a minha, não em um beijo. Mas em um sussurro abafado. — Mas preciso que saiba, e que acima de tudo que me perdoe desde agora, porque, se algum dia eu tiver que escolher entre te perder e queimar essa maldita cidade, você será a minha escolha, amor.

Meu nariz roçou o dele, enquanto meus lábios levemente inchados, se abriam em um sorriso dócil. Ao mesmo tempo em que nossas respirações encontravam um ritmo próprio ao se misturarem.

— Você tem a incrível capacidade de ser romântico ao mesmo tempo que é incrivelmente assustador, Sr. Damon Irish.

O pior?

É que Damon falava sério. Essa não era uma declaração feita no calor do momento, não era assim que a cabeça desse homem funcionava. E ainda que devesse estar com medo, tudo o que o meu coração sentiu foi segurança.

Ao me morder o lábio, entreaberto à sua frente, Damon me puxou para outro de seus beijos. Enquanto nossos olhos pareciam fazer amor, incapazes de se abandonarem. Como se tivéssemos medo, que, ao fechá-los, nossos fantasmas ressurgissem.

A sensação era essa sempre que eu me encontrava em seus braços. Damon afastava não apenas os meus pesadelos, mas cada demônio a nos rodear. Ele era o meu escudo contra o mundo.

— Estive pensando... e quero te levar em um lugar antes da luta. Topa?

Eu o encarei, confusa.

— Envolve tapas na bunda? Porque se envolver, Damon, eu sinto muito... mas acho que não aguento, sabe? Estou vermelha e tudo arde...

— Sem tapas na bunda, amor — garantiu, com os olhos vidrados na minha boca. — É algo que você vem querendo há algum tempo, e talvez o

momento tenha chegado.

Apesar do seu toque, ele pareceu sério.

Fora que... Damon era o único desejo que me lembrava de querer *há algum tempo.*

— Já não provei que confio em você, Dam? — sussurrei, curiosa. — Você tem o meu corpo, A minha confiança e o meu coração. Tudo aqui é seu.

Seus olhos se intensificaram e, como se estivesse com pressa, o homem segurou a minha mão e me arrastou até o térreo. Montamos em sua moto, e andamos por alguns poucos quilômetros.

Até terminarmos em uma parte da cidade que ainda não conhecia. Damon desceu primeiro, e em seguida me ajudou. Retirando o capacete que eu usava, enquanto o meu cabelo caía por sobre os meus ombros.

Era um dia frio, o que fez com que meu corpo se encolhesse. Até mesmo um pouco inseguro.

— Acho que também não gosto de surpresas, Damon. Por que não me dá uma pista?

Ele me encarou e apontou para o estúdio de tatuagem do outro lado da rua.

— Você fará outra? — Eu era fascinada por cada arte cobrindo o seu corpo. Se havia uma tela ou quadro que gostaria de ter pintado e criado, era o emaranhado de tatuagens a cobrir a pele de Damon.

— Não, amor. Você fará. — Eu o acompanhei para dentro, animada. Até descobrir qual era a sua verdadeira intenção. — Pensei que hoje seria um bom dia para cobrirmos o seu pulso.

Damon notou o meu passo lento, e me encarou.

— Claro, se você quiser.

Dentro do estúdio eu observei ao redor, não com receio de cobrir meu corpo. Mas com medo de que alguém pudesse ligar a marca que eu levava a *Baba Yaga*, e isso acabasse por me entregar.

— E se alguém souber o que o código significa...

— Eu cuidei disso. Quem irá te tatuar será uma velha amiga, ok? Uma com quem eu não trepei, eu juro — acrescentou antes que a duvida se infiltrasse no meu cérebro.

— Por que agora? — Tive medo de perguntar, medo do que Damon poderia estar me escondendo.

Claro, o meu surto no vestiário o tinha assustado. Mas aquela não havia sido a primeira vez que enlouqueci por causa da marca. Só havia sido a mais intensa.

Ou descontrolada.

Damon deu de ombros, como se o dia realmente não importasse.

— É só uma marca, Yume. Não define quem você é, e não te torna uma mercadoria. Hoje, amanhã. Você escolhe — deixou claro, enquanto o meu olhar percorria o interior do estúdio e a mulher jovem esperando para se aproximar. — Desde que entenda que não quero que sinta medo, nunca mais.

Respirei profundamente e assenti.

Damon estava me dando um presente, talvez o mais importante de todos.

A minha liberdade.

— Eu tô muito ansiosa — falei, com um sorriso no rosto. E passei as próximas duas horas sozinha com a tatuadora.

Damon não teve permissão de ver a arte criada, e nem a minha pele ao ser tatuada. Nervosa, mordi o meu lábio por todo o tempo que levou. Enquanto descobria que a mulher a minha frente, era a responsável pela maioria dos desenhos feitos na pele de Damon.

Ela era incrível, e, pela primeira vez, desejei ser algo mais do que apenas a garota que pintava telas em branco.

Eu podia fazer isso. Ou algo perto das artes que ela me mostrou.

Eu podia.

— O que achou, Yume? — perguntou, depois de finalizar.

Meu pulso e a pele ao redor da marca, estava vermelha. Não apenas por conta da ponta da agulha, mas pela loucura que eu e Damon havíamos feito,

noites atrás.

— Eu amei — disse a verdade.

E por algum motivo bobo, ao deixar a sua sala, lágrimas idiotas se amontoaram ao redor dos meus olhos.

Era apenas uma tatuagem, tentei me lembrar. Mas para o meu coração, apaixonado pelo Damon, o significado era outro.

— Porra, finalmente — o ogro viking rosnou ao me ver sair. Seu olhar nervoso tornou-se brando ao ver que eu estava levemente emocionada.

Quase nada.

— O que foi? — perguntou, querendo entender. — Você não gostou?

Sacudi a cabeça, porque era justamente o contrário.

— Ficou incrível, Dam. Eu só tô... feliz.

Damon assentiu, com cautela e em seguida olhou para a tatuadora que tinha um sorriso tranquilo no rosto.

— Podemos ir agora?

— Você não vai me mostrar? — Sacudi a cabeça ao passar por ele.

— Ainda não.

***

De volta ao ginásio, Damon me acompanhou, extremamente curioso, até o pavimento superior e, em seguida, até o terraço.

Ou quase isso.

Porque, antes que tivéssemos a chance de chegar até lá em cima, ele me puxou. Empurrando-me contra a parede, ainda entre os degraus que nos levariam ao terraço. Essa parte da subida era escura. E privada também.

Mas não a ponto de ele não conseguir enxergar o que eu pretendia mostrar.

— Deixe-me ver — exigiu, sem paciência.

Seu olhar era um pouco louco, e eu gostei.

— Não seja tão mandão, Damon. Você sabe que não gosto.

— Vamos, amor. Deixe-me ver esse caralho de tatuagem. Você está me matando aqui...

Sorri, e o senti aproximar a boca da minha. Em um quase beijo.

— Tudo bem, você tem a minha permissão — murmurei e estendi o meu pulso.

Que foi tocado com toda suavidade. Até o instante em que ele viu o que eu havia tatuado.

Seu nome. Na minha pele.

Tempest.

O meu Tempest.

Seu olhar me procurou, confuso. Mas declaradamente, possessivo.

— Caralho, amor.

— Acho que isso me torna oficialmente sua. Certo? Sem devolução ou troca. Apenas... sua.

Tive o rosto segurado, com força. E o monstro dentro dele, o que eu ainda não conhecia por completo, surgiu à tona.

Como uma besta feroz prestes a me consumir.

Aquele foi o momento em que o seu beijo me alcançou. Faminto, *gritando* posse e pertencimento.

De pé contra a parede, eu o agarrei no pescoço. E roubei o controle de sua boca, beijando-o com loucura, e uma vontade inesgotável de *ser dele.*

— Quero você, Dam — supliquei, excitada. — Quero muito.

Nos encaramos enquanto o meu corpo se contorcia em arrepios. Em momentos como estes, eu sabia que Damon era capaz de me enxergar por dentro.

Cada necessidade, cada vontade.

A bagunça apaixonada que me tornei.

— Tire a camisa — ordenou, com o tom de voz rouco.

Sem juízo algum, e cheia de vontade, eu não me preocupei se seríamos interrompidos ou pegos em flagrante, e retirei a camiseta que me cobria,

fascinada com o que a visão do meu corpo fazia a Damon. Em segundos, eu o vi engolir em seco e o seu olhar escurecer tornando-se letal.

— O que faço com você, porra? — Estremeci com o toque, arrastando-se pela minha barriga. E o seu polegar criou pequenos círculos pouco abaixo do sutiã. — Você não precisa de uma tatuagem para saber que é minha, nem eu mesmo precisava. Mas isso aqui... — Fui segurada pelo pulso, que ainda levava o plástico transparente. E que não o impediu de ver nenhum detalhe da arte. — É a coisa mais erótica e fodida que alguém já fez por mim.

— Então você gostou? — perguntei, em um sussurro.

O que o fez sorrir na minha boca e empurrar o pau duro e grosso contra o meu estômago.

Ok, acho que ele havia realmente gostado da surpresa.

E Damon encontrou um jeito delicioso de demonstrar, ao me deixar apenas de calcinha e com uma única estocada me penetrar. O tecido foi afastado para o lado, e com a pressa de estar dentro da minha boceta, fui pega no colo.

O sexo foi bruto e áspero.

Mais gostoso do que nunca.

— Eu amo que sua boceta é tão gulosa quanto essa sua boca. — Meu cabelo foi puxado, e os lábios separados.

Damon me queria olhando para ele, ficou claro.

— Amo ser esmagado a cada estocada, amor. Seus gemidos, os gritos. Ainda tem dúvida de que sou um filho da puta viciado em você?

Gemi descontroladamente ao redor do membro duro, sentindo-o da base até o saco, que *bateu* contra a minha bunda a cada vez que deslizei melada pelo seu comprimento.

E doeu, não vou mentir.

Grunhimos ao mesmo tempo, e busquei pela sua boca todas as vezes que sua língua me abandonou de alguma forma, envolvendo-o em beijos cada vez mais longos e molhados. Até sentir a dor se espelhar pelo meu núcleo, uma dor que logo se transformou em prazer puro e delirante. Tudo porque Damon,

segurando-me pelas pernas, assistiu-me cavalgar no seu pau.

— Tome o seu tempo — Damon sussurrou, ao me permitir encontrar o meu próprio ritmo. Enquanto as minhas costas ralavam contra a parede. — Quero te comer do jeito que você quiser. Não tenho pressa...

O agarre no meu cabelo permaneceu e, montada em Damon, com cada polegada dele dentro da minha boceta, meu corpo escorregou no seu pau uma, duas, diversas de vezes fazendo-me gemer cada vez mais alto.

Desesperada, cravei as unhas no seu pescoço e o encarei. A respiração tão descompassada, levou Damon a sorrir. A perversidade do gesto fez sentido no instante em que fui *enlaçada* pela cintura pelos seus dois braços, que me agarraram com força, mantendo-me imóvel.

Damon me beijou, lento. Como se me acalmasse, apenas, para, no instante seguinte, empurrar o pau até o talo dentro de mim. Em golpes tão violentos, que meu corpo quicou sobre o homem nunca se afastando por completo, porque Dam não permitiu.

E eu o senti tão profundamente, que posso ter quebrado no meio do caminho entre o seu grunhir no meu ouvido e o olhar que me manteve refém.

Estava acorrentada a Damon enquanto ele literalmente me fodia, estragando-me para todos os outros homens.

E, pela primeira vez, nós dois gozamos juntos. O quase desmaio, sempre a me atingir durante o gozo, fez-me apoiar a cabeça em seus ombros enquanto o sentia estremecer em espasmos que o tomaram por completo.

— Você é a única, Yume — grunhiu, e a voz grossa arrepiou-me inteira. — Eu mato e morro por você, amor. Não se esqueça nunca disso.

Como poderia?, questionei-me em seus braços. Me esquecer de suas palavras ou apagar as memórias que possuíamos juntos, deixaria-me oca por dentro.

Completamente vazia.

Capítulo 33

YUME

Apertei o copo da bebida que Mercúrio havia me entregado, minutos atrás, com mais força do que o normal. Indiferente ao que ele e Caleb tanto gritavam um com o outro. Logo atrás deles, mantive a atenção na luta acontecendo a minha frente.

Estava tão inerte quanto um expectador prestes a presenciar a colisão de dois trens desgovernados.

Nada que fizesse naquele momento, impediria a tragédia de acontecer. Principalmente, porque ninguém ao redor pareceu entender por qual motivo Damon não estava atacando ou se defendendo como de costume.

Em anos, assistindo-o treinar, nunca o vi lutar dessa forma. Como se sua mente estivesse congelada ou no mais absoluto escuro. Seus passos não estavam firmes sobre o tatame e seu corpo continuou a ir para a frente e para trás, sem qualquer propósito.

Não soube explicar como, mas ele conseguiu fazer com que o seu adversário não o alcançasse a ponto de o nocautear. Mas outro passo ou golpe falho, e Damon facilmente cairia no chão.

— Tem algo errado, Mercúrio — sussurrei, ao puxá-lo pela jaqueta. — Damon não está reagindo... sequer lutando.

Meu anjo caído não era assim.

Ele nunca *provocou* sobre o ringue, sempre foi direto, focado em um único objetivo: derrubar seu oponente.

Como se também estivesse preocupado, Mercúrio manteve-se em uma conversa baixa com Caleb, que se afastou naquele momento e seguiu na direção da gaiola. Onde passou a gritar com Damon, para que ele o escutasse enquanto o seu nome explodia ao redor do *Porão*.

Provavelmente, todos estavam preocupados com cada dólar do dinheiro que sempre era apostado em Tempest.

Antes mesmo de a luta ter início, Mercúrio explicou como funcionavam

as apostas e como Damon, ele e Caleb passaram a gerenciar centenas e centenas de dólares nessas noites.

Damon era uma aposta certeira.

Mas não hoje.

— Ele usou alguma coisa? — perguntei, porque essa era exatamente a impressão que tive. De que Damon estava drogado. Não da maconha que ele e os caras tinham o hábito de usar vez ou outra.

E sim de algo realmente nocivo.

— Espero que não, porra! — rosnou, ao me segurar pelo braço e me levar até o ponto próximo a gaiola em que Caleb se encontrava.

E onde a maior parte das pessoas que pagavam para assistir as lutas pareceu se concentrar. Dispostas a exigir que Damon partisse para cima do filho da puta, que passou a socar sua cara repetidas vezes.

Arrancando-lhe tanto sangue que eu gritei de onde estava. Aterrorizada. Sem saber o que impedia Damon de reagir.

— Mercúrio! — Sangue quente escorreu pelo tórax de Damon, manchando sua pele como a tinta que eu usava nas minhas telas.

Atordoada, afastei-me por um só segundo dos dois. E circulei a gaiola, enfiando-me entre todas aquelas pessoas, em uma tentativa de ficar cara a cara com Damon. Eu queria olhar em seu rosto, enxergar o que havia por detrás da escuridão atual de seus olhos.

Tudo o que consegui ver, no entanto, foram os hematomas cobrindo-lhe a pele. E um olhar tão perdido, que cada novo golpe o fez zonzear dentro da gaiola.

Esse foi o momento em que o seu adversário urrou de prazer ao vê-lo desabar. O estrondo do seu corpo pesado ao cair fez todos ao redor se calarem. A tensão crescente tornou-me ainda mais disposta a alcançar Damon. Mesmo que para isso eu precisasse entrar nessa maldita gaiola e o arrancar de lá com as minhas próprias mãos.

Ok, as chances de terminar sendo esmagada por um desses infelizes

empurrando-me eram bem maiores, mas eu não desistiria.

Ou assim imaginei, porque o que já era ruim virou um verdadeiro inferno quando a gaiola foi invadida por dois brutamontes, aproveitando-se da queda de Tempest para terminar o que seu adversário havia começado.

Apavorada, virei-me para trás e vi o momento exato em que Caleb se juntou a Damon e todo o lugar colapsou. Fui empurrada e imprensada por uma centena de homens enlouquecidos, e as batidas dentro do meu peito foi tudo o que escutei, enquanto o lugar desmoronava junto com o Tempest.

Atropelada entre a multidão, gritei ao ser agarrada e afastada de todo o caos.

— Hora de sair, pequena Yume. — Mercúrio praticamente me empurrou para a direção contrária em que as pessoas se dirigiam. E, assustada pra um caralho, não fiz perguntas ao ser levada pelo corredor escuro, que era onde ficavam os pequenos cômodos usados como vestiários pelos lutadores.

Por um instante, acreditei que entraríamos em um deles, mas Mercúrio foi mais longe e nos levou até a escada dos fundos. Se possível, um nível abaixo de onde se encontrava o *Porão*.

— Nós vamos mesmo deixar eles para trás? — perguntei desesperada, querendo voltar e me certificar de que Damon não terminaria machucado ou morto. — E por que Damon pareceu estar drogado?

Eu precisava de explicações.

— Porque eu acho que ele estava.

Mercúrio não se mostrou satisfeito em ter de admitir. E o silêncio em que se pôs, não me trouxe vontade alguma de conversar. Em silêncio, passamos por uma série de corredores escuros, mas minha mente e coração continuaram com Damon.

— Caleb irá cuidar do *D* — Mercúrio disse como se pudesse adivinhar meus pensamentos. — Pense apenas que a primeira coisa que ele pediria, se estivesse consciente, seria para te tirar desse buraco. Não dificulte as coisas, Yume.

Seu olhar me procurou, como se Mercúrio acreditasse que eu poderia, talvez, virar-me e correr de volta até Damon. Que era o meu desejo mais profundo.

Sem explicar nada, nem mesmo como era possível que chegássemos ao ponto da cidade em que todos aqueles corredores nos haviam levado, Mercúrio e eu passamos a caminhar pelas ruas como se absolutamente nada tivesse acontecido.

Apenas para o caso de encontrarmos alguma viatura policial. Comum a essa hora da noite.

Por sorte, as ruas pareciam vazias. Indiferentes ao caos acontecendo abaixo da superfície. Somente ao chegarmos no ginásio, foi que nos detivemos. E a rua deserta ficou para trás assim que Mercúrio abriu e fechou as grades pesadas da entrada.

— Por que viemos para cá, Mercúrio? — O pânico fez-me sentir frio diretamente nos ossos, quando obviamente não deveria. — Onde estão Caleb e Dam? — disparei as perguntas, e o deixei em paz ao ver que meu amigo tentava entrar em contato com algum deles.

No mesmo instante, o som de um aparelho celular tocou no andar de cima, diretamente do pavimento superior.

— Eles já estão aqui — rosnou aliviado e só então foi capaz de me verificar. — Você está bem? Posso ter te machucado no caminho, mas eu precisava te arrancar daquele lugar, Yume.

— Você não me machucou. — Apesar de ter me assustado.

A verdade é que, desde a hora que acordei essa manhã, as coisas estavam confusas. Frágeis feito a linha invisível mantendo-me acorrentada a Damon.

Era como se o conto de fadas sombrio em que vivia estivesse a um passo de ruir.

Como Damon fez naquele ringue.

Pelo canto do olho, Mercúrio e eu vimos Caleb se aproximar. Havia ferimentos em seu queixo e ele usava uma bolsa de gelo no nariz. Provavelmente

quebrado durante a luta.

Sem pensar, eu o abracei. Aliviada por vê-lo bem, e, ao escutar Caleb gemer de dor, afastei-me de imediato.

— Onde... ele está? — perguntei com o coração na mão. Por saber que o estado de Damon seria infinitamente pior.

Caleb acenou para o andar de cima, mas, antes de me permitir subir, alertou-me:

— Não é um bom momento para que você vá até ele, Yume.

Decidi ignorá-lo e subi as escadas, praticamente correndo enquanto o escutava amaldiçoar e conversar com Mercúrio.

Apreensiva, só me senti capaz de voltar a respirar depois que me deparei com Damon, sentado sobre a mesa do *escritório* que eu não tinha acesso.

Um escritório que se resumia a tudo o que estava dentro do que algum dia foi uma escrivaninha de madeira pesada e antiga.

Com tonelada de papéis afastados, seu computador desligado e um kit de primeiros socorros, Damon tinha as pernas afastadas enquanto ele mesmo se... costurava.

Um olhar no corte do seu braço, e meu estômago revirou. Não era grande, apenas profundo. Como se alguém o tivesse esfaqueado.

Puta. Que. Pariu.

A visão fez com que meu estômago embrulhasse um pouco mais.

— Quem fez isso com você?

E por quê?

Teria sido a minha próxima pergunta, se Damon não tivesse sacudido a cabeça, sem me dirigir o olhar. Sua atenção permaneceu voltada ao corte.

— Fique onde está, Yume — o pedido áspero desacelerou os meus passos, mas não me fez desistir.

Era de Damon que falávamos afinal.

— Como espera que eu fique longe, quando sei que não está bem? — Ergui o meu rosto, e o encarei.

Ao me colocar entre as suas coxas musculosas, não havia apenas suor cobrindo o corpo desse homem, havia sangue e uma camada evidente de raiva. Que poderia ter sido vista mesmo que eu estivesse a quilômetros de distância.

O ódio e a fúria de Damon, quando o alcançavam, eram tão intensos que chegavam a ser palpáveis. Emoções não costumavam tocar a pele, mas as de Damon sim.

Principalmente, durante o sexo.

Nesses momentos, o seu desejo me penetrava a pele. Seu tesão fazia amor com a minha alma. E o meu coração se esbaldava com seus beijos. Não era físico, era assustadoramente profundo.

— Estou falando sério aqui, porra. Eu não te quero por perto.

Com as mãos trêmulas, insisti e peguei a agulha que Damon segurava. Ignorando-o por completo, assim como fiz com Caleb, minutos atrás.

— Eu não vou sair — avisei, ao continuar a fechar o corte. A rigidez da sua pele fez-me encontrar um modo de não o machucar.

Não que Damon parecesse estar sentindo dor. A vibração que emanava dele era apenas violenta.

— O que você usou esta noite? — perguntei, ao morder o meu próprio lábio.

E o senti enrijecer desde as coxas, até os músculos definidos do braço.

— Se você não relaxar, eu não vou conseguir...

Damon me segurou a mão, sem me afastar. Seu olhar estava afiado, com o poder de me cortar em duas, se assim desejasse.

— Eu não usei nada, me drogaram — revelou, deixando-me em choque. — Não é a primeira vez que algo assim acontece durante o circuito... e essa é a razão pela qual você deveria arrastar sua bunda até lá embaixo, e deixar de ser teimosa, porra! — grunhiu, alterado, cansado de me pedir para deixá-lo sozinho. — Eu sequer faço ideia do que me deram, Yume. Não é seguro.

Engoli em seco, ainda mais apavorada.

A possibilidade de que Damon tenha se drogado foi assustadora por si só,

mas piorava ao pensar que alguém fez isso a ele por motivos próprios.

Esse homem poderia ter morrido. E, então, eu estaria sozinha de novo... Porque, mesmo que Mercúrio e Caleb me amassem, eles jamais preencheriam a ausência de Damon.

Não era assim que o meu coração ou o amor que sentia funcionavam.

— Para que você perdesse? — sussurrei, confusa.

— Não é tão simples — disse, sem se dar conta de que continuei a cuidar dele. Ponto após ponto. — Eu não lembro do que aconteceu dentro da gaiola, mas Caleb contou que os filhos da puta que me atacaram depois do nocaute esperaram até o último minuto. Eles sabiam que eu não reagiria, ou me levantaria daquele ringue. E mesmo assim entraram.

— Para te matar — concluí, com uma tranquilidade mórbida.

Como poderia ser diferente, no mundo em que vivíamos? Damon podia ter tentado, e por algum tempo, até mesmo ter conseguido me proteger.

Mas cresci nas mesmas ruas que hoje ele comandava.

A violência existiu antes, e existiria até o fim de nossas vidas. Mudava-se apenas a cabeça, porque a coroa a infestar a Nova Detroit de caos e violência permaneceria.

— Quem me drogou estava no *Porão* — falou em um tom de voz baixo, mas claramente confuso. — É fácil para qualquer pessoa entrar e sair lá de dentro, basta ter dinheiro. Devo ter bebido algo batizado, porra, essa merda está parecendo... GHB[9] com cocaína.

Engoli em seco.

— E quando irá sair do seu organismo? Talvez fosse melhor irmos ao médico...

Damon sorriu, mas não foi um sorriso gentil.

— Caras como eu só terminam em um hospital de duas maneiras, Yume. Ou porque estão inconscientes ou porque já estão mortos. Eu não me encaixo em nenhum desses casos, então...

— O corte pode infeccionar.

— Queria eu que todos os meus problemas fossem um corte infeccionado, amor. — Afastei o olhar dos pontos que fiz, imaginando a cicatriz que em algumas semanas, talvez até mesmo meses, se formaria sobre a pele.

— Eu gostava dessa tatuagem. — Uma das tantas rosas antigas que ele tinha espalhadas pelo corpo.

— Eu sei — falou, com o olhar vermelho e inchado. — Assim que tudo se resolver, farei dezenas de outras, ok? Melhor ainda, eu deixarei que tatue o meu corpo...

A ideia me fascinou, de um modo que nunca pensei ser possível.

Damon não apenas me escutava, ele prestava atenção. A tudo o que eu dizia ou sentia. Até mesmo meus pensamentos, eram facilmente decifráveis por este homem.

E ele descobriu, em algum momento, que tudo dentro daquele estúdio me havia fascinado.

— Você teria coragem? — Damon me segurou pela cintura e me beijou a testa profunda e demoradamente.

Como se estivesse aliviado pra caralho por eu estar bem, mas soubesse que era uma segurança tão frágil quanto todo o restante.

— Acho que você não tem ideia das coisas que eu seria capaz de fazer por você, tem?

— Além de matar e morrer por mim? — o lembrei de suas próprias palavras.

— Sim, além disso. — Neguei, porque não tinha mesmo. — Espero que nunca precise saber, então. Porque quando se trata de você, na minha vida, eu sou capaz de tudo.

Se fosse para ser honesta, eu não queria saber.

E não estava fechando os olhos para o seu lado cruel. Ou escolhendo entre Damon e o Tempest. Eu amava os dois lados desse homem.

E permaneceria aqui por *eles*, até o fim.

Loucura ou não.

Capítulo 34

DAMON

— Está me dizendo que não sabe quem foi que colocou a droga na bebida?! — Caleb esbravejou para um dos filhos da puta caídos no chão.

Estávamos os três, em uma visita de última hora ao armazém de uma das gangues rivais da Clave. Localizada ao norte, desse lado da cidade, a BX7 era conhecida por ter relação direta com os irlandeses.

O que os deixavam com motivos suficientes para colocarem a minha cabeça a prêmio. Cobrir meu território era um deles. Talvez até mesmo o mais esperado. O mais grave, no entanto, era o dever deles de servir e obedecer a Vladimir Noirín, se esse fosse um pedido feito pelo desgraçado.

O que não duvidava.

Porque, se Astrid tivesse falado a verdade, cada acontecimento podia ser ligado diretamente ao meu tio.

Porra! O tempo estava se esgotando.

Soube, porque nos últimos dias a impressão que me dominava era a de que o cerco se fechava ao redor do meu pescoço e visão. Para todo lugar que olhava, eu podia enxergar a interferência de Vladimir.

Só precisava descobrir, antes que fosse tarde demais, qual parte da verdade ele conhecia.

Astrid o fez acreditar que havia uma mulher na minha vida. Alguém com quem realmente me importava. Como Tatiane importou para Ivan.

Ele saber disso já era um problema.

Agora, se descobrisse que a garota que me tinha em suas mãos, pertenceu a ele, então nós teríamos outro tipo de problema.

Vladimir mataria a nós dois, e o faria da forma mais violenta e dolorosa possível.

— Você está fazendo a pergunta errada, Caleb. — Apaguei o maldito cigarro que fumava, e me aproximei sem paciência. Mercúrio e ele haviam feito um bom trabalho em espancar o infeliz à minha frente.

Em outro momento, o sangue derramado no chão serviria de aviso para os infelizes que andavam com ele.

Mas, dessa vez, sangue não seria o bastante.

— O que preciso que nos diga é de que forma Vladimir entrou em contato com você — questionei, e usei o braço que não estava ferido para segurá-lo pela gola de sua camisa. A facada que levei foi apenas outro indício a somar na conta dos BX7. — Por telefone, algum dos homens dele... ou o filho da puta está na cidade?

O coitado sacudiu a cabeça, nervoso e com medo de que esse fosse o seu último dia na Terra. Infelizmente para ele, não tinha como ser de outra forma. Se o deixássemos vivo, o desgraçado se tornaria uma lembrança de que a Clave era piedosa.

O que nunca fomos.

— Um... f-foi um dos h-homens — gaguejou.

— Quando e qual deles? — O infeliz olhou para os lados. Talvez, começando a se dar conta de que eu não o espancaria como Caleb e Mercúrio fizeram, eu faria pior. — Responda-me, porra!

— Na manhã da luta, horas antes. Ele pediu... e nós fizemos.

Claro.

Porque era o que Vladimir fazia, ele nos jogava um contra os outros e nos fazia digladiar pelo osso.

— Nós precisamos ir, Damon. — Caleb me trouxe à razão, enquanto, ao fundo, sirenes e o som de viaturas eram ouvidos. Escapar na noite passada, sem qualquer perda ou um de nós nas mãos dos filhos da puta infiltrados dentro do departamento de polícia, e que atuavam sob o comando de Vladimir, foi sorte.

E não estava disposto a correr riscos agora. Não com a certeza de que o infeliz chegava cada vez mais perto.

Levantei-me, grunhindo de dor pela luta da noite passada, e, mesmo assim, peguei o fio de nylon e o desenrolei.

Devagar, enquanto planejava a morte do filho da puta a tremer de medo.

Eu não era um cara ruim, sempre usei a violência para sobreviver nas ruas.

Mas aprendi cedo também, que, em certos momentos, era preciso abrir mão da humanidade. E sucumbir ao que o sangue a correr pelas minhas veias me tornava.

Um Noirín.

Caminhei devagar ao redor do infeliz e o peguei desprevenido ao enforcá-lo. O som de grunhidos e do seu corpo se debatendo pelo chão, não fez nada por mim. Sequer trouxe-me remorso. Caleb o observou morrer, como se gostasse dessa merda. Talvez um pouco além da conta. Mercúrio, não. Sempre que possível, ele escolhia virar o rosto.

Mas nunca o julguei.

Cada um de nós tinha seus próprios demônios para lidar.

— Agora vem a parte que eu gosto. — Arranquei o isqueiro de dentro do bolso da calça e abri com a boca uma das garrafas de álcool encontradas no armazém.

— Damon, queimar esse lugar irá piorar tudo.

Foda-se, pensei. Cansado de adiar a batalha contra Vladimir enquanto jogávamos um jogo perigoso.

Estava na hora de colocar um fim a isso.

— Todos que não estão com a Clave servem a Vladimir. Não tem como essa merda ficar pior, Caleb.

Depois de anos em uma guerra silenciosa, Vladimir e eu finalmente colocaríamos as cartas na manga. Ele queria o meu sangue, para se tornar o único Noirín de pé. E adicionaria Yume a sua lista assim que descobrisse que a roubei dele.

Mas eu queria vingança.

Pelos meus pais. E pelo que esse filho da puta deve ter imaginado fazer a Yume. Conheci e vi de perto o que a sua mente doentia era capaz, e sabia como terminavam as *mercadorias* por quem ele se *apegava.*

Vladimir as destruía. Cada parte boa, cada pensamento inocente. Ele as

machucava até que suas carcaças estivessem arruinadas, e só então ele as deixava ir. Não para viverem suas vidas, mas para morrerem.

Capítulo 35

DAMON

Com a moto em alta velocidade, procurei colocar um maldito freio à mente que se mostrou tão acelerada quanto a *Kawasaki*. Percorrendo as ruas da Nova Detroit, era impossível não sentir a tensão espalhando-se pelos becos e edifícios, em sua maioria abandonados.

Anos atrás, ao erguerem a ponte com o intuito de separar os dois lados opostos da cidade, os políticos disseram que a reestruturação seria temporária. Que investimentos e a infraestrutura permaneceriam iguais, quando a verdade era que os homens poderosos dessa cidade haviam financiado a separação.

Detroit se partiu em dois territórios. E o lado sob o meu comando estava prestes a queimar. Esse era o meu aviso a Vladimir.

Que se ele continuasse tentando se aproximar ou me matar, eu revidaria. A começar pelos desgraçados que obedeciam às suas ordens.

Nossa última conversa não havia sido amigável, Vladimir esteve calado e observador. E percebia agora o motivo, o infeliz sabia ou desconfiava dos segredos que eram mantidos dele.

Com o sangue percorrendo as veias, apertei o guidão com as mãos enluvadas e ultrapassei os carros. A ferida em meu braço me impediria de lutar por alguns dias, mas não de pilotar. Ou trepar.

Porra, eu poderia até mesmo apertar um gatilho. Bastava que a oportunidade surgisse.

Tomado pela fúria, que apenas um homem conseguia me causar, diminuí a velocidade e entrei no quarteirão do ginásio.

A imagem da mulher loira, vestida como se tivesse acabado de sair de um filme com duendes e fadas, fez-me amaldiçoar o destino.

Esse era o pior momento para que essa mulher aparecesse, mas sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, ela viria.

Bella.

A infeliz nunca foi discreta em relação ao antagonismo que sentia a meu

respeito, ou ao quanto desejava ver sua pupila longe das garras do *cara mau.*

Desci da moto e retirei o capacete, indo até ela. Seu olhar corajoso e sério fez-me gelar a espinha. Com a certeza de que o que fosse que essa mulher tivesse para dizer, não seria bem recebido.

— Eu sabia que você viria, em algum maldito momento — rosnei, ainda surpreso com a sua audácia em me procurar. — O que faz aqui? — Bella hesitou e praticamente deu um passo atrás ao me ver ir até ela. Cada vez mais perto. — Se veio pela Yume, ela só chega mais tarde.

— Não estou aqui para falar com ela — disparou, intimidada.

— Claro que não. — Eu a observei, mais irritado do que curioso. — Então diga, qual é a porra do seu problema comigo? O que veio me pedir? Para que eu a deixe em paz?

Ela estremeceu, como se até o tom da minha voz a assustasse. A verdade, e para o azar de Bella, hoje não era um bom dia.

Não que pudesse prometer paciência com a mulher que claramente não me suportava e que contava os minutos pelo momento em que Yume enxergaria o quanto eu era fodido.

Sem dizer uma única palavra, Bella procurou por algo em sua bolsa de pano, segurada ao lado do seu corpo, e me estendeu alguns papéis.

— Do que se trata isso? — referi-me à carta de apresentação de algum programa de Arte qualquer, sem dar realmente importância ao que era dito ali.

— É o futuro dela — sussurrou, encolhendo-se quando alguns caras deixaram o ginásio. — É a oportunidade para que Yume tenha a chance de ter uma vida longe dessa cidade, Damon.

Longe de mim, é o que Bella queria dizer. Longe da maldita loucura que eu sentia por aquela garota.

Voltei a atenção aos papéis, e, dessa vez, meu olhar procurou pelas respostas que Bella ainda não havia me dado. Detive-me no nome de Yume e a maldita cidade para a qual essa mulher queria arrastar a japonesa: Portland[10].

No caralho do fim do mundo.

Só se fosse por cima do meu cadáver, porra.

— Saia da minha frente, Bella — grunhi, revoltado. E empurrei os malditos papéis para que pegasse.

Papéis que pareceram me queimar a pele.

Eu não queria saber nada a respeito do programa de Artes, Portland ou da infeliz à minha frente.

No que dependesse de mim, esse assunto estava encerrado.

— Você está sendo egoísta, Damon — insistiu, ao entrar na minha frente. — Yume é talentosa... e está com tanto medo de te contar que...

— Eu. Disse. Para. Você. Sair. Porra!

A vi sacudir a cabeça, como se esse fosse justamente o comportamento que esperava que eu tivesse.

— Espero que ela abra os olhos, seu bastardo egoísta, e que enxergue o filho da puta que você é! — gritou, sem medo algum. — Yume merece isso, depois de tudo o que passou... ela merece ao menos uma chance de poder escolher.

Bella se afastou, e, naquele momento, desejei ter o poder de apagar cada maldita palavra a escapar da sua boca. Apagar, ou fazê-la engolir uma a uma.

Não porque Bella mentiu, mas porque eu nunca quis que Yume tivesse outra escolha que não a de ficar comigo. E a de ser minha.

***

— O que a *bruxa loira* queria? — Caleb indagou, mostrando, finalmente, que era como todos os seres humanos: um desgraçado curioso.

Desde a época que precisou investigar a Bella, que passaria tempo suficiente com Yume para representar algum risco, Caleb chegou à conclusão de que ela era o pior tipo de mulher.

Eu não a conhecia tão bem, quanto ele ou Mercúrio, mas, desde a

primeira vez que me viu ao lado de Yume, soube que a infeliz me causaria problemas.

E vejam só, não é que estive certo?

— Ferrar comigo, é o que Bella quer. — Parei de contabilizar o dinheiro que alguns caras trouxeram na noite passada, e o encarei.

Depois da luta, encerrada de forma quase trágica, havíamos perdido algumas centenas de dólares. Que eu pretendia recuperar nas ruas, ou com algum outro roubo.

Algo grande, dessa vez.

Seria assim até o dia em que teria de volta o que era o meu. Não a parte dos negócios envolvendo os irlandeses, mas a tonelada de grana que meu pai deixou nas mãos de Vladimir.

A vingança nunca vinha desacompanhada.

— E ao que parece ela conseguiu — disse, ao se aproximar da sacada do escritório. — Ou seu mau humor se deve ao pequeno incêndio que causamos essa manhã? Alguma notícia de Vladimir?

Eu não acho que o infeliz entraria em contato apenas porque ateei fogo a um dos seus armazéns. Vladimir era maquiavélico.

— Ainda não — ladrei, ao me levantar e entregar as coordenadas do próximo trabalho que faríamos. — Peça para que Mercúrio descubra como entrar nesse prédio. Há algo lá dentro que eu quero.

Caleb pegou o papel com os códigos e o guardou, enquanto eu me aproximava da sacada do mezanino procurando pela única pessoa que realmente importava.

— Eu não preciso de ninguém me lembrando de que é errado estar com ela — disse, em um tom de voz baixo, referindo-me a visita de Bella. — Ou dizendo o quão egoísta isso me faz, porra. — Caleb respirou fundo ao meu lado. Sem dizer nada. — Mantenha os olhos naquela mulher, assim como em Yume.

— Damon.

— Não importa se você é incapaz de compreender o que sinto por essa

garota, Caleb. Basta que aceite que o lugar da Yume é aqui. Comigo.

— Eu nunca disse que não era — afirmou. — Só acho que vocês escolheram o pior momento para andar por aí, trepando igual dois animais. Achei que você daria mais tempo a Yume, merda. Que a deixaria...

— Me escolher? — O infeliz sacudiu a cabeça.

— Viver, Damon. Tudo o que Yume conhece é o que apresentamos a ela. A garota vive em uma maldita bolha, e nós dois sabemos o que irá acontecer se Vladimir a encontrar.

— Yume *é minha* — grunhi baixo, perto de matar o primeiro que contestasse essa verdade.

— Ela é... agora. Mas a marca no pulso dela, que você apagou, contava outra história.

Caralho. Eu odiava aquela marca. Dois pequenos símbolos irlandeses tatuados em vermelho, que definiam, principalmente, o seu valor no mercado de tráfico de pessoas.

Um esquema que valia bilhões de dólares, e que o faria dar um fim a qualquer ameaça em potencial. Por anos, meu pai se envolveu nos negócios. Fez dinheiro para Vladimir, cuidou para que o nome Noirín fosse mantido longe dos holofotes.

Foi assim até o dia que ele quis sair, abandonar aquela vida e deixar o país.

— Você e Bella seriam grandes aliados — falei, sentindo na boca o gosto amargo de tudo o que perdi nesse caralho de vida.

Meus pais deveriam ter tido uma chance de viverem, longe desse inferno. *Eu deveria.*

Só não sabia mais se conseguiria, não depois de afundar e sujar minhas mãos com tanto sangue.

— Sorte a sua então, que eu queira distância daquela mulher.

Caleb se afastou, com o intuito de colocar em prática o nosso próximo ataque, enquanto me deixava a sós com pensamentos assustadores. Ao mesmo

tempo que o escutava descer as escadas, uma parte ínfima do meu cérebro se questionava se o filho da puta, por acaso, não trepou com Bella enquanto a investigava.

Caleb costumava levar a sério suas responsabilidades. Às vezes, um pouco demais.

***

Ao final daquele dia, após o banho frio e necessário, vesti-me com uma calça de moletom e fui ao encontro de Yume. Encontrei-a de pé na cozinha, enquanto tirava pequenas lascas da pizza que havíamos pedido.

Quase tudo o que essa garota comia, era dessa forma.

Em pedaços picados.

— Vejo que está com fome. — Eu a rodeei, abraçando-a por trás e a fazendo se engasgar com a intensidade do meu aperto.

Fascinado pelo cheiro de sua pele, eu afastei o cabelo molhado de suas costas e a beijei na nuca. Repetidas vezes.

— Eu sempre *tô* com fome, Dam — respondeu com a boca cheia.

O corpo pequeno se deixou ser abraçado. E, dessa vez, foi na minha boca que Yume colocou o pedaço de pizza enquanto o meu olhar ia até o caderno a sua frente.

Era isso o que ela vinha fazendo durante todo o dia?

— O que são esses rabiscos? — perguntei, curioso, vendo-a fechar o caderno com força e se virar.

— Nada. Apenas... desenhos.

— E desde quando a senhorita desenha? Achei que gostasse apenas de pintar.

— E gosto. Mas andei tendo algumas ideias e... não te interessa o motivo. Ok? — Yume se afastou, levando com ela a caixa gigante da pizza e a Coca-Cola que bebia.

Com uma regata justa, apertando-lhe os seios, e uma calcinha pequena, Yume andou pelo meu maldito apartamento como se não tivesse ideia do que a visão do seu corpo nu me causava.

— Por que acho que está me escondendo algo? — Eu a segui até a varanda.

— Por que você é um pouco doido, Dam? — Sorriu e me serviu de outro pedaço de pizza, em uma óbvia tentativa de me calar a boca. — Eu não faço perguntas sobre o que você faz na rua de madrugada, faço?

A garota tinha um ponto, e ainda que estivesse e fosse curioso a respeito de tudo o que se referia a Yume, dessa vez, eu a deixei se safar. Havia muito com o que me preocupar, e vê-la feliz me bastou naquele momento.

Eu poderia ser um filho da puta egoísta, como Bella me acusou. Mas Yume queria estar aqui.

Ao menos, era o que me fazia acreditar.

— O que foi? — sussurrou, sentada à minha frente, enquanto dividíamos a pizza e a bebida. — Você ficou sério de repente.

— Estou apenas pensando. — Meu dedo traçou o canto da sua boca, suja de molho.

— Safadezas? — sussurrou, e a ponta branca do seu dente, me raspou o dedo.

Yume não era a garota inocente que imaginei ser, a safada sabia exatamente como me deixar duro. E o fazia com uma frequência absurda.

— Sem safadezas, dessa vez. — Seus olhos sorriram, e ela era a única pessoa que conhecia com a capacidade de transmitir um mundo de emoções e sentimentos, apenas com a porra do olhar.

Com segundas intenções, Yume afastou a caixa da pizza e veio para o meu colo, obrigando-me a deitar em uma das espreguiçadeiras. A mantive sobre o meu corpo, enquanto nos encarávamos e os meus dedos acariciavam a cabeleira escura.

— Esse é o momento que você diz que me ama, então? — sussurrou,

fazendo-me sorrir.

Mesmo que o mundo lá fora estivesse a um empurrão de desmoronar sobre as nossas cabeças.

— Achei que soubesse como eu me sinto.

— E sei, mas quero escutar. — Meu polegar escorregou até a sua bochecha vermelha, antes que eu a puxasse para cima, aproximando ainda mais a minha boca da dela.

— Se preciso dizer, então não estou te amando da forma certa, Yume — falei. — A impressão que tenho é que, desde que te conheço, cada palavra que sai da minha boca diz que te ama. — A garota ficou séria e, em uma fração de segundos, seus olhos marejaram.

— Não é justo, sabe? Você diz coisas bonitas em um momento, e no outro me pede para ficar de quatro. Na sua cama. E no meio da madrugada. Enquanto estou acabada de sono e exausta de tanto... fazer coisas com você — disse, repentinamente tímida. — Qual dos dois Damon está falando comigo agora?

— Os dois, amor — garanti. — E os dois ficam loucos quando você empina essa bunda gostosa no meio da madrugada. É a melhor maldita hora do meu dia.

— Quando te deixo ver minha bunda? — Sacudi a cabeça, incapaz de resistir a outro sorriso.

Porra, eu me acostumaria fácil com a nossa vida. Nossa cumplicidade. E tudo o que viria a mais, se tivéssemos a chance de permanecer juntos.

Eu queria acreditar que nada nos separaria. Mas Vladimir fodeu com tudo uma vez, e sentia que ele não deixaria barato quando descobrisse que *a mercadoria* que passou anos à procura, sempre esteve comigo.

— Quando estou dentro de você, garota. Não importa o lugar, a hora. Ou o dia.

Yume se contorceu sobre o meu corpo e, se possível, se aproximou cada vez mais da minha boca.

Apenas para que pudesse dizer:

— Sabe, esse é um ótimo momento para que você seja safado, Dam...

Yume não precisou dizer o motivo, soube pelo olhar e a cor rubra em suas bochechas, que a minha japonesa estava excitada.

Porque, se havia algo que essa garota gostava mais do que pintar, era de sexo.

YUME

Deitada sobre os lençóis, cujo cheiro de Damon ainda podia ser sentido, mantive-me acordada desde o instante em que ele se levantou no meio da madrugada e saiu. A tensão em sua voz ao atender a ligação fora de hora, deixou-me enjoada. Porque no fundo da minha mente, e com todo o meu coração, eu tive certeza de ter escutado a voz de uma mulher do outro lado da linha.

A voz *daquela* mulher.

A que esteve no ginásio e que encheu o celular dele de mensagens lembrando-o como eram bons juntos na cama.

Com um gosto amargo na boca, e incapaz de me levantar ou lidar com o ciúme que sentia, eu ainda tentei voltar a dormir, mas foi impossível.

Meu cérebro continuou a imaginar e criar cenários, além de motivos, a fazer com que Damon deixasse a nossa cama e fosse até ela.

Com meu próprio celular em mãos, enviei uma mensagem a Mercúrio, o avisando de que abriria o ginásio essa manhã. Eu não iria conseguir dormir de qualquer maneira e trabalhar ajudava-me a não pensar.

Tudo bem, pequena Yume. Mas tome cuidado.

Foi a resposta que recebi, quase que instantaneamente.

Para não me atrasar, peguei as chaves, o celular e a mochila. Detive-me no último instante ao ver que Damon havia esquecido seu isqueiro sobre a bancada da cozinha.

Incerta se o levava ou não comigo, eu o enfiei no bolso do meu casaco e desci o elevador. O ar frio da Nova Detroit deu-me boas-vindas no instante em que meus pés tocaram a calçada.

O vento girou em círculos e estava tão afiado, que meu rosto sofreu as

consequências da poeira sendo arrastada. A manhã não estava escura, apesar da temperatura baixa, e por todo o caminho até o ginásio meus pensamentos foram e voltaram na direção do Damon.

Não vou mentir, desde o dia que fui perseguida pelo *SUV* azul, sair na rua sozinha, deixava-me apavorada. Não que tivesse compartilhado o medo com qualquer um dos três, porque sabia que eles mais do que depressa resolveriam a questão.

E eu não precisava de um quarto integrante, fazendo-me sentir sufocada ou ser 24 horas por dia... vigiada.

Aliviada por chegar em segurança, e com alguns minutos livres antes que tivesse que abrir o ginásio, eu entrei e fechei a porta pesada. O som no andar superior fez-me pensar que se tratava de Caleb ou Damon.

Ainda sonolenta e sem pensar direito, eu apenas subi as escadas e procurei por qualquer um deles. Mas me detive por completo, no instante em que o meu olhar atravessou o mezanino e se deparou com o pior dos meus pesadelos.

Baba Yaga.

Não, não podia ser, pensei ao recuar diante do homem que, de forma quase premonitória, sempre voltaria para me buscar.

Era o que monstros faziam, afinal.

Sequestravam garotinhas e as machucavam.

— Finalmente voltamos a nos encontrar, *mo pháiste*[11]. — A voz baixa congelou-me os ossos e a alma.

Enquanto eu derrubava um punhado de objetos, quase tropeçando, ao me questionar ilusoriamente se esse não era outro dos tantos pesadelos que tive ao longo dos anos.

Por favor, que fosse um sonho ruim.

Por favor.

Que Baba Yaga *não tivesse me encontrado.*

Não agora.

— Espero que o seu silêncio seja um sinal de que está pronta para voltar de onde nunca deveria ter escapado, *tú mishásta*[12]. Porque irei te levar, viva ou morta. É você quem escolhe.

Capítulo 36

DAMON

Caralho. Amaldiçoei ao entrar no apartamento de Astrid, incapaz de afastar o mau pressentimento, que está me atormentando há dias. Não era a primeira vez que a sensação de que a minha vida estava prestes a mudar, se infiltrava nos meus ossos e trazia à superfície toneladas de agitação.

A Clave era uma família, me fortaleci dentro dela, e cada homem que aceitava se juntar a nós, o fazia com a consciência de que *merdas poderiam acontecer*.

A morte era uma delas.

Mas com Yume era diferente.

A garota não pediu para fazer parte do mundo em que vivíamos, mesmo que o seu destino tivesse um péssimo senso de humor. Ao fazer, principalmente, com que nossos caminhos se cruzassem mesmo depois que eu a deixei ir.

Aflito desde o momento em que Astrid telefonou, cerca de uma hora atrás, não foi nenhuma surpresa me deparar com o estado em que se encontrava o apartamento dela. E, enquanto andava por sobre objetos e móveis destruídos, comecei a questionar a minha própria decisão de atravessar toda a maldita cidade, apenas para socorrer a mulher que eu mesmo havia ameaçado de morte uma dezena de vezes.

Você não é como ele. A voz, que sempre tentava me trazer de volta à realidade, sussurrou dentro da minha cabeça. Mas havia um limite a ser respeitado antes que me tornasse como Vladimir. E não o respeitei. As dezenas de vidas que arranquei em seu nome, não estavam preocupadas se os assassinei com ou sem motivo.

Nada, nem mesmo o bem que fiz aos caras da Clave, ao ensiná-los a como sobreviver nas ruas, limparia a minha conta.

Porra, eu roubei Yume dele. A tornei minha. Mantendo-a no alto da torre forjada do edifício mais alto. Enquanto mentia para ela noite após noite, que, por dentro, eu era tão monstruoso ou violento quanto o filho da puta de quem ela

fugiu.

Com a mente envenenada, tive certeza de que vir até aqui, sozinho, fora um erro. E que o sangue *arrastado* pelo carpete claro era todo o alerta de que precisava.

Uma razão, mais do que aceitável, pelo qual Astrid contrariou nosso acordo e voltou a entrar em contato comigo.

Com a arma empunhada, averiguei o apartamento. Até me deter em frente ao seu quarto, onde estive diversas outras vezes, porque era para o interior que o sangue indicava.

Infelizmente, para Astrid, eu soube como eu a encontraria. Soube porque conhecia o seu assassino como conhecia a mim mesmo, porra.

E ao empurrar a porta, o sangue no chão tornou-se mais evidente. Como se eles a tivessem ferido antes de efetuarem o tiro de misericórdia, que acabou não apenas com o seu sofrimento.

Mas com a sua capacidade de falar mais do que deveria.

Devagar, o meu olhar se ergueu até a cama. Não porque havia algo dentro de mim, que se satisfizesse com a tortura, e sim porque precisava ter certeza do que havia acontecido. E se o que Astrid disse tão desesperadamente querer falar comigo, poderia ser descoberto.

— Você não me chamou porque queria que eu a salvasse — grunhi baixo e somei a visão do corpo sem vida de Astrid a centena de outras imagens semelhantes.

O que me enfureceu até a alma, e me fez perceber que havia caído em uma fodida armadilha, foi a certeza de que Vladimir me queria aqui. O esforço feito para que a cena diante de mim me fizesse lembrar da morte de Ivan e Tatiane não passou despercebido.

O filho da puta era mesmo um sádico, pensei, ao sentir o meu próprio sangue ser contaminado pelo infeliz. Porque foi o que Vladimir fez por anos. Ele criou o ódio que me sentia corroer dia após dia.

O alimentou com violência e mortes.

E se não fosse por Yume na minha vida, eu não teria me importado de ser exatamente o que ele me fez. Aquela garota me salvou de um destino sem volta, o problema é que, para salvá-la, eu precisaria me banhar no mesmo fodido sangue que derramei.

E me tornar o que tanto a assustava.

Com o olhar fixado ao corpo sobre a cama, cheguei à conclusão de que essa era a forma que Vladimir encontrou de entregar o seu próprio aviso.

Eu matarei todos.

Até chegar em você.

Atordoado demais para ser capaz de raciocinar com alguma clareza, tentei entrar em contato com Caleb, que desde a noite passada permanecia incomunicável. Em seguida, tomado pela frustração, telefonei para Mercúrio.

A essa hora, ele e Yume deveriam estar no ginásio.

— Ela está com você? — perguntei assim que atendeu.

— *Calma... você se refere a Yume?*

— Está ou não, Mercúrio? Que porra! — Andei pelo quarto, à procura de evidências ou alguma prova que poderia ter sido deixada por Vladimir.

Não que precisasse de provas, mas se pretendia foder com o desgraçado, eu precisaria estar um passo à frente dele.

— *Não, cara. Yume me enviou uma mensagem há algum tempo, dizendo que abriria o ginásio mais cedo...*

Filha da mãe!

— *O que aconteceu, Damon?* — perguntou, preocupado enquanto eu refazia meus passos. Rumo à saída do maldito apartamento.

Quais as chances de tudo isso ter sido realmente planejado? E o que Vladimir pretendia ao me trazer até aqui?

Foda-se, porque Yume e eu tínhamos acabado de entregar em suas mãos a oportunidade perfeita para a nossa destruição.

— Astrid está morta.

Mercúrio xingou e inspirou profundamente no outro lado da linha.

— Preciso que vá até o ginásio e a encontre, Mercúrio — ordenei, ao descer o elevador. — E por tudo o que é mais sagrado, porra, não saia de perto dela até que eu chegue!

Encerrei a ligação, e subi na *Kawasaki*. Acelerei-a para fora do prédio em uma velocidade que, ou me faria chegar até Yume antes que Vladimir tivesse a chance de alcançá-la.

Ou me mataria pelo caminho.

Porra. Eu escolheria esse destino mil vezes se aquela garota fosse arrancada da minha vida. Foi esse o pensamento que me fez, ultrapassar uma dezena de carros pelo trajeto.

O céu escuro sobre minha cabeça ameaçou desabar a qualquer momento tornando as ruas desse lado da cidade ainda mais sombrias. O silêncio soturno pareceu me acompanhar, como se o seu desejo fosse o de sussurrar os piores cenários imagináveis antes que eu a encontrasse.

A fúria penetrou minha carne, misturando-se ao veneno que tomei por anos.

Eu o mataria, caralho.

Bastava que o desgraçado chegasse perto dela ou tocasse um só fio de seu cabelo, e eu o mataria. E, pela primeira vez, não seriam os meus pais a motivação.

Seria ela.

A garota que me trouxe de volta à vida depois de anos em tempestade por dentro.

Capítulo 37

YUME

Como se protagonizasse outro de meus pesadelos, cada centímetro do meu corpo paralisou. Do corpo à mente, vi-me incapaz de raciocinar ou escapar.

Não dessa vez.

Meus pés pareciam acorrentados ao chão, e as batidas, cada vez mais violentas dentro do peito, anunciavam em gritos que esse não era um sonho ruim.

Baba Yaga não era uma memória cruel criada pelo meu cérebro, uma tentativa de me manter presa a ele, mesmo a distância.

O monstro era real.

Tão palpável quanto se tornou o meu pânico.

Mas se ele era real, por que me senti afundar nessa neblina escura? Sendo sugada pelo chão, como se tudo ao redor tivesse se tornado areia movediça enquanto sua voz, sempre baixa e maligna, anestesiava-me por dentro?

Cada passo que o monstro deu na minha direção me roubou o fôlego. Como se esse homem tivesse a capacidade de fazer com que me sentisse morta por dentro.

E perto dele, isso era tudo o que sempre desejei: a morte.

O único destino que o impediria de me machucar como seus olhos prometiam e almejavam fazer.

— Você não é real — sussurrei, fechando os olhos. — Você não pode ser real.

Pensei em Damon. No que estávamos vivendo. Na sensação de pertencer a alguém que eu amava. E em cada promessa que me fez.

Damon não suportaria me perder, como eu também não conseguiria viver uma vida afastada dele.

— Você é apenas outro pesadelo... um sonho ruim... — tentei me convencer ao estender o braço, para o impedir de me alcançar.

Meu corpo continuou a recuar, de forma instintiva e assustada. E mesmo

sem olhar para trás, soube que, se ele desejasse, com um empurrão na direção da sacada, eu estaria morta.

Baba Yaga não estava indiferente à possibilidade, porque, pela primeira vez, eu o vi sorrir. Só que de forma tão perversa que minha respiração falhou. Nunca, nem mesmo em três anos, esqueci-me da aparência desse homem; seu rosto rígido, o cabelo praticamente raspado.

Vê-lo sempre na escuridão, não me roubou qualquer detalhe desse maldito. Porque, pelo tempo em que estive presa aquele quarto, *Baba Yaga* foi tudo o que vi.

Seus jogos, seu toque.

As vezes em que tive que implorar para ter algo o que comer.

Sem forças para enfrentá-lo, senti minhas pernas bambearem, a ponto de cair. Prestes a me encolher e fechar os olhos, mesmo que estivesse ciente de que nada o faria desaparecer.

Baba Yaga era real.

E o seu toque também foi.

— N-não, por favor — supliquei, ao ser agarrada pelo cabelo apenas para que o meu rosto fosse puxado para cima e eu pudesse vê-lo de perto.

Desde o corpo magro, apesar de musculoso. Até o azul dos olhos, repentina e assustadoramente familiar.

Por Deus.

— Você... — Uma onda de enjoo se apossou do meu estômago porque eu conhecia esses olhos. — Você tem os olhos dele.

Os olhos do *meu Damon*. Do mesmo homem que dormia comigo todas as noites. Olhos que por três anos foram toda a minha segurança.

Mas como?

Baba Yaga sorriu ao se dar conta do espanto em minha voz e no meu rosto, forçando-me a ficar de pé. Como se tudo fosse um jogo extremamente divertido para ele.

E enquanto o meu cérebro tentou encontrar outras semelhanças ou até

mesmo descobrir que loucura era esta acontecendo com as minhas memórias, eu notei que, por baixo da camisa social escura que usava, havia um punhado de tatuagens.

Em seu pescoço, braços.

Tatuagens que na imensidão escura em que este homem me manteve por meses, nunca fui capaz de enxergar.

Atordoada, eu sacudi a cabeça. Sentindo-me pouco a pouco enlouquecer. Vladimir tinha esse efeito sobre mim.

— Olhar para mim deve ser assustador, certo? — rosnou devagar.

Porque era dessa forma que *Baba Yaga* me colocava medo.

Ao ser propositalmente sereno.

— Posso ver que está confusa. — A mão com um único anel, acariciou meu rosto deixando-me apavorada. — Não se preocupe, *mo pháiste*. Porque, antes de te levar comigo, eu pretendo te contar cada detalhe da verdade que Damon Noirín tem escondido de você, querida.

Noirín?

— Nada do que tem para dizer... me interessa — balbuciei, ciente de que ele era bom em envenenar as pessoas. — E está louco se acha que irei a algum maldito lugar com você — sussurrei, prometendo a mim mesma lutar.

Nunca fui uma desistente, e não começaria agora. Vinha lutando por sobrevivência desde pequena. Escapar do serviço social foi o meu primeiro grito de independência. E não importava *se fugir* tenha se tornado fácil ou um maldito hábito na minha vida.

De *Baba Yaga* e do destino que ele me prometia, eu fugiria uma centena de vezes mais se fosse preciso.

— É o que veremos — respondeu, tão controlado que me perguntei se havia sentimentos ou emoção por trás da expressão demoníaca em seu rosto. — Diga-me, querida. Faz ideia do que seja isso?

Confusa, eu olhei para o pedaço de pano preto que *Baba Yaga* segurava. E ao ser empurrada, em direção ao chão, meu primeiro impulso foi o de recuar

enquanto o assistia colocar... a máscara que me aterrorizou por todos esses anos.

Uma máscara que não tinha como pertencer a *Baba Yaga*. Porque a voz que escutei me alcançar naquela floresta não era a dele. Eu a teria reconhecido.

Corra, menina. Não olhe para trás. Porque, se eu te alcançar, você estará de volta ao inferno.

Tudo o que fiz depois de a escutar, foi correr. Mas assim como nunca fui capaz de esquecer de *Baba Yaga* e suas ameaças, fui incapaz de esquecer do Mascarado.

— Um passarinho irritante me contou que você a reconhece. — O monstro se abaixou e me segurou o queixo. — O mais importante nessa história, no entanto, é se você sabe a quem ela pertence...

Prendi a respiração. Até mesmo estar perto desse homem era nocivo, porque, por dentro, sentia-me como se estivesse murchando como uma rosa febril.

Folha por folha.

Em pânico, olhei ao redor, fugindo do seu rosto coberto pela máscara. E me deparei com todo o escritório revirado. Além do cheiro forte de gasolina, que impregnava o lugar.

Ele iria atear fogo ao ginásio.

O terror me invadiu, de forma ainda mais violenta. E ainda que tentasse encontrar dentro do meu cérebro alguma solução, tudo o que fiz foi voltar a encarar *Baba Yaga* e pensar em sua pergunta.

O fogo poderia esperar.

O inferno também.

— Ficou curiosa, estou certo? — Ele se aproximou ainda mais. — E se eu te disser que o filho da puta que te perseguiu por toda a floresta no dia em que você fugiu, é o mesmo desgraçado com quem você tem trepado? — O absurdo por trás de suas palavras, tiveram o mesmo efeito que seus dedos ao afundarem no meu rosto.

Baba Yaga me arranhou a pele da bochecha como se desejasse esmagar

cada osso do meu rosto. Ele o fez para machucar, e me lembrar como costumava ser quando eu não passava de uma mercadoria que o pertencia.

Nervosa, meu próprio cérebro fez ligações acerca da verdade para o qual eu não me achava preparada.

Os olhos semelhantes.

A máscara.

As perguntas que Damon nunca me fez.

— Dói, não é? Ser enganada. — Doía, mesmo que tudo ainda estivesse confuso. Doía, porque, se o que *Baba Yaga* dizia fosse verdade, Damon havia mentido.

Desde o primeiro momento, cada interação. Cada juramento e olhar. O meu amor por ele. Tudo se tornaria um emaranhado cruel de mentiras.

Nada seria real.

Ele não seria.

— Vê a ironia, *mo pháiste?* — Não, eu não via, pensei, ao me arrastar pelo chão. — Fugir de mim para terminar como uma marionete do meu sobrinho. O filho da puta que carrega não apenas o meu sangue, como todo o meu legado.

Sobrinho.

Damon era... sobrinho do meu maior pesadelo?

Sacudi a cabeça, não querendo ou podendo acreditar. Mas quanto mais pensava, mais sentido tudo fazia.

O mascarado me deixou ir, apenas para que Damon pudesse *me salvar* dias depois. Mas ele não me salvou, certo?

Eu vivia em uma fodida prisão, a diferença era que o monstro que a governava deixava-me sair e ver o sol. Porque sabia que, como uma dependente, eu voltaria para ele.

Atordoada, senti-me sair do ar. Como se, de repente, meu corpo não pudesse ou quisesse lidar com mais nada.

Muito menos a verdade.

— Veja como ele e eu somos parecidos, querida. Damon te manteve no escuro, não foi? — murmurou, satisfeito. Apreciando me ver desesperada. — Assim como ele me manteve a seu respeito. Te escondendo ao invés de me devolvê-la. — Fui agarrada pelo cabelo de modo rude e arrastada pelo cômodo. — Veja bem, não é agradável ser roubado pelo próprio sobrinho... tampouco descobrir pela boca de uma vagabunda qualquer que a *minha mercadoria* sofreu danos irreversíveis.

Engoli a onda de náusea, porque sabia ao que esse infeliz se referia.

A minha virgindade.

— Eu não sou uma... mercadoria...

— Eu te comprei, porra! — grunhiu, alterado ao me jogar contra o chão. — Poderia ter ganhado milhares de dólares com sua boceta, mas *eu* a comprei, e como sou recompensado? — O tapa que *Baba Yaga* deixou no meu rosto doeu menos do que descobrir quem Damon era.

Assim como os chutes que ele desferiu no meu estômago e pernas em seguida.

— Eu deveria ter imaginado que Damon usaria você contra mim. Vingança é o que aquele filho da puta quer... e vingança é o que darei a ele.

Assustada e morrendo de dor, eu me arrastei em direção às escadas em uma tentativa de escapar. Mas o monstro me puxou para trás.

E se abaixou até sua boca me alcançar o pescoço.

— Viva ou morta, se lembra? Mas mudei de ideia, a escolha não será sua. —*Baba Yaga* me ergueu puxando-me pelas roupas e o cabelo até o andar inferior.

Desorientada, as lágrimas me impediram de ver com clareza o que acontecia ao redor. E no andar de baixo o cheiro de gasolina tornou-se ainda mais forte. Tentei compreender o que acontecia, enquanto gemia de dor, até que me vi rodeada por homens espalhando o líquido escuro pelo ginásio.

— Vai doer mais para o meu sobrinho saber que possuo você, do que voltar e encontrar o seu corpo sem vida. Damon já se recuperou da morte uma

vez, *mo pháiste*, mas nunca... irá se recuperar da culpa por não ter estado aqui para me impedir de levá-la. Ou se perdoará por saber que darei a você o mesmo destino que dei a todas as mulheres a passarem pela minha cama. — Fui empurrada e cada centímetro do meu corpo protestou.

Sensível. Machucado. Fraco.

Prestes a cair, segurei-me ao meu próprio moletom sentindo o isqueiro de Damon cair. Meu olhar focou, desesperado, no metal a rolar para longe, e, de repente, o impensável passou pela minha cabeça.

E se fosse eu a queimar este lugar?

Não quando *Baba Yaga* desejasse, mas antes que ele tivesse a chance de me afastar de Damon.

Viva ou morta.

Com os olhos vidrados no isqueiro, eu escutei o monstro rir da minha tentativa inútil de o alcançar. A sola do seu sapato, afastou-me o isqueiro e o jogou para longe ao mesmo tempo em que ele ia e vinha disparando ordens a seus homens.

Nervosa, eu não me rendi. E na primeira oportunidade que tive, me arrastei até o isqueiro e o apertei entre os meus dedos. Ciente de que era observada por todos, mas não importava.

Bastava que eu fosse rápida, pensei, verificando o arredor. Havia homens demais, assim como armas.

Certa de que teria apenas uma chance, eu respirei fundo e acendi o maldito isqueiro, jogando-o na direção de *Baba Yaga*, que conversava asperamente com um filho da puta a segurar um galão inteiro de gasolina. Com o fogo rapidamente subindo pelas pernas do infeliz, eu corri o mais rápido que pude em direção as escadas.

Sair do ginásio não era uma opção, com a segurança à espera de *Baba Yaga* restou-me tentar escapar pelo terraço e as escadas de emergência no lado de fora da estrutura antiga e já danificada do prédio.

Mesmo sem olhar para trás, porém, soube que esse era um plano falho no

momento em que escutei a voz assustadora de *Baba Yaga* a me alcançar a espinha. Assim como os seus passos.

Atingido ou não pelo fogo, o infeliz me seguiu pelas escadas obrigando-me a me trancar no lado de dentro do banheiro apertado do mezanino.

Com a respiração cada vez mais acelerada, procurei pelo meu celular em algum dos bolsos deparando-me finalmente com o sangue nas minhas mãos, e em outras partes do corpo.

— Droga — chiei baixinho, ao me dar conta de que o aparelho não se encontrava comigo.

Em algum momento desde o instante em que avistei *Baba Yaga*, acho que o havia deixado cair. Tomada pelo pânico, o suor se infiltrou sobre a minha pele. Não de forma natural, foi mais como se o lugar inteiro queimasse.

O que fazia sentido, pensei, ao olhar para a fresta da porta e ver a fumaça entrando por ela.

— Eu amo finais trágicos, *mo pháiste*. — A voz de *Baba Yaga* atingiu-me a alma deixando-me cada vez mais assustada, porque não havia a menor possibilidade de sair daqui. Não se esse lugar implodisse. — E é o que você está me dando. A chance de destruir tudo o que Damon mais ama nessa vida.

Sacudi a cabeça, e cobri a boca e o nariz completamente sufocada.

Nenhum outro som foi ouvido no lado de fora, e apoiada contra a parede oposta à da porta, incapaz de me proteger do fogo ou do calor a se alastrar pelas paredes, tive a certeza de que aquele era o dia em que eu morreria.

DAMON

Avistei a fumaça escura no instante em que me aproximei do quarteirão do ginásio. As mãos ao redor no guidão apertaram-se com violência. Como se soubessem, antes mesmo do restante do meu corpo, que algo sério havia acontecido.

Não ao ginásio.

Mas à garota que carregava a minha humanidade em suas mãos.

Nervoso ao confirmar a suspeita, e me deparar com um cerco de pessoas ao redor do prédio, eu praticamente saltei da moto e passei por todos eles, ignorando a tentativa de outro cara me deter e me impedir de ir atrás de Yume.

Assim que entrei, no ambiente tomado pelo fogo, avistei Mercúrio com a camisa enrolada ao redor do rosto. Fiz o mesmo, em uma tentativa de não inalar a fumaça escura.

Enquanto partes da estrutura que mantinham o ginásio de pé desabavam ao redor.

— Você a viu? — Ele negou, e acenou com o dedo, como se explicasse que cuidaria do andar de baixo.

Correndo contra o tempo, passei pelos móveis e parte do teto que havia começado a cair e que, em questão de minutos, desabaria por completo. Com a fumaça cobrindo-me os olhos, eu subi as escadas, deparando-me no chão com a prova de que Yume esteve ou ainda estava em algum maldito lugar dentro desse ginásio.

Seu celular jogado ou esquecido, com o visor da tela quebrado como se alguém o tivesse esmagado com os pés.

Aquele foi o momento em que me dei conta de que Yume poderia estar tanto morta quanto desaparecida.

E que se Vladimir a tivesse levado, eu provavelmente jamais voltaria a

vê-la.

Com o seu celular em mãos, eu ainda tentei ligar a lanterna, a fim de clarear minimamente o ambiente. Já sem qualquer esperança, dirigi-me ao banheiro, encontrando-o trancado por dentro.

Caralho.

— Aqui em cima, Mercúrio! — gritei, ciente de que precisaria de ajuda. — Agora!

Sem me importar com o braço ferido, eu tentei arrombar a porta coberta por fuligem com o corpo. A estrutura rija estremeceu, mas não cedeu. Fiz outra tentativa enquanto chamava por Yume, à espera de que me respondesse.

O desespero ameaçou me paralisar, pela segunda vez na vida, ao me ver rodeado pelo silêncio vazio que apenas a morte possuía.

— Responda-me, Yume. Que caralho!

— Deixe-me ajudar — Mercúrio pediu ao se aproximar. E tudo o que enxerguei foram seus olhos igualmente preocupados.

Ao vê-lo se jogar contra a porta, senti que era a maldita chuva a cair por quase todo o caminho até aqui a fazer com que as chamas não se alastrassem ainda mais. A fumaça preta persistiu. Mas se houvesse chamas ao invés dela, Mercúrio e eu jamais teríamos conseguido entrar.

Com o pulmão carregado, tossir foi inevitável. E ao ver que Mercúrio se cansava, eu comecei a chutar. Temendo machucar ainda mais Yume, no instante em que a porta viesse ao chão.

Quando aconteceu, a primeira coisa com que meus olhos se depararam foi com ela caída. Inconsciente, Yume jamais teria conseguido me responder.

Imóvel, como se já não houvesse vida em seu corpo, senti que a minha própria existência me abandonava esvaindo-se pelos poros.

Esse foi o momento em que um Caleb desesperado passou por mim e ajudou Mercúrio a retirar Yume lá de dentro.

Ao se virar, já com ela em seus braços, Caleb se deteve.

— Nós precisamos tirá-la daqui, D. — Ele me passou o corpo de Yume.

— Ela ainda respira, cara — me acalmou, da forma como pôde.

Desci as escadas, sem me importar que o lugar que construímos estava perto de ruir. Parede a parede. Nos afastamos assim que chegamos à calçada, e assim que consegui colocá-la no banco de trás do carro de Caleb soube que precisaria tomar uma decisão.

— Fique viva! — exigi contra o seu cabelo, mantendo-a em meu colo enquanto me deixava criar esperanças por simplesmente ser capaz de sentir sua frequência cardíaca. Mesmo que fraca. — Fique viva, por mim, amor. — Yume não reagiu, e não acho que ela o faria tão cedo. Havia queimaduras em um de seus braços. E sangue em suas roupas. Vladimir não apenas tentou matá-la, ele a machucou. — Sou capaz de te matar se me deixar, porra! Você me ouviu?

Eu esperava que sim. Porque nunca falei tão sério em toda a minha vida.

Capítulo 39

DAMON

Com os braços apoiados sobre as pernas, observei Bella cuidar de Yume. Estávamos presos a esse quarto há um dia inteiro, a queimadura em seu braço havia sido limpa e tratada. E se mostrou menos grave do que imaginei a princípio, o que me preocupava nesse momento, no entanto, era o fato de que, desde que a trouxemos para o apartamento, Yume permaneceu *indo e vindo*, acorrentada a seus medos.

Sem acordar ou até mesmo se alimentar.

— Nós deveríamos levá-la ao hospital — Caleb disse, pela enésima vez, ao se jogar na poltrona ao meu lado. — E você, precisa descansar. Vladimir ainda está lá fora, Damon.

Lembrou-me, como se eu não soubesse ou tivesse pensado em pelo menos mil formas diferentes de o matar desde o instante em que peguei Yume nos braços, acreditando, por uma fração de segundos, que eu a havia perdido para sempre.

Caralho, eu ainda me sentia dessa forma. Como se não importasse seu coração estar batendo e ela respirando, Yume jamais voltaria a ser minha.

Vladimir mudou tudo.

O infeliz me destinou a uma vida cujo único objetivo seria o de caçá-lo até seus últimos dias.

— Não — ladrei de volta. — E se tem amor à vida, não volte a sugerir uma merda dessas ou me lembrar de que aquele filho da puta ainda respira. Não agora, Caleb.

Bella olhou em nossa direção e, em seguida, se voltou para Yume. Que, naquele mesmo momento, balbuciou palavras confusas que, para mim e Caleb, fizeram todo o sentido.

— Ele... ele está aqui. — A voz da japonesa se fez ser ouvida em outro dos seus delírios, que haviam persistido por toda a noite. Assim como a febre.

— Não há ninguém, Yume — Bella sussurrou, a fim de acalmá-la. — Só

nós duas.

Yume se debateu sobre os lençóis, com seus olhos ainda fechados.

— *Baba... Yaga...* ele está! — Eu a vi se contorcer, em dor.

E o seu sofrimento bastou para que me levantasse.

— Dê algo para que a dor passe — exigi a Bella.

Porque a sensação de Yume sofrendo, ainda inconsciente, era a mesma que a de levar uma facada e tê-la rasgando-me em um imenso corte. Merda, eu não me importaria de ter a pele perfurada um milhão de vezes mais, desde que essa garota não sentisse nada.

Sem dores ou tristeza.

— Fiz todo o possível, Damon — deixou claro. — E droga, eu nem sou enfermeira! Ninguém aqui é, e se realmente se importa com ela... você deveria tê-la levado a um hospital.

Eu a encarei.

Yume quase havia morrido, um pouco mais inalando aquela maldita fumaça e seu corpo inteiro teria sucumbido ao incêndio. Caleb e Mercúrio estavam lidando com a parte burocrática, na medida do possível. Bombeiros, polícia. O seguro que não tínhamos.

Foda-se porque não havia nada nesse momento que me importasse mais do que Yume, e o seu coração que seguia batendo.

Porque era dele que eu tirava o que precisava para estar aqui. Lutando por ela.

— Então me traga algum enfermeiro, eu pago o que for... desde que Yume tenha alguém que possa lidar com seus ferimentos e descubra por que ela ainda não voltou para mim!

Não era a primeira vez que questionava a minha própria lucidez. Não ajudava que Caleb e Bella me encarassem como se eu já tivesse ultrapassado todas as barreiras de sanidade possíveis, e enlouquecido.

Quando a verdade é que Vladimir Noirín possuía o poder de trazer o meu pior à tona, mas, pela primeira vez, era o pior que eu desejava sentir. Na pele, na

alma. Em cada parte vazia do meu fodido corpo. Porque essa raiva, esse ódio destrutivo, é o que me faria o matar.

Sem remorso ou culpa.

— Saia, Damon — Bella disse ao ver que eu estava alterado. E por alguma razão, essa mulher ainda não confiava em mim. Não no que se referia a Yume. — Quer que eu permaneça aqui? Então me deixe a sós com ela, Damon. Porque tudo o que está acontecendo é culpa sua... um pouco mais e você poderia ter destruído a vida dessa garota!

Não sei o que me fez avançar, e tampouco dizer o que seria capaz de fazer se essa mulher não calasse a boca, ou se Caleb não tivesse me detido no último momento.

— Ela só está ajudando, cara. — Me deteve, ao simplesmente apoiar uma das mãos em meu ombro.

Traídor filho da puta, pensei, ao descer as escadas. Certo de que perdia a razão um pouco mais a cada minuto que passava. Andar de um lado a outro não foi suficiente, fumar também não. E, sem Yume para me impedir ou me lembrar de que eu não tinha acesso ao seu estúdio, fui atrás dela no único cômodo dessa casa que poderia senti-la viva.

Assim que entrei e acendi as lâmpadas, cada tela ganhou vida diante de mim. Um dia inteiro, era o tempo que Yume não reagia, e sentia como se fosse uma eternidade inteira. Caminhei com cuidado pelo interior do estúdio, e me encontrei rapidamente rodeado por seus sorrisos. Sua voz. O cheiro de sua pele.

Inconsciente ou não, procurei pela tela em que fui retratado, encontrando-a destruída em um canto escuro do quarto.

A sensação de ser esfaqueado?

Não foi por acaso.

Porque foi dessa forma que encontrei a tela, rasgada fora a fora. Como se Yume tivesse usado a porra de uma faca ou até mesmo um estilete para afastar o homem mascarado que a perseguia em seus sonhos.

— Eu só quis te proteger, amor — falei para o vazio do quarto. — Desde

a primeira vez que te vi, tudo o que quis foi te arrancar daquele inferno. Só espero que, quando souber a verdade, você consiga me perdoar por cada mentira que contei.

Porque foram muitas.

E não acho que Yume saberia lidar com metade delas.

***

Deitado sobre a poltrona, com as pernas afastadas, acabei em um *quase sono*. Que me fez acordar agitado de tempos em tempos, como se estivesse prestes a cair. Incapaz de me manter afastado, a cada oportunidade que tinha, eu me rodeava dessa garota.

Em uma constante vigilância.

Caleb e Mercúrio também se mantiveram por perto. Indo e vindo, enquanto tentavam descobrir a localização de Vladimir.

Ou algum meio de o alcançar.

Fosse do seu lado da cidade, ou no meu.

Enquanto o momento não chegava, e Yume permanecia desacordada, restava-me esperar.

Bella, a quem solicitei que Caleb trouxesse para ajudar, havia ido para casa horas atrás. Com a promessa de que estaria de volta assim que possível. Odiando-me mais do que o de costume, só permiti que a mulher se mantivesse por perto porque era egoísta com tudo o que envolvia Yume, inclusive o seu bem-estar.

E para que essa garota pudesse voltar para mim, do esconderijo para onde sua mente a levou, eu não me importaria de lidar com Bella ou quem mais fosse preciso.

Despertei, depois de horas preso a esse limbo. Sem paz alguma e inquieto até os ossos, escutei o som do corpo de Yume se revirando sobre a cama. Pequenos murmúrios enquanto ela se contorcia em dor e pânico. Levantei-me da

poltrona sem pensar direito e segui até ela.

— Yume? Acorde, amor.

Eu a toquei com cautela, furioso com o quão fácil foi para Vladimir machucá-la. Um hematoma começava a se formar em seu estômago, assim como seu rosto e pernas. Mas era a queimadura avermelhada no seu braço que me preocupava. Poderia ser ela a causadora da febre de Yume, uma febre que remédio nenhum havia sanado até o momento.

— Yume? — insisti, querendo acabar com o seu tormento.

Como se estivesse revivendo algum de seus tantos pesadelos, ela se agitou afastando-se do meu toque e se encolhendo em um canto da cama. Quando a japonesa finalmente abriu seus olhos, não foi alívio o que ela sentiu por me ver diante da sua cama.

Foi pavor. Do tipo mais visceral e assustador possível.

— Acalma-se. Sou eu. — Sua cabeça foi de um lado a outro, enquanto lágrimas escorriam pelas bochechas pálidas.

Aterrorizada, Yume fitou o seu próprio braço e cada uma de suas feridas, a dor a atravessar os seus olhos, deixou claro que ela se lembrava de tudo.

— Não é apenas você — sussurrou, ao voltar a me encarar. — Porque você mentiu, Dam!

Seu choro inundou as palavras a lhe escaparem pela boca. Yume estava uma bagunça dilacerada e quebrada, e, dessa vez, não estava certo se conseguiria salvá-la. Porque o ódio sendo disparado do seu olhar, na minha direção, foi algo que nunca presenciei antes.

Yume já sentiu raiva, ciúme.

Mas nunca esse tipo de ódio ou medo.

— Aquele homem, *Baba Yaga*... ele me contou tudo.

Congelei por inteiro, ciente de que a partir desse ponto não haveria volta. Porque, do momento em que começássemos a ter essa maldita conversa, cada mentira e omissão viriam à tona.

Assim como o quão longe fui para manter essa garota segura.

— Era você... todo esse tempo, o mascarado... — Ela se agitou sobre a cama, forçando-me a conter o seu corpo antes que pudesse se machucar ainda mais.

Me aproximar dela, porém, mostrou-se rapidamente ser um erro. Porque Yume não aceitou ser contida ou segurada. Não pelas mãos do miserável que a aterrizou dentro daquela floresta.

Uma ordem, foi o que eu havia recebido de Vladimir aquela noite: “traga-a de volta para mim”. Ao colocar a máscara sobre a cabeça, sempre usada nos serviços que fazia, eu não tive dúvidas de que levaria a *garota da vez* de volta ao mausoléu.

Não importava o quanto achasse o que ele fazia com suas mercadorias nojento e um crime. Na cabeça insana do meu tio, eu estava ali para obedecer a cada maldita ordem que me dava.

Mas não naquela noite, e não depois que eu a vi. O cabelo negro esvoaçante, sua tentativa corajosa em escapar.

A irritação em persegui-la tornou-se rapidamente um orgulho da garota lutando pela sua própria vida.

E o que fiz foi isso, eu a deixei viver.

— Eu tenho como e quero explicar. Se você apenas me ouvir...

Yume negou. Seus lábios estavam entreabertos enquanto as costas machucadas batiam contra a cama e suas pernas eram usadas como um muro de proteção impedindo-me de aproximar.

— Eu não quero te ouvir, Damon Noirín. Esse é o problema! — disse, como se estivesse enjoada ou muito perto de vomitar. — Você teve três anos para me contar que conhecia o meu maior pesadelo. Três fodidos anos! — gritou, deixando-me preocupado com o modo como se encolheu e apertou o próprio estômago.

— O que está sentindo, porra?

Yume lutou comigo, afastando-me com as pernas enquanto eu tentava verificá-la.

— Não me toque, me ouviu? — pediu, no momento em que Mercúrio entrou no quarto. — Nunca. Mais.

— Merda, Damon. — Eu o escutei logo atrás, com a voz tensa, enquanto ele se colocava entre mim e Yume. — Nós precisamos levá-la ao médico. Não é a primeira vez que te dissemos isso, caralho.

— Eu não quero ir! — Yume disse, com os olhos apavorados pela ideia de sair de casa. — Se eu colocar os pés lá fora, *Baba Yaga* irá me encontrar... e dessa vez eu sei que ele vai me matar.

Mercúrio e eu nos entreolhamos, em um silêncio sombrio. Porque sabíamos que Yume não estava delirando, Vladimir não sossegaria até que ela estivesse morta, só então ele poderia colocar um ponto final nessa história.

— Você vai acabar se machucando, Yume. — Aproximei-me dela, antes que Mercúrio o fizesse.

— E você se importa? — indagou, magoada. — Você e ele... eu não consigo nem dizer, Damon. Todo esse tempo fui usada para que você se vingasse do seu tio.

Sacudi a cabeça, e que porra era essa que ela estava dizendo?

— Você perdeu a cabeça se acredita nessa merda.

— Perdi mesmo? — soou nervosa. — Porque encaro os seus olhos, e tudo o que vejo é aquele monstro! Como posso não ter percebido antes? Você tem os olhos dele. O sangue dele!

— Mas eu não sou ele, caralho! — grunhi, alterado. Sou seu, lembra-se? Eu. Sou. Seu.

Yume negou, com ainda mais intensidade.

E o seu corpo soluçou junto ao choro que lhe escapou pela garganta. Até de tocar nela, tive medo. Yume parecia ainda mais frágil do que o de costume.

Mais arredia também.

— Como pode ser, se trabalha para aquele monstro? Se estava lá quando tudo aconteceu, Damon? Você viu o que ele fez...

— Não. — Vladimir nunca teria permitido, por muito tempo o que fiz foi

apenas imaginar o que levava todas aquelas garotas a gritarem. — O que eu fiz foi te salvar, porra! — Yume sacudiu a cabeça, estendendo o braço para me impedir de chegar até ela.

Odiei vê-la tão assustada. Com medo do único filho da puta nessa Terra que jamais a machucaria.

— Você é pior do que ele — sussurrou, de modo frio. — Porque *Baba Yaga* nunca escondeu quem era, mas você sim, Dam. Todas essas noites, todos os seus toques. Como pôde fazer isso comigo, como permitiu que eu me apaixonasse por um monstro? — O grito de desespero dela fez-me dar outro passo em sua direção, ainda que sentisse Mercúrio prestes a intervir.

Nenhum deles me queria perto dela, não quando não tínhamos ideia do que havia acontecido até chegarmos no ginásio.

— Se quer saber se eu sinto culpa por ter mentido, eu não sinto, Yume — deixei claro. — Se acha que eu tomaria alguma decisão diferente, se soubesse que terminaríamos assim, dessa maldita forma, a resposta também é *não*. Eu não sinto culpa ou me arrependo do tempo que passamos juntos. Muito menos de ter trazido você para a minha vida...

— Você me roubou! — A acusação foi suficiente para saber que Vladimir havia conseguido envenenar sua cabeça.

— Você não era dele para ser roubada. Foda-se o que meu tio enfiou na sua cabeça, você não era dele.

— E nem sou sua, não mais.

— Você é.

Negou nervosa e o seu olhar procurou pelo de Mercúrio, como se implorasse por sua ajuda.

— Não importa se me considera um monstro ou se o sangue a correr pelas minhas veias te enoja. Você é minha desde o momento em que se deitou nessa maldita cama, Yume, e me deixou cuidar de você. Então foda-se, se acha que sou o vilão... porque, para te proteger de Vladimir, é exatamente o que irei me tornar!

— Você não entende, não é? Tudo o que enxerga é essa ideia absurda de que pertenço a você e sua vingança. Mas em momento algum se preocupa realmente em como eu me sinto, ou se desejo fazer parte dela. — Yume continuou a tremer, suas palavras saíram com dificuldade. — Eu quase morri nas mãos de *Baba Yaga*, Damon, *eu*. Desejei. Morrer. E me sinto dessa forma de novo. Porque Vladimir destruiu a minha vida duas vezes. A primeira, ao me tirar das ruas; e a segunda... ao me tirar você.

Yume sacudiu a cabeça em derrota, como se já não houvesse nada a ser dito, e se afastou com a ajuda de Mercúrio, que me encarou no último instante.

— Eu vou matar Vladimir. E essa não é uma promessa, Mercúrio.

Era um fato.

YUME

Sentada, em um dos bancos da cozinha, três rostos masculinos me encaravam como se eu estivesse perto de desabar. E não podia culpá-los por agirem com todo esse receio ao meu redor. Porque essa era justamente a forma como me sentia.

Desmoronando por dentro.

Desde o momento em que abri meus olhos e me deparei com Damon, não tive um segundo de paz. Minha mente repassou cada segundo e minuto que tivemos juntos, à procura de algum sinal. Qualquer vestígio da verdade.

Damon mentiu por anos. Escondeu sua verdadeira identidade de mim, deixou-me acreditar que eu estava segura quando não estava.

Como poderia? Ele era parte do meu passado, talvez a parte mais assustadora e sombria.

— Eu sinto muito, mas não estou com fome — falei, ao tentar me levantar.

— Sente-se e coma. — A exigência de Damon deixou-me imóvel.

Damon tinha esse olhar em seu rosto, o mesmo que sempre me avisou sobre ser incapaz de fugir. Porque ele não permitiria.

Nunca.

— Você realmente não me escuta. — Balancei a cabeça, nervosa. Sem conseguir encará-lo de volta.

Porque olhar para Damon já não me deixava apenas zonza de emoção. Também me confundia. A Yume que o amava queria perdoar esse homem e fingir que não passou três anos tentando arrancar sua imagem assustadora da cabeça dela. Apagar sua voz e o medo que sentiu sozinha naquela floresta.

Já a Yume sobrevivente, queria correr o mais rápido possível. Para longe dele e do passado.

— Eu disse para você se sentar e...

— Chega os dois! — Caleb interferiu e me encarou. — Você. Sente-se. — Deu a mesma ordem. — Não importa se está sem fome, seu corpo precisa se alimentar para se recuperar... e nós precisamos de respostas.

Claro que em algum momento teria de começar a falar sobre o que aconteceu. Só não me considerava pronta para reviver aquela manhã *ainda*.

— Damon tem todas as respostas que vocês precisam. Era o tio dele que esteve atrás de mim por todo esse tempo, afinal. Mas isso vocês já sabem, não é? — Nenhum dos dois foi capaz de negar.

E ainda que *não olhar* para Damon fosse praticamente impossível, fiz um esforço descomunal para não cair na armadilha que eram os seus olhos.

Principalmente agora que conhecia todos os segredos que me escondiam.

— Vladimir está à solta, Yume. Nós precisamos de mais do que isso, precisamos descobrir se ele possa ter falado ou deixado subentendido.

Sacudi a cabeça, querendo afastar a voz de *Baba Yaga* da mente. Assim como sua semelhança com o homem que eu amava.

Mas a parte de mim consciente, e talvez até mesmo covarde, só queria que ele fosse capturado.

— Vladimir contou que Damon me roubou dele. E que eu deveria escolher se voltaria viva ou morta, mas... quando percebi que ele pretendia atear fogo tudo, eu usei o isqueiro do Dam... — Até mesmo lembrar, me deixava nervosa. Porque meu subconsciente sabia que não tinha sido um pesadelo e reagiu como se eu ainda estivesse presa naquele ginásio. — Acho que... eu acho que ele queimou o rosto. Só consigo me lembrar dele amaldiçoando e vindo atrás de mim. Foi aí que me tranquei no banheiro. E pensei que… fosse morrer.

Mercúrio me abraçou com força, mas ele nunca seria capaz de conter o tremor do meu corpo. Nem mesmo Damon teria conseguido.

— Você está segura aqui, pequena Yume. Nada irá te acontecer.

As palavras vieram da boca do meu amigo, enquanto o meu olhar procurava pelo de Damon. Como se esperasse que ele me fizesse o mesmo tipo de promessa.

O que não aconteceu.

— O que mais você se lembra?

— Nada que possa ajudar, *Baba Yaga*... Vladimir... disse apenas que Damon e ele são parentes. Que fui enganada por todos esses anos, e que estive presa da mesma forma...

A expressão no rosto de Damon enrijeceu e, como se não suportasse escutar mais a verdade, ele me deu as costas e desapareceu apartamento afora enquanto a minha vida sofria as consequências de suas mentiras.

— Damon mentiu, todos vocês fizeram. — Engoli em seco ao me liberar do abraço de Mercúrio. — Como posso acreditar que estou segura aqui... quando tudo o que me fizeram foram me deixar no escuro?

— Não aja como uma pirralha ingrata, Yume — Caleb grunhiu, como um aviso.

— Ingrata? Eu confiei a minha vida a vocês, acreditei em cada palavra que me disseram... eu os considerei a minha família, Caleb! E agora, descubro que continuo sozinha nesse maldito mundo porque confiei nas pessoas erradas. Damon é como o tio... e vocês dois, são como ele!

Dei as costas aos dois e me tranquei no banheiro sentindo o chão se abrir abaixo de mim, porque, de repente, ficar confinada em um espaço tão apertado, fez-me sufocar aos poucos e hiperventilar como no dia em que Vladimir tentou acabar com a minha vida.

Com as mãos fortemente apoiadas na bancada, eu contei até dez, depois até cem. Enquanto lágrimas pesadas deslizavam pelo meu rosto.

— Eu vou ficar bem. Vou ficar.

Não era como se tivesse outra escolha, pensei em frente ao espelho permitindo pela primeira vez que o meu olhar se detivesse na queimadura em meu braço.

A pele avermelhada ardia ao ser tocada e, de acordo com Mercúrio, tratava-se de uma de primeiro grau. Que em cinco, sete dias, estaria parcialmente curada. Não que me importasse, eu não dava a mínima se era o meu braço ou o

corpo inteiro, queimado.

Quando, por dentro, sentia-me como um emaranhado de cinzas.

Perdida no tempo e no espaço. Eu sequer tinha ideia do tempo ou das horas que haviam se passado desde que estive cara a cara com Vladimir. Mas podia contar as vezes em que o olhar de Damon se deparou comigo, enquanto andava pelo apartamento sentindo-me enlouquecer por dentro.

Um pouco mais a cada minuto que passava.

Por esse motivo, quando Damon surgiu no batente do banheiro, como fez tantas outras vezes, eu me recusei a encará-lo. Tentando com muita força manter-me distante de tudo o que ele representava.

Porque eu sabia que, no instante em que o encarasse, estaria perdida.

— Sai, por favor — supliquei, baixinho. E o senti se aproximar por trás e afundar o rosto no meu pescoço enquanto o meu corpo inteiro enrijecia.

A proximidade não foi o que me assustou, abrir os olhos e enxergar o verdadeiro Damon, sim. Como um pesadelo, não soube se o homem que me segurava com tanta força em seus braços era o meu Dam ou aquele cuja máscara me deixou milhares de noites sem dormir.

— Sou eu, Yume. O seu Damon.

Continuei a sacudir a cabeça, mas já não sabia o que exatamente eu me negava a escutar ou assimilar.

— Não é — sussurrei, com a voz embargada. — E nunca mais vai ser, Dam. Porque eu não consigo mais olhar para você sem lembrar daquela noite. Ou da existência de *Baba Yaga* e o inferno que ele fez com a minha vida. Você sempre soube o que ele fazia com as garotas, e me deixou lá por meses… você não me salvou, não quando mais precisava!

— Eu te salvei, amor. Você está aqui agora, e lamento todos os dias não ter conseguido tirá-la daquele inferno de antes. Mas. Você. Está. Segura. Sabe por quê?

Eu não queria saber, ou o escutar. Queria apenas desaparecer.

— Porque antes que Vladimir Noirín tenha a chance de tocar em um fio

do seu cabelo outra vez, eu o enterrarei vivo. — Sua respiração soou pesada contra o meu ouvido. E quando os olhos azuis árticos me encararam através do reflexo, eu afundei na escuridão desconhecida desse homem.

Como se o *meu Damon* tivesse se rendido de forma definitiva ao monstro que agora eu sabia existir no seu interior.

— O destino do seu tio não irá mudar a forma como eu me sinto sozinha, porque nós dois sabemos que... o *meu Damon* está morto!

Eu já não o enxergava, sequer o sentia.

Isso sim, foi assustador.

Capítulo 40

DAMON

O barulho feito pelas engrenagens antigas do elevador, ao chegar no último andar, fez-me reabrir os olhos e ignorar o fato de que as roupas que vestia se encontravam encharcadas do temporal a cair lá fora.

Desde o incêndio, a Nova Detroit tornou-se sombriamente molhada. *Noite ou dia*, as ruas dessa cidade eram inundadas pela mesma tormenta que me havia invadido a mente e o corpo.

A cada madrugada, Caleb e eu percorríamos todo o maldito lugar. À procura não apenas de alguma pista acerca de onde Vladimir possa ter se escondido, como terminando o trabalho que começamos no dia em que ateamos fogo a um de seus armazéns.

Se o que Yume disse era verdade. E acreditava que fosse, o desgraçado estaria ferido. E a essa altura, possivelmente, fora da cidade. *À procura de onde e como se esconder*, não que fosse ser difícil.

Vladimir ainda era uma das vozes no comando dos irlandeses. Assim como o articulador do tráfico de centenas de garotas anualmente. Porém, todos que o apoiavam, ou *usufruíam* de seus negócios, estariam no mais absoluto silêncio até que o destino do filho da puta fosse decidido.

Como expectadores da queda de um rei.

Porque era assim que os negócios funcionavam, os irlandeses não eram leais a uma cabeça e sim a coroa, no final das contas.

Exausto e carregando no corpo o cheiro de sangue e cinzas, eu adentrei o apartamento quase que inteiramente no escuro.

Ciente de onde eu a encontraria.

Um único olhar na direção do estúdio, e cada músculo do meu corpo endureceu. Eu não precisava estar perto de Yume para sentir seu medo ou aflição, o sofrimento dela era o meu. E quanto mais essa garota ruía diante dos meus olhos, mais perto do limite eu me encontrava.

Mercúrio sugeriu que eu *desse espaço* a ela. Que a deixasse lidar e

assimilar as mentiras que precisei contar e o fato de que fiz o que fiz, com o único intuito de protegê-la. Os meios usados, talvez não tivessem sido os melhores, mas os motivos, no final das contas, sim.

E Yume precisava entender que o meu sangue, até podia me tornar o cara mau dessa história. Mas não o seu vilão.

Porra, minha mente não funcionava bem longe dela. E não sabia mais como lidar com o fato de que Yume não me queria por perto.

A ponto de me ver forçado, por dias inteiros, a assisti-la sucumbir em loucura. A garota já não dormia e, quando o fazia, seus gritos ecoavam pelo apartamento como se alguém a estivesse machucando. Ela não comia e caminhava pelo apartamento como se fosse a porra de um fantasma assombrando-me a alma.

Yume também não falava. Fosse comigo, Caleb ou Mercúrio.

E o seu silêncio era o meu castigo, assim como vê-la definhar enquanto se perdia dentro de sua própria mente.

— Como ela está? — perguntei a um Mercúrio, jogado no sofá, atento ao que fosse que estivesse pesquisando em seu *notebook*.

Enquanto Caleb e eu revirávamos essa cidade, destruindo tudo pelo caminho, essa era a forma que ele nos era útil. Revirando contas bancárias, à procura de qualquer movimentação ou registro feito por Vladimir fora de Detroit ou do país, o que não me surpreenderia.

— Veja por si mesmo — apontou na direção do estúdio, ainda concentrado.

Mercúrio sempre foi o conforto de Yume quando ela e eu discutíamos. Ser afastado nesse momento, não era algo com o que o infeliz estava acostumado. Acho que nenhum de nós três estava, se fosse para ser honesto.

Com passos cautelosos, aproximei-me do estúdio e me detive em frente à porta entreaberta. A fresta permitiu-me ver o interior do cômodo assim como o rastro de destruição.

Atordoado com o que Yume havia feito, estive prestes a entrar e

ultrapassar um dos seus últimos limites que me foram impostos, quando a mão de Mercúrio me tocou o ombro.

— Não acho que *exigir* que ela te escute, vá resolver o problema, Damon. Yume está quebrada, e os seus gritos não terão efeito algum nela nesse momento.

Empurrei a porta de forma drástica, ao ignorar o seu aviso. Foda-se, se as decisões que andei tomando eram todas as erradas. A prioridade era me certificar de que ela estava bem. O que aconteceria no momento em que os meus olhos se encontrassem com os de Yume.

Só não esperei que o caos ao qual haviam se resumido as telas que pintou por meses, se mostrasse uma extensão de como a própria Yume estaria. Inclinada sobre as janelas imensas e abertas, enquanto a chuva encharcava o seu pequeno corpo e a ventania fazia com que as cortinas balançassem e objetos caíssem de sua mesa de apoio.

Yume bambeou, para a frente e para trás, com suas mãos fortemente apoiadas no arco. O que me fez atravessar o maldito cômodo com a mesma rapidez com que os meus passos sempre me levariam até ela. Cada segundo que precisei para me acalmar, fez-me questionar e imaginar o que Yume planejava fazer.

E antes que tivesse a chance, de foder comigo de vez ou se jogar de uma altura de mais de dez andares, eu a puxei para trás.

Abraçando-a com força, ciente de que poderia estar esmagando cada um de seus ossos.

Caralho.

— Se você pula, eu pulo atrás de você, porra! — grunhi em seu ouvido. — Qual é o seu problema? — Yume se debateu, querendo se ver livre do meu aperto, mas eu a mantive fortemente abraçada. Chega de distância, chega de dar a ela um tempo. — Se a minha Yume ainda estiver aí dentro, perdida em algum canto dessa bagunça, é bom que ela saiba que não irei permitir que me deixe, me ouviu?

Eu a senti se render ao aperto e soluçar em um choro, que fez com que a culpa ganhasse ainda mais espaço dentro do meu peito.

— Sei que fodi com tudo, amor. Que as minhas mentiras te magoaram, mas...

— Eu nunca vou te perdoar, Damon! — gritou, nervosa, em um esforço para se soltar. — Não consigo perdoar... porque você fez com que eu me apaixonasse por um monstro! Mas você não me prendeu em um quarto como *Baba Yaga* fez, mas me tornou dependente de você. Entende?

Eu a soltei, no instante em que o nome usado para se referirem a ele escapou de sua boca. Aturdida, Yume se virou e ficou frente a frente comigo. O desespero contido dentro de seus olhos foi o que me levou a recuar. O desespero e a maldita verdade. Porque essa garota tinha razão.

Eu era como Vladimir.

Eu a mantive para mim.

A tornei dependente.

Fiz com que me amasse.

Eu agora sentia como se estivesse a destruindo.

— Deixe-me sozinha, Damon — suplicou, sem fôlego. — Se não é capaz de me dar liberdade, então me dê distância. Porque eu não quero ver ou falar com você. Eu só quero...

Porra.

Não fiquei para escutar as palavras que Yume jogaria na minha cara. Porque no fundo eu sabia exatamente o que ela iria dizer para acabar comigo. Yume não queria viver dependente de mim tanto quanto não queria viver no mundo em que Vladimir a manteve refém.

Ela preferia a morte a isso.

— Damon! — Mercúrio chamou, ao me ver passar feito um trator por ele.

Mas era tarde demais.

Principalmente no que se referia a Yume e eu.

— Pelo tempo em que estiver fora… não saia de perto dela.

Foram as minhas últimas palavras antes de entrar no elevador e me afastar.

***

Observei tela por tela, todas expostas no centro comunitário em que Bella dava aula. Ainda era cedo, nenhum aluno ou funcionário havia chegado, e estar aqui, quando aquela mulher aparecesse, era justamente o que planejei.

Entrar não foi difícil, e soube antes mesmo de ter a conversa com Bella que sair seria o problema. Porque no instante em que o fizesse, o destino de Yume estaria traçado.

Cada segundo que levei pensando nas consequências dessa decisão, foi como um soco no estômago diferente. Eu não teria apenas que deixá-la ir, como aprender a lidar com sua ausência.

As madrugadas na minha cama, as manhãs. Suas receitas malucas e sorrisos fofos. O cheiro de sua pele que me acalmava. Ou o quanto era louco pelos seus cabelos. E a capacidade que sua voz tinha de transformar qualquer maldito dia em algo a ser lembrado.

— O que pensa que... está fazendo aqui?! — Bella praticamente gritou, assustada. — Ficou louco? — De pé, em frente a uma das diversas telas assinadas por Yume, eu não me virei para encará-la.

Com as mãos enfiadas nos bolsos e a testa contraída, soube que, no instante em que Bella soubesse a razão da minha visita, não haveria volta.

Só que precisava fazer isso, caralho. Porque me recusava a cruzar os braços e assistir Yume se autodestruindo. Assim como não deixaria espaço ou margem para que Vladimir voltasse a colocar as mãos sobre ela.

Yume merecia mais do que uma vida em guerra, e guerra era tudo o que teríamos até que aquele filho da puta fosse morto.

— Aconteceu alguma coisa com a Yume? O que você fez agora...

— Não fiz nada, cacete. — Eu a encarei, revoltado. Bella querer o bem a Yume, não a tornava menos intrometida. Não decidi aparecer porque concordávamos quando o assunto era a japonesa, e sim porque essa mulher saberia como cuidar dela. — Mas pretendo fazer, e é por esse motivo que estou aqui. Porque sou realmente um filho da puta egoísta, mas sou completamente apaixonado por Yume, Bella. E a última coisa que desejo é vê-la infeliz ou... destruída.

Bella pareceu prender a respiração.

— O que está tentando me dizer, Damon? — perguntou com cautela.

Quase que com receio de que as minhas palavras fossem vazias.

— Quero que Yume faça parte do programa de artes. Eu a quero fora dessa cidade. Mas, principalmente, longe de mim.

YUME

Eu não teria pulado.

Não importa o que Damon tenha imaginado ou o desastre que ele acreditou ter evitado. Porque eu não precisava saltar de um prédio de dez andares para dar fim ao vazio que sentia e a essa droga de sensação que parecia me engalfinhar mais a cada dia e hora que passavam.

A verdade, por mais desesperadora que fosse, era que eu já me sentia morta por dentro.

Do instante em que descobri que havia sido Damon a me perseguir naquela floresta, e que eram seus os avisos pedindo-me para escapar antes que ele tivesse a chance de me alcançar, eu não tive um só minuto de paz.

Por três anos, cada pesadelo que tive terminava com aquele homem vindo na minha direção. E a cada sonho, ele se aproximava um pouco mais. E não por ironia, todas as vezes que acordei, assustada e completamente suada, foram os braços de Damon a me resgatarem.

A fazer com que eu me sentisse segura.

Só nunca imaginei que os braços a me protegerem pertenciam ao homem cuja máscara aterrorizante eu nunca fui capaz de apagar da mente.

Damon não mentiu apenas, ele me fez acreditar em um conto de fadas irreal. Sua versão da história até poderia ser mais bonita do que a de Vladimir, mas o final era o mesmo.

Eu estava presa a um monstro.

Um assassino...

Um zunido alto me invadiu os ouvidos, ao mesmo tempo que meu estômago revirava em um completo desconforto. Porque não havia nada a ser jogado para fora.

Eu estava oca por dentro.

Quebrada em mil pedacinhos.

Ao mesmo tempo que me sentia enlouquecer.

Sentada no chão do estúdio, as paredes pareceram girar ao meu redor. E a escuridão tomou conta dos meus olhos. Vladimir ainda sussurrava coisas cruéis ao pé do meu ouvido, fazendo com que eu me sentisse tóxica.

Suja de alguma forma.

Não importava o quanto eu tivesse tentado pintar nos últimos dias ou manchar as minhas mãos de tinta. Eu não as via, ou as sentia falarem comigo. Minha alma havia se tornado uma tela em branco, enquanto o meu coração... encontrava-se banhado em tinta preta.

Vladimir, e os sonhos ruins, envolvendo sempre o Damon, eram o que me impedia de dormir noite após noite. Tentar era pior, porque quase sempre acordava gritando. Em completo desespero. Porque, no meu sonho, quem ia embora era o mascarado.

E não eu.

Desorientada, olhei pela milésima vez na direção das janelas. Ciente de que, assim que pisasse no outro lado da cidade, o destino que Vladimir previu para mim se concretizaria.

Comigo morta, talvez ele desistisse de criar uma guerra com Damon. Comigo morta, não haveria mais sangue derramado.

Comigo morta, eu estaria livre dos pesadelos e fantasmas. E nada, nunca mais, me machucaria.

Meu amor morreria comigo.

Essa era a batalha que eu travava dentro de mim.

Viver ou morrer.

Sufocada, enquanto a chuva no lado de fora caía torrencialmente, o desejo de sair e de me permitir ser molhada, esbravejou dentro do peito.

Levantei-me, em silêncio. E como em um transe eu não pensei nas consequências que sair, quando o mundo inteiro ardia em fogo, teria. Eu precisava respirar longe desse apartamento, em um lugar que a presença de Damon não me cegaria.

Com as roupas que estava, e descalça, eu me dirigi até a ponte do abismo. Como se precisasse refazer todo o caminho para que minhas lembranças com Damon se tornassem mais fortes do que a raiva.

Mais fortes até mesmo do que o medo que passei a sentir dele.

Meus passos não me levaram apenas até o ponto de divisão dessa cidade, eles me fizeram enxergar que o homem naquela floresta havia me deixado escapar por alguma razão.

Monstro ou não, se eu estava viva hoje foi porque ele... me deixou escapar.

Como uma enxurrada de lembranças, eu me recordei do dia em que me salvou.

As noites em que me arrancou dos piores pesadelos possíveis.

Seu sorriso e cuidado.

E então, as mentiras. O ciúme.

A redoma em que me colocou.

Os dois lados desse homem.

O meu Damon e o Damon Noirín.

Tentei imaginar sua vida dentro daquele mausoléu, a perda dos seus pais. A raiva que declarou sentir do homem que os matou. Eu conhecia a história, mas nunca soube que papel Damon representava nela.

Com as mãos trêmulas, eu segurei com força a proteção de ferro da ponte. Meu cabelo esvoaçou com o vento. Assim como as infinitas lágrimas. Não era uma escolha difícil de se fazer, mas como tudo o que envolvia Damon, ela era dolorosa.

Minutos, horas. Poderiam ter sido dias.

Realmente não importava o tempo que passei inclinada sobre aquela ponte, porque, no momento em que me afastei dela, eu soube que havia perdoado Damon.

Que suas mentiras de alguma forma me salvaram. Que suas asas negras me mantiveram escondida de tudo. Principalmente de *Baba Yaga*. Damon nunca

quis me esconder do mundo.

Ele quis apenas me manter viva.

Talvez essa fosse a verdade. A única que importava.

Meus passos de volta, que começaram lentos, tornaram-se rapidamente uma corrida. Não contra o tempo, mas a favor do meu coração. Eu perdoaria suas mentiras e omissões, e Damon perdoaria as minhas.

Éramos dois sobreviventes de um mundo caótico e violento. E foi isso o que Damon tentou me explicar diversas vezes, ou nos tornávamos igualmente violentos, aprendendo a nos defender e atacar, ou seríamos esmagados.

Damon nunca foi um perdedor.

Tempest também não.

E duvidava muito que Damon Noirín, seria.

Com a chuva desabando sobre minha cabeça e a camisa revestida de tinta e grudada contra o meu corpo, eu apertei repetidas vezes o botão do elevador. Ciente de que não mudaria em nada.

O bendito era mesmo lento.

Com os pés nervosos e agora machucados, por ter andado todo o percurso descalça, eu ignorei a dor em meu braço e o quão pesado meus cabelos estavam.

Até mesmo o tremor dos meus lábios, enquanto eu praticamente estremecia de frio.

Nervosa, contei os minutos até alcançar o último andar e, assim que saí, dirigi-me ao nosso quarto.

Se tivesse sorte, conseguiria me trocar antes que Damon ou qualquer um dos caras voltassem. E então... estaria minimamente apresentável. Para gritar e exigir que nunca mais mentissem para mim.

Como também, para dizer a Damon que o meu amor era maior do que o medo.

Para o meu desespero, no entanto, assim que pisei no mezanino, foram as costas largas de Damon com que me deparei. E por algum motivo, que não fez

qualquer sentido naquele momento, o homem terminava de fechar a última das cinco malas espalhadas pelo quarto.

Seu olhar, cansado pra caralho, veio ao meu encontro. E se o estado em que eu me encontrava o chocou de alguma forma, Damon não demonstrou. Sua frieza e a distância em que se manteve, fez-me rapidamente compreender do que se tratavam tudo aquilo.

Não era eu que estava desistindo da gente, era ele.

Capítulo 41

YUME

Transtornada, olhei para as malas dispostas no chão e sobre a cama. As gavetas vazias, pedaços de quem eu era, guardados como se fosse fácil me deixar ir. Quando, para mim, era justamente o contrário.

Não perdoar Damon, teria me arruinado. Amar ele, era fácil. Meu corpo, coração e mente haviam nascido para isso. E ainda que eu tenha levado dias para entender que o vazio que sentia era porque eu estava com tanta raiva, que o afastei de dentro de mim. Por segundos, dias. Horas.

Eu havia me perdido de Damon.

Como se pudesse sentir cada partícula de meu desespero, ele tentou se aproximar. Mas recuei. A respiração falha, o coração apertado. E com um mundo de palavras e emoções que não sabia como colocar para fora.

Eu queria gritar com Damon, e dizer que ele estava sendo um covarde.

Primeiro, por me fazer acreditar em suas palavras de amor. E agora, por me soltar tão facilmente.

Enquanto ele me estudava, com cautela e preocupação, vi-me à procura do azul familiar dentro de seus olhos. Da parte dele que não poderia viver sem mim. O lado desse homem que seria capaz de matar qualquer um que tentasse me levar para longe.

Ao não encontrar sequer um rastro do meu Damon, a ansiedade me atingiu com tanta força, que hiperventilei. Sem fôlego ou a capacidade de respirar, minhas costas bateram contra a parede enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas.

Só que, dessa vez, não houve raiva. Apenas mágoa e o pânico de não pertencer mais a ele.

— Por quê? — exigi saber, lutando contra o meu próprio corpo.

Eu andava tão cansada. As noites sem dormir e a ausência de fome deixaram-me em meu limite. Sentia-me vulnerável. Fraca. Prestes a perder a cabeça de vez.

— Por que está fazendo isso comigo? — gritei, mais alto batendo contra o seu peito, no momento em que Damon me alcançou.

Não para dizer que tudo ficaria bem, mas para me fazer entender que não existíamos mais. Que cada noite e cada beijo.

O meu amor.

Tudo o que eu sentia deixaria de existir. Para se tornar lembrança.

— Eu não suporto mais te ver dessa forma — grunhiu. E suas mãos envolveram-me os braços finos como se me tocar fosse, ao mesmo tempo, a última e a primeira coisa que ele mais desejasse fazer. — Definhando como um maldito fantasma ao meu redor. Você não é assim, Yume.

Sacudi a cabeça, angustiada.

As lágrimas se misturaram às palavras. Meus lábios tremiam e o meu corpo também.

— O que você esperava? — desejei saber. — Vladimir me machucou... você me machucou! E todo o tempo que passei presa naquele banheiro, eu pensei que fosse morrer, Damon. Mas o pior... o que me deixou com mais raiva, foi você não ter contado quem era. Eu teria te perdoado, eu acho que... sempre o perdoarei. Mas você mentiu. Deixou que eu me apaixonasse por um estranho! E então... quando eu acho que posso lidar com você, com o passado e tudo o que me assusta... você faz as minhas malas?

— Essa é a questão aqui, Yume. Eu não quero que tenha que *lidar* comigo. Ou que durma ao lado de alguém que te aterrorize, porra!

— É diferente — expliquei, transtornada. — Você é diferente.

Posso ter levado dias para entender e aceitar, mas existia uma diferença gritante entre os dois.

Ou existiu.

Porque eu já não estava certa de mais nada, muito menos do seu amor por mim.

— Você está errada — falou, como se não tivesse me escutado. Não o que eu dizia, e definitivamente não o que o meu coração gritava dentro da minha

cabeça. — Talvez eu seja exatamente como o meu tio. E é por esse motivo que não a quero por perto. — Apesar dos tremores, todo o meu corpo congelou. E não foi porque eu estava com frio ou encharcada, foi de abandono. — Não quando eu sei que acabarei dando a você o mesmo final trágico que o meu pai deu a minha mãe. Eu prefiro te afastar agora, do que algum dia... ter que enterrar o seu corpo, Yume.

— Você está desistindo da gente — sussurrei ao sacudir a cabeça. — Está deixando que Vladimir nos separe! — Avancei, irritada com tudo, mas principalmente com a minha falta de controle. — Se fizer isso, se me deixar ir, Dam... Eu juro, que será para sempre.

Não foi uma ameaça, foi apenas a certeza mais difícil e triste que tive na vida. Porque sabia, de uma forma inexplicável, que, no momento em que nos perdêssemos, não haveria volta.

— A decisão já está tomada, amor. — Acariciou o meu rosto em uma tentativa falha de me acalmar. E o que era para ser um afago me rasgou por dentro.

— Por favor, Dam. — Eu teria implorado, sem vergonha ou remorso. — Não faça isso comigo… por favor.

Não estava pedindo por algo impossível, apenas para que ele me deixasse viver o meu amor.

Abalada, eu fechei os olhos e senti o toque do seu polegar sobre os meus lábios. Um toque, que rapidamente se transformou em um beijo.

Talvez o nosso último.

Foi demorado, intenso. Mas não me trouxe alívio, apenas saudade.

— Bella estará aqui em breve para te buscar — grunhiu contra a minha boca. — Em dois dias, você viaja para Oregon. E quando chegar lá, eu quero que se esqueça de que eu existo, Yume. Ou que algum dia... você me pertenceu.

— O programa... você sabe. Mas como?

Damon sacudiu a cabeça, como se eu tivesse dito todas as palavras erradas. Quando era ele que estava sendo cruel.

— Você escutou alguma merda do que falei? — Respirei fundo e virei o rosto com meu olhar vazio. — Você ao menos... tem se olhado no espelho, Yume? Ou faz ideia do que senti ao te encontrar naquela janela? — Tentei me afastar, mas ele não permitiu. — Olhe para você, caralho! Você está à beira do colapso.

— E me enviar para longe é a solução?

— Te proteger de mim é a solução! E é o que farei, você aceitando ou não.

Sacudi a cabeça, ao vê-lo se afastar deixando-me rodeada pelo seu cheiro e a sua ausência. Não vou mentir, meu corpo cedeu em questão de segundos.

E não demorei a me dar conta de que, em momento algum, a palavra amor havia saído de sua boca. Era como se Damon tivesse me apagado de dentro dele. Inerte sobre o chão, raspei o piso gelado com minhas unhas, em uma tentativa inútil e dolorosa de me agarrar a qualquer subterfúgio ou objeto que fosse permitir que eu ficasse.

Mas nada faria com que ele mudasse de ideia. Em questão de horas, Damon planejou a minha vida ao mesmo tempo em que saía dela.

Como ele foi capaz?

— Como você pôde fazer isso comigo?

O som de passos vindo diretamente da escada, fez com que eu me encolhesse de forma instintiva. Eu não queria falar ou ver ninguém. Não quando o meu coração e mente brigavam entre si.

Incapaz de olhar para cima, ou reagir, só fui capaz de identificar que se tratava de Bella quando o seu cheiro preencheu o quarto e ela se abaixou, olhando-me com olhos gentis, como se soubesse exatamente o que era ter o seu coração em pedaços.

— Eu... eu não consigo respirar... longe dele. Eu não consigo...

Solucei, ao me jogar nos seus braços.

— Então talvez tenha chegado o momento de você aprender, querida.

Mas e se não quisesse aprender?

E se viver longe dele fosse impossível?

Meu amor podia ser tóxico, distorcido. Dependente. Mas era amor.

E agora, eu estava sozinha. Sem saber como eu o arrancaria de dentro de mim.



Um ano depois

YUME

Eu odiava quando chovia.

Ou os dias em que o céu teimava em desabar sobre nossas cabeças. Para o meu azar, Portland ocupava o quarto lugar entre as cidades mais chuvosas ao redor do mundo. Mesmo assim, eu deveria estar acostumada. Afinal, iria completar um ano.

Mas cada vez que me sentei nessa sala, ouvindo o professor de arte moderna falar sobre a influência de Andy Warhol atualmente, ou como a profunda simplicidade de Mark Rothko pareceu encontrar espaço no mundo barulhento e ruidoso, depois de décadas, influenciando artistas mais jovens; tudo em que conseguia pensar era na tempestade que ficou para trás.

A quilômetros de distância de onde eu me encontrava agora.

Com o som dos outros alunos, levantando-se agitados, a fim de correr para a próxima aula, meu olhar se manteve imóvel na chuva a cair no lado de fora.

Havia algo diferente nos últimos dias.

Talvez, porque o meu tempo no programa estava prestes a terminar. Ou então, porque… fazia meses que eu não pensava tão intensamente em Damon.

Não tinha outro nome para o que sentia, que não saudade.

Dele. Dos seus olhos. Seu toque.

O corpo de viking…

Até mesmo do seu ciúme.

Foi difícil nas primeiras semanas. Cidade nova, pessoas estranhas. Estar sozinha. Precisei de um mês até que minhas lágrimas secassem e outro mês inteiro para ser capaz de pensar nele sem ter vontade de pegar o primeiro avião de volta para Nova Detroit.

Mas Damon não me queria lá.

O filho da puta deixou isso bastante claro, a ponto de nunca responder a

qualquer uma de minhas mensagens. E foram muitas.

Às vezes, eu o xingava por me abandonar tão facilmente. Em outras, mentia. Dizia que estava conhecendo um novo cara. Apaixonando-me e sendo feliz longe dele.

Mas Damon ignorou todas.

Ele me ignorou.

Como se me arrancar da sua vida tivesse sido a coisa mais fácil que aquele bacaba egoísta já fez.

Poderia ter sido para ele, mas para mim foi como reaprender a viver.

Eu havia voltado a ser aquela criança sozinha nas ruas, com a diferença de que não estava sozinha. E tinha um teto sobre a minha cabeça.

Bella, que desde o princípio se mostrou mais animada do que eu mesma estava, cuidou de tudo. Do dormitório, que passaria a dividir com outros alunos; do emprego de meio período, que havia conseguido na lanchonete do outro lado do prédio que funcionava o programa de Artes.

Como também em me lembrar todos os dias, de que eu precisava seguir em frente.

Deixar Damon e a Clave para trás, de forma definitiva.

E ela estava certa.

Porque no instante em que Damon me abandonou, Mercúrio e Caleb também o fizeram.

Por Deus, como eu os odiava!

— Yume? Ficou louca? — A voz de Sammy, com quem dividia o dormitório, se fez ser ouvida enquanto ela pegava minha mochila e me puxava pelo corredor. — Se nos atrasarmos, vamos perder a próxima aula. E eu prefiro morrer a não ter a visão da bunda do Sr. Eduard.

— Ainda com essa obsessão, Sammy?

Ela parou de correr, no meio do corredor, e olhou para trás.

Como se eu tivesse acabado de lhe dizer uma ofensa.

— Você pode ter escolhido ir para o céu como a Virgem Maria, Yume,

mas é a única dentro desse prédio que não fica quente com aquele homem.

Continuei a ser arrastada, e não fiz nada para defender a inexistência da minha virgindade ou o fato de que tinha o pé mais perto do inferno do que do céu.

Sammy não precisava saber que eu tinha um coração partido e toneladas de mágoa dentro de mim.

Ninguém precisava.

***

Como de costume, usei o intervalo de dez minutos da lanchonete para pesquisar sobre Damon. Não que esperasse encontrá-lo em alguma rede social. Dam nunca fez o estilo fotos e curtidas, mas o simples fato de não encontrar seu nome em alguma maldita reportagem, trágica, era o suficiente para que eu pudesse seguir com os meus dias.

Essa também era a única fraqueza que me permiti ter a respeito dele. Olhar o obituário, e claro… as mensagens que eu sequer sabia se estavam ou não sendo lidas.

Com a metade de um sanduíche em mãos, eu dei outra mastigada e digitei rapidamente:

Em duas semanas, as aulas terminam. E então, eu vou desaparecer no mundo. Não deixarei rastros, sobre para onde vou e com quem estarei. Esse será o seu castigo, Damon fodido Irish.

Eu sempre era dominada pela raiva depois que as enviava. Não saber, deixava-me maluca. O seu silêncio me deixava. Mas entendia que essa era a forma que Damon encontrou para que eu desistisse dele.

E gostava de pensar que desisti mesmo.

Caso contrário, não estaria levando em consideração a proposta de uma

professora. Infelizmente, não para expor as minhas telas, mas para um estágio em uma galeria de arte em Nova Iorque.

Nada tão divertido assim.

— Qual é o problema com aquela mulher hoje? — Luke rosnou, ao se juntar a mim, na parte de trás da lanchonete. — Juro que, se ela me perguntar outra vez onde raios estão as xícaras importadas de algum buraco que ela conheceu mil anos atrás, eu peço demissão!

— Não seja tão cruel. Ela só está… esquecida.

Luke fez uma careta, e me encarou. Eu não era boba, sabia reconhecer o olhar de interesse de um cara. E há meses que ele me olhava dessa forma, como se quisesse conhecer o gosto da minha boca.

— Terá uma festa essa noite… uma banda de amigos irá tocar no *pub* aqui perto e…

— Você quer que eu vá?

— Na verdade, sim. Eu quero. — Sorri, lembrando amargamente da mensagem que havia enviado para Damon.

E da parte dela, que era realmente verdade.

Quando o programa terminasse, eu iria embora.

— Mas entendo se tiver que se deitar cedo, você tem as aulas….

Essa foi a desculpa que usei com ele e outros caras, por meses. Não que eu não tenha beijado um ou outro desconhecido tatuado que tivesse atravessado o meu caminho.

Eu beijei, mas por desespero.

Saudade.

Por querer sentir um pouco da emoção que foi pertencer a Damon.

— Eu vou — sussurrei, decidida.

Não porque tinha intenção de o beijar, ou qualquer outra coisa que vinha após os beijos. Mas porque possuía apenas duas semanas de normalidade antes de desaparecer pelo mundo, e pretendia aproveitar cada minuto delas.

***

— Você se importa que eu fique com ele? — Sammy perguntou em um murmúrio sacana no meu ouvido. Seu olhar não havia abandonado Luke por nenhum momento.

E sequer poderia culpá-la.

— Ele é todo seu, Sammy. Além disso, está tarde e eu preciso ir.

Nossos horários não eram sempre iguais, e normalmente as minhas aulas começavam muito mais cedo.

— Mande mensagem quando chegar! — ela gritou, antes de ir na direção de Luke.

Com um casaco quente por cima do vestido, eu joguei a minha bebida fora e deixei o *pub*. A noite estava clara, sem nuvens aparentes ou previsão de chuva, fazendo com que optasse pela breve caminhada até os dormitórios. Dois quarteirões, e eu estaria no calor do meu quarto e livre para dar continuidade aos desenhos que havia começado a criar cerca de um ano atrás.

E que acabaram de alguma forma vindo parar na minha pele.

Não todos, claro.

Mas havia o pequeno raio que tatuei próximo ao nome dele. E no braço oposto, um gato em formato de lua e as duas abelhas que eu levava nas costas. Todas com traços finos e escuros, em contraste com a palidez da minha pele.

Atenta a cada estranho que passava, eu segurei o *spray* de pimenta que tornei um hábito carregar, e relaxei ao notar o grupo de estudantes próximo ao dormitório.

Contrariando a previsão do tempo, pingos grossos de chuva caíram do céu, fazendo-me olhar para a noite escura e adiantar o passo. Mesmo que o desejo fosse o de me permitir ser molhada.

Correndo pela calçada, senti meu cabelo se agarrar ao meu rosto. Ainda mais comprido do que antes. Ignorei as pessoas correndo a fim de escaparem da chuva, e, após uma rápida olhada para o outro lado da rua, eu me detive.

Já nos primeiros degraus em frente ao prédio.

Meu coração acelerou e minhas pernas fraquejaram a ponto de ter que me segurar no corrimão. Porque, por um segundo, jurei tê-lo visto.

O cara que me abandonou e partiu a droga do meu coração.

Quantas noites não chorei até dormir?

Quantas madrugadas acordei chamando o seu nome?

Nos primeiros meses, eu era apenas osso e pele.

Porque falei sério ao dizer que longe de Damon eu não conseguia respirar. E sobre aprender a viver sem aquele idiota, bem, um ano e eu ainda estava tentando.

Alguns dias eram melhores do que outros, e eu quase acreditava nas mentiras que me contava.

Nervosa, demorei-me a virar. Com medo que estivesse ficando louca, mas principalmente de que os meus olhos estivessem certos.

O capuz. O rosto encoberto pela escuridão. Seu corpo alto e musculoso.

Não tinha como ser outra pessoa.

Com um nó preso a garganta, eu olhei para trás.

Procurando pela sombra ou qualquer resquício de Damon Irish. Mas não havia nada além da chuva a cair sobre o meu corpo.

Nada além da tempestade.

Capítulo 43

YUME

Alguns dias haviam se passado desde o meu pequeno momento de loucura. Ou seria saudade? E mesmo que tivesse prestado ainda mais atenção as pessoas que entravam e saíam da cafeteria, ou pelas ruas, eu não voltei a ter a sensação que me invadiu aquela noite.

Eu não o senti.

E tentava me convencer a cada hora que passava, que era o melhor. Até porque nada tirava da minha cabeça que, a essa altura, Damon tenha trepado e conhecido dezenas de outras garotas.

Era o que os homens faziam.

Distraída, eu limpei o balcão da cafeteria, e sorri ao ver Sammy e algumas outras amigas dirigindo-se à mesa de sempre.

— Seu horário de intervalo, menina. Use-o com sabedoria. — A voz da dona da cafeteria, fez-me tirar o avental e me juntar a elas.

Bella foi a primeira amiga que fiz, e sentia como se o mundo das garotas fosse um universo novo para mim.

Novo e divertido.

— Diga que você vai, Yume. Por favor, por favorzinho?!

Encarei Sammy em confusão, ao me dar conta de que não havia prestado atenção a nada do que haviam dito.

— Ir aonde?

— Luke dará uma festa essa noite, ele pediu para que eu te convidasse…

Claro, Sammy andava vendo Luke com mais frequência do que eu, que trabalhava com ele.

— Eu acho que estarei bem ocupada essa noite. Sinto muito.

Eu tinha um encontro com o tenente Kelly Severide e toda a gostosura dele, em *Chicago Fire*. Assim como um horário marcado com os desenhos que tinha que terminar.

— Você sabe que sonhar acordada com um bombeiro fictício… não te

dará orgasmos reais, não é?

Eu me engasguei com a bebida que havia pegado dela.

— Mas… eu não quero orgasmos reais! — protestei um pouco alto demais, e elas riram.

— Relaxa, Yume. Eu só estou brincando.

Fiz uma pequena careta para Sammy e voltei para o balcão. Ao me dar conta de que o meu último orgasmo tinha sido com Damon. Estive de luto por todo esse tempo. O meu corpo esteve. Mesmo que ao fechar os olhos, Damon sempre surgisse na minha mente. Em algumas noites, o bastardo aparecia sem nada a encobrir o seu rosto.

E em outros, ele aparecia mascarado.

Mas não era mais medo o que sentia ao vê-lo dessa forma nos meus sonhos.

Era tesão.

***

Voltei para casa naquela noite. Mais tarde do que o meu horário habitual. Debaixo dos braços, havia uma sacola com comida japonesa. Ou o mais perto dela que os restaurantes americanos conseguiam reproduzir.

Nesse último ano, não tive escolha que não a de fazer as pazes com o meu passado. Não a parte em que *Baba Yaga* esteve presente, mas a anterior ao período que passei presa ao inferno.

Aceitei que nunca iria conhecer minha família, ou descobrir algo a respeito dos meus pais. Para o serviço social, eles estavam mortos. E para mim também.

Pensar em Vladimir Noirín, mesmo que rapidamente, foi o que bastou para azedar a minha noite.

Eu não sabia o que havia acontecido àquele homem. Onde estava, ou se ainda me procurava. Até porque, prometi a mim mesma não permitir que ele me

assombrasse mais.

Fantasmas eram alimentados de medos.

E eu não queria mais sentir medo.

Com o dormitório, no mais completo escuro, eu apoiei a sacola com a comida e minha mochila na mesa, e comecei a me despir. Sem Sammy, eu acabava aproveitando a liberdade de simplesmente estar sozinha.

Vestida apenas com o suéter e uma calcinha, eu me abaixei para retirar as meias quentes, desequilibrando-me completamente assim que os meus olhos se depararam com o par de coturnos à minha frente. A se aproximarem como se não tivessem me causado um quase infarto.

— Então, você pretende desaparecer, hum?

A voz grave e rouca, escutada após tantos meses, fez com que eu cambaleasse para trás e o meu coração ameaçasse parar. Ao mesmo tempo em que o meu olhar percorria suas pernas musculosas, cobertas pelo jeans escuro, o quadril, o casaco que vestia. E as mãos, grandes e más. Foi assim, até alcançar o seu rosto, coberto pela balaclava de caveira enquanto Damon fodido Irish me encarava em silêncio.

Não que precisasse escutá-lo dizer o que fosse, porque a vibração de seus olhos árticos foi o suficiente para me assustar.

Assim como foi para o reconhecer. Saber que era ele aqui, o meu Damon, e nenhum outro monstro.

Merda, eu quase morri longe desse idiota!

Mesmo que uma parte de mim, ainda fosse incapaz de o perdoar ou se esquecer de como *foi e ainda era* difícil superar. Apavorada em vê-lo, após tantos meses, vi-me rapidamente refém do olhar poderoso que me deixou abalada. Para não dizer, em pânico.

E se Damon estivesse aqui… para dizer que Vladimir estava perto de me encontrar?

De novo.

Apavorada, forcei-me a engolir o nó que se formou na minha garganta e

me levantei, recusando-me a ficar na defensiva. *Por qualquer um deles.* Levei meses até me sentir outra vez segura e me recusava a permitir que Damon ou seu tio, continuassem a me aterrorizar.

Mexendo sempre com as minhas malditas emoções.

— Eu. Quero. Você. Fora! — disse, nervosa. Fugindo da sua intensidade e olhar, que era uma das minhas maiores fraquezas. — Você não pode entrar e sair da minha vida dessa forma! — Nem mesmo se o mundo ainda estivesse em guerra lá fora, dei-me conta, ao me afastar.

Após cometer a estupidez de dar as costas a esse homem, quando sabia exatamente o que ele *gostava* de fazer.

Um dos seus hábitos mais animalescos, por sinal.

E bastou que me virasse, para que Damon provasse o meu ponto e me puxasse pelo rabo de cavalo. Antes de aproximar o corpo musculoso e ainda mais forte, do meu. Damon parecia diferente. Não só em aparência, mas pela vibração que emanava de seus poros. Como se a maldade que sempre esteve à espreita o tivesse dominado por completo.

Assumindo-o finalmente.

— Está na hora de voltar para casa — rosnou em meu ouvido, as palavras soando não como uma ameaça. E sim como se esse fosse o único destino possível. Confusa, seu cheiro ainda me atingiu feito um veneno que nunca, realmente, tivesse deixado o meu organismo. — Seu tempo longe de mim acabou, amor.

DAMON

Por meses eu a observei viver sua vida, sorrir para outros caras e fingir estar feliz. Por meses, senti-me morrer por dentro. Tornei-me uma sombra violenta e sem limites. Um filho da puta, obcecado. Contei os dias, as horas, cada fodido segundo, ansiando pelo maldito momento em que eu a traria de volta. Porque, no instante em que a deixei ir, soube que seria questão de tempo até que Yume voltasse para debaixo das minhas asas.

Nunca esteve nos meus planos arrancar essa garota da minha vida. *Ou da cama que dividíamos.* O que precisava era de tempo para que Yume se recuperasse do trauma sofrido nas mãos de Vladimir. Tempo para que me perdoasse, por cada erro e mentira. Tempo para aceitar que poderia viver longe de mim, apenas para no final, *me escolher.* Mas acima de tudo, *eu* precisava de tempo para cumprir com o juramento que fiz sobre as lápides dos meus pais.

Não apenas por eles, mas também por Yume. Porra, principalmente por Yume!

E pelo tempo em que eu o cacei, um rastro de fogo foi deixado pela cidade. Mostrando não apenas a Vladimir Noirín que eu ainda estava no jogo, como mostrando a cada filho da puta que a Clave havia apenas se fortalecido sob ameaça. O foco já não eram as ruas. E sim os poderosos, aqueles que haviam erguido a porra de uma ponte para nos manter afastados. Como se o simples fato de estarmos do outro lado fosse nos fazer desaparecer.

Eu tinha uma péssima notícia para os riquinhos de merda, porque nenhum de nós se deixaria ser enterrado vivo. Durante as madrugadas, suas casas seriam tomadas, seus carros levados. A segurança que acreditavam ter comprado, desapareceria enquanto eu mostrava a eles que, para onde quer que olhassem, haveria um mascarado à espreita.

Não mais como uma seita, mas como o início da anarquia.

E essa garota faria parte desse recomeço.

— Você está louco se acha que pode me abandonar em um dia e um ano depois, aparecer como se nada tivesse acontecido ou mudado, seu desgraçado egoísta! — Yume avançou ao ser liberada por minhas mãos, sem se intimidar com a balaclava que usava. Mais por precaução do que por desejo em assustá-la. Furiosa e com coragem suficiente para me enfrentar, Yume garantiu que eu não a tocasse. Como se já não apreciasse a sensação áspera dos meus dedos sobre a sua pele. Filha da mãe, eu mostraria a esse projeto de problema que o que vivemos no passado, foi apenas o começo.

Nós ainda brigaríamos muito, mas treparíamos ainda mais.

Porque é o que éramos. Dois animais tomados por necessidade e um desejo quase que insalubre. Ainda éramos o veneno um do outro.

— Nada mudou — avisei, ciente de que talvez fosse difícil para ela me aceitar de volta.

Yume gritaria, me mandaria à merda. E com razão. Fui um filho da puta ao afastá-la, mas um filho da puta que a amava.

— Tem certeza? — indagou furiosa, as bochechas coradas e o pequeno corpo. Agitando a minha frente. — Que droga você usou essa noite, Damon? Cocaína, LCD…

— Vejo que sua bunda ainda precisa de uma lição. — Yume se calou, quase atordoada com a minha ousadia.

— Você também não pode mais falar… da minha bunda — sussurrou, e, para um estranho, sei que ela iria parecer apenas uma garota envergonhada. Mas para mim, que a conhecia por inteiro, foi fácil identificar os sinais. Até mesmo os mínimos de sua excitação.

E não menti, porra, Yume precisava aprender a não me provocar.

Fosse com ameaças vazias fosse ao tentar me fazer ciúme.

—Tem certeza, amor? — Ela estava certa sobre as mudanças, é apenas isso. Todo o resto? Não passava de bobagem.

Vendo-a contrariada, eu a observei com mais atenção. Desde a maquiagem nos olhos, a tatuagem nova em seu pulso e costas. O cabelo mais

comprido, e com um novo cheiro. Até as roupas. Essa garota não se vestia com nada mais que me pertencesse. E não estava certo, ainda, se vê-la dessa forma, exibindo-se por aí, me agradava ou deixava puto.

— Eu sempre posso fazer suas malas…

Seus olhos se estreitaram. O que me deixou ainda mais fascinado e disposto a fazer com que Yume compreendesse que deixá-la ir nunca esteve em cogitação.

— Você continua o mesmo, acha que pode me controlar… — Yume estendeu um dos braços, com o intuito de me deter.

Porra, ela poderia erguer os dois e ainda me chutar, que não me impediria de chegar até ela.

— O meu desejo de cuidar de você não é algo que mudou. O meu amor também não. — Puxei a parte da balaclava que cobria minha boca, mas não a retirei.

— Amor? — sussurrou e, antes de erguer o rosto para que pudesse me encarar, seu olhar percorreu o meu tórax e o pescoço.

Que era o que ficava mais perto do seu rosto. Tão desconcertada, que mordeu o próprio lábio. Ciente de que eu ficava louco quando ela fazia essa merda.

— Não confunda *ciúme* com *cuidar*, Damon! Eu não sou mais a garota boba que você abandonou… eu…

— Eu nunca te abandonei, Yume! — deixei claro ao deslizar os dedos pela sua bochecha fazendo-a se calar com o simples toque. — Arrancar você da minha vida, nunca foi para ser definitivo, amor. O ano que passamos separados? — Tentei fazer com que me escutasse, e mais do que isso, que acreditasse no que eu dizia. — Foi o tempo que você precisava para se recuperar e para que eu enterrasse definitivamente alguns assuntos. — A expressão em seu rosto, tornou-se sombria.

Como se eu estivesse diante da garota assustada, recém-saída do controle de Vladimir. Ela poderia mesmo não ser mais a garota que *abandonei*, mas

continuava transparente. Fácil de ser lida e interpretada.

Ao menos para mim.

— *Baba Yaga*… e-ele… — gaguejou, nervosa. — Ele me encontrou, não foi? Por isso você está aqui… para destruir tudo de novo.

Yume sacudiu a cabeça, e o seu pequeno corpo recuou. Até se chocar contra a parede oposta à do corredor. Estávamos frente a frente um com o outro. E com um único passo, eu a alcancei. Com intenção de afastar alguns fios soltos do seu cabelo.

— Você escutou o que eu disse? Eu o enterrei, Yume. Vladimir está morto — sussurrei contra o seu ouvido. E de forma instintiva, quase que natural, meu corpo a imprensou contra a parede do corredor. E depois de tantos meses, senti suas pernas nuas e os seios… tão macios e redondos quanto era capaz de me lembrar. — E você. Está. Livre.

As palavras a atingiram feito um balde de água fria. Terrível no começo, apavorante até, eu diria, mas em seguida foi como se cada partícula do seu corpo se transformasse em alívio.

— Como? — perguntou, morbidamente curiosa. — Como você o matou?

Não foi apenas curiosidade o que notei em sua voz, foi um desejo mordaz por alguma garantia. Como se não pudesse acreditar que o seu pior pesadelo estava mesmo debaixo da terra.

— Yume, não acho que seja uma boa ideia.

— Apenas me diga, você me deve isso!

Eu não queria ter de contar. Porque se o fizesse, Yume me olharia como seres inocentes faziam diante de algo ruim. Não haveria véu rosa capaz de fazê-la me ver como antes.

— Vladimir foi morto pelas minhas mãos — falei, devagar. — Como os meus pais foram pelas mãos dele.

Yume ofegou. E, em seguida, uma lágrima escorreu pelo seu rosto bonito. Uma lágrima que limpei com o polegar, odiando o modo como ela recuou com o toque.

— Não quero que tenha medo de mim, porra.

— Eu… eu não tenho — sussurrou, agora contra a palma da minha mão que deslizou através da sua pele de forma faminta.

Não tocar essa garota por um maldito ano, deixou-me além de necessitado.

— Como você… o matou? Onde ele estava…

— Nos primeiros meses, ele esteve fora do país. Mas conhecia o desgraçado e sempre soube que ele teria de pisar na Nova Detroit em algum maldito momento. E quando aconteceu eu apenas… digamos que se para um homem sem pecados, perder o pau o faria ter vontade de morrer. Para um estuprador a sensação é ainda pior. — Sua boca se contorceu, como se fosse capaz de enxergar a cena. — Então eu o deixei lidar por dias com a certeza de que ele nunca mais tomaria nada de uma mulher outra vez. Não foi uma morte lenta, Yume. Foi dolorosa, uma tortura. Até que me cansei e ateei fogo naquele maldito mausoléu. Com Vladimir dentro.

Essa tinha sido a primeira parte do plano. A segunda, foi ter acesso aos seus computadores e senhas. E resgatar cada dólar do dinheiro que me pertencia. Parte dele, foi usado para que as garotas que Vladimir sequestrou, tivessem como recomeçar. E a outra, estava sendo usada para reerguermos o ginásio, tornando-o um negócio legal.

Imóvel, Yume demorou a reagir. E quando o fez, ela me abraçou com tanta força que seus braços finos me envolveram a cintura. Mas não por inteiro. Em um choro silencioso, a japonesa fungou contra o meu moletom.

— Eu falei que essa não era uma boa ideia!

Yume sacudiu a cabeça, e me fitou com olhos cansados. Seus lábios molhados pelas lágrimas e ainda assim ela era uma bagunça *sexy*.

— Você não entende, Damon. Sabe o que é nunca mais ter que se preocupar com aquele monstro? Saber que não preciso mais ter medo que ele me encontre ou que me toque outra vez? Eu estou apenas… aliviada. Um homem morreu e eu estou aliviada!

— Um *filho da puta* morreu, Yume. Não um homem, caralho. Consegue entender?

Ela não respondeu e muito menos assentiu, mesmo assim não foi difícil imaginar que as tatuagens, começando a cobrir a parte de dentro do seu braço, era a sua tentativa de apagar a queimadura e o sofrimento que Vladimir lhe causou.

— Você se livrou de um monstro — disse, sério. — O que quero e preciso saber, é o que você pretende fazer com o outro, Yume.

— O o-outro… — Seu olhar me alcançou, confuso.

— Com aquele que te ama, porra — grunhi as palavras, fazendo-a engolir em seco. Yume teria se afastado se eu não a tivesse encurralado contra a parede. E tornado essa ideia inútil.

Porque eu a deteria. No momento em que tentasse, eu a arrastaria de volta. Provando a enxerida Bella, que ela estava certa desde o princípio. Eu era um egoísta no que se referia a Yume.

— Se me amasse, esse *outro cara* não teria me deixado ir… ou ignorado cada droga de mensagem que enviei!

— Esse *outro cara* talvez seja um babaca, amor, mas acredite, ele leu todas as mensagens — admiti. — Se não respondeu, foi porque não queria te impedir de viver nada disso, Yume. Não teria sido justo com você. — E nada do que Bella disse teria me convencido a abrir mão de Yume. Só o fiz, porque vê-la definhar em loucura não era uma opção. — Não pense nem por um maldito segundo que foi fácil para mim tomar essa maldita decisão porque não foi. Meu desejo desde o primeiro dia em que acordei sem você na nossa cama, foi o de ir te buscar. — Encostei o meu rosto no dela, em um quase beijo.

— Talvez eu já não te ame mais, pensou nessa possibilidade? — a pequena infeliz provocou.

— Todos os dias.

Mas me apeguei às mensagens e à raiva de Yume. Enquanto ela estivesse sofrendo e tentando me ferir ao citar outros caras, eu sabia que ao menos uma

parte do seu coração continuava sendo meu.

— Eu falei, Dam, falei que se você me deixasse ir seria para sempre!

— Eu não te deixei ir. Estou aqui agora, porra.

— Sim, você está — soou fria, distante. Fazendo-me ter vontade de a sacudir apenas para que voltasse à razão. Cacete, faltava realmente muito pouco para que eu não o fizesse. — Mas e se eu não quiser voltar… se decidir que a minha vida é longe de você e daquela cidade… o que fará, Damon? Eu poderei ir embora, ou serei impedida porque você é mais teimoso do que uma mula?

E esse era o caralho da verdade.

Um ano, e não estava disposto a passar um só dia a mais longe dessa garota. Se precisasse, então sim. Eu a impediria.

— Eu faria com que você me amasse de novo — expliquei, com uma paciência que não sentia. — Eu lembraria você do quanto somos bons juntos. No sexo, na cama, mas principalmente na vida. Eu não desistiria de você, Yume. Se era o que esperava ouvir, sinto muito, mas não sou o tipo de cara que desiste da mulher que ama.

Eu senti e presenciei o momento exato em que prendeu a respiração, sufocando-se em seu próprio fôlego. Yume mordeu o lábio, e isso ferrou de vez com o meu autocontrole. Antes que pudesse beijá-la, porém, a garota me bateu com os punhos magros.

— Seu bastardo teimoso e idiota! — grunhiu, praticamente contra a minha boca e me envolveu o pescoço coberto pelo tecido negro da balaclava, puxada para baixo, ao mesmo tempo em que ficava na ponta dos pés e me beijava desesperadamente.

Lábios quentes, melados.

O gosto doce que ela sempre teve.

Aprofundei o beijo, segurando-a pela nuca. Com uma saudade que me devastou o peito, queimando-me por dentro. Seu sabor, deixou-me inebriado. Fora do controle. Assim como estive por todo esse maldito ano.

Cada dia longe, me envelheceu uma década.

Não trepei com outras bocetas, não olhei para outras mulheres.

Meu corpo tinha dona. E o meu pau não se contentaria com nada menos do que Yume. O infeliz se apaixonou completamente pela garota, e cada pedaço gostoso dela.

— Se você algum dia sequer pensar em me deixar de novo, Damon Irish, eu juro que… te mato! Você me deixou sozinha por um ano, saiu da minha vida…

Limpei seu rosto. Ou tentei, porque a essa altura as lágrimas molhavam seus lábios.

— Você nunca esteve sozinha, amor. Nunca.

Respirou fundo, sôfrega. Confusa.

— Quando irá entender que eu prefiro morrer, caralho, a passar outro dia longe de você? — Sua boca se entreabriu e eu a segurei pelo queixo, fazendo com que me encarasse.

— Senti saudades até disso, desse seu romantismo meio assustador, sabe?

— Eu sou assustador.

Ela riu, enfiando seus dedos por dentro da balaclava. Em um arranhar da minha pele, que me endureceu. Ir devagar não era uma opção quando se tratava dessa garota.

— Com certeza você é, e precisei de um ano longe para descobrir que… gosto do assustador. Assim como gostei de quando você me amarrou. Lembra-se?

Como poderia esquecer?

Foi a foda mais gostosa que tive na vida.

— Volta para casa comigo? — pedi, concentrado no seu olhar, enquanto emaranhava os dedos em seu cabelo. — Vive a sua vida comigo, amor. Dia e noite. Madrugada afora. Quero você onde eu possa sempre te tocar e olhar. Porque não adianta, você é um vício sem cura. E no que depender de mim, não será o de mais ninguém. Nunca.

— Assustador, não falei? — sussurrou, com os lábios entreabertos. — E eu volto, Dam. Volto porque sou sua. Não importa se estou falando com o meu Damon, o Tempest ou o Noirín. Posso ser pequena, mas sou capaz de amar os três de você.

As coisas que essa garota dizia…

— Só há um aqui, amor.

Cabia a ela descobrir qual deles havia permanecido dentro de mim.

Monstro ou não, assassino ou não.

Nada, no mundo, me faria desistir de Yume. Ela me salvou e eu a salvaria pelo resto de nossas vidas

EPÍLOGO

Dois anos depois

DAMON

Desci da moto, e encarei o interior do estúdio. O mesmo onde Yume fez sua primeira tatuagem, quase três anos atrás. E pensar que desde o dia em que conheceu Rita soube apenas pelo olhar, maravilhado com tudo, que Yume havia se encantado com a possibilidade de levar *sua arte* para a pele das pessoas.

Deixar um registro que ia além das telas em branco que pintava. E que há algum tempo se encontravam espalhadas por todo o nosso apartamento. No dia seguinte a sua partida para Portland, suas telas passaram a ocupar o vazio deixado pela sua ausência. Não que nada, algum dia, fosse ser capaz de diminuir ou preencher o espaço que Yume deixava quando não estava presente.

Com o mínimo de barulho, entrei no estúdio de tatuagem e me aproximei do trio conversando próximo ao balcão. Caleb de um lado, pareceu ser o único a não achar graça no que era dito. O infeliz andava estranho nos últimos tempos, sempre inventando desculpas para justificar sua ausência e com a cabeça longe, na maior do tempo.

Estava na cara que toda a sua estranheza tinha um único motivo: mulher.

Diferente dele, Mercúrio continuava exatamente igual. Exceto, claro, pela cor agora roxa em seu cabelo.

Os dois eram como a porra da minha família, ainda que o que nos manteve juntos por todos esses anos, tenha sido a violência. Éramos bons nela, assim como éramos sobre o ringue e com apostas. Além, é claro, do vício que tínhamos por adrenalina.

Ao entrar, acenei para Rita a distância e voltei minha atenção para a única pessoa que realmente importava.

Yume.

A minha japonesa.

E futura tatuadora.

E era sobre isso que ela, Caleb e Mercúrio conversavam. A tentativa da japonesa em convencer um Caleb reticente a deixar que ela marcasse sua pele

com tinta, fez com que Mercúrio gargalhasse ao lado. Ainda que todos nós soubéssemos que a hora de cada um chegaria.

Yume não nos deixaria escapar sem pelo menos uma tatuagem.

No começo, logo após o término do programa de artes, em Portland, e do seu retorno para a minha vida, ela se manteve misteriosa. Além de, obviamente, irritada com os dois que foram forçados a se afastarem dela mas que acabaram sendo perdoados antes mesmo que eu o fosse.

Porque, ainda que Yume tenha voltado, passei semanas, senão meses, sendo castigado pelos ataques de raiva repentinos dessa garota. Que sempre que se lembrava do que a fiz passar, negava-me um beijo ou pior, sua boceta.

Houve dias, em que Yume passou horas olhando-me como se o seu coração ainda estivesse quebrado, apenas para que à noite, na nossa cama, ela decidisse me usar como a um animal. Cavalgando o meu pau como se ele fosse a cura de todos os nossos problemas.

Foi um castigo gostoso, e que nos tornou ainda mais viciados um no outro. Com o passar dos meses, nossas vidas voltaram ao normal ou ao mais perto disso que conseguiríamos. Entre o ginásio reestruturado, a constante presença de Bella, sempre à espera que eu cometesse a porra de um erro, e as noites que passávamos sem roupa na sacada ou em cada canto que tivéssemos a chance de experimentar. As lutas no *Porão* continuaram, mas agora eu também treinava e investia dinheiro naqueles que tinham a mesma gana por sangue e vitória.

E Nero era um deles.

Desde que o infeliz não voltasse a olhar para a minha mulher.

Dessa vez, não teve segredos omitidos.

Yume sabia o que fazíamos e mais do que isso, sentia como se algum dia fosse preciso que essa garota seria capaz de pular de uma ponte ou levar uma bala por mim. Assim como eu morreria por ela.

E essa era a razão pela qual eu estava aqui esta noite. Prestes a apoiar uma de suas maiores loucuras, enquanto me tornava oficialmente o primeiro cara

a quem ela tatuava. Por meses, Yume teve dicas e aulas particulares com Rita que a ensinou tudo o que precisava.

Durante esse período, observei seus desenhos fofos se transformarem em traços sombrios e adultos. E, porque eu a amava e admirava seu fodido talento, que estava disposto a permitir que essa garota me usasse como uma de suas telas.

Sem se dar conta de que eu me aproximava, eu admirei um pouco atordoado o quanto suas pernas ficavam bem nuas. E em como ela estava *sexy*, com seu vestido solto e uma jaqueta escura por cima. Ciente de que eu a assustaria, eu a segurei pela cintura e afundei o rosto no seu pescoço ao abraçá-la e tirá-la do chão.

— Pronta para tatuar o seu homem? — rosnei na sua orelha, fazendo-a gritar e sorrir. Até estar de volta sobre os seus próprios pés, e se virar na minha direção.

Um pouco zonza.

— Tem certeza? — indagou, preocupada comigo.

Seu cabelo preto estava preso em um coque e Yume tinha um delineado preto e alongado em seus olhos.

Ela era linda, porra.

E não havia um só dia que não olhasse para essa garota sem perder o meu maldito fôlego.

— Quero sua marca em mim. E não vou abrir mão disso.

— O-ok — respondeu nervosa, com as bochechas coradas.

A confiança que ela possuía ao pintar telas, ainda não a havia alcançado como tatuadora ou desenhista. Mas conhecia o seu trabalho, e achava impossível que ela, alguma vez na vida, fizesse algo menos que perfeito.

Até seus gemidos eram a porra mais foda que já escutei.

Esse era o tão obcecado eu era pela minha japonesa.

Caleb e Mercúrio, temendo serem os próximos, se despediram em seguida. E ao ficarmos sozinhos no estúdio da Rita, Yume finalmente pareceu

relaxar. Em uma pequena sala nos fundos, ela me puxou para dentro e fechou a cortina vermelha. O espaço era pequeno, mas possuía tudo o que era preciso.

Uma maca reclinável, a bancada com diversas tintas, uma poltrona e sua banqueta. Na parede, havia inúmeros dos seus desenhos. E eu meio que me perdi no quão incrível essa garota estava se tornando.

— Eu tô… nervosa — admitiu, baixinho.

— Eu não ligo. — Eu a segurei pelos ombros e a fiz encarar a *sua parede*. — Você manda bem pra caralho, amor. Como pode estar nervosa?

Ela se virou.

E sua altura, como sempre, a forçou a olhar para cima.

— E se a minha mão tremer, Dam, ou… eu errar algo importante?

— Então você conserta. Não me importo se terei abelhas no meu braço ou borboletas, Yume. Desde que sejam feitas por você, aliás, a partir de hoje você é a única pessoa com permissão de me tatuar.

Seus olhos se arregalaram, em fascínio e um assombro que a deixaram ainda mais bonita. Bem, desde que ela não mordesse o lábio que eu amava foder, nós estaríamos seguros, assim como o estúdio de Rita.

Pela próxima hora, Yume foi completamente profissional e trabalhou no meu braço. Como combinado, em momento algum vi o que ela tatuava sobre a minha pele. Queria que fosse uma surpresa, mas também algo único. Que ela entregaria apenas ao homem com quem trepava dia e noite.

— Acho que… terminei — falou de repente, admirando o seu próprio trabalho enquanto sorria.

O que fui capaz de presenciar através do espelho. Foi dessa forma, que a observei pela última hora. Concentrada e detalhista.

— Você acha? — Virei-me na sua direção.

E dessa vez sim, ela mordeu o lábio carnudo.

— Veja logo, por favor? — pediu, após limpar a pele. — Se quiser, eu ainda tenho como alterar algo…

Demorei a afastar o meu olhar do seu e, antes de ver a tatuagem, eu a

segurei pelo rosto e a beijei. Lenta e profundamente.

Algo que queria ter feito desde o momento em que ela começou a me tatuar.

— Pare de se preocupar, tudo bem?

Yume assentiu, suas bochechas ainda sobre a prisão das minhas mãos. Afastei-me logo depois, e virei o braço.

Apenas para levar um choque.

Porra. Eu conhecia o talento dessa garota, sabia do que ela era capaz. Mas isso aqui estava em outro nível.

— Foda pra caralho, amor — grunhi, querendo foder essa garota e as suas mãos literalmente mágicas. — Por que uma caveira? — quis saber.

Mesmo que fizesse sentido.

— É quem… você é — sussurrou, com olhos febris. — Damon Noirín. É ele quem dorme comigo todas as noites — disse, como se me contasse um segredo. — E essa é a prova de que o passado já não me assusta, Dam. Pelo contrário. Eu durmo com ele e o deixo me foder…

Filha da mãe!

Yume sabia que eu não me jogaria sobre ela, não enquanto ela guardava suas tintas e agulhas. Após ter passado uma camada fina de pomada sobre a minha pele. Ainda assim, bastou que terminasse, para que eu a pegasse no colo e a levasse comigo para a poltrona. O som do meu corpo caindo sobre o estofado foi barulhento. E o impacto a fez gritar baixinho, forçando-me a calar sua boca gostosa.

Com beijos que me deixaram instantaneamente duro.

— Abra a minha calça — exigi, sentindo sua língua me lamber a palma da mão. Ao mesmo tempo em que Yume me obedecia.

Com as pernas abertas, e a saia do seu vestido levantada, Yume desceu o zíper e me envolveu a ereção já grossa com suas mãos pequenas. Seu olhar deslizou até o meu pau, e, em seguida, me atingiu feito uma lâmina afiada.

Excitado, levei uma das mãos até a sua bunda. Puxando-a para que

pudesse me montar. Apenas para me deparar com essa safada nua por baixo.

— Sem calcinha, porra?

— Para você? Sempre — gemeu, beijando-me a boca com volúpia e desejo. Tão sedenta, que por vezes tinha a impressão de que havia realmente criado uma *monstrinha* viciado em sexo.

— Nunca irei me cansar de te foder, garota. Nunca! — rosnei, mordendo o seu lábio com força. — Quero você sempre assim, gozando e melando o meu pau até a inconsciência.

Yume era boa nisso. Em seus pequenos momentos de *desmaio* após o gozo, que algum dia ainda me fariam ter a porra de um infarto.

Com suas unhas curtas, ela me arranhou o pescoço sem piedade e cavalgou o meu pau enquanto nos beijávamos, com cada vez mais ímpeto e ganânc ia. A essa hora, eu esperava que estivéssemos sozinhos. Mesmo assim, mantive sua boca ocupada.

Ora com beijos, ora com a minha mão. Tudo para que não gritasse.

Excitada, Yume choramingou a cada estocada dura enquanto eu esticava sua boceta quente e apertada, de forma esfomeada. Em um choro de prazer, lágrimas deslizaram pelo seu rosto. Borrando sua maquiagem enquanto a minha mão ia até o seu pescoço frágil, fechando-se ao redor dele com firmeza. Yume arquejou e se mexeu, inquieta sobre o meu colo, completamente inebriada e zonza com a intensidade do aperto em seu pescoço e das mordidas que dei nos seus lábios.

Trepei com Yume como se fosse nossa primeira e última vez, entrando e saindo de sua boceta, enquanto o som dos nossos corpos se *fodendo* preenchiam o espaço apertado.

— Yume Noirín, será um bonito nome — murmurei contra a sua boca, e a golpeei com ainda mais vontade. — Você vai se casar comigo, garota. Carregar os meus bebês, e nunca irá me negar sua boceta.

A garota arfou, afastando a boca inchada da minha.

— Espera… é assim que pretende me pedir em casamento? — soou

confusa, envolvida pelo prazer. — Porque se for…

Segurei suas mãos, ciente de que ela me arranharia. E aproximei os dentes do lóbulo de sua orelha:

— Não é um pedido amor. É uma certeza.

A única que possuía além do fato de que era um filho da puta egoísta que amava essa garota. E que não teria paz até o dia em que a fizesse levar o meu sobrenome e anel.

Quatro anos depois

DAMON

Yume andava estranha.

Mas *estranha* de um jeito diferente ao que ficava quando se irritava ou perdia a paciência por causa do meu ciúme. O que, convenhamos, era difícil não sentir. Ela era a minha a mulher, agora em todos os sentidos possíveis, mas nada, nem mesmo o anel que usava em seu dedo, impedia que eu me preocupasse.

Ciúme não é prova de amor, Dam. É o que ela costumava dizer. E nunca duvidei de que estivesse certa. A essa altura, o único medo que possuía era o de que, algum dia, Yume fosse acordar e se dar conta de que o homem com quem dividia a cama e a vida, era e sempre seria um monstro.

Não haveria redenção.

Eu era um Noirín, afinal.

— Você parece tenso — Mercúrio falou ao se aproximar. Estávamos observando Yume e Caleb treinarem no andar debaixo enquanto os principais lutadores do novo *circuito underground* também treinavam.

Incapaz de arrancar os meus olhos para longe dela, dei-me conta da sorte que tinha. Cercado pela família que escolhi ter e com o coração da mulher que eu amava nas mãos.

— Notou algo de estranho nela? — perguntei, atento a Yume sobre o ringue.

Desde a roupa justa que usava e que a cobria minimamente, deixando à mostra suas pernas e o balançar pesado dos seus seios. O rabo de cavalo longo e preto, até as tatuagens, sobre a pele pálida.

Yume já não era mais a garota inocente que entrou na minha vida, tantos anos atrás. Ela havia se tornado uma mulher, e eu, um homem realmente viciado na infeliz.

A ponto de ter certeza de que havia algo de errado. Desde o dia em que Yume se tornou oficialmente minha, ela e eu nos mudamos para um apartamento maior. Seu estúdio, onde ainda passava horas com suas telas, foi o principal

motivo a nos fazer deixar o velho e abandonado edifício. O estúdio, e claro, o fato de que eu tinha planos para ela.

Que envolviam essa mulher, carregando os meus bebês.

Ganancioso, como tudo o que dizia respeito a Yume, não acho que me contentaria com um único. Principalmente, porque a ideia de vê-la grávida deixava-me duro pra caralho.

— Além do fato de que ela anda irritada? Nada de novo.

Eu o encarei, preocupado.

— É mais do que apenas irritação. — Mas não diria a Mercúrio que Yume também andava *sedenta* por sexo. Muito mais do que o de costume.

Havia também o fato de que ao menor motivo ela explodia, e que até mesmo pintar vinha sendo uma tarefa difícil.

— Você precisa relaxar, homem.

— Eu sei — disse, sem paciência, ciente de que Mercúrio não entenderia a desconfiança que sentia.

Era comigo que essa mulher dormia e acordava todos os dias, até mesmo a menor das mudanças seria sentida. Ou notada.

Com muito a fazer, dirigi-me ao escritório. Dessa vez, a portas fechadas, e voltei minha atenção ao contrato dos novos lutadores do circuito *underground*, que passei a administrar nos últimos anos. Não mais como um lutador, mas como o dono de tudo aquilo.

Concentrado, antes mesmo que pudesse erguer o rosto, ao som da porta ao ser aberta, *eu a senti.*

E ao encará-la, perdi o fôlego não apenas por causa da beleza dessa mulher, mas por saber que eu era um homem de sorte.

— Marido. — Ela se aproximou e se sentou no meu colo. A cadeira do escritório girou para que pudesse tocar suas coxas, ainda suadas do treinamento.

— Esposa...

— Você parece... preocupado. — Yume apertou meus ombros, em uma massagem. — Aconteceu algo? — quis saber, ao se fazer de inocente.

O que me fez emaranhar uma das mãos em seu cabelo e o puxar. Yume não era boba e sabia que a única preocupação que possuía no momento era ela.

— Deixe-me ver, que tal o fato de que há dias a minha mulher tem acordado de madrugada, sempre passando mal, ou que esteja perdendo peso e tem andado mais irritada do que o de costume?

Yume sorriu, e então me beijou a boca. Seus lábios quentes do treino fizeram-me endurecer de imediato. Não que a visão dela *simplesmente respirando*, já não me deixasse dessa forma.

— Talvez você devesse ir ao médico, Yume.

A última vez que ela havia perdido tanto peso e em tão pouco tempo, foi anos atrás, quando Vladimir ainda estava em nossa vida. O meu receio é que os seus pesadelos pudessem ter voltado.

— Acho que não preciso... a menos que seja para escutar o que eu já sei — sussurrou contra a minha boca, e então me encarou.

Daquela forma intensa e conspiratória que costumava fazer sempre que estávamos na cama.

— Eu tô grávida, Dam — murmurou de repente, sem me preparar para a notícia que havia acabado de despejar. Assim, do nada. — É o seu filho que tem feito com que eu passe mal e não consiga dormir ou pintar, porque vivo ocupada pensando e querendo você todas as horas do dia.

Desnorteado, eu a segurei pelo rosto com força. E desviei os meus olhos do seu, percorrendo-o pelo seu corpo. Até alcançar o abdômen ainda reto.

Caralho, não era como se estivéssemos tentando. Yume ainda usava pílula e o *combinado* era o de que iríamos esperar mais alguns anos. Ao menos, até que ela se sentisse pronta.

— Quando descobriu, porra? — soei exasperado, e talvez estivesse mesmo.

Era o meu filho que essa mulher carregava dentro dela.

— Há alguns dias, eu só não sabia como te contar, eu acho.

— Que tal: *eu estou grávida Damon?*

Yume sorriu, tímida.

— Não seja um chato, eu precisava desse tempo, ok? Realmente precisava, Dam. Porque sei que, a partir de agora, o meu marido ciumento e apaixonado não me deixará sequer respirar longe dele. — Ela não poderia estar mais certa. — Então, se acalme, amor. Porque eu ainda te amo loucamente, ok?

— Nós vamos ter a porra de um bebê...

— Tire *o porra* dessa frase. E sim, nós vamos ter um lindo bebezinho e espero que a primeira palavra dele seja *mamãe* e não um palavrão.

Foi impossível não pegar essa garota no colo e a colocar sobre a mesa. Apenas para que pudesse beijar sua boca como ela merecia ser beijada. Minha língua a invadiu, meus dentes literalmente a morderam e Yume gemeu.

Completamente entregue.

— Você acaba de me fazer o filho da puta mais feliz desse mundo, amor. — Levei uma das mãos até o seu abdômen e a acariciei com possessividade e carinho. — *Vocês* acabam de fazer.

Yume voltou a sorrir, com os olhos marejados e beijei cada pequena lágrima a deslizar pelo seu rosto.

— Eu amo você, garota. Amo pra caralho e obcecadamente.

Eu a beijei na boca com a mesma fome e necessidade de quando nos conhecemos, sentindo-a se render e me encarar como se eu ainda fosse todo o seu mundo.

Assim como ela era o meu.

E não me importaria de passar cada fodido dia da minha vida, provando o meu amor a essa mulher.

Dentro e fora da nossa cama.

Até o maldito fim.

Meses depois

YUME

Acordei com a cama vazia, o que rapidamente me preocupou. Dam não costumava se afastar no meio da madrugada, não mais. Principalmente depois do nascimento de Kaori, a nossa bebezinha de olhos repuxados, como ele costumava dizer, cabelos negros e duas bochechas gordas que me faziam ter vontade de apertar todos os dias.

E pensar que só haviam se passado seis meses desde o seu nascimento, e a nossa filha mudou tudo. Menos o amor incondicional que eu sentia pelo meu marido.

Olhando para trás, era impossível não me perguntar o que teria acontecido se eu não tivesse segurado a mão de Damon e o deixado me salvar. Eu teria perdido não apenas a minha vida, como o homem irascível e intenso que eu amava.

Vestida com uma de suas camisetas, eu me levantei da cama e fui até o final do corredor. A luz no quarto de Kaori estava acesa. O estranho, foi não tê-la escutado chorar. Ok, não tão estranho assim. Porque essa noite, Damon havia feito amor comigo como se o meu corpo fosse a única necessidade que ele possuía. Nunca era suave o que fazíamos, era violento. Áspero. Apaixonado de um jeito doentio. A ponto de ter certeza, mesmo sem olhar, que os meus pulsos estariam marcados. Assim como os meus tornozelos.

Sem ser notada, eu me aproximei do quarto da nossa filha. As paredes que pintei ao longo da gravidez, com a ajuda de Damon, que se recusou a se afastar ou me deixar subir as escadas sozinha, refletiam muito do amor que sentíamos por ela.

Um amor que me fez amar cada dia mais o homem que a segurava nos braços nesse momento, acalmando o meu bebê e me permitindo dormir um pouco mais.

Usando apenas uma calça de moletom larga em seu quadril, Damon segurou Kaori como se ela fosse frágil e dependesse dele. O que era verdade. Kaori e eu dependíamos desse homem não apenas para viver.

Mas para respirar.

Vê-lo, imenso e cheio de músculos, cuidando e amando algo tão pequeno, me desarmava por completo.

Damon não tinha noção, mas ele nasceu para cuidar. Fosse de mim ou da nossa filha.

— Eu sei que você quer a sua mãe, minha japinha. Mas ela está cansada — sussurrou em sua cabeça, cheia de fios negros e grossos. — Você e eu somos os culpados, sabia? — Kaori fez um barulinho fofo que me fez querer apertá-la. — Imagine quanto seus irmãos chegarem? Como acha que sua mãe ficará?

Eu não tinha planos de engravidar agora, não com Kaori tão pequena. Mas acho que se dependesse de Dam, eu teria um filho por ano.

Algo no *transar comigo grávida*, o havia deixado um pouco fora de controle. E a mim também... a ponto de o médico nos impedir de fazer sexo assim que completei cinco meses.

Com o coração explodindo de amor, eu me aproximei dos dois. E abracei Damon por trás. Ouvindo o resmungar agitado da minha pequena Kaori.

— Eu te amo, Dam.

E acho que nunca iria me cansar de dizer isso a ele. Porque era um amor que me dilacerava a alma. Fazia-me refém. Dependente.

Não importava o tempo que passasse.

— Eu estava tentando explicar a nossa filha, que você precisa dormir mais... — Claro que eu precisava. — Só que Kaori é como o pai, viciado em você, amor.

Damon se virou, e senti o friozinho me atingir a barriga. Por Deus, um olhar e esse homem me deixava com as pernas bambas.

— Amo você, Yume. Você e a essa garotinha briguenta aqui, são a minha vida.

Na ponta dos pés, eu beijei a pele nua do seu tórax largo, depois uma das perninhas gordas da nossa filha, e em seguida a boca de Damon.

Que foi onde encontrei o meu final feliz.



Caro leitor, não se esqueça de avaliar.

Sua opinião é muito importante.

Atenção: nas próximas páginas você consegue espiar **um trecho do livro** O GOVERNADOR, da *Coleção Homens no Poder*.

Siga-me no Instagram e fique por dentro das novidades @jassilva_escritora



HOMENS NO PODER

O GOVERNADOR

LEIA UM TRECHO
DO MEU PRÓXIMO LANÇAMENTO

O GOVERNADOR

(...) uma coisa era me acorrentar a uma das árvores no meio da *Union Square* a fim de impedir a destruição delas. Até mesmo, tornar-me a defensora número 1 das baleias azuis que atravessavam a Baía de Monterey, na costa central da Califórnia, e que sofriam com a caça anualmente. Ou então, decidir que a minha função na Terra era a de salvar todos os cãezinhos desprotegidos do mundo.

A questão aqui, para o meu azar, era que nunca me vi tão encrencada como agora.

Até porque em nenhuma dessas vezes eu me despi na frente do homem, que todos acreditavam ser, em algum momento do futuro, o próximo presidente dos Estados Unidos. Enquanto o chamava de *covarde fascista* diante de dezenas de jornalistas.

A verdade é que dei a eles um *show* pelo qual falarem. E adoraria descobrir que o espetáculo fosse me fazer ser escutada, e conseguir atenção que a lei antiarmamentista prestes a ser votada no Congresso precisava. Saber que deu certo, faria com que a discussão que teria com o meu meio-irmão valesse a pena. Mesmo se isso significasse ter de lidar com a repercussão indesejada que seria ver o meu corpo usado para fazer politicagem.

Para alguma coisa, ele precisava servir, pensei, enquanto a imagem intimidadora de Lucien Van Doren, afastando-me de onde os jornalistas estavam concentrados, tornava-se cada vez mais nítida e real para mim. O Senhor Arrogante, Dono do Mundo, me cobriu com o seu terno caro. Ao mesmo tempo que me brindava com uma expressão tão fria, que me senti congelar antes de o escutar dar a ordem em um tom de voz baixíssimo para que a sua equipe de segurança lidasse com *essa louca*.

A boa ação não se deu porque o Sr. Van Doren ficou preocupado com o constrangimento que eu passaria, e sim por conta da sua imagem.

Era esse o tipo de homem que o governador era.

Quando algo ou alguém ameaçava prejudicar a imagem irretocável e conservadora, construída ao longo de décadas, o homem arrancava o problema de vista. Sua esposa se calou, e a suposta amante desapareceu da face da Terra. Opositores ao seu governo eram silenciados da noite para o dia.

Tudo em nome da política...

JAS SILVA

DO ERÓTICO AO DRAMA

NOTA DA AUTORA

PRÓLOGO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

EPÍLOGO

O GOVERNADOR

---

[1] No folclore europeu, *Baba Yaga* é um bicho-papão que pega crianças desobedientes. Respeitado por vários povos, e de natureza ambígua.

[2] Em *Tempest*, a palavra Clave é usada para expressar o sentido de *A Chave. O Segredo.*

[3] Significa Irlandês (na língua inglesa). É o sobrenome escolhido por Damon, quando ele se desliga afetivamente de sua família.

[4] São americanos de ascendência japonesa que são residentes e/ou cidadãos dos Estados Unidos.

[5] Caracteres da língua japonesa adquiridos a partir de ideogramas chineses.

[6] Yume é um nome popular no Japão, e pode ser usado tanto para meninos quanto para meninas.

[7] *Sparring* é pago para lutar contra o lutador. Simular uma luta real, porém com proteção.

[8] Utilitário esportivo de porte médio da *Lincoln*.

[9] Substância de efeito sedativo e anestésico. Que age diretamente no sistema nervoso.

[10] Cidade de Oregon

[11] Minha criança, em irlandês.

[12] Sua infeliz, em irlandês.